3 1761 07046086 0

LIVRARIA ACADÉMICA
J. GUEDES DA SILVA
8, R. Mártires da Liberdade, 12
PORTO — TELEFONE, 25988

Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

http://www.archive.org/details/primeiroensaioso00frei

300

PRIMEIRO ENSAIO
SOBRE HISTORIA LITTERARIA
DE PORTUGAL,

DESDE A SUA MAIS REMOTA ORIGEM ATÉ O PRESENTE TEMPO,

SEGUIDO DE DIFFERENTES OPUSCULOS,

QUE SERVEM PARA SUA MAIOR ILLUSTRAÇÃO,

E OFFERECIDO

AOS AMADORES DA LITTERATURA PORTUGUEZA EM TODAS AS NAÇÕES,

POR

FRANCISCO FREIRE DE CARVALHO,

Cónego da Sé Patriarchal Metropolitana de Lisboa, Professor de Oratoria, Poetica e Litteratura Classica, particularmente a Portugueza no Lycêo Nacional, Socio da Academia Real das Sciencias, do Conservatorio Real, e Membro da Sociedade de Instrucção Primaria da mesma Cidade, do Instituto Dramatico de Coimbra, Socio Correspondente do Instituto Historico e Geographico do Brasil, da Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional, Socio Honorario-Correspondente do Gabinete Portuguèz de Leitura, e Membro da Sociedade de Instrucção Elementar, as tres ultimas do Rio de Janeiro, &c.

LISBOA,

NA TYPOGRAPHIA ROLLANDIANA.

1845.

Ubicumque ingenio non erit locus, curæ testimonium promeruisse contentus.

M. F. Quintil. Instit. Orator. Lib. III.

Será a mayor gloria do meu amor á Patria, como he a mayor fineza, servir aos futuros, pagar aos passados, e não dever nada aos presentes.

Padre Antonio Vieira, Carta escripta da Bahia em 14 de Julho de 1690 ao Cardeal de Lancastre, Arcebispo, Inquizidor geral. (Tom. II. das Cartas e Carta 119.)

LIBRARY
AUG 19 1964
UNIVERSITY OF TORONTO

PQ
9011
F7

921060

PREFAÇÃO.

A obra, que vai agora ser publicada pela imprensa, foi começada a escrever a instancias de um amigó do Autor nos principios do anno de 1814. Concebida debaixo de um plano menos vasto, do que depois foi apparecendo, a grande extensão do assumpto, quasi a perder de vista, fèz correr insensivelmente a penna muito alem do que havia sido previsto pelo mesmo Autor. Fôra o seu projecto primitivo escrever apenas ligeiros traços sôbre algum dos mais abundantes e luminosos periodos da Historia Litteraria de Portugal; nem podia ser seu intento, na entrada deste trabalho, o abalançar-se a escrever a Historia Litteraria, posto que resumida fosse, de uma Nação tão fecunda em claros ingenhos, e em scientificas composições: pois não é elle tão desassizado, que deixasse de conhecer, que uma empreza de tal pulso não era para se começar de improviso, e sem muito antecipada preparação de aturados estudos, ordenados com grande madureza e reflexão para o projectado fim. No em tanto o resultado do trabalho de alguns mezes foi uma série de Memorias, escriptas com maior, ou menor extensão, as quaes abrangiam a todo o longo espaço da Historia Litteraria de Portugal.

Visto que as cousas haviam chegado a este ponto, facil foi de lembrar, que, dispostas todas aquellas Memorias por ordem chronologica, a sua reunião sistematica podia formar um *Primeiro Ensaio* sôbre a Historia Litteraria da Nação Portugueza nos seus differentes periodos.

Deram maior impulso e calor a esta idèa as repetidas instancias, feitas para isso ao Autor por uma alta Personagem não menos illustre por suas virtudes, saber e amor ás Letras, do que por seus eminentes Cargos na Republica Portugueza: foi ella o Exmo e R.^mo^ D. Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho, Bispo de Coimbra, Conde de Arganil, Reformador Reitor da Universidade, a cujas mãos hiam casualmente chegando estas Memorias, apenas erão communicadas a um amigo (1) do Autor, que o era tambem do Exmo Prelado. Foi pois a instancias desta Personagem illustre que o mesmo Autor se deliberou a ordenar este *Ensaio* pela fórma, com que agora é apresentado ao publico, exceptuadas aquellas alterações e melhoramentos, que era fòrça nelle se fizessem depois de volvidos vinte annos (até o de 1834) de aturados estudos e de séria applicação na cultura das Letras, durante o qual espaço de tempo jazèo escondido ás vistas do publico, sem embargo das tambem reiteradas e vivas instan-

(1) O Dezembargador José Bonifacio d'Andrada e Silva, depois Primeiro Ministro no Brasil.

cias, que aquelle Ex.mo Prelado fizera ao Autor, para que o mettesse na imprensa, apenas poucos annos decorridos depois de o haver escripto.

No anno de 1834, ou 35 foi esta composição litteraria apresentada pela primeira vêz a uma associação de pessoas intelligentes, e bem capazes de sôbre ella formarem um juizo prudente, que determinasse o seu Autor ou a dar-lhe publicidade, ou a supprimil-a para sempre das vistas do publico: mas não tardou muito tempo, sem que ella fosse reclamada por quem lhe havia dado o ser, ainda antes de ouvir o parecer dos entendidos, e encerrada de novo no claustro do silencio. Verdade é, que tempo de sobejo havia já passado, para este Escripto poder ter conseguido a devida correcção, que o fizesse digno de apparecer desafrontadamente por esse mundo; porêm revezes da fortuna, que no calamitoso decennio desde 1824 até 1834 pezáram sôbre o seu Autor, não lhe permittiram occupar-se com o preciso descanço dessa difficil tarefa.

Depois de mais dez annos volvidos, nos quaes obrigações importantes do serviço Nacional tem absorvido todos os momentos de ocio do Autor, acaba elle de resolver-se a não demorar por mais tempo na obscuridade este primeiro fructo de suas litterarias fadigas: e posto que bem certo esteja, de que de muito maiores retoques de lima carecia elle ainda; com tudo nem a sua idade decadente, nem as suas occupações publicas lhe permittem de-

dicar-se a esse trabalho, como aliás desejava. Estas satisfações, dadas a um Publico illustrado, talvêz que a alguem pareçam impertinentes; mas não o tem parecido assim ao Autor, que, como é de razão, conhece, e justamente aprecia as attenções e respeitos, que ao mesmo illustrado Publico são devidos.

Agora, como em recompensa deste trabalho, emprehendido para honra da Nação Portugueza; ¿porque não será concedido ao seu Autor o acrescentar aqui, que foi a este Escripto que elle devêo a benigna affeição, com que o honrou o illustre Prelado, Reformador Reitor da Universidade atrás nomeado, de cuja affeição verdadeiramente paternal foi tambem um dos resultados a nomeação, que por sua Portaria, expedida em 2 de Novembro de 1814, delle fèz para Substituto Interino das duas Cadeiras, de Rhetorica e Poetica, e de Historia e Antiguidades do Real Collegio das Artes da Universidade de Coimbra, com os vencimentos e graduação competentes? e por Officio de 21 de Agosto de 1816 a Proposta delle feita a Sua Magestade para Professor Proprietario da Cadeira de Historia e Antiguidades do mesmo Real Collegio, Proposta que foi confirmada pelo Soberano na Côrte do Rio de Janeiro em 30 de Abril de 1817?

Assim que por tão honrado titulo, como esse tal ou qual credito litterario, que o presente Escripto lhe fèz grangear no conceito d'aquelle muito digno Prelado Academico,

verdadeiro Protector das Letras, e dos seus affeiçoados Cultores; e não já a surdas manobras, empenhos e baixezas, improprias de um caracter franco e independente, qual o seu, ou a quaesquer outros escondidos motivos, como desassizadamente então sonharam alguns espiritos de baixissima estôfa, foi que o Autor devêo o Emprego honroso de Professor Publico na Universidade de Coimbra. E seja-lhe permittído acrescentar ainda mais (pois as circunstancias, que, passados alguns annos, occorrêram, o obrigam ainda hoje em dia, afim de acudir pela sua injuriada reputação, a escrever o que a modestia ordenava ficasse sepultado no silencio) que foi tal o conceito, que o Autor devêo áquelle Prelado illustre, que não duvidou de asseverar por differentes vezes, e em presença de pessoas diversas, as quaes, como vivas ainda, o poderão desmentir, se é que nisto falta á verdade: *Que pela nomeação, que delle fizera para Professor da Cadeira de Historia e Antiguidades do Real Collegio das Artes da Universidade, hia ser verdadeira e effectivamente creada aquella Cadeira; por quanto, tendo ella já de existencia acima de quarenta annos, ainda até aquelle tempo não havia sido regida conforme ao espirito da sua creação.* Fique agora ao juizo das pessoas de bôa intelligencia, e de sãa imparcialidade, e que sabem, por havel-o presenciado, qual o methodo e assiduos desvelos, empregados constantemente pelo Autor deste Escripto na regencia effectiva d'aquella Ca-

deira desde o principio do anno lectivo de 1815 até o de 1824, o decidirem, se a opinião do Ex.mo Prelado foi, ou não verificada pela prática do Professor na regencia da sua Cadeira.

O Autor, depois de assim ter pretendido desaggravar-se, como é de razão, das injurias contra elle vibradas em tempo, e que até hoje (verdade é, já tarde) tem estado sem resposta; vai proseguir no que entende lhe cumpre fazer chegar ao conhecimento do publico, ácerca do presente Escripto.

Duas fôrão as razões principaes, que o impelliram a escrever sôbre este assumpto: Primeira o esquecimento, ou se quer desleixo, em que via jazer com grande dissabôr seu esta parte tão importante e tão rica da nossa Historia (1), quando outras nações, por ventura não melhor aquinhoadas, do que a Portugueza, neste genero de gloria, porêm de certo menos incuriosas, do que nós, em fazerem valer os seus titulos de honrada reputação, possuiam já ha muito as suas Historias Litterarias, e dellas algumas escriptas com a maior perfeição, que póde exigir-se neste genero de composições; tendo levantado por este modo aos seus respectivos ingenhos e talen-

(1) No anno de 1814, em que o Autor começou a escrever as suas Memorias historicas, não tinha apparecido ainda o *Resumo da Historia Litteraria de Portugal*, escripto por Mr. Ferdinand Denis, e só impresso no anno de 1826; nem de tal assumpto se haveria talvez occupado ainda este illustre Litterato.

tos um padrão mais honroso, do que os lavrados para immortalizarem acções guerreiras, compradas sempre á custa das lagrimas e do sangue da Humanidade, e mais duravel e permanente, do que se fôsse construido de marmores e de bronzes : A segunda e não menos ponderosa razão, que movêo o Autor a escrever algumas Memorias sôbre a Historia Litteraria da sua nação, foi o ver com quão pouco respeito differentes escriptores extrangeiros se haviam intromettido a falar da nossa Litteratura, e até o descredito, que sôbre ella tinham pretendido lançar, como fôram, entre outros, um Heuman (1), um Jugler (2), um Voltaire (3), um Link (4), um Du Chatelet (5), um Pedro Carrere (6) &c. Todavia é dever de justiça o declarar, que se houve pennas extrangeiras, que, intromettendo-se incompetentemente, e sem conhecimento da materia, a escrever sôbre o Litterario de Portugal, destillaram sôbre elle veneno e fel; não faltaram tambem outras, que, melhor informadas, mais esclarecidas, ou mais imparciaes, tem escripto ácerca deste mesmo

(1) In Conspect. Reipubl. Litter. cap. 4.
(2) Bibliot. Histor. Litter. de Jena, 1752. cap. 5. §. 7.
(3) Siècle de Louis XIV. chap. 38.
(4) Voyage en Portugal Tom. 1. cap. 20, e Tom. 2. cap. 38.
(5) Voyage du ci-devant Duc de Chatelet en Portugal... &c. Tom. 2. cap. 15.
(6) Voyage en Portugal, et particulièrement à Lisbonne, ou Tableau Moral, Civil, Politique... à Paris 1798 (An. VI.).

assumpto com a exacção devida, e dando os merecidos louvores á Litteratura Portugueza, assim antiga, como moderna, do que podem servir de louvavel exemplo os nomes de Delaporte (1), de Bourgoing (2), de Sané (3), de Ferdinand Denis (4), de Simonde de Sismondi (5) &c.

Ora que extrangeiros, alguns dos quaes nos trataram, e observaram de perto, e que, por sua diuturna morada entre nós, tem podido entrar nos vastos e ricamente variados depositos de todas as Sciencias e Boas-Artes, desde longo tempo cultivadas em Portugal; que taes extrangeiros, ou meros viajantes, ou entre nós domiciliados, ajuizassem tão baixamente da nossa Litteratura; e que alguns delles, passando os seus juizos a escripto, diffundissem por toda Europa tão errada opinião; eis o que a honra e o brio de Portuguèz não tem permittido ao Autor o olhar sem grande dissabor, e sem que se sentisse animado de uma nobre indignação.

Muito ha estava elle convencido da le-

---

(1) Le Voyageur Français... &c. Tom. XV., Lettre 187 e 189.

(2) Notas e Supplemento ao cap. 13. da Viagem de Chatelet a Portugal, Paris An. VI. 2. Tom. de 8. gr.

(3) Introduction à la Poésie Lyrique Portugaise, ou Choix des odes de Francisco Manoel, traduites en Français.... &c.

(4) Résumé de l'Histoire Littéraire de Portugal.... par Ferdinand Denis, Paris 1826.

(5) De la Littérature du Midi de l'Europe, chap. 26...30.

viandade de espirito, que dirigíra as pennas de grande numero de extrangeiros, que, particularmente do meado do Seculo passado para cá, se haviam intromettido a escrever sôbre a Litteratura de nações, que não são a sua; máo fado que podendo ser applicado a todas ellas, com mais particularidade é applicavel ao nosso Portugal, o qual, tendo corrido a par das nações mais cultas da Europa em quasi todo o genero de saber, e até em alguns delles antecipando-se, e levando vantagem ás mais abalisadas, merecia ser avaliado por taes escriptores com juizo e imparcialidade mais sãa: nem póde duvidar-se, de que assim haveria acontecido, se por ventura elles se déssem a escrever com a precisa sciencia, madureza e sinceridade, tendo previamente consultado as mais copiosas e escolhidas Livrarias não só de Portugal, mas da Europa inteira, nas quaes sem duvida encontrariam um grande numero de bem acabadas producções de Autores Portuguezes dos aureos dias da nossa Litteratura, escriptas ou já nos idiomas Portuguêz, Hespanhol, e Latino, em que fôrão originalmente compostas, ou nas differentes linguas extrangeiras, para as quaes depois fôrão passadas.

Porêm que muito é, que extrangeiros ajuizem com tamanho desacerto ácerca dos nossos estudos e litterarias producções, quando grande numero dos proprios Nacionaes, que se tem por eruditos, claudicam na mesma errada opinião, pelo que respeita ao que cons-

titue o deposito riquissimo da Litteratura Portugueza? Nem é raro de encontrar, ainda nestes nossos dias, Portuguezes sufficientemente instruidos na lição dos melhores Autores da França, da Grãa Bretanha, da Italia; mas para quem é ao mesmo tempo desconhecida até a existencia dos mais abalizados escriptores da sua Patria, cujas obras não deixariam de subministrar-lhes instrucção mais pura e sólida, do que uma infinidade de volumes extrangeiros, cheios talvèz de idêas ôcas, triviaes e inuteis, quando não abundam em pestilentes e ruinosos principios contra os dictames da Religião, da boa moral e da politica.

Daqui tambem o desprezo da cultura da melodiosa linguagem Portugueza, a qual, sendo falada com pureza, propriedade, e elegancia, não reconhece por superior a nenhum dos mais abundantes, e polidos idiomas da Europa; resultando de tal desprezo a mistura ridicula de Gallicismos, Italianismos, e Anglecismos com a linguagem patria, que hoje em dia enxovalha não só a locução vulgar, porèm até alguns dos escriptos originaes, e a maior parte das traducções, que sáhem á luz publica.

Para illustração pois assim dos extrangeiros, como dos seus proprios Nacionaes, que com tamanha sem razão tem em menospreço o Litterario de Portugal; e por ver se desperta nos seus compatriotas o antigo, ainda hoje algum tanto adormecido gosto da Litteratura e Lingua Portugueza, publica o Autor este

Ensaio, no qual se encontrarão em resumo algumas idêas sôbre a origem, progressos, decadencia e restauração dos nossos Estudos, e causas geraes, certas, ou meramente provaveis, que produziram estes varios fenomenos, ou que influiram sôbre a sua existencia nos differentes periodos da nossa Historia Litteraria; apontando ao mesmo tempo os nomes de alguns sabios, ou simplesmente eruditos Portuguezes de ambos os hemispherios, que por suas invenções e escriptos illustraram cada um dos respectivos Periodos (1), as quaes idêas, por isso que derramadas por muitas e volumosas, ou pouco vulgares obras, talvèz não deixarão de ter sua utilidade, apresentadas neste piqueno quadro, e por ventura servirão de estimular alguns espiritos laboriosos e eruditos a emprehenderem uma completa e bem trabalhada *Historia Litteraria de Portugal*, da qual com tamanho desdouro nosso ainda carecemos (1.ª), como advertio com toda a razão o insigne Jurisconsulto Portuguèz, Pascual José de Mello Freire dos Reis, na sua *Historia do Direito Civil Lusitano* Cap. 12. §. 113. pelas palavras seguintes : « Me-

---

(1) *Paucos enim, qui sunt eminentissimi, excerpere in animo est : facile est autem studiosis, qui sunt his simillimi, judicare; ne quisquam queratur, omissos forte aliquos eorum, quos ipse valde probet. Fateor enim plures legendos esse, quam qui a me nominabuntur.... Sunt et alii Scriptores boni : sed nos genera degustamus, non bibliothecas excutimus.*

(M. F. Quintiliani, Instit. Orator. Lib. X. Cap. 1.)

recem comtudo reprehensão os mesmos (Portuguezes) por haverem por tanto tempo deixado em inacção e esquecimento a Litteraria Historia da sua nação » : *Jure tamen iidem (Lusitani) reprehendendi, quod Litterariam gentis suæ historiam, eamque tamdiu in situ et oblivione jacere patiantur.*

O Autor previne já desde aqui aos seus leitores de que, quando virem pelo decurso deste *Ensaio* opiniões apoiadas em citações de Fr. Bernardo de Brito, ou de outros escriptores de autoridade algumas vezes suspeita em pontos historicos, as recebam com a cautella, que uma sâa critica requere; ficando certos, de que não foi sua intenção apresentar taes citações, como testemunhos de uma verdade irrefragavel, porêm só como autorizações, que não são inteiramente para desprezar-se, pesada a força das suas provas na balança da imparcialidade judiciosa, e não já na de um cégo ou sistematico pyrrhonismo.

As idêas sôbre a Historia Litteraria de Portugal, que fazem objecto deste *Ensaio*, vão repartidas em *oito* Periodos, dos quaes o *Primeiro* remonta á antiquissima idade, que nos offerece os primeiros vestigios de tal ou qual Litteratura entre os póvos da Lusitania, e abrange um espaço muito longo até á invasão dos Godos na Hespanha pelos principios do Seculo V. da E. C. ——— Corre o *Segundo* Periodo desde esta epocha fatal até a fatalissima da invasão dos Sarracenos pela mesma Hespanha no anno de 714. ——— O *Terceiro*

ro Periodo estende-se desde este ultimo anno até o da muito gloriosa fundação da Monarchia Portugueza. ——— O *Quarto* Periodo enche o espaço de tempo, que mediou entre esta epocha famosa e a do estabelecimento da Universidade Portugueza por elRei D. Diniz no anno de 1290. ——— O *Quinto* Periodo comprehende os annos, que se volveram desde o sobredito de 1290 até o de 1495, ou começo do venturoso reinado do Senhor D. Manoel. ——— O *Sexto* Periodo apresenta os formosos dias da nossa muito lustrosa gloria litteraria, a começar desde o governo deste ultimo Soberano até o começo da dominação extrangeira neste Reino em 1580. ——— Abrange o *Septimo* Periodo os tempos luctuosos para a Litteratura e para a Politica em Portugal, em que durou aquella intrusa e tirannica dominação, e estende-se ainda mais até a fundação da Academia Real de Historia Portugueza, ou principio da restauração dos nossos Estudos no anno de 1720. ——— O *Oitavo* Periodo finalmente corre desde aquelle ponto luminoso, e chega até os nossos dias.

Acompanham, como Supplementos, a este *Ensaio Historico*, e se encontrarão no fim delle dous Escriptos curiosos, de que se faz menção pelo decurso da obra, dos quaes o primeiro, por sua pouca vulgaridade; e o segundo, por ser de assumpto análogo ao do *Ensaio*, e não correr ainda em Portuguêz, se julgou podiam occupar um logar opportuno juntos com um Resumo Historico do Littera-

rio de Portugal, e são elles os seguintes: I. A muito bem trabalhada Oração Latina, que em presença do Summo Pontifice Xisto IV, e do Collegio dos Cardeaes recitou em Roma no anno de 1481 o Bispo d'Evora D. Garcia de Menezes, o qual elRei D. Afonso V tinha enviado por Embaixador áquella Côrte, e por Commandante da Armada Portugueza, expedida em seu soccôrro contra os Turcos, que pouco tempo havia se tinham apoderado de Otranto, cidade maritima da Apulia no Reino de Napoles: II. Memoria ou vista rápida sôbre o estado das Lettras em Portugal no fim do Seculo 18, escripta em lingua Franceza por José Corrêa da Serra, e agora passada para o idioma Portuguêz pelo Autor do presente *Ensaio Historico*.

☞ As Notas, que por sua extensão interromperiam a lição do Texto, encontrar-se-hão no fim do *Ensaio*; e no correr deste vão marcadas pelos numeros (1.ª) (2.ª) (3.ª) &c.

PRIMEIRO ENSAIO

SOBRE HISTORIA LITTERARIA

DE PORTUGAL,

DESDE A SUA MAIS REMOTA ORIGEM ATÉ O PRESENTE TEMPO.

PERIODO I.

A começar desde os primeiros vestigios de Litteratura na Lusitania, até a invasão dos Godos nas Hespanhas pelos principios do Seculo V. da E. C.

O amor ás Letras, e a aptidão intellectual para as cultivar com dignidade e aproveitamento é um dos caracteres da gente Portugueza. Nem foi somente nos lustrosos dias do governo do Senhor D. Manoel, e de seu filho e successor o Senhor D. João III. que começou a apparecer e a desenvolver-se o gosto e litterario talento, que tanto esmaltaram Portugal naquellas brilhantes eras; porquanto, remontando aos primitivos tempos da Lusitania, encontrâmos, bem como o valor e brio marcial, já naturalizado entre os habi-

tadores deste paiz ingenho e applicação a todo o genero de Letras.

E' bem verdade, que naquelles tempos de rudêza, se os comparâmos com os outros, em que os descendentes dos antigos Lusitanos chegaram a sobresahir, ou pelo menos a igualar as mais polidas nações da Europa na cultura de todas as sciencias e bôas-artes, não era o Paiz tão fecundo em litterarios ingenhos, como o foi depois, quando o impulso geral, dado ás Letras por toda a Europa, os fêz rivalizar com os melhores; por isso que, segundo se expressa um Escriptor erudito (a), referindo-se talvèz aos primeiros tempos da Monarchia Portugueza: « a confusão e o estrondo das armas e das guerras, naquelles primeiros tempos tão continuas, e o acommettimento de inimigos tão differentes não permittio a tranquillidade e socego, que requerem as Musas. Havia mais Portuguezes valerosos, que letrados. Produzia Portugal Scipiões, Cesares, Alexandres e Augustos no valor, mas destituidos do adôrno das Sciencias, como lamentou Camões (b), e Francisco de Sá de Miranda nos seguintes versos (c):

Dizem dos nossos passados,
Que os mais não sabião ler;
Erão bons, erão ousados,
Eu não gabo o não saber. »

(a) João Bautista de Castro, Mappa de Portugal, Part. 1. cap. 14. §. 9.
(b) Lusiad. Cant. V. est. 95, &c.
(c) Epist. 4.

E com frases de igual valor, postoque com a devida restricção, se exprime o Prelado illustre de Beja, depois Arcebispo de Evora, nas suas *Memorias Historicas do Ministerio do Pulpito*, quando diz : « Muito distrahidos das applicações litterarias fêz ser aos nossos Maiores o uso das Armas : porèm nunca eu poderei consentir, que se affirme haver sido sempre por descuido, e absoluta a sua distracção : nem que por estreiteza de alma se limitassem unicamente ao exercicio necessario de combater os inimigos, com exclusão das Sciencias, que erão cultivadas na Europa » (a).

Todavia nesses mesmos tempos, e ainda nos mais remotos não deixou Portugal de contar alguns homens eminentes em Letras, cuja memoria passou a travez dos Seculos; e maior seria ainda o numero dos Portuguezes, ou Lusitanos (nome, por que a principio eramos conhecidos), que hoje nos ennobrecessem os Fastos litterarios, se a ambição dos Romanos, nossos dominadores, não houvera trabalhado por escurecer a nossa gloria litteraria, bem como se desvelou por abafar a nossa reputação marcial (b).

Na verdade a propensão para as Letras e sua cultura data entre nós de tão longe, que era opinião corrente, dominando o Imperador Octaviano Augusto, que os Turdulos ou Tur-

(a) Appendix á Part. III. §. 4.
(b) L. A. de Resende Antiquitat. Lusit. Lib. 1.

detânos, isto é, os habitadores naquelle tempo de grande parte da Andaluzia e Algarve, ou, para melhor dizer, os seus antepassados, que moravam entre o Tejo e o Douro, (2.ª) eram os mais doutos dos Hespanhoes; pois usavam de *Grammatica*, (talvèz em toda a extensão, em que era tomada esta palavra no tempo de Estrabo, de quem havemos esta noticia) (3.ª) e conservavam muitas poesias e leis, postas em verso, com varios monumentos de grande antiguidade, em que não só mostravam as gloriosas memorias dos seus progenitores, mas a elevada sciencia dos seus antepassados (a).

Nem deve admirar, que deixem de existir memorias litterarias de tempos tão remotos, escriptas pelo proprio punho dos Lusitanos, com ás quaes possamos convencer o mundo do distincto merito litterário dos nossos antepassados; por quanto, sem fazer menção agora das frequentes invasões de extrangeiras gentes, que, attrahidas pela doçura de nossos climas, natural fertilidade de nossos terrenos, e por apoderarem-se de nossas abundantissimas riquezas, deixaram suas patrias, para virem domiciliar-se entre nós; bastará recordar-nos, de que a nossa Lusitania foi em successivas idades occupada por Gregos, Phenicios, Carthagineses e Romanos, os quaes ora uns com os outros, ora com os proprios naturaes do paiz invadido sustentaram tão

(a) Strabo *Rerum geograficarum* Lib. 3.

porfiosas e sanguinolentas guerras, que mal podiam ser cultivados os doces fructos da sabedoria sôbre um terreno, o qual, para assim dizer, nem um só instante deixou de ser regado com os suores e com o sangue de tão bellicosos heroes : sendo, como é, certo, que entre todas as verdades, que a Historia nos subministra, nenhũa ha mais firmemente sustentada em factos, do que aquella, que hoje per si mesma se offerece a todos os entendimentos, e que ouvimos discursada por todas as bôccas : « As Letras só folgam no seio da paz, cujo apreço e doçura fazem saborear; ao contrario porêm descoram e esmorecem na proximidade das publicas perturbações, extraviam-se no meio das commoções civis, e se corrompem, e de todo desapparecem na presença de calamidades dilatadas » (a).

Com tudo se o estrondo das armas, que por tão longa duração de tempo fizera afugentar as Musas do territorio Portuguêz, embaraçou aos nossos antepassados de se applicarem incessantes aos exercicios de Minerva; nem por isso murchou completamente entre elles a arvore da Sciencia; por quanto no meio da mais viva refrega de seus combates com os Romanos, soube acender de novo em seus peitos o famoso Capitão Sertorio o adormecido genio e a ambição litteraria, que se manifestou em formosos fructos na celebre escho-

(a) Atlas Histor. Chronologiq. &c. por Le Sage N. 3. *Littérature et Beaux-Arts.*

la, instituida por aquelle grande homem em Osca, cidade da Betica, vizinha da Lusitania, (4.ª) onde mandou estudar os môços Lusitanos, filhos dos que seguiam o seu partido, conforme lemos em Plutarcho na vida de Sertorio (a), e transladado em Portuguêz nol-o deixou Fr. Bernardo de Brito nas seguintes palavras : « Porque convocando os Senadores a conselho, e propondo-lhe algumas cousas necessarias ao bem do paîz Lusytano, entre ellas lhe disse .... que lhe mandassem vir seus filhos ; porque tinha determinado mandallos doutrinar em letras Gregas e Latinas, e pagar a mestres expertos nestas habilidades; demaneira que em todo o genero de boas artes competissem os Lusitanos com a republica Romana, e lhe fizessem em letras a propria ventaigem, que já todos confessavão fazer-lhe em armas .... obrigando com a doutrina, que lhe mandava ensinar, aos pays, que não cabião de gosto, vendo aproveitar tanto seus filhos nas artes liberaes, de que Sertorio convocou em breve tempo excellentes mestres, pagos á sua custa com grossos salarios » (b).

Não é nosso intento sustentar a proposição

(a) Fr. Bernardo de Brito, attribuindo á *Osca* da Betica o assento das Escholas de Sertorio, apôia-se em Plinio Liv. 3. cap. 1., em Ptolomeu Tabul. 2.ª da Europa, e em Marianna Hist. General de Esp. Liv. 3. cap. 14. — (Vide a passagem de Justo Lipsio no fim do Periodo VI, deste Ensaio.)

(b) Monarch. Lusit. Part. I. Liv. 3. cap. 17.

fundamental deste Escripto, enunciada no §. 1. do Periodo porque vamos discorrendo, com fabulas manifestas, ou com opiniões universalmente rejeitadas; antes, pelo contrario, seguindo as pizadas do erudito Diogo de Payva d'Andrada no seu Prologo ao *Exame de Antiguidades*, diremos com elle : « Advirto mais ao leytor, que se vir que ás vezes contradigo algumas opiniões, ou antiguidades, que podérão honrar a nossa patria, saiba que o faço por mais honra sua; porque, alem de ser cousa sabida, que sempre o falso desacredita : já que ella tem grandezas tão certas, com que a podem autorisar os naturaes, ou affeiçoados, fica-lhe sendo abatimento attribuir-lhe as duvidosas, de que podem motejar os extrangeiros, e gloriar-se os invejosos ». Assim que não trataremos aqui de engrandecer os antigos Lusitanos com o argumento, que de sua Litteratura pretende tirar da Oração de Cicero *Pro Archia Poeta* o nosso João Baptista de Castro, na qual Oração nem uma só palavra encontrâmos, que faça ao nosso proposito; nem tão pouco com aquelle outro, de que se serve o Arcipreste Julião Peres nos seus *Apparatos*, dizendo, que os Romanos chamavam a Braga *nimis lucida*, pelos esclarecidos sujeitos em Letras, que viam produzir-se nesta fecundissima terra. Assim como tambem não faremos caso algum da passagem de Brito, (a) na qual este escriptor,

(a) Monarch. Lusit. Part. II. Liv. 5. cap. 2.

aliás benemerito a outros respeitos, cita, para prova do amor, que tinham ás Letras os Lusitanos no governo do Imperador Tiberio, o celebre facto, apontado por S. Jeronimo, e por Plinio o Môço, (5.ª) dos dous Hespanhoes, que deixaram a sua patria, e se fôram a Roma ver Tito Livio, somente attrahidos da fama, que longe soava, da sua grande sabedoria; o qual facto, conforme das proprias palavras de Plinio se patentèa, não pode ter applicação alguma á nossa Lusitania.

Mas para que se veja, como o amor da patria céga muitas vezes ainda aos espiritos mais amantes da verdade, transcreveremos aqui a mencionada passagem de Brito, a qual, sendo confrontada com a de Plinio, sôbre que elle se apôia, fará ver a sem razão manifesta, com que o mesmo Brito pretende arrogar para a Lusitania uma gloria, que de sorte alguma pode pertencer-lhe. « Nota-se (diz elle) por cousa digna de louvor o que refere S. Hyeronimo (a) de certos Hespanhoes, que movidos da grande fama, que neste tempo corria, de Tito Livio, e suas Obras, deixárão a quietação de sua patria pello irem ver a Roma, indaque Plinio o menor diz, (b) que não foi mais de hum, e este homem nobre e de conta, como mostrou no termo da visita; porque, acabada ella, sem querer ver as cousas notaveis de Roma, fêz logo volta para Hes-

(a) Hyeronim. Paulino.
(b) Plinii Lib. II. Epist. 3.

panha : e môvo-me a crer, que serião estes Portuguezes, por dizer S. Hyeronimo, que erão *de ultimis Hispaniæ finibus*, dos ultimos e derradeiros confins de Hespanha, como vemos que fica sendo Portugal em respeito de Roma ».

Por toda sua longa dominação sôbre o nosso paiz calam os Romanos, nossos rivaes em tudo, a lustrosa gloria, que deveriamos adquirir por nossos bons Escriptos em uns Seculos tão celebres na Historia das Letras, (6.ª) e tão justamente dignos de o ser, quaes fôram o Seculo de Augusto, e ainda o que immediatamente se lhe seguio, de Trajano, de Antonino e de Marco Aurelio, tempo em que houve talvêz menos ingenhos creadores, mas em que a massa geral de toda a ordem de conhecimentos adquirio acrescimos novos; periodo famoso, que fórma o mais bello espectaculo de toda a Historia Antiga, que é a gloria da civilização e o verdadeiro triunfo do estabelecimento social; e no qual cento e vinte milhões de homens, governados por Principes moldados á imagem da Divindade, gozaram da abundancia e da paz; em que as Letras e as Artes formavam o seu mais puro e lustroso esmalte, e penetrando por todas as partes do Imperio, se estenderam desde as margens do Danubio até os areaes da Africa, e das ribeiras do Eufrates até os confins da Caledonia.

Com tudo acima deste escuro pélago do esquecimento vemos ainda sobrenadar os no-

mes de alguns Lusitanos benemeritos das Letras, dos quaes o primeiro foi salvo da injuria dos tempos pelo nosso zeloso e incançavel Brito, que, escrevendo do governo do Imperador Vespasiano, diz assim : (a) « Floreceo em tempo deste Imperador um Lusitano, por nome *Daciano*, grande philosopho, e sobre tudo poeta insigne, cujas virtudes e grande erudição louva o poeta Marcial (7.ª) em um epigramma, e Gregorio Libio, dizendo que foi natural de Merida » (8.ª). E' o segundo *Cayo Allio Januario*, natural de Beja : e *Julia Saturnina*, dignos ambos de reputação, e de serem elogiados por sua pericia Medica, segundo aponta o Academico José Maria Soares nas suas *Memorias para a Historia da Medicina Lusitana*, apoiado no testemunho de Masdau.

Assim como nas Letras e nas Sciencias, fôram igualmente omissos os escriptores do tempo em transmittirem á posteridade os nomes dos Lusitanos, que, durante os dous primeiros Seculos da E. C. merecêram ser-lhe recommendados por sua pericia nas Bellas-Artes : folheando porêm a Historia de Portugal de Mr. De la Clede, lá fômos dar com um nome, que neste genero de merecimento não deve ficar esquecido : eis as palavras do illustre Historiador : « O valor era natural aos Lusitanos; mas não era esta a unica prenda, que os fazia recommendaveis : igualmente o e-

(a) Monarch. Lusit. Part. II. Liv. 5. cap. 9.

rão pelas Artes e Sciencias, que cultivavão, e em que fazião rapidos progressos. *Marco Arterio* teve grande nome na Sculptura no tempo de Trajano » (a). Pelo correr deste mesmo Periodo entendemos se fêz igualmente notavel por sua extremada pericia na Architectura *Gaio Sevio Lupo*, natural de Aguas Flavias (hoje a Villa de Chaves), muito embora fóra dos limites do territorio da Lusitania, debaixo de cuja direcção foi levantada a famosa tôrre ou farol, denominado de *Capião*, vulgarmente dito de *Hercules*, o qual ainda hoje existe junto á Corunha, como consta da inscripção gravada em uma penha distante mais de oito varas da mencionada tôrre.

O terceiro Seculo depois do nascimento de Christo apresenta o fim da Litteratura profana, e o começo da Litteratura Christãa, épocha importante, demarcação famosa, de um lado assignalada pela anarchia e decadencia do Imperio Romano, e do outro pelo virtuoso enthusiasmo de uma Religião perseguida, e pelos segredos da Divina Providencia. Neste seculo, seja dito com magua, não encontràmos memorias de homem algum, com as quaes nos seja dado adornar os fastos da nossa Litteratura.

Corre todo o quarto Seculo, sem que a liberalidade dos escriptores extrangeiros daquella idade se digne de honrar-nos com o

---

(a) Tom. I. Liv. 2. pag. 194 da traducção Portugueza.

nome de escriptor ou de sabio algum da nossa Nação : é todavia indubitavel, que neste mesmo Seculo havia, pelo menos entre os primeiros Pastores da Igreja Lusitana, alguns dotados de boa instrucção em materias de Religião, e para o asseverarmos, não é para nós de piqueno pezo a autoridade do respeitavel Bispo de Beja, depois Arcebispo de Evora, nas suas já citadas *Memorias do Ministerio do Pulpito*, Part. II. §. 8., onde diz : « Dentro mesmo das nossas Provincias teriamos as Aulas, donde sahirão Ministros do Senhor de tanta dignidade, como forão os Bispos, que nos principios do Seculo quarto assistirão ao Illiberitano, no qual subscreverão *Vicente de Ossonoba*, *Liberio de Merida*, *Januario de Alcaçar*, e *Quinciano de Evora*. Os Prelados d'aquelle tempo fazem bôa fé da instrucção do Clero. Distavão ainda os Seculos de ocio e de barbaridade. Não falando da erudição dos Padres d'aquelle celebre Concilio, que se mostra pela variedade das Materias, que nelle se tratárão, elles devião ser eloquentes pela necessidade de converterem, e ensinarem os Pagãos. . . . O que fica dito, não obstante ser de linguagem potencial, determina o juizo, sem fazer injuria á sinceridade da Historia ».

Aos nomes dos quatro Prelados, mencionados no logar extrahido das *Memorias do Ministerio do Pulpito*, podemos tambem acrescentar o do *Papa S. Damaso*, Vimarenense, sendo que ainda assim mesmo não fal-

tou quem pretendesse roubar-nos esta preciosidade : Foi S. Damaso varão tão illustre por suas virtudes, como benemerito da Litteratura por seus escriptos Theologicos, e poeticos, com os quaes se ennobreceo a si, e ao paiz, que lhe dêo o berço. *O de S. Martinho*, Arcebispo de Braga, a quem foi devida a conversão dos Suevos, com o seu Rei Theodomiro, abjurando o Arianismo. Escreveo este Santo Arcebispo Tratados conducentes á reforma dos costumes, do que nos dão testemunho as *Memorias* citadas.

PERIODO II.

Desde os principios do Seculo V. da E. C. até o anno de 714,

ou

Desde a invasão dos Godos até á dos Sarracenos na Hespanha.

O quinto Seculo começa com o governo dos Godos na Hespanha, os quaes trazendo na frente dos seus esquadrões a barbaridade e a ignorancia, expulsaram para longe dos paizes, que invadiram, as luzes e as sciencias: o que obrigou a escrever ao nosso D. Fr. Amador Arraes, falando ácerca das Letras na Hespanha, durante aquella dominação barbara, as seguintes bem pensadas expressões: « Succedeo depois o tempo dos Godos, no qual, como erão ferozes barbaros, pouco christãos, e inimigos das Letras, não sabemos com certeza o que passou, ao menos na nossa Lusitania. Vingárão-se as Letras delles, e ficou sua gloria escurecida, é seus feitos e victorias enterradas, como indignas de memoria » (a). (9.ª).

(a) Dialogo 4. cap. 19.

E com effeito : « em quanto os homens (diz o eloquente e mui sensato Robertson) não gozam do beneficio de um governo regular, e de segurança pessoal, sua natural consequencia, é impossivel que elles se occupem em cultivar as sciencias e as artes, em apurar seu gosto, e em pulir seus costumes : é por isso que o periodo de perturbação, de oppressão e de rapina, de que entro a falar, não podia ser favoravel á perfeição das luzes, e da sociabilidade. Um seculo não havia decorrido ainda, depois que os póvos barbaros se tinham estabelecido no paiz conquistado, e já os vestigios dos conhecimentos e da polidèz, que os Romanos haviam derramado por toda Europa, estavam de todo apagados. Achavam-se cahidas em desprezo, ou se tinham já perdido não só as artes elegantes, de que o luxo se serve, e o mesmo luxo alimenta; porêm até muitas daquellas, a que devemos as doçuras e as commodidades da vida. Nestes infelizes tempos eram apenas conhecidos os nomes de Litteratura, de Philosophia e de Gosto; ou, se delles algum uso se fazia, era para os prostituir a objectos tão desprezivcis, que até parece se ignorava em que accepção deviam ser tomados. As pessoas da mais alta jerarchia, encarregadas dos empregos de maior importancia, nem ler, nem escrever sabiam. Muitos dos ecclesiasticos não entendiam o Breviario, que todos os dias eram obrigados a recitar, e alguns havia que nem o sabiam ler. Tinha-se perdido a tradição dos acontecimen-

tos passados, ou era apenas conservada em Chronicas recheadas de circumstancias pueris, e de contos absurdos. Os proprios Codices de Leis, publicados pelas nações, que se estabeleceram nas differentes partes da Europa, deixáram de ter autoridade alguma, e fôram substituidos por costumes vagos e extravagantes. Os póvos sem liberdade, sem cultura, sem emulação, cahiram na ignorancia mais profunda. Por espaço de quatrocentos annos a Europa inteira não produzio um só Autor, que mereça ser lido, ou se attenda á elegancia do estilo, ou á exacção e novidade das idéas; nem se apontará uma unica invenção util ou agradavel á Sociedade, de que honrar-se possa este longo periodo » (a).

Isto não obstante, no espaço de mais de tres Seculos, em que fomos dominados por estas barbaras gentes, não deixou Portugal de contar alguns cultores das Letras, os quaes para aquelles rudes tempos foram águias, mostrando, ainda no imperio das trevas, que tinham olhos intellectuaes bem formados para lobrigar os reconditos arcanos da Litteratura, tanto profana, como sagrada. A cujo proposito é bem de ponderar, que, se no governo da barbaria, e das trevas, Portuguezes

---

(a) *Quadro dos progressos da Sociedade na Europa, desde a destruição do Imperio Romano, até o principio do Seculo XVI, ou Introducção á Historia do reinado do Imperador Carlos Quinto.*
Secção 1.ª pag. 23, &c. Edição de Paris de 1817.

existiram, que, superiores ao seu Seculo, cultivaram com a possivel dignidade o ameno campo da Litteratura; como é crivel, que, imperando as Letras sôbre o throno da Capital do Mundo, de que a Lusitania formava uma tão distincta porção (10.ª), quatro Seculos antes do Periodo, de que vamos tratando, não brotasse do seu solo no governo dos Cesares bôa copia de plantas de sazonados fructos, gloria e esmalte da Litteratura Nacional? E' pois mui ponderosa conjectura, em o nosso pensar, aquella que attribue aos tres primeiros Seculos da Era Christãa um numero não piqueno de sabios Portuguezes, dignos de viverem nas paginas da Historia, do que ficaram privados pela ambição e rivalidade Romana, que talvèz muito de proposito calou seus nomes, e sepultou nas trevas do esquecimento as suas obras, credôras de melhores destinos.

Destes mesmos luctuosos tempos de dominação Goda conserva-nos ainda a voz da fama os nomes celebres, de um *Paulo Orosio*, Historiador e Theologo, exaltado com os maiores elogios pelo grande Doutor da Igreja Santo Agostinho na carta que por elle enviou a S. Jeronimo, na qual chama ao nosso *Orosio* « mancebo religioso, de vigilante ingenho, de eloquencia prompta, ardente e incansavel no estudo das Letras, desejando ser vaso util na Casa do Senhor, para refutar as perniciosas doutrinas dos Priscillianitas, que tinham arruinado mais os animos dos Hespanhoes, do

que o ferro dos Barbaros os mesmos corpos » (a) (11.ª) : E em uma outra carta a Evodio accumula ainda maiores elogios sôbre este incançavel heroe do Clero Lusitano (b) (12.ª). De um *Avito*, companheiro de Paulo Orosio em Braga e na Palestina, aonde o tinha levado o desejo de instruir-se com S. Jeronimo, o qual lhe escrevera uma carta (c), para o preservar dos erros do *Periarchon* de Origenes, que com ella lhe mandava : foi de mais disto *Avito* douto na lingua Grega, como o mostra a versão, que fêz, da Carta de Luciano, a qual acompanhou de outra sua para o Bispo Balconio, Clero e povo de Braga, quando lhe enviou as reliquias do martir Santo Estevão, que acabava de descobrir o presbitero Luciano (d) : De *Aprigio* ou *Apringio Pacense*, célebre theologo (13.ª) : De um D. João, Bispo de Gerona, historiador (14.ª) : De um *Pedro Alladio*, tambem historiador (15.ª) : De *Idacio*, Bispo de Lamego, ou, conforme a opinião de Du Pin, de Lugo na Galliza, autor de Chronicas (16.ª) : E ultimamente de S. Fructuoso, Bispo de Braga, sabio theologo (17.ª) : Nomes unicos, mas não desmerecedores de serem postos em memoria, para com elles se occupar o vasio dos nossos fastos litterarios naquellas eras de ferro.

(a) Epist. 166.
(b) Epist. 169.
(c) Epist. 124. ultim. ediç. Veron.
(d) Appendix, Tom. 7. S. Agostinho.

PERIODO III.

Desde o anno 714 até o de 1139,

ou

Desde a invasão dos Arabes na Hespanha, até á gloriosa fundação da Monarchia Portugueza.

Ao fatal governo dos Godos succedeo a fatalissima invasão e dominio dos Mouros no anno 714, conforme a melhor computação, os quaes entraram a executar com todo o furor a conquista da Hespanha; vendo-se logo nos dous annos seguintes a maior parte della e do nosso Portugal sujeitos e subordinados á tirannia dos Arabes, excepto aquellas porções da Galliza e das Asturias, que pela aspereza de suas brenhas foram inaccessiveis ás armas dos invasores.

Com a sua dominação esmorecêram ainda mais e por muito tempo as Artes e as Sciencias sôbre o solo da Lusitania; por quanto com tamanho denôdo e pertinacia começou desde logo a nossa luta contra a violenta oppressão dos novos conquistadores, que nos não restou um só momento de brando ocio, para nos entregarmos em pacifico descanço ás doçuras e amenidades litterarias: E disto mes-

mo temos um singelo testemunho nas palavras seguintes do já citado Arraes (a). « Tanto tiveram os nossos que entender nesta miseravel perseguição, que nenhum teve ocio para escrever historia; nem havia para que a escrever, senão para referir desaventuras, e renovar suas magoas : nem os Mouros mereceram, que algum Christão fizesse memoria de suas abominações em historia sua ». (18.ª)

Neste calamitoso Periodo talvêz as Letras viriam á sua ultima ruina, sem o asilo dos Claustros, que escaparam ao ferro e fogo dos barbaros vencedores pelo interesse dos tributos; e apenas a provincia do Minho, que começou a respirar do seu cativeiro nos principios do Seculo IX. pelas armas victoriosas dos Principes Catholicos, vio alguma apparencia de restauração das Letras Sagradas na do Instituto monastico. A piedade dos Senhores Lusitanos contendia gloriosamente com a impiedade dos invasores, levantando das ruinas os Mosteiros, para mantêr a Religião, e desterrar a ignorancia, que tão perniciosa lhe é. Por isso vemos tantos destes Mosteiros fundados ou restabelecidos do Seculo IX. até o Seculo XII., tempo em que uma boa parte da Lusitania gemia debaixo do jugo do Alcorão.

Já quasi porèm no fim deste Periodo começavam as Letras a querer levantar-se do abatimento, em que por tanto espaço haviam jazido entre nós : Por quanto, segundo teste-

---

(a) Dialog. 4. cap. 20.

munha o erudito João Pinto Ribeiro no seu excellente Discurso, que intitulou *Preferencia das Letras ás Armas*, no qual allega com o Chronista Fr. Antonio Brandão (a), havia já em Portugal estudo de Sciencias no governo do Imperador D. Afonso de Portugal e Castella, Pai da Senhora D. Thereza ou Thereja, mulher do Conde D. Henrique : « Entre o estrondo e confusão das armas (formaes palavras de João Pinto Ribeiro) não se descuidárão os Principes Portuguezes de amparar, e favorecer as Letras, sem as quaes entendêrão não haver Republica, que se podesse governar. A esta conta o Conde D. Sisnando, logo que recuperou o Senhorio e governo de Coimbra, instituio nella hum Seminario, em que se creassem môços, que alumeassem, e illustrassem o Reyno com a Sciencia ». E o citado Brandão, falando de D. Paterno, primeiro Bispo de Coimbra, depois de restaurada da sujeição dos Mouros, escreve sôbre o mesmo assumpto as seguintes palavras : « O sobredito Bispo com recado del-Rei (D. Afonso VI. de Leão), e do Consul (D. Sisnando) dêo ordem a um Seminario de môços na propria Sé Episcopal e Igreja de Santa Maria da mesma Cidade; a estes determinou, e foy dispondo para receberem o gráo do Presbyterio ».

Por taes testemunhos pois fica sendo constante, que neste mesmo tenebroso Periodo já

(a) Monarch. Lusit. Part. III. Liv. 8. cap. 5.

na tão illustre cidade de Coimbra havia escholas de Boas-Letras, nas quaes se formava a mocidade Portugueza, e que era como o preludio daquellas, que em eras mais descançadas haviam de engrandecer e aformosear a nossa Athenas Lusitana.

No espaço de 425 annos, comprehendidos entre a épocha da invasão dos póvos da Mauritania e a seguinte do glorioso comêço da nossa Monarchia, é pois fóra de duvida que existiram em Portugal cultores das Letras distinctos, e até escriptores, dos quaes não colhe piqueno lustre a nossa gloria litteraria, maiormente em um tempo, em que quasi tudo na Europa eram trevas e barbaridade.

Dá noticia dos escriptores e sabios Lusitanos deste Periodo o *Catalogo dos monumentos Arabico-Hispanos, que existem na Bibliotheca do Escurial*, feito por D. Miguel Casiri, e impresso em dous volumes de folha em 1760, e 1770, no qual vem apontados muitos Portuguezes, que floreceram, particularmente em Poesia, no tempo da dominação dos Arabes nas Hespanhas: e de não poucos nos informa tambem o extracto da Historia, conservada pelo citado Casiri, que compôz Abu Baker Alcodad Ebn Alhabar, natural de Valença no XIII. Seculo, intitulada *Vestis Serica*, sc. *Virorum genere et dignitate illustrium, qui apud Hispanos Poeseos laude claruerunt*: e no Catalogo, que este mesmo escriptor Arabe tece das Bibliothecas Arabes na Hespanha, enumera elle, entre muitos escri-

ptores Hespanhoes, vinte e cinco Portuguezes (19.ª), cujos nomes, patria, e qualidade de seus Escriptos se podem ver no citado Casiri, Tomo primeiro (a).

Apontaremos aqui apenas os nomes de tres escriptores, que deram tal ou qual lustre á Litteratura Portugueza no espaço de tempo, por que vamos discorrendo: e não obstante sabermos, que destes mesmos os dous ultimos são havidos por incertos na opinião de muitos criticos, sem intrometter-nos em suas eruditas controversias, fazemos delles memoria com esta previa correcção, por andarem os nomes dos ditos Autores em alguns livros nossos, não dignos de desprezo: E são os tres nomes os seguintes, *Isidoro Pacense*, que escreveo Historias (20.ª), *Angelo Pacense*, autor das vidas de muitos Santos Portuguezes (21.ª), e *Laymundo Ortaga*, narrador de antiguidades (22.ª).

(a) Vid. Memoria IV. Para a Historia da Legislação e Costumes de Portugal por Antonio Caetano do Amaral no Tom. 7.º das Memorias de Litteratura Portugueza da Academia Real das Sciencias de Lisboa, pag. 102, Nota (86).

PERIODO IV.

Desde o anno de 1139, *até o de* 1290,

ou

Desde a gloriosa Acclamação d'Ourique, até a fundação da Universidade Portugueza.

Vai offerecer-se á nossa consideração um dos mais bellos Periodos, que os Annaes da Nação Portugueza nos apresentam, Periodo a que dá principio a gloriosa Acclamação do Fundador da Monarchia no anno de 1139, e donde podemos começar a datar com maior abundancia e certeza as illustres memorias para a nossa Historia Litteraria. Verdade é, que Manoel de Faria e Souza, falando do governo do Senhor D. Afonso Henriques, diz assim: « *Las Letras no andavan aora tan validas* » (a); mas como podia ser de outra sorte, achando-se ainda grande parte de Portugal em poder dos Mouros, tenazes em disputarnos a posse de um tão delicioso paiz, consolidada por mais de quatro Seculos de dominação, e que por isso mesmo obrigavam os Portuguezes a nunca interrompidas pelejas? O

(a) Epitom. Part. III. cap. 2.

nosso grande Monarcha, o Senhor D. Afonso primeiro, e seus gloriosos Successores até o Senhor D. Diniz, antes de entrarem no empenho de promovêr o adiantamento das Letras nos paizes do seu legitimo Senhorio, tiveram de alimpal-os da dominação extrangeira, que nelles se havia introduzido, e com a qual penetrára ao mesmo tempo entre os christãos destes reinos o desprezo e a aniquilação quasi total de tudo quanto eram Sciencias e Boas-Artes (23.ª).

Alem de que, é uma verdade, confirmada por grande numero de factos, que as Letras só começam a domiciliar-se em um paiz, quando este, no remanso de duradoura paz, goza das dôces commodidades da vida. Foi somente depois que Cimon com suas brilhantes victorias, ganhadas sôbre os Persas, restituio a paz a Athenas, que Periclês poude dar á sua patria aquelle esplendor litterario, que esmaltou o seu Seculo, gloria da Litteratura da Grecia. Foi só depois que Augusto cerrou as portas do templo de Jàno, pacificando o Imperio, que Roma vio dentro dos seus muros os thesouros todos das Sciencias e das Artes, e offerecêo ao Mundo o segundo luminoso periodo, que adorna os fastos da Litteratura. Athenas, antes de poder gloriar-se dos seus Sóphocles, Thucidides, Xenophontes, Socrates e Platões, já contava entre o numero dos seus primeiros heroes os nomes de Milciades, de Arístides, de Themistocles, de Cimon: e Roma, primeiro que subisse á glo-

ria litteraria, levantada nas pennas de Cicero, de Tito Livio, de Tacito, de Virgilio e de Horacio, já se havia immortalizado no templo da Fama com os feitos d'armas dos seus Scipiões, Marios, Lucullos, Pompeos e Cesares.

Igual sorte teve o nosso Portugal : o Seculo dos guerreiros famosos precedeo ao dos Mathematicos, dos Poetas e dos Historiadores ; foi necessario varrer primeiramente de inimigos o paiz, fortalecel-o com barreiras respeitaveis, promover a agricultura arruinada com as continuas guerras, animar o commercio, e segurar com Leis sabias a propriedade e a vida dos cidadãos; para depois á sombra da paz e de tão excellentes instituições poderem os luminosos e fecundos Ingenhos Portuguezes dar-se em descanso ao proficuo emprego das Letras amenas e severas.

Todavia não cuide alguem, que neste mesmo guerreiro Periodo deixáram as Letras de ser cultivadas de todo em um Reino, cujos bem formados espiritos eram tão dóceis para attenderem ás amenas lições de Minerva, como valerosos para militarem debaixo dos estandartes de Bellona (24.ª) : Pois é bem constante que por aquelle tempo havia já o estudo das Sciencias adquirido estabilidade vigorosa por todo o reino de Portugal, maiormente na illustre cidade de Coimbra, primeira capital da nossa Monarchia Real. Offerecem-nos seguros documentos desta asserção as eruditas memorias do Mestre Rezende, o qual,

escrevendo a vida do nosso distincto compatriota S. Fr. Gil, bem conhecido como medico, e como chimico (o que naquelles tempos parecia synonymo de magico), cujo nascimento foi no anno do Senhor 1155, conforme Jorge Cardoso (a), ou no anno de 1190 pouco mais ou menos, segundo refere Fr. Luiz de Sousa (b), diz assim : « Desde a sua primeira puericia entrou o Bemaventurado Gil a frequentar mestres em Coimbra, na qual cidade, como Côrte que era naquelle tempo dos Monarchas Portuguezes, se achavam então em grande vigor os estudos das Letras » : *Beatus Ægidius magistros cœpit frequentare a prima statim pueritia Conimbrigæ, in qua urbe, utpote eâ tempestate Lusitanorum Regum sedes, litterarum studia tunc vigebant* (c).

Corrobora esta noticia o mesmo Fr. Luiz de Sousa (d), dizendo que : « era Coimbra o assento da Côrte, e juntamente havia nella Mestres das Bôas-Artes e Sciencias. Porque elRei D. Sancho (o primeiro) como recebeo de seu pay o reino pacifico, e rico, procurou illustrallo, e acrescentallo por muitas vias : e não lhe esquecêo a das letras, que é o que mais lustre dá aos homens e ás provincias ».

De mais das Escholas em tempos proximamente anteriores á Monarchia instituidas na

---

(a) Agiolog. Lusit. Tom. 3. pag. 250.
(b) Histor. de S. Domingos Part. I. Liv. 2. cap. 13.
(c) Resende cap. 1.
(d) Loc. supra cit.

propria Sé Episcopal de Coimbra pelo Bispo D. Paterno, conforme atrás deixamos apontado, havia tambem por estes tempos outras no Real Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, nas quaes se lia publicamente Grammatica, Theologia e Medicina por famosos Mestres, segundo testemunha D. Nicolao de Santa Maria (a) : e Fr. Francisco Brandão faz igualmente memoria, de que nas Cathedraes deste Reino se ensinavam as Letras no Periodo, de que estamos escrevendo, onde, para os que as estudavam, havia Livrarias publicas, e são suas palavras as seguintes (b) : « No tempo antecedente (á fundação da Universidade Portugueza) se ensinava nas Cathedraes do Reyno Grammatica (25.ª) : na Sé de Lisboa a estudou Santo Antonio, como escreve S. Bernardino em sua Vida : e ainda em toda Hespanha, antes que houvesse Universidades nella, se fazião livrarias publicas nas Sés Cathedraes, e Igrejas Parochiaes, para estudarem os que se occupavão nas Letras (c), do que ha muitos exemplos nas historias deste Reyno ».

Não fòram infecundos os litterarios ingenhos deste Periodo, muitos dos quaes deixáram após si documentos, com que autorisaram o seu saber, e mandaram seus nomes recom-

---

(a) Chronica dos Conegos Regrantes, Part. II. Liv. 7. cap. 72.

(b) Monarch. Lusit. Part. V. Liv. 16. cap. 72.

(c) Colmenares na Histor. de Sogovia cap. 12. §. 12.

mendados á posteridade : Por quanto revolvendo as memorias do tempo, encontrâmos um bom numero de escriptores Portuguezes, que por suas obras, de notavel perfeição para aquella idade, adquiríram direito a serem postos em lembrança, como fôram, entre outros, o proprio Fundador da Monarchia, o *Senhor D. Afonso Henriques*, Varão tão inclinado ao exercicio das Armas, como das Letras, do que dá fé a sua Historia da Conquista de Santarem pelo valor do seu braço, na qual Historia claramente se deixa ver a pureza e elegancia, com que escrevia a lingua Latina (26.ª) : *João Camello*, capellão do sobredito Monarcha, e primeiro Chronista do Reino de Portugal, ao qual elRei D. Afonso, para eternizar os gloriosos feitos dos heroes, que com elle coôperáram para a conquista do Reino, commettêo em 13 de Novembro de 1145, por ser ornado de juizo prudente e animo sincero, a incumbencia de narrar as origens das familias, donde procediam ; « *por quanto* (diz assim a Provisão Real, que o nomeou para escrever esta obra) *andou sempre comigo nas guerras, e conhece bem os que comigo andaram, e sabe donde vieram, e é pessoa de boa consciencia* » (27.ª). Ennobrecêram igualmente este Periodo com o luzimento das Letras um *D. Gastão de Fox*, Bispo d'Evora, o qual, bem que de origem Franceza, pois descendia dos Principes de Guiena, vio a luz em o nosso Portugal, e foi um dos mais bellos ornamentos do reinado do Se-

nhor D. Afonso Henriques por sua grande Litteratura, tanto sagrada, como profana, e tambem por ser mui versado nas linguas Franceza, Latina, Hebraica e Arabiga, na ultima das quaes deixou Escriptos de grande erudição, dirigidos á conversão dos Mahometanos (28.ª). Um *D. Pedro Alfarde*, natural da illustre cidade de Coimbra, que na Universidade de Paris estudou, e tomou a borla doutoral na Faculdade de Theologia, em a qual sahio eminente, e bem assim na lingua Latina: voltando depois a Portugal, abraçou o Instituto dos Conegos Regulares de Santo Agostinho no Mosteiro de Santa Cruz da sua patria, do qual, passados alguns annos, foi nomeado Prior da Claustra: incumbio-lhe o Senhor D. Afonso Henriques escrever as façanhas de seus vassallos, que o acompanháram na expulsão dos Mouros, nomeando-o seu Chronista (provavelmente por morte de João Camello) em 13 de Junho de 1175, da Era de Cesar 1213, por Carta passada em Leiria, cujo teor é o seguinte: « E para continuar o dito Livro, nomeio o Mestre D. Pedro Alfarde, Prior Crasteiro da dita minha Igreja e Mosteiro de Santa Cruz, e por sua morte aos que lhe succederem no officio de Prior da Crasta, e haverão cada um a seu tempo as seis mil libras acima ditas cada anno » (29.ª). *D. João de Froes*, tambem natural de Coimbra, e Cónego Regular do dito Mosteiro de Santa Cruz, o qual no reinado de Filippe II. de França, que foi desde o an-

no 1180, até 1223, espaço de tempo que alcança desde o quadragesimo primeiro do governo do Senhor D. Afonso Henriques, até o duodecimo do Senhor D. Afonso II, ensinou Escriptura na Universidade de Paris : pela facilidade e eloquencia, com que prégava na lingua Franceza, adquirio toda a estimação de Filippe II., chegando-o a fazer seu prégador, e a eleval-o ao Arcebispado de Besançon, dignidade que aceitou, precedendo a faculdade do seu Prior de Santa Cruz, D. João Cesar : o Papa Gregorio IX, movido da gloriosa fama do novo Arcebispo, o chamou a Roma, onde o fêz Cardeal Bispo Subiense, e seu Legado nos reinos de Hespanha e de Portugal : deste sabio Principe da Igreja, ornamento da Patria e da sua Ordem Canonica, se conservava illustre memoria em varios documentos do extincto Mosteiro de Santa Cruz (a). *Santo Antonio Lisbonense*, ou vulgarmente *de Padua* (30.ª). O Papa João XXI., que, depois de haver exercido a profissão de medico em Lisboa, foi elevado á dignidade de Primeiro Pastor da Igreja (31.ª). Finalmente o *Mestre Menegaldo* (32.ª) : nomes unicos, que aqui pômos em lembrança, entre muitos outros de louvavel litteratura, que omittimos, por não ser do nosso plano tecer um

---

(a) Liv. dos Obit. a 9 de Agosto de 1236. — Breves, que elle passou da Sagração, que fêz da Igreja de Santa Cruz, e da Igreja, que mandou edificar no Tojal junto a Lisboa.

Catalogo miudo e completo de todos os sabios Portuguezes, que existiram em cada um dos Periodos da *Historia Litteraria*, que resumidamente vamos tecendo.

PERIODO V.

Desde o anno 1290 *até o de* 1495,

ou

Desde a fundação da Universidade Portugueza até o começo do Reinado do Senhor D. Manoel.

Sômos chegados a uma epocha memoravel, a qual, propriamente falando, foi para o nosso Portugal o luminoso oriente das Letras, e em que ellas começaram a diffundir com maior largueza os seus raios por toda á vastidão de nossos horizontes: falamos do Reinado do Senhor D. Diniz, do qual tem origem o primeiro estabelecimento Litterario-Scientifico, que debaixo do nome de Universidade, á similhança das outras nações da Europa, foi organizado em Portugal.

Foi na cidade de Lisboa, e no anno de 1290 que aquelle illustrado Monarcha levantou o primeiro templo regular ás deosas das Artes e das Sciencias, para o qual mandou vir doutos Mestres de outros Reinos, com pro-

messa de grandes mercês e de avantajados salarios; afim de que com melhor vontade ensinassem seus subditos, a quem procurou sempre todos os bens e proveitos.

Nesta nova Universidade, que elRei D. Diniz instituíra por evitar os grandes descommodos, que seus vassallos padeciam em ir mendigar dos extranhos muitas Sciencias, que na Patria podiam aprender, ensinavam-se Leis, Canones, Logica, Grammatica e Medicina; e não havia nella Lentes de Theologia; porque esta se aprendia nos Conventos dos Religiosos de S. Francisco e de S. Domingos (33.ª); nem tão pouco havia Lentes de Mathematica, nem das linguas Hebraica e Grega, como erradamente escreveo o Padre Fr. Antonio da Purificação na Chronica dos Eremitas Calçados de Santo Agostinho da Provincia de Portugal (a). Todavia naquelle Athenêo Lusitano começaram desde logo a criar-se, e continuadamente se foram doutrinando Mestres eruditos, e se formaram muitos homens abalizados em todo o genero scientifico, que deram honroso nome á sua Patria assim dentro, como fóra della.

Não tardou porêm muito, que elRei D. Diniz não entendesse, que a cidade de Lisboa era logar improprio para assento da Universidade Portugueza; por quanto, como adverte o erudito Francisco Leitão Ferrei-

---

(a) Part. II. Liv. 7. tit. 1.

ta (a), *era Côrte, aonde os divertimentos, com as familiaridades trazem comsigo nocivas distracções.* Por isso, visto haver sido o seu intuito na fundação da Universidade Portugueza crear no seu Reino uma juventude, que em Letras rivalizasse com a mais sabedôra e polida da Europa; mal haviam decorrido dezoito annos depois do estabelecimento da Academia, a fèz transferir para Coimbra, cidade que por sua situação central, como collocada no coração do Reino, pelo delicioso do paiz, pela amenidade do clima e pela abundancia de tudo o preciso para a vida, parecia a mais apropriada para assento da Athenas Lusitana.

Trinta annos apenas haviam decorrido, depois que as claras aguas do Mondego tinham começado a ser brandamente agitadas pelos harmoniosos sons das cytharas Portuguezas, quando, governando já elRei D. Afonso IV, o assento da nova Universidade foi outra vèz transferido de Coimbra para Lisboa; não se esquecendo o Senhor D. Afonso, que determinava collocar a sua Côrte n'aquella cidade, de uma tão sabia providencia; afim de que os estudantes, com o tráfego e negocios dos cortezãos, se não divertissem de seus estudos.

Por motivos, que não achâmos postos em lembrança, e por determinação do mesmo

---

(a) Noticias Chronolog. da Universid. de Coimbra, anno 1309, numer. 250.

Monarcha foi mudada novamente para Coimbra no anno de 1354 a nossa Universidade, depois de haver desta vêz residido no seu primeiro assento dezesseis annos somente; devendo porêm ao invicto triumfador do Salado a concessão e ampliação de grandes privilegios, o que bem deixa ver, que este Principe magnanimo, qual outro Alexandre, nem ainda no meio das refregas de Marte se esquecia de promover e exalçar as honras de Minerva: E tomou tanto a peito elRei D. Afonso IV a prosperidade e augmentos deste Litterario Estabelecimento, que a instancias suas foi pelo Papa Clemente V. expedida uma Bulla, dirigida aos Bispos de Lisboa e de Evora, na qual lhes recommendava seus desvelos, para que os lumes das Sciencias nunca se apagassem, antes fossem adquirindo sempre novos e repetidos acrescentamentos na Academia Portugueza (a).

Desta sorte foi Coimbra continuando a ser a eschola, onde se ensinavam todos os bons estudos á mocidade Portugueza, começando já desde então a germinar as sementes, que produziram os varões esclarecidos, os quaes no futuro haviam de dar á Patria tão grande luzimento, despertar assombrosa admiração em toda Europa, e infundir o mais profundo respeito no Orbe inteiro por seus summamente arriscados e inauditos descobrimentos, e

(a) Bento Pereira *Respublica Litter.* Lib. 1. Disputat. 3. Quæst. 5. numer. 110.

pelo novo ingenho, que a mesma difficuldade das maritimas emprezas, e suas necessarias consequencias haviam de ir progressivamente desenvolvendo, e indefinidamente engrandecendo: Até que no correr do anno de 1377 fôram as aulas Academicas transferidas de novo para Lisboa, pela razão de não quererem alguns Professores, mandados vir de fóra do Reino por elRei D. Fernando, dar-se ao ensino em outro logar, que não fosse Lisboa.

Nesta ultima cidade pois permanecêo por largo tempo a nossa Universidade com grande protecção e privilegios, que os Monarchas Portuguezes lhe concederam, esmerando-se todos, como á porfia, em se mostrarem tão devotos do culto das Armas, como das Letras; bem persuadidos de que são estes os firmes alicerces, sôbre que solidamente se levanta o edificio da verdadeira gloria e grandeza das monarchias, e dos Soberanos, que as moderam.

Por estes tempos tinha já lançado tão profundas raizes a arvore da Sciencia no terreno Portuguèz, que, sem embargo das guerras assoladoras, que fomos obrigados a sustentar contra o poder Castelhano, assim no governo mal aconselhado delRei D. Fernando, como no inquieto interregno, que se lhe seguio, e primeiros annos do Reinado do Senhor D. João I, fôram sempre as Letras com mui grandes augmentos progredindo, o que se manifestou pelos muitos e distinctos sabios, que neste e seguintes Reinados florecêram em o nosso Portugal.

No decimo-septimo anno do governo do Senhor D. João I, que foi o 1400 da E. C. encontrâmos a primeira noticia da incorporação em a nossa Universidade da Faculdade de Theologia, até esse tempo ensinada nos Conventos de S. Domingos e de S. Francisco, conforme atrás ficou referido : e porque anteriormente a este anno nenhum documento apparece que nos leve a suppôr, que ella se lia na Universidade, póde conjecturar-se com Francisco Leitão Ferreira (cuja obra, em a Nota citada, nos vai servindo de guia na maior parte das noticias, que damos da mesma Universidade), que foi o anno acima dito o primeiro, em que a mencionada Faculdade começou a ser incorporada, com as outras, em a nossa Academia (a).

Mas era já chegado o prazo, em que a Nação Portugueza devia patentear ao Mundo o seu ingenho creador na applicação dos principios bebidos nas escholas de Urania, obrando acções, sôbre as quaes assentasse, como em base solida e triumfadora do tempo e caprichos humanos, a sua reputação litteraria, e o seu caracter emprehendedôr na carreira das Sciencias e das Artes, cuja influencia dá novo andamento aos destinos dos Imperios, e faz estreitar cada vêz mais os laços sociaes entre os individuos da mesma especie : Pretendemos falar das primeiras bases dos

(a) Notic. Chronolog. da Universidade de Coimbra. Anno 1400, numer. 558.

grandes descobrimentos maritimos, e do commercio universal, que a Europa e o Mundo inteiro innegavelmente devem ao ingenho portentoso do Infante D. Henrique, e aos alumnos da sua Academia de Sagres, ou de Lagos, como outros escrevem, primeira Sociedade maritima instituida na Europa, e na qual este famosissimo Infante reunio os mais doutos Portuguezes do seu tempo, com outros chamados d'entre as nações extrangeiras, para nella se discutirem importantes questões de Astronomia, de Cosmographia e de Nautica.

Desta Academia illustre foram mui distinctos membros os Perestrèllos, os Betancurs, os Camaras, os Vasèos, por não falarmos de muitos outros; e creado com os mesmos principios, bebidos em tal Eschola, crescèo, e avultou immensamente alguns annos depois o grande Vasco da Gama, que por seu destemido e feliz arrôjo levou o nome e a reputação Portugueza até os povos da India.

Mas para que não diga alguem, que, cegos com os fumos do orgulho nacional, transpomos as raias da verdade, pretendendo levantar a Gente Portugueza ao cume de uma gloria duvidosa, a qual as nações, suas rivaes, lhe não reconhecem, seja-nos permittido transcrever neste logar as proprias expressões de um acreditado Geographo extrangeiro, o qual, com muitos outros, não duvidou de escrever, e publicar no meado do Seculo passado á face da sua nação e de toda Euro-

pa as seguintes palavras : « Os Portugüezes » tem a gloria de ser o primeiro pôvo da Eu- » ropa, que aperfeiçoou a navegação, fazen- » do-lhe applicação dos conhecimentos astro- » nomicos. O Principe D. Henrique de Por- » tugal, filho d'elRei D. João primeiro, » fundou em Sagres, no reino do Algarve, » um Observatorio, no qual mandou educar, » e instruir alguns jovens na Sciencia da As- » tronomia. O mesmo Principe suspeitou, » que os navegadores podiam tirar grandes » vantagens da Bussola, a qual havia já tres » Seculos que era conhecida, mas de que » ninguem ainda se tinha lembrado fazer u- » so para regular as longas viagens mariti- » mas » (a) (34.ª). Taes são os prodigiosos fructos do ingenho, quando os lumes das Sciencias lhe fecundam seus preciosos germes!

Ha quem diga, não sabemos se com grande fundamento, que o Infante D. Henrique fôra o inventor das Cartas de marear (35.ª); o que porèm não padece duvida é, que foi elle quem abrio caminho com o seu exemplo ás famosas navegações, que serviram para levar á immortalidade tantos Heroes, assim como a afortunada Nação, que os produzio; navegações que pozeram em esquecimento todas as outras tão gabadas, dos Fenicios, dos Carthaginêzes, &c.

(a) Géographie de La Croix, édit. de 1800, Tom. 1, *Portugal.*

A este sabio Infante, zeloso bemfeitor e protector da Universidade Portugueza, deve esta, entre outros favores, e generosidades, a doação, feita em 12 de Outubro de 1431, de umas casas em Lisboa, para nellas se lêrem todas as Faculdades: e bem assim a consignação, feita em 22 de Setembro de 1460, de dôze marcos de prata, procedidos dos Dizimos da Ordem de Christo, de cujo Mestrado era Governador e Administrador, para salario do Lente de Prima de Theologia (36.ª). Deve-lhe igualmente a instituição das Cadeiras de Philosophia Natural e Moral, creadas no anno de 1431 (a): E visto que neste mesmo anno se encontram tambem já na dita Universidade as Cadeiras de Arithmetica, de Geometria e de Astrologia, inclinâmo-nos a crer, que seriam talvèz estabelecimento do mesmo Infante; por haver sido elle quem se dèo primeiro com maior desvelo entre nós a estes estudos severos, como se deixa ver da sua creação da Academia de Sagres.

Fieis a tão nobres impulsos de illustração intellectual dos seus maiores, continuaram os Portuguezes nos reinados dos seguintes Monarchas até meado do Seculo XV. a dar aos seus espiritos a mais polida e luminosa cultura, por meio da qual se fôram habilitando para fazerem progressos sempre de cada vèz mais dilatados assim na theórica, como na

---

(a) Notic. Chronol. da Universidade de Coimbra, anno 1431. num. 616, e 617.

pratica das Sciencias, e não menos nas artes da imaginação e gôsto, as quaes são como festões de flores, que servem de recrear a vista e o olfato, e de amaciar os passos escabrosos, que com tamanha frequencia se nos apresentam nos tortuosos atalhos da vida.

No anno porêm de 1440, segundo do reinado do Senhor D. Afonso V., quando o governo da Monarchia estava ainda nas mãos dos que, em razão da minoridade do Soberano, lhe dirigiam a administração, começou a Universidade Portugueza a experimentar uma visivel decadencia nas Letras, devida talvêz em grande parte ás domesticas perturbações, que então agitaram o Reino, procedidas do geral descontentamento do pôvo, que olhava malsoffrido á frente da Regencia a Rainha, á qual era desaffeiçoada a Nação pela razão de ser extrangeira, e haver Infantes de talento e forças, a quem parecia competir de direito aquelle encargo : e chegaram a tal extremo os publicos descontentamentos, que, para servir-nos das expressões de Manoel de Faria e Sousa (a) : « assi procediendo vandos, inquietudes, y motines, amenaças, armas, y libertades contra la Patria, contra la Religion, e contra la Reyna, eligieron por Governador del Reyno al Infante D. Pedro ».

A estas perturbações domesticas pois, e áquellas, que se seguiram, logo que o nôvo Monarcha entrou na posse da administração

(a) Epitome, Part. III. cap. 13.

do Reino, as quaes terminaram infelizmente pela morte violenta do honrado e sabio Regente; assim como tambem ás militares emprezas da Africa para a conquista das cidades d'Alcácer, d'Arzila e de Tangere; e ultimamente ás calamitosas guerras, em que Portugal se vio empenhado por causa da Successão de Castella, cujos marciaes rebates occuparam quasi todo o longo Reinado do Senhor D. Afonso V.; attribuimos nós em grande parte a notoria decadencia da Universidade Portugueza, a qual durou até o anno 1480, penultimo do Reinado deste Principe: Sendo que não concorreo pouco tambem para esta decadencia das Letras, o serem para as despezas d'aquelle tempo já mui escaços os ordenados dos Professores; fazendo-se por isso mesmo a promoção das Cadeiras em pessoas de menos sufficiencia; donde resultava, que os estudantes desgostosos não frequentavam as Aulas.

Todavia, sem embargo de todos estes grandes contratempos para as Letras, não deixou de attender por ellas com o possivel esmêro este Monarcha, mais que tudo pelós fins do seu aliás glorioso Reinado; por ser Principe, em que se deixava ver grande propensão e amor ás Sciencias, ás quaes se applicou com fructo; favorecendo de mais a mais aos estudiosos, de que não deixou de haver um grande numero entre nós, durante o seu governo: A cujo proposito escreve o seguinte o muito erudito Autor das *Memorias Historicas do Mi-*

nisterio do Pulpito (a) : « Florecerão Pessoas de conhecida e limada erudição desde ElRey D. Afonso V. : comtudo os nossos Historiadores usão de frase queixosa contra a barbaridade dominante. Esta lamentação tem tido seu lugar nos mesmos Seculos illustrados. As pessoas de zêlo, ainda nos paizes cultos, sempre tem de que se queixar, ou para que se não retroceda, ou para castigar a indolencia, e atrazamento dos que devêrão ser perfeitos, e que são causa de outros não melhorarem ».

Era no governo deste mesmo Monarcha, que o Bispo d'Evora, D. Garcia de Menezes causava admiração em Roma a Pomponio Leto pela sua rara eloquencia; e Gaspar Barreiros, escrevendo ao seu amigo Jorge Coelho, e dando-lhe noticia do descobrimento e do mimo, que lhe fizera o Cardeal Sadoleto da Oração do Bispo D. Garcia, recitada a Xisto IV., conta miudamente a grande admiração do Cardeal, quando via uma producção tão acabada em Portugal no tempo, em que apenas um ou outro em Italia possuia o uso da Latinidade pura (37.ª).

Foi de mais a mais o Senhor D. Afonso V. o primeiro Monarcha Portuguèz, que no seu palacio ajuntou copiosa Livraria, « *uso* (diz um moderno escriptor Francèz) *até áquelle tempo desconhecido nas outras Côrtes* » *usage jusqu'alors inconnu dans les autres*

(a) Part. III, Appendix, §. 12.

Cours (b): e o que determinou se escrevessem na lingua Latina as Historias Portuguezas, mandando para este effeito vir de Italia a Fr. Justo Baldino, Religioso Dominico, e insigne latino, que pelo dito Monarcha foi nomeado Bispo de Ceuta, o qual morreo sem fazer cousa alguma por embaraços de molestia.

O Reinado do Senhor D. João II. principiou com felizes auspicios para o Litterario de Portugal; por quanto, logo desde o começo do seu governo, entrou este Principe perfeito a assignalar-se entre os amantes das Letras, applicando-se a tomar conhecimento de todas as pessoas, que sabiam fazer-se distinctas por sua capacidade e sciencia, os quaes honrava, e premiava de maneira, que de todos seus subditos se fêz amar, e acatar em gráo subido. A curta duração porêm do seu reinado, e as contestações, que teve com a primeira Nobreza do Reino, procedidas das restricções, que pôz a seus privilegios excessivos, de que se originaram grandes conspirações e perigos, armados contra a vida do Soberano, o impossibilitaram para mais largamente entender no augmento das Letras, as quaes já por aquelles tempos faziam admiraveis e rapidos progressos por toda Europa. Foi com tudo no seu glorioso Reinado que Portugal, já então bastantemente rico em conhe-

(b) Introduction sur la Littérature Portugaise par A. M. Sané.

cimentos Litterario-Scientificos de toda a ordem, e maiormente nas Mathematicas, teve a honra de apresentar ao Mundo o feliz invento do Astrolabio maritimo (38.ª), instrumento de utilidade grandissima para todos os que se davam ás longinquas viagens do mar. Forão seus inventores (39.ª) Mestre Rodrigo e Mestre Josepe Judeo (40.ª), ambos Medicos d'elRei D. João II., *e um Martim de Boemia* (a), *natural d'aquellas partes* (para servirnos das expressões do nosso João de Barros) (b), *os quaes acharão esta maneira de navegar por altura do Sol, de que fizerão suas taboadas pera declinação delle : como se ora usa entre os navegantes já maes apuradamente, do que começou, em que servião estes grandes astrolabios de páo.*

Fôram fructos do aperfeiçoamento das Mathematicas, e desta e d'outras felizes applicações á Nautica em o nosso Portugal os descobrimentos dos Reinos de Benii e do Côngo e de todo o littoral da costa occidental da Africa, até haverem vista do Cabo da Boa-Esperança o celebre Bartholomeu Dias e seus companheiros, que o Senhor D. João II. tinha mandado com dobrados navios dos até aquelle tempo, que foi o anno de 1486, a similhantes expedições enviados.

Pertence finalmente aos ultimos annos do

(a) *Martim Boheim* é o seu verdadeiro nome, e era natural de Nuremberg.

(b) Decada I. da Asia, Liv. 4. cap. 2.

Reinado deste Soberano um acontecimento famosissimo na Historia do Mundo, pelas consequencias de summa importancia, que trouxe ao commercio da Europa, e aos destinos de uma grande porção dos individuos da Especie humana; queremos falar do descobrimento do Nôvo-Mundo, depois conhecido pelo nome de America, descobrimento que engrandecêo á Sciencia Geographica com uma extensão immensa de mares, de continentes, de ilhas, e com muitos milhares de póvos até áquelle tempo desconhecidos. E' bem verdade, que a geral opinião dos homens de todos os paizes tem até o presente attribuido ao ingenho e ousadia do Genovêz Christovão Colombo a gloria deste grande e importantissimo descobrimento; mas sem falar das anteriores navegações dos intrepidos Scandinavios pelos mares boreaes até as costas da Vinlandia, da Marklandia, e de outros pontos *da America Septemtrional* (a); bem sabida é por toda Europa a viagem de *João Vaz Côrte-Real*, fidalgo da casa do Infante D. Fernando, irmão d'elRei D. Afonso V., e pai d'el-Rei D. Manoel, de companhia com *Alvaro Martins Homem*, até as costas da Terra-Nova no anno de 1463 (b), isto é, vinte e nove

---

(a) Vid. Mémoire sur la Découverte de l'Amérique au Dixième Siècle par Charles Christian Rafn traduit par Xavier Marmier, Paris 1838.

(b) Vid. *Memoria sôbre os Descobrimentos e Commercio dos Portuguezes em as Terras Setentrionaes da America* por Antonio Ribeiro dos Santos, no Tom. VIII.

annos antes da primeira arribada de Colombo ás ilhas Lucaias em 1492 : e ainda mesmo, pelo que respeita á primeira noticia dos paizes mais ao Sul da America, não tem deixado tambem de haver Escriptores, não só Portuguezes, porêm até extrangeiros, os quaes pretendem laurear o nosso Portugal com esta nova grinalda de uma gloria e reputação immortal, attribuindo a individuos desta Nação a honra, muito embora casual, de um tão famoso descobrimento.

Agora para brilhante remate deste Periodo, o qual finda com o Reinado do Senhor D. João II., conformando-nos com o sistema até aqui seguido, passâmos já a fazer menção de alguns sabios Portuguezes, que, entre muitos outros illustraram este mesmo Periodo, sem que deva inferir-se de que, em presença dos poucos, que passâmos a nomear, reputâmos inferiores em mérito outros, de que não fazemos lembrança; visto ser nosso unico intento o mostrar, que em todos os Periodos, que vamos rapidamente passando, existiram em Portugal homens abalizados em Letras, e em todo o genero de conhecimentos proprios do tempo, de que se trata, contra a errada opinião de muitos extrangeiros, os quaes, ignorantissimos de nossas cousas, se tem intromettido a falar nellas com descredito da nação Portugueza.

---

das Memorias de Litteratura Portugueza da Academia Real das Sciencias de Lisboa em 4. a pag. 309.

Illustraram pois este Periodo da nossa Historia Litteraria com a sua Sabedoria e Escriptos, alem de muitos outros : *ElRei D. Diniz*, o qual foi o primeiro, que em Hespanha, á imitação dos poetas Provençaes, metrificou em rimas, deixando, para seguro documento da sua Litteratura, differentes obras de erudição e gosto (41.ª). *D. Pedro Afonso*, Conde de Barcellos, filho natural do sobredito Monarcha, que pelo seu Livro de Genealogias (a quem deve a Nobreza de Hespanha isso, que della se sabe, como confessam os Historiadores Castelhanos) bem que hoje em dia muito adulterado, grangeou grandes creditos de erudito entre nacionaes e extranhos (42.ª) : applicou-se tambem com credito seu e da Patria á cultura das Musas, a cujo respeito Fr. Francisco Brandão faz a discreta reflexão seguinte : « temos certeza de ser homem inclinado a estudos, segundo vemos em seu testamento, em que deixou a elRei de Castella o seu livro das Cantigas; e quem tinha composto hum Cancioneiro, que podia ser apresentado a um Rey, pessoa era com noticia de boas letras (a). — *D. Afonso Sanches*, tambem filho bastardo d'elRei D. Diniz, o qual corrêo com louvor a estrada da Poesia. — *Fr. Mendo Vasques de Briteiros*, da Ordem de Cister, cujo poema da tomada de Lisboa, Obidos e Alemquer, e das guerras feitas no tempo d'el-

(a) Monarchia Lusit. Part. V. Liv. 17. cap. 5.

Rei D. Diniz, foi de grande estimação naquella idade. — *Sueiro Govino*, poeta que celebrou a tomada de Alcácer, governando el-Rei D. Afonso II, em um poema Latino elegantemente escripto, o qual anda na Quarta Parte da Monarchia Lusitana, como documento ou escriptura n.º IX. — *D. Fr. Alvaro Paes*, Franciscano, Bispo de Coron e de Silves, que em Paris foi discipulo do celebre Escôto, chamado o *Subtil*, sabio tão instruido e eminente na disciplina e perspicacia do Mestre, que merecêo por sua vasta erudição o especial affecto do Pontifice João XXII; deixando um claro documento do seu saber em differentes composições de sua erudita penna, das quaes é principal a que intitulou *De Plantu Ecclesiæ*, mui applaudida dos Varões sabios: Foi este mesmo illustre Prelado Portuguêz Lente de Jurisprudencia Civil e Canonica na Universidade de Bolonha. — *ElRei D. Afonso IV.* genio naturalmente affeiçoado á Poesia, na qual fêz varias composições, que não deixavam de ser elegantes em idade tão distante ainda da verdadeira cultura poetica, e das quaes tinha feito uma collecção Fr. Bernardo de Brito, chronista-mór do Reino, para se imprimirem, como testifica Manoel Severim de Faria. — *Afonso Giraldes*, autor de um poema, em que se descreve o successo da batalha do Salado, obra que ninguem mais exactamente, do que elle, podia escrever, por haver assistido á dita batalha, logrando em seu tempo os ap-

plausos de tão grande militar, como poeta. — *ElRei D. Pedro I.*, em quem se manifestou uma inclinação natural para a Poesia, e na qual deixou varias composições, que podem ver-se no Cancioneiro de Garcia de Resende, impresso em Lisboa por Herman ou Germano de Campos no anno de 1516, e no Cancioneiro ms. do Padre Pedro Ribeiro, escripto em 1577, o qual se conservava na Livraria da Ex.ma Casa dé Lafões. — *O Infante D. Pedro*, Duque de Coimbra, filho segundo d'elRei D. João I., cultivou o seu ingenho com as Letras Divinas e humanas, e foi perito em differentes linguas extrangeiras, por se haver dado a viajar pelos reinos, e principaes paizes da Europa, Asia e Africa: legou á posteridade claros testemunhos de seus talentos e applicação em varias composições de verso e prosa (43.a). — *O Infante D. Henrique*, Duque de Vizeu, terceiro filho do mesmo Rei D. João I., o qual desde os seus primeiros annos se votou com tamanho desvelo ás Mathematicas, que por suas profundas contemplações e igual constancia por espaço de quarenta annos, emprehendendo novos descobrimentos de ceos, terras e climas differentes, deo a conhecer ao Mundo o que delle era antes ignorado: foi, como atrás fica dito, distincto Bemfeitor da Universidade Portugueza, e seu Governador e Protector (44.a). — *Vasco de Lobeira*, um dos primeiros autores, que escrevêram Romances, intitulados *Livros de Cavallarias* (45.a), dos

quaes é o principal a *Historia de Amadiz de Gaula*, dividida em quatro livros; e foi tão grande o merecimento, que nesta obra lhe reconhecêram os proprios extrangeiros, que foi traduzida em differentes idiomas, e por grande numero de pennas elogiada. — *João das Regras* ou de *Aregas*, famoso jurisconsulto Portuguêz, o qual, conforme a opinião de alguns autores, ordenou em um volume as Leis do Reino, que até o seu tempo andavão dispersas; e lhe ajuntou as Leis do Código de Justiniano mais praticaveis neste mesmo Reino, por elle vertidas em Portuguêz, com as interpretações de Acursio e de Bártolo, que havia sido seu mestre em Bolônha (46.ª). — *ElRei D. Duarte*, Principe affeiçoadissimo ás Sciencias, e em algumas dellas mui versado, principalmente na Philosophia; e por isso que em si mesmo experimentava as vantagens, que tanto singularizam aos que as possuem, favorecia liberalmente os homens ingenhosos e doutos: este Monarcha, a quem podemos dar o titulo de verdadeiro sabio, escreveo muitas e differentes obras de grave importancia, merecendo entre estas recommendação especial a, que intitulou *Leal Conselheiro*, escripta a requerimento da Rainha D. Leonor, sua esposa, a quem o dedicou: desta Obra, á qual se ajuntou outra do mesmo Rei, que tem por titulo *Livro da ensinança de bem cavalgar toda sella*, acaba de fazer-se ha menos de dous annos em Paris uma bem elaborada edição copiada do ms. depositado

na Bibliotheca Real da dita cidade; e da mesma obra sahio á luz em Lisboa no anno de 1843 outra edição igualmente accurada, e feita sôbre outra copia do ms. citado, que pessoa de muito louvavel patriotismo, e de reconhecida erudição, transladára por sua propria letra, durante a sua emigração em França, entre os annos 1828, e 1834 (47.ª). — *Vasco Fernandes de Lucêna*, Chanceller da Casa do Civel, Chronista-mór do Reino, Guarda-mór da Tôrre do Tombo, e Conde Palatino, foi um dos sabios jurisconsultos, que elRei D. Duarte mandou ao Concilio de Basilêa, no qual se fêz admirar assim pelo seu profundo saber juridico, como pelas eloquentes orações latinas, que recitou a diversos Pontifices. — *ElRei D. Afonso V.*, grande cultor das Letras, e favorecedor dos que as professavam, nas quaes deixou irrefragaveis testemunhos da sua erudita penna (48.ª). — Do appellido de *Zacuto*, ou *Çacuto* houve em Portugal neste Periodo tres sabios Escriptores, se é que não fôram somente dous, ou talvêz um só, e este o ultimo dos três, que passâmos a individuar, e de cuja penna sahiram as obras aos três attribuidas: Tal é a incerteza, ou pelo menos a variedade de noticias, que correm ácerca dos dous primeiros! Do primeiro destes, apenas designado pelo appellido de *Zacuto* ou *Çacuto*, Judeo Portuguêz, dão noticia os Attestados, que andam á frente da Parte I. da *Monarchia Lusitana*, attribuindo-lhe um escripto, intitulado *Tratado do Cli-*

ma da Lusitania, que nos mesmos Attestados se diz existia na Livraria de Alcobaça, escripto em letra de mão, e em Lingua Portugueza mui antiga : Foi offerecido a elRei D. Afonso III., segundo Manoel de Faria e Souza (a), ou a D. Affonso V., conforme Barboza (b), citando a Francisco Soares de Brito (c), e conforme Antonio Ribeiro dos Santos, que seguio a Barboza (d). O segundo dos tres, conhecido pelo nome de *Diogo Rodrigues Zacuto*, é commemorado pelo Jesuita Francisco da Fonseca na sua *Evora Gloriosa*, impressa em 1728, como natural d'aquella cidade, o qual este escriptor, e Barboza querem fosse autor de umas *Taboas Astronomicas*, pretendendo Antonio Ribeiro dos Santos que é este, de quem escreve Damião de Goes (e) as palavras seguintes : *Çacutus Judæus Lusitanus, magnus Astrologus*; e para vindicar a existencia do qual, differente dos outros dous, grandemente se esforça o mesmo Ribeiro dos Santos (f); mas sem que das *Taboas Astronomicas*, que lhe são attribuidas, houvesse já-

---

(a) *Europa Portugueza* Tom. III. Part. IV. cap. 8. num. 11 : o mesmo Faria e Souza no *Epitome de las Historias Portug.* Part. IV. cap. 18, dá este *Zaçuto* como contemporaneo d'elRei D. Afonso II. ! ! !

(b) Bibliot. Lusit.

(c) *Theatr. Lusit. Litter.*

(d) Memorias de Litteratura Portugueza da Academia Real das Sciencias de Lisboa em 4. Tom. VIII, pag. 222.

(e) De Fertilit. Hispan. na Hispan. Illustrata.

(f) Em a Nota (e) á Memoria já citada.

mais conhecimento algum entre os eruditos, e mathematicos; acrescendo o dizer dellas Fonseca, que haviam sido impressas, e Barboza que existiam manuscriptas (49.ª). O terceiro finalmente, cuja existencia é incontestavel, teve o nome de *Abrahão Zacuto*, Astronomo d'elRei D. Manoel, o qual escrevêo, e tinha composto desde o anno de 1473 o livro rarissimo, intitulado *Almanack perpetuum Celestium motuum astronomi Zacuti, cujus radix est* 1473, impresso em Leiria em 1496, e por elle dedicado ao Bispo de Salamanca, em cuja Universidade foi Professor de Astronomia, e da qual cidade alguns o fazem natural, posto que outros querem que fôsse Portuguêz: o bem conhecido Francisco de Borja Garção Stóckler no seu *Ensaio Historico sôbre a origem e progressos das Mathematicas em Portugal* escreve ácerca deste livro as palavras seguintes: « Obra hoje extremamente rara, da qual até o presente não vi mais, do que um só exemplar, que existe na real bibliotheca da Côrte, impresso em Leiria no anno de 1436 ». (N. B. Ha na obra de Stóckler êrro quanto á data da impressão, devendo ler-se 1496.) + *Fernão Lopes*, Chronista-mór destes Reinos, o qual emprego mereceo pela celebridade, que havia adquirido assim da autoridade da pessoa, como da sua grande sciencia na Historia profana: desempenhou elle o seu dever de Chronista, escrevendo todas as Chronicas dos Soberanos Portuguezes, desde o Conde D. Henrique, até

elRei D. Duarte, as quaes lhe são com graves fundamentos attribuidas por Damião de Goes (a), por Gaspar Estaço (b), e por Manoel de Faria e Souza (c): no seu estilo reina uma nobre simplicidade, e na opinião de Mr. Ferdinand Denis, um dos sabios extrangeiros mais conhecedores, e exactos apreciadores da Litteratura Portugueza, é Fernão Lopes um historiador verdadeiramente superior ao seu Seculo; acrescentando em Nota, que teve razão o critico Portuguêz, Francisco Dias Gomes, em dizer, que foi elle o primeiro, que mais dignamente escrevêo a Historia na Europa (d). — *Gômes Eanes*, ou *Anes de Azurara*, como o antecedente, Chronista-mór de Portugal, Guarda-mór da Torre do Tombo, foi herdeiro em partes do seu talento: alentado com os favores e mercês d'elRei D. Afonso V., chegou a ser proveitoso escriptor de historias, deixando algũas de sua composição, que bem dão a conhecer a sua vasta erudição e gosto; quaes, por exemplo, a que foi pela primeira vez impressa em Paris no anno de 1841 debaixo do titulo de *Chronica do Descobrimento e Conquista de Guiné*, alem de outras ha muito já conhecidas e publicadas (50.ª). — *Duarte Galvão*, Chronista-mór de

(a) Chronica d'elRei D. Manoel. Part. IV. cap. 38.
(b) Antiguidades Portug. cap. 21.
(c) Prologo da Part. 1. da Asia Portugueza.
(d) Résumé de l'Histoire Littéraire de Portugal, chap. V.

Portugal, emprego que lhe dèo elRei D. Afonso V, por sua grande prudencia, talentos e erudição (51.ª), qualidades eminentes, que se deixam ver na Chronica d'elRei D. Afonso Henriques, por elle composta, ou antes reduzida a melhor estilo. — *D. João de Menezes*, chamado por outro nome *Amadêo*, o qual sendo irmão do primeiro Conde de Portalegre, D. Diogo da Silva, trocou o mundo pelo Claustro, onde se mostrou um vivo exemplar de todas as virtudes christãas, e alli compôz algumas obras de notavel recommendação, que lhe grangeáram nome distincto entre os escriptores ecclesiasticos (52.ª). — *Fr. João Sobrino*, ou como outros escrevem, *Consobrino Demencio*, escriptor Theologo, e Lente de Theologia na Universidade de Oxford, ou de Athen, como quer o autor da *Biblioteca Lusitana*, as quaes duas opiniões concilia o erudito autor das *Memorias Historicas do Ministerio do Pulpito*, dizendo, que elle se graduára em Theologia na Universidade de Oxford, e fôra Lente de Prima da mesma Faculdade na de Athen. — *ElRei D. João II.* em fim é digno de ser mencionado entre os sabios Portuguezes deste Periodo; por quanto, sem falar de outros seus estudos, e conhecimentos, foi insigne cultôr da lingua Latina, como se vê de uma Carta, que escrevêo a Angelo Policiano em 23 de Outubro de 1491, persuadindo-o a que escreva no idioma Latino ou Toscano a Historia de Portugal: esta Carta e a resposta de Angelo Poli-

ciano andam no Tomo II. das Provas da Historia Genealogica por D. Antonio Caetano de Souza. &c.

PERIODO VI.

Desde o anno 1495, *até o de* 1580,

ou

Desde o começo do Reinado do Senhor D. Manoel, até o principio da usurpação Castelhana.

O fim do Seculo XV, começo glorioso do Reinado do Senhor D. Manoel no anno de 1495, abre a porta ao mais bello Periodo da Litteratura Portugueza. Foi no afortunado governo deste Principe tão justamente célebre, e nos dous que immediatos se lhe seguiram, que as Letras chegaram em Portugal a tocar o seu Zenith; por quanto este Periodo reune em si os nomes illustres da maior parte dos grandes homens, que por seu fecundo ingenho, talentos e sabedoria immortalizaram os fastos litterarios da Nação Portugueza. Na verdade Erudição Sagrada e profana, Historia, Eloquencia, Poesia, estudo de Linguas, Jurisprudencia Canonica e Civil, Medicina, Mathematica, em uma palavra, todos os ramos do saber humano, por aquelle tempo co-

nhecidos e professados nos paizes mais cultos da Europa, tudo chegou entre nós a um gráo de perfeição e gosto mais facil de ser admirado, do que imitado.

O commercio de paizes remotos, e o conhecimento de um Mundo nôvo haviam disposto as cabeças Portuguezas, para nellas se conceberem novas e grandes idêas; e devemos declaral-o, nenhuma de todas as nações da Europa reunia tantos e tamanhos elementos para elevar-se até a immortalidade sôbre as azas do ingenho, como a Portugueza, pelos seus vastos descobrimentos terrestres e maritimos, de cujos fructos ella tinha ainda por esse tempo o dominio exclusivo. As longas e arriscadas navegações, que eramos incessantemente obrigados a fazer, afim de progredirmos em as nossas conquistas da Asia, da Africa e da America, nos poseram na necessidade de levarmos a um grande auge de adiantamento as theorias nauticas, diariamente corrigidas e aperfeiçoadas pela nossa mesma prática. Admittida porèm a estreita ligação, que se dá entre a sciencia da Navegação e as duas com ella intimamente ligadas, a Geographia e a Astronomia; os progressos, que n'aquella fizemos, deveriam convencer ainda aos mais preocupados contra o nosso saber, de que nas duas ultimas seriamos tambem distinctos, e pelo menos iguaes, se não superiores ás nações mais adiantadas nestes dous ramos de conhecimentos scientificos. E' por isso que os nossos mesmos rivaes, ou máos avaliadores a

outros respeitos, se não escusaram á confissão desta verdade, de que tamanha gloria nos resulta. Bastará apontar aqui as formaes palavras de um delles somente, ao qual a força da verdade não poude deixar de arrancar as seguintes expressões : « Os antepassados dos actuaes Portuguezes possuiram de certo mais verdadeiros conhecimentos astronomicos, geographicos e nauticos, do que talvêz todas as outras Nações Européas até o meado do Seculo decimo-sexto, e ainda por algum tempo depois » (53.ª).

Com effeito só o espirito da mais céga prevenção e injusta parcialidade é que poderia negar-nos a superioridade a todas as mais Nações nas Sciencias Mathematicas durante o Periodo, pelo qual vamos discorrendo. Nós tinhamos naquelle tempo, entre muitos outros Mathematicos insignes, um *Pedro Nunes*, e este nome per si só é bastante para illustrar as paginas litterarias de uma Nação culta : a perfeição, que este sabio Portuguêz dèo ao Astrolabio, o qual do nome do aperfeiçoador ficou sendo chamado *Nonius*, denominação por que é conhecido ainda entre nacionaes e extrangeiros; e os muitos e luminosos Escriptos, com que enriquecêo as Mathematicas, (54.ª) tiram toda a suspeita de parcialidade a este elogio.

Foi a Poesia um dos ramos da Litteratura, em que tambem muito sobresahimos neste Periodo a todas as mais Nações Européas, apenas emparelhando comnosco o paiz de Ita-

lia : nem houve quasi genero algum de poemas, conhecido e cultivado pelos antigos mestres desta Arte Divina, ou Gregos ou Romanos, que não fosse por nós abraçado e desempenhado com grande reputação e gloria do nome Portuguèz. E assim devia acontecer; por quanto o variado espectaculo da virgem Natureza, que em toda sua gala, opulencia e magestade se apresentava aos olhos dos nossos ousados descobridores nos paizes outrora escondidos de ambos os Hemispherios, dando origem a idèas novas e sublimes, inspirava ao ingenho creador dos nossos poetas os mais bellos conceitos, os quaes eram por elles expressados na opulenta, flexivel, dôce, numerosa e harmonica linguagem Portugueza, levada neste Periodo a um gráo de perfeição o mais subido.

O Poema *Os Lusiadas* do immortal Camões foi indubitavelmente a primeira epopêa traçada debaixo de um plano original, e adornada da verdadeira poesia do estilo, qual o requere a grandeza e a magestade de um poema épico, que a moderna Europa vio brotar do seio da sua apurada Litteratura (55.ª), e bem pode dizer-se tambem, que a *Castro* do nosso illustre Antonio Ferreira, aindaque alguns annos posterior á *Sophonisba* do italiano Trissino (56.ª), foi a primeira tragedia regular, que veio avivar-nos a memoria dos Euripedes e dos Sóphocles.

Era pelo mesmo tempo, que o nosso Portuguèz Gil Vicente fazia reviver na Scena

com o seu estilo facéto e jocôso o genio de Menandro, de Terencio e de Plauto (57.ª); e a Musa campezina e tão natural de Bernardes e de Bernardim Ribeiro (58.ª) apagavam-nos as saudades de Virgilio e de Theócrito.

Seria um nunca acabar, e alargar immensamente as raias, que nos temos proposto, escrevendo este *Ensaio historico*, o pretender fazer uma particular e miuda enumeração de todos os generos de Poemas, que adornam a Litteratura Portugueza neste formosissimo Periodo: entretanto não nos esqueceremos dos principaes, dos quaes reservâmos fazer a devida memoria no logar onde mencionarmos os escriptores, que mais distinctos se mostraram neste mesmo brilhante Periodo.

Não é justo porêm, que, fazendo-se neste logar honrosa memoria do talento e sciencia Mathematica, e do ingenho poetico, que tamanho lustre deram a Portugal nestas eras, deixemos de levantar um padrão distincto ao genio da Historia, no qual grangearam justo credito de verdadeiros conhecedores, e de seguidores perfeitos de todas as regras desta arte difficil aquelles entre os Portuguezes, que neste Periodo se dedicaram a um tão importante genero de composição. E sendo, como é, innegavel, que uma tão nobre disciplina chegou debaixo das pennas dos escriptores da antiga Roma á mais apurada perfeição de estilo, foi por isso que os nossos melhores historiadores daquella idade não tiveram cousa, a que mais cuidadosamente se applicassem, do

que a imitarem os grandes mestres, que o Seculo de Augusto, e os que immediatamente se lhe seguiram, lhes haviam deixado para modelos. Assim o nosso Diogo de Teive imitou com tamanha felicidade a Tito Livio, que por confissão de João Vaseu (a), se Teive completára a Historia Lusitana, que havia promettido, seria nella inimitavel: Assim o Bispo D. Jeronimo Osorio na Vida, que escreveo em Latim, d'elRei D. Manoel, excedendo ao seu modelo, Suetonio, quasi igualou o mesmo Cicero em estilo, erudição e eloquencia: E João de Barros nas suas *Decadas da Ásia* foi tão exacto em guardar as partes de um bom historiador, quaes são a verdade, a clareza, a individuação e o juizo, que por isso lhe chamam o Tito Livio Portuguèz (59.ª), chegando a tanto a reputação, que adquirira por suas historias, que o Pontifice Pio IV. lhe levantou estatua no Vaticano, junto com a de Ptolomeu (b); e os Venezianos fizeram o mesmo, collocando-a entre as dos Varões mais insignes (60.ª).

A ninguem deve causar admiração, que os Portuguezes levassem a palma ás mais nações da Europa em alguns ramos das sciencias Mathematicas, e em todo o genero de Litterarios conhecimentos de erudição e gosto, em um tempo, no qual muito embora a maior

---

(a) Vaseu, Chronic. Tom. I. cap. 4.

(b) Manoel Severim de Faria, *Vida de João de Barros.*

parte dellas, animadas do espirito geral do Seculo, como por uma força imperiosa e irresistivel, tendiam a emancipar-se da anterior barbaridade, por meio da cultura de todas as Artes e Sciencias : Portugal, sem falar nas razões, que lhe eram particularissimas, para distinguir-se em certas applicações litterarias de ingenho e gosto, conforme atrás deixámos ponderado; teve de mais a mais a fortuna de ver neste Periodo á frente do seu Estabelecimento Social Monarchas verdadeiramente illustrados e amantes do progresso das Sciencias, e dos seus dignos cultores e propagadores : Por quanto, a começar por elRei D. Manoel, apenas este Soberano tomou nas mãos o Sceptro da Monarchia, um dos seus primeiros e mais assiduos cuidados foi o restituir á Universidade Portugueza, que tinha, ainda desde elRei D. Fernando, o seu assento em Lisboa, aquelle gráo de esplendor e de perfeição, a que ella se havia levantado nos dias da sua maior gloria : o que levou á execução, começando por dar-lhe mais bem ordenados Estatutos; creando de novo, primeiramente no anno de 1503, as Cadeiras de Vespera de Theologia, e de Philosophia Moral (61.ª); e depois no anno de 1518 a Cadeira de Astronomia, e a de Sexto das Decretaes (a); edificando novas Escholas, onde se lessem, e aprendessem as Artes e Scien-

(a) Notic. Chronolog. da Universid. de Coimbra, An. 1518, num. 983.

cias com toda a formalidade de Publico e Real ensino, e foi isto no logar, onde chamam ainda hoje *Escholas Geraes* : Sobre tudo levou a effeito o seu plano de melhoramento e perfeição das Letras com o consideravel acrescentamento, que dêo aos ordenados dos Professores, de cuja pequenêz, conforme ficou já notado em outro logar, se originou em grande parte a decadencia dos nossos estudos, governando elRei D. Afonso V.

Não é brazão de menor gloria para elRei D. Manoel, e é ao mesmo tempo novo testemunho do esmêro, com que attendia ao bem da Litteratura Portugueza, o cuidado, que mostrou em levar á perfeição nestes Reinos a arte Typographica, inventada pelo meado do Seculo XV : Por quanto, poucos annos depois do começo do seu governo, mandou vir para Portugal o Allemão João Cromberger, impressor de livros, o qual se havia feito distinguir naquella nova arte; e por uma sua Carta, dada em Santarem aos 20 de Fevereiro do anno 1508 (antes que elRei de França Luiz XII. privilegiasse no anno de 1513 aos impressores e livreiros da Universidade de Paris, como se lê no Diccionario de Trevoux (a)), lhe fêz graça e mercê, e a todos os impressores, que nos seus Reinos e Senhorios usassem a nobre arte da Impressão, de que gozassem daquellas mesmas graças e privilegios, liberdades e honras, que haviam, e deviam haver os Ca-

(a) Tom. 3. Col. 910. in fin.

valleiros da sua Real Casa, por elle confirmados; posto que não tivessem armas, nem cavallos, segundo as Ordenações; e que por taes fossem tidos e havidos em toda a parte, com tanto que possuissem de cabedal duas mil livras de ouro, e *fossem Christãos velhos*, *sem raça de Mouro*, *nem de Judeo* (taes erão as ideas do tempo), nem suspeita de algũa herezia, nem incorrido em infamia, nem em crime de Lesa Magestade.

Acabámos de dizer, que elRei D. Manoel tinha mostrado grande zêlo por fazer chegar á perfeição neste Reino a arte Typographica, e não que fôra o primeiro de nossos Monarchas, que em Portugal havia dado acolhimento a esta Invenção nunca assás louvada, firme sustentaculo das Letras, e Palladio venerando dos Conhecimentos humanos; pois é fóra de toda a duvida que desde o Reinado do Senhor D. João II., ou talvêz do Senhor D. Afonso V., se achava ella já em mui diffundido uso neste nosso Reino. E por isso que o prompto acolhimento, dado pela Nação Portugueza a um tão importante Invento, é uma gloria muito real e digna de ser conhecida e apregoada; visto ser ella por ventura uma das primeiras, entre todas as mais Nações da Europa, depois da Allemãa, que soube conhecer o valôr, e fazer o devido apreço da arte Typographica: E porque, de mais disto, não julgâmos improprio deste nosso *Escripto* o dar alguma luz sôbre tal assumpto; exporemos aqui summariamente os fundamentos, que ha,

para poder asseverar-se com bastante probabilidade, que a introducção da Typographia em Portugal data de um tempo mui proximo ao da sua invenção; e em seguida daremos noticia de algumas das primeiras edições, que nestas remotas idades sahiram das imprensas Portuguezas.

Sirva de primeiro fundamento d'aquella nossa asserção a noticia, que anda na explicação, que o erudito jurisconsulto Pedro Afonso de Vasconcellos faz á Rubrica *De Renunciatione* logo no principio, parte segunda, onde diz: « que os primeiros caracteres metallicos de Impressão, que se viram em toda Hespanha, depois do invento desta Arte admiravel, foram os que estiveram em Leiria, patria do mesmo Vasconcellos, em honra da qual (continua dizendo) não quiz calar esta noticia, que lhe foi participada por pessoas, que assim o tinham ouvido da propria bôcca do grande Pedro Nunes, Cosmographo-mór deste Reino, e de outros homens doutos » (62.ª).

Pelo que, sendo verdadeira esta memoria, deve reconhecer-se anterior ao anno de 1485 a arte de Imprimir em Portugal; pois de um livro impresso em Saragoça neste mesmo anno encontrâmos informações em as *Noticias Chronologicas da Universidade de Coimbra*, escriptas por Francisco Leitão Ferreira (anno de 1534, numero 1176), onde nos diz este Autor = que na livraria de Ignacio de Carvalho e Souza, Academico Real do numero,

Cavalleiro Fidalgo de Sua Magestade, Professo na Ordem de Christo, e nella Commendador, Secretario do Ex.mo Duque Estribeiro-mór, vira um Livro de folha, e letra gothica, a que só faltava o frontispicio, e que continha 238 paginas, na ultima das quaes se liam as seguintes palavras : « Fenecem los Evangelios, e Epistolas, sequier Liciones de los Domingos, e fiestas sollemnes de todo el anyo; e de los Santos e Apostoles, euangelistas : martiles; confessores; virgines : e finados : e la glosa, o apostilla sobre ellos. La qual obra fue acabada de trasladar por micer Gonçalo Garcia de Santa Maria, jurista ciudadano de çaragoça a XXIIII. de Deziembre del anyo mil cccclxxxiiii. e fue la susodicha obra emprẽptada en la sobredita Ciudad por industria, e costa de paulo hurus alaman de Constancia a XX. de febrero del anyo mil cccclxxxv. ». =

Tomando bem assim por fundamento a mesma noticia de Vasconcellos, acima transcripta, foi a arte Typographica em Portugal anterior ainda ao anno de 1478; pois deste anno consta ser a primeira edição, que em Hespanha se fêz do *Sacramental* de Clemente Sanches Verceal, Arcediago de Valdeiras na Igrêja de Leão em o mesmo Reino de Hespanha (63.ª).

Se porêm merece credito o testemunho do Diccionario de Moreri, edição de Paris de 1753, na palavra *Imprenta*, muito mais longe ainda, do que isto, remonta a data da intro-

ducção da arte da Impressão neste Reino de Portugal; por quanto no logar apontado escreve o Autor d'aquelle Diccionario as seguintes frases : « Dice Mendes de Sylva en su Catalogo real de España, que esta noble arte fue conocida en este reyno antes del año de 1453, lo qual sirve casi a fixar la epoca de esta invencion ». Por consequencia se quizermos estar pelo testemunho do nosso Pedro Afonso de Vasconcellos, que atrás copiamos, e o confrontarmos com as duas mencionadas edições de livros, feitas em Hespanha, uma no anno de 1485, e outra no de 1478, e mais que tudo com esta derradeira memoria, citada por Moreri, existio entre os Portuguezes a arte de Imprimir não só anteriormente aos annos de 1485 e de 1478, porêm ainda ao anno de 1453; visto haver sido, confirme diz Vasconcellos, a Cidade de Leiria a primeira povoação das Hespanhas, onde teve uso a maravilhosa arte da Impressão.

Nem deve ficar em silencio neste logar, antes merece ser produzido como segundo fundamento da opinião, por nós sustentada, o documento apontado pelo Conde da Ericeira, e por elle encontrado na selectissima Livraria do Conde de Vimieiro, aindaque não seja possivel descobrir a verdade na fonte; porque o fatal incendio de Lisboa no terremoto de 1755 devorou as preciosidades d'aquelle thesouro. Todavia o illustre Academico, depois de haver examinado a mencionada Livraria, e dando conta dos seus estudos na Real

Academia de Historia Portugueza, diz, como testemunha de vista, o seguinte : « Tambem entre os impressos permanecem muitos esquisitos, e entre elles as Obras do Infante D. Pedro, com esta declaração no fim. *Este Livro se imprimio seis annos depois que em Basilêa foi achada a famosa arte da imprimissão.* O que serve muito para averiguar a Epocha deste admiravel invento, e disputar a gloria a Moguncia, e mostrar a brevidade, com que se introduzio em Portugal (a).

A'cerca destas mesmas Obras do Infante D. Pedro escreve Soares da Silva nas Memorias para a Vida d'elRei D. João I. as palavras, que passâmos a copiar (b) : « as deste (Infante) se imprimirão sem mais data, que huma, que podia ser mais clara, para saberse o verdadeiro anno, em que a impressão se inventou; porque na Livraria, que foy do Cardeal Souza, e existe na casa dos Duques de Lafões, Marquezes de Arronches, se acha hum Livro de quarto, que contêm as Obras Poeticas do Infante D. Pedro, e diz no fim, *que forão impressas nove annos depois de inventada a famosa Arte da Imprimissão;* (são palavras do mesmo Livro) porèm não declara o anno, em que se imprimio ».

Entre estes dous documentos ha, é certo,

(a) Collecção dos Documentos e Memorias da Real Academia de Histor. Portugueza. An. de 1724. num. 23. fol. 7.

(b) Tom. I. Liv. 1. cap. 72. §. 437.

variação, quanto ao numero dos annos, posteriores á invenção da Typographia, a que é attribuida a impressão do Livro do Infante D. Pedro; nóte-se porêm, que a noticia do Conde da Ericeira é dada por elle, como testemunha de vista, o que não acontece com a de José Soares da Silva: A critica decidirá, qual dellas merece mais fé. Como quer que seja, ambas ellas dão testemunho a favor da opinião, que sustentâmos; isto é, que a introducção da arte de Imprimir em Portugal remonta a um tempo mui chegado ao da sua invenção.

Eis os argumentos, que a nossa diligencia poude descobrir para fundamentar uma opinião tão honrosa para a Nação Portugueza, qual é a prompta introducção, que teve neste Reino a arte Typographica, quasi desde o seu berço (pelos annos de 1464 ou 1465, segundo o Academico Antonio Ribeiro dos Santos (a)), talvèz antecipando-se tambem neste novo genero de gloria, bem como em outros muitos, ás mais Nações Europeas (exceptuadas por ventura somente a Hollandeza e a Italiana); o que serve para mostrar mais claramente ainda o zèlo e o ardor, com que os nossos antepassados lançaram mão de tudo, quanto servia para promovèr a Litteratura e as Sciencias, no que eram apoiados, e franca e liberalmente favorecidos pelos illustrados Monarchas d'aquelles gloriosos tempos.

(a) Memorias da Litteratura Portugueza Tom. VIII. Part. I. pag. 15. Nota (b), ediç. de 4.

Contam-se entre as diversas Obras nas Linguas Hebraica, Latina e Portugueza, que sahiram á luz publica das Typographias Portuguezas no mesmo Seculo da invenção de tão admiravel, como importante Arte, alem das Obras poeticas do Infante D. Pedro, impressas em anno e logar incertos, mas provavelmente pelos annos de 1464, ou 1465, e com igual probabilidade em Portugal, como com mui plausiveis razões deixou provado o Academico Antonio Ribeiro dos Santos na sua já citada Memoria, sôbre as origens da Typographia em Portugal no Seculo XV. (a) : No anno de 1485 a obra Hebraica, intitulada *Sepher Orach Chaiim*, ou *Livro do caminho da vida* de Rabbi Jacob Ben Ascer, impresso em logar incerto : No anno de 1488 a traducção Portugueza do *Sacramental* de Clemente Sanches Verceal, de logar tambem incerto (b) : Em 1489 o *Pentateuco Hebraico*, com os Commentarios de Rabbi Moses, e Rabbi Mosche Nachman, impresso em Lisboa : Em 1490 o *Breviarium Eborense* : Em 1491 o *Pentateuco Hebraico*, com a Paraphrase Caldaica de Onkelos, e Commentarios de Rabbi Salomão Jarchi : Em 1492 os *Proverbios*, com os Commentarios de Gerson, e de Rabbi Mein ; todos estes tres, bem como o antecedente, impressos em Lisboa : Em 1494 os *Profetas Primeiros* tambem em Hebraico, com o *Targum*,

(a) Vid. Nota (b) a paginas 9 da Memoria citada.
(b) Vid. no fim deste nosso *Ensaio* a Nota (65.ª).

e Commentarios de Kimchi, e de Rabbi Levi Ben Gerson, edição de Leiria; e no mesmo anno de 1494 o *Breviarium Bracarense*, impresso em Braga: Em 1495 o livro *de Vita Christi*, composto por Rodolfo de Saxonia Cartusiano, trasladado do Latim para lingoagem Portugueza a instancias da Infanta Duqueza de Coimbra, a Snr.ª D. Isabel, mulher do Infante D. Pedro, por Fr. Bernardo de Alcobaça, Monge de Cister, Abbade do Mosteiro de S. Paulo, impressão de Lisboa: Em Leiria e no anno de 1496 o *Almanack perpetuum celestium motuum*, composto por Abrahão Zacuto, Astronomo d'elRei de Portugal D. Manoel, obra da qual faz menção, entre outros, o Mathematico Stockler no seu *Ensaio Historico sôbre a origem e progressos das Mathematicas em Portugal*, como atrás deixámos mencionado, quando tratámos dos sabios e eruditos, que illustraram o Periodo antecedente, onde ficou tambem notado o erro de data da primeira impressão desta Obra de Zacuto, que se lê no *Ensaio Historico* do citado Stockler: Neste mesmo anno de 1496 o *Missale Bracarense*; e a *Estoria do muy nobre Vespasiano emperador de roma*, impressos ambos em Lisboa: Em 1497 *Isaias*, e *Jeremias* em Hebraico, com os Commentarios de Kimchi; e o *Breviarium secundum consuetudinem Compostellane Ecclesié*: Em 1498 o *Breviarium Bracarense*, e o *Missale Bracarense*, novas edições; todas estas quatro ultimas obras impressas tambem em Lisboa.

Taes são por ordem chronologica as principaes Obras, que, temos certeza, sahiram dos typos Portuguezes no Seculo XV., sendo todavia de presumir que muito mais acrescido seria o seu numero, como opina o Autor da Memoria, que por differentes vezes deixâmos citada, para a qual remettemos os curiosos de mais ampla illustração sôbre esta materia.

Menos, do que elRei D. Manoel, se não mostrou desvelado seu filho e Successor o Senhor D. João III. em promovêr os litterarios estabelecimentos do Reino de Portugal; começando pela transferencia da Athenas Lusitana para as aménas margens do Mondego, cujas aguas, saudosas ha tanto da sua companhia, e do suave commercio, que de tempos antigos travado haviam com as Musas Portuguezas, depois do longo espaço de 160 annos de ausencia, viram restituir-se-lhes de novo no anno de 1537 aquelle precioso Deposito da Litteratura Nacional, agora muito mais acrescentado em honras, em privilegios, em rendas e em numero de Cadeiras, regidas pelos mais illustrados ingenhos Portuguezes e extrangeiros, mandados buscar por aquelle sabio Monarcha ás mais insignes Universidades da Europa, com grandissimo dispendio da fazenda publica.

São provas igualmente da sua Real munificencia, e affeiçoado amor ás Letras, tantos Collegios de Seculares e de Regulares, por Elle em Coimbra levantados dos fundamentos, e dotados de grossas rendas, onde quiz

se creassem varões doutos em todos os ramos de erudição sagrada e profana, os quaes, formando um só côrpo com as Escholas Academicas, fossem como outras tantas pedras preciosas, engastadas naquelle Regio Athenêo (a); levado ao maior auge de perfeição, de que era capaz o seu Seculo: Donde resultou florecerem eminentemente no seu Reinado toda a casta de Sciencias e de Boas-Artes, deixando por sua morte cheios de Sabios os seus Reinos.

Mas porque será talvêz occasião de reparo para alguem, que, enumerando nós no principio deste Periodo as differentes especies de Saber, em que Portugal florecêo nestes tempos, e em alguns dos quaes levou vantagem ás mais cultas Nações da Europa, somente da Philosophia não fizessemos especial menção: Para justificarmos este nosso silencio, e para fazermos ver, que muito de proposito, e fundados em boa razão foi que omittimos falar desta parte, sem a menor duvida, uma das mais importantes da humana Sabedoria: e a fim de mostrarmos a limpeza de tenção, e a sinceridade, com que mettemos mãos ao trabalho de côoperar, quanto em nós cabe, para a gloria litteraria da nossa Nação, escrevendo este *Ensaio Historico*, com que se despertarão talvêz alguns mais eruditos e apurados ingenhos para escreverem a Historia Lit-

(a) Tudo jaz extincto e aniquilado hoje ás mãos do *Progresso*!....

teraria da Lusitania e Reino de Portugal; passâmos a dar a razão do nosso silencio a tal respeito com as seguintes reflexões, que de todo nos não parecêram destituidas de fundamento.

Aquella parte da Historia dos homens, e por ventura a mais interessante, ainda que a mais desprezada de todas, a qual tem por objecto mostrar e fazer patente o desenvolvimento e progressos do espirito humano na cultura das Letras e das Sciencias; aos olhos intellectuaes do atilado e attento observador apresenta o seguinte facto: Que, falando em geral, o gosto pelas Artes de ingenho e de imaginação precede na ordem dos tempos ao gosto da Philosophia e das Sciencias severas, quando circunstancias extraordinarias não vem perturbar esta marcha: E' por isso que ainda a Grecia nem sequer sonhava, em que viria a ser o berço e a patria um dia dos grandes Mestres da Philosophia e das Mathematicas; e já os doces e amenos sons da Poesia encantavam todos os ouvidos, e prendiam todas as almas com as harmonias do metro: Na verdade Homero e Hesiodo foram anteriores a Thales e a Pythagoras; Pindaro e Sapho florecêram muitos annos antes, que Platão e Aristoteles fossem os arbitros da Philosophia (64.ª). Entre os Romanos havia muito já que Plauto e Terencio honravam a Scena, quando Cicero fazia domiciliar no Lacio as Philosophias da Grecia; nem é ignorado por pessoa alguma, que os illustres nomes de Virgilio,

de Horacio, de Ovidio precederam em tempo aos de Plinio, de Ptolomeu e de Celso.

Passando aos tempos modernos, Dante, Petrarca e Bocacio deram ao paiz de Italia uma reputação immortal, antes que elle podesse gloriar-se dos seus Pomponacio, André Cesalpino e Aldrovando: e quem não sabe, que a *Jerusalem* do famoso Tasso vence em antiguidade mais de meio Seculo a publicação, que o grande Galilêo fêz dos seus descobrimentos Physico-Astronomicos? Assim a França houve os seus Ronsard e Malherbe, antes que nella florecessem Descartes e Gassendi; Moliere, Corneille, Boileau e Racine anteciparam-se a Bufon, Condillac, Lavoisier e La Place. Assim na Inglaterra Shakespear e Milton precederam em tempo a Loke e a Newton.

Se porêm em Portugal foram cultivados com gloria, desde a instituição da Academia de Sagres, aquelles ramos das Sciencias Mathematicas, que tem uma influencia directa sôbre as felizes emprezas maritimas; circunstancias muito extraordinarias, que são difficeis de verificar-se em uma nação de vulgares espiritos, mas que por fortuna se acharam reunidas no meio de um Pôvo de Heroes (que taes erão os Portuguezes d'aquelles memoraveis tempos), e sôbre tudo o genio unico, e a infatigavel constancia do Infante D. Henrique; foram estas extraordinarias circunstancias, nós o repetimos, as, que só poderam formar uma notabilissima excepção a essa mar-

cha regular da Natureza no desenvolvimento do espirito humano, que a Historia Litteraria do Mundo nos apresenta.

Esta pois a razão, por que a Nação Portugueza no Periodo, de que estamos tratando, vio dentro em si o genio das Mathematicas chegado ao gráo de perfeição, que os nossos assombrosos Descobrimentos só eram capazes de afiançar; e isto em um tempo, que era para nós a epocha das Artes da imaginação e do gosto, e em que não só em Portugal, mas ainda em outro algum paiz da Europa se não fazia idêa do que era verdadeira Philosophia (65.ª), e muito menos do gráo de perfeição, a que ella, com todos os outros severos e transcendentes estudos haviam de chegar nos fins do Seculo XVII., e dahi por deante em uma progressão sempre crescente até hoje.

Assim que, á vista do antecipado desenvolvimento e progressos do espirito Portuguêz, relativamente ás Sciencias Mathematicas, que a nossa Nação apresentava já neste Periodo, e ainda no antecedente, qualquer homem medianamente pensador, a quem seja desconhecida a Historia das fatalidades tristissimas para as Letras, para a boa Moral e para a Politica, que nos opprimiram no Periodo, que immediatamente se lhe seguio, e cujas sementes começavam já a germinar no que lhe antecedeo, não poderá deixar de persuadir-se, de que o reinado da Philosophia, e de todas as mais Sciencias meramente intellectuaes,

havia de começar a manifestar-se em todo o seu vigor entre os Portuguezes por todo o correr do Seculo XVII. em proporção dos immensos e robustos renôvos litterarios, que os antecedentes Seculos, e maiormente o Decimo-sexto tinham produzido e espalhado por todo o nosso Paiz. Todavia as infaustas calamidades, de que Portugal foi theatro, e foi victima quasi por todo o Seculo XVII., e já pelos fins do antecedente, mallograram as grandes esperanças de Scientificos progressos, que o estado das cousas promettia, e fazia prudentemente conceber.

Mas, antes de passarmos, em conformidade do nosso plano, a traçar um ligeiro esbôço desse Seculo luctuoso, seja-nos permittido, para remate da mui lustrosa gloria da Litteratura Portugueza deste Periodo, sôbre que estamos escrevendo, o dar uma curta lista de alguns dos nossos nacionaes mais distinctos, que nos differentes ramos do Saber humano adquiriram para si e para a Patria, assim dentro, como fóra della, uma reputação estabelecida sôbre solidos fundamentos, reputação que durará tanto, como o gosto e apreço, que entre os homens tiverem todas as Boas-Artes, e Litterarios Conhecimentos.

E começando por aquelles Portuguezes benemeritos, que nas Universidades extrangeiras deram mostras de sua grande erudição e talentos, occupando com dignidade differentes Cadeiras de publico ensino, faremos aqui menção de todos os, que poderam chegar ao

nósso conhecimento, pertencentes à este Periodo; advertindo ao mesmo tempo, que não serão poucos talvêz os que deixaremos na escuridade do silencio, por nos não ter sido possivel fixar ao certo as verdadeiras epochas da sua existencia.

Ensinaram pois Theologia na Universidade de Paris *Alvaro Gomes*, e seu irmão *D. Pedro Fernandes Sardinha*, primeiro Bispo do Brasil, os quaes ambos a lêram depois em Salamanca: Foi Lente da mesma Faculdade em Paris *André de Gouvêa*, que a ensinou tambem em Bordeaux, onde foi Professor de Humanidades *Diogo de Teive*; Na mesma Universidade de Paris lêo Philosophia *Payo Rodrigues de Villarinho*, e Boas-Artes *Pedro Fernandes*, e Eloquencia *D. Antonio Pinheiro*. Da Universidade de Tolosa foi Reitor, e lêo Theologia na Cadeira de Vespera *Fr. Agostinho da Trindade*, Religioso Graciano, da qual foi tambem Lente em Bordeaux: E na mesma de Tolosa ensinaram Medicina *Pedro Vaz Castilho*, e *Francisco Sanches*, o ultimo dos quaes regêo ahi igualmente uma Cadeira de Philosophia, e de ambas estas Faculdades foi tambem Lente em Montpellier: Em a dita Universidade de Tolosa, e na de Valença no Delfinado, e bem assim nas de Cahors, e de Grenoble dictou Jurisprudencia Civil *Antonio de Gouvêa*, o qual era irmão de *Marçal de Gouvêa*, Lente de Humanidades no Poitou, e ambos elles sobrinhos de *Diogo de Gouvêa*, que foi Reitor do Collegio de Santa Barbara em Paris.

Em Salamanca ensinou Rhetorica e Lingua Grega *Ayres Barboza*, o qual foi o restaurador das Letras Gregas na Hespanha, e tão conceituado do famoso Antonio de Nebrixa; que deixou recommendado em seu testamento entregassem as suas Obras ao Portuguêz Ayres Barboza, para que as emendasse: Na mesma Universidade foram Lentes de Leis *Antonio Gomes*, *Manoel Mendes de Castro*, *Manoel da Costa*, *Heytor Rodrigues*, e *Ayres Pinhel*; de Mathematica *Pedro da Cunha*; de Philosophia Moral *Pedro Margalho*; de Lingua Latina *Francisco Martins*; e de Medicina *Manoel Nunes*, e *Gabriel Gomes*, dos quaes este a lêo tambem em Valhadolid: e de Philosophia foi Professor em a dita de Salamanca *Henrique Fernandes*, e *Henrique Jorge Henriques*, e *Luiz de Lemos*, que ensinou tambem Medicina em Elerena na Andaluzia: e dictou Bellas-Letras na mesma de Salamanca *João Fernandes*, o qual igualmente as lêo em Alcalá: na Universidade de Salamanca em fim fôram Lentes de Canones *Fr. Luiz de S. Francisco*, Religioso Franciscano, e *Manoel Soares da Ribeira*: Em Valhadolid regentou uma Cadeira de Theologia *Fr. Nicolau Coelho*, da Ordem da Santissima Trindade, e de Medicina *Antonio Alvares*, Lente da mesma em Alcalá; e nesta Universidade foi tambem Lente de Medicina *Fernando de Moura*. Em Gandia lêo o *Padre Manoel de Sá*, Jesuita, uma Cadeira de Theologia; e em Ossuna uma de Escri-

ptura *Fr. Alberto de Faria*, Religioso Carmelita. Em Alcalá teve a Cadeira de Prima de Medicina *Fernando de Mena* ou de *Mina*, como outros escrevem. Occupou em Sevilha a Cadeira de Prima de Medicina *Francisco Franco*, e a de Anatomia *Dionisio Velho*.

Na Sapiencia em Roma ensinou Direito Pontificio *Jorge Calhandro*, e Leis *Paulo Calhandro*, e *Paulo Cordeiro*; e Humanidades *João Vaz da Motta*, *Achilles Estaço*, e *Thomé Corrêa*, o qual as lêo tambem em Bolonha, e em Palermo. Dictou Leis em Bolonha *João de Deos*, e na Universidade de Napoles *Antonio da Gama*; e lêram a mesma Faculdade em Ferrara *Luiz Teixeira Lobo*, que depois foi Mestre do Senhor D. João III., e em Pisa *Bento Pinhel*, o qual a ensinou tambem em Praga na Bohemia. Em Padua foi Professor de Letras-Humanas *Francisco de Brito*, e de Theologia *Fr. Antonio de Padua*, Franciscano. Em Lovaina forão Cathedraticos de Theologia *Fr. Agostinho da Graça*, Eremita Augustiniano, e *Fr. Antonio de Senna*, da Ordem dos Pregadores: E ultimamente ensinou Medicina em Ferrara *João Rodrigues de Castello-Branco*, mais conhecido pelo nome de *Amato Lusitano*.

Todos estes sabios Professores ou já com a sãa doutrina, que a seus discipulos ensinaram nas differentes Universidades extrangeiras; ou já com os doutos Escriptos, que das pennas de alguns delles sahiram, se imprimiram, e corrêram por toda Europa, fizeram patentes

ao Mundo Litterato a vastidão e profundidade de seus conhecimentos; e o convencêram de que em Portugal se haviam perfeitamente naturalizado as plantas da Erudição e das Sciencias, como em terreno o mais apropriado para o feliz desenvolvimento, e completa madureza de seus fructos.

De mais destes Portuguezes distinctos na republica das Letras, illustraram Portugal, e adquiriram maior ou menor celebridade pela Europa nos differentes ramos de Saber, durante este Periodo, começando pela Theologia, como Sciencia de mais alta sublimidade pelo seu Divino Objecto: alem de outros *Diogo de Paiva de Andrade*, natural de Coimbra, o qual no Concilio de Trento admirou com a sua erudição e elegancia a quantos o escutaram, e foi elogiado por differentes pennas extrangeiras e nacionaes, entre outras, pela do elegante historiador, Fr Luiz de Sousa, na Vida do Arcebispo D. Fr. Bartholomeu dos Martires (Liv. II. Cap. 17.), onde, falando d'aquelle varão respeitavel, assim se expressa: « Outro foy o Doutor Diogo de Payva d'Andrade, que indo por Theologo d'elRey D. Sebastião, se fêz amar e respeitar de todos os Padres do Concilio pelas suas grandes Letras, aviso e prudencia, de que fazem illustre testemunho os escritos, que deixou em Lingoa Latina e vulgar ». — *D. Fr. Bartholomeu dos Martires*, da Ordem dos Pregadores, Arcebispo de Braga, um dos mais conspicuos Prelados, que fôram ao men-

cionado Concilio Tridentino, no qual a instancias suas se trataram, e decidiram pontos importantissimos de Disciplina Canonica, quaes, entre outros muitos, o da reforma pessoal do Clero, da residencia dos Prelados e de todos quantos possuem Beneficios curados, &c. Deste Arcebispo, perfeito exemplar dos Principes da Igreja Catholica, alem de grande numero de obras Theologicas de estimavel apreço, corre impresso em differentes edições o seu muito bem ordenado *Cathecismo*, ou *Doutrina Christãa*, e *Praticas Espirituaes*, para todos os Domingos, e principaes Festas do anno, no qual Livro, com linguagem mui pura, se encontra doutrina sãa, enunciada no estilo mais insinuante e accommodado á capacidade do povo ainda o menos illustrado. — *Fr. Francisco Foreiro*, tambem da Ordem dos Pregadores, que assistio, como Theologo, no dito Concilio, onde por sua erudição e reconhecido juizo occupou o logar de Secretario da Junta, ordenada (palavras do citado Fr. Luiz de Souza) « para a censura dos livros (prohibidos) e feitio de um Index delles, o qual fèz na forma, que oje se lê. E ao mesmo encommendou tambem o Papa depois do Concilio reformar o Breviario e Missal Romano, dando-lhe por companheiros dous Prelados tambem da nossa Ordem, que forão Leonardo Marino Arcebispo Lancianense, e Egidio Fuscarario Bispo de Modena; e juntamente lhe mandou compôr um Catecismo, que fosse obra mui

perfeita : O que tudo fizerão pontualmente á custa de muito trabalho ». Este Cathecismo é o denominado *Cathecismo Romano*, que corre impresso com o seguinte titulo *Catechismus ad Parochos, ex Decreto Sacrosanti Concilii, jussu Pii V. Pontificis Maximi editus.* Do mesmo Fr. Francisco Foreiro (acrescenta o citado Sousa) « e de suas letras e grandes partes avia entre aquelles Padres tal satisfação, que se affirma que a mor parte do texto, que oje temos deste Sagrado Concilio foy composição sua » (a). — *D. Fr. João Soares*, Eremita Augustiniano, o qual por suas virtudes e letras soube conciliar de tal modo a affeição d'elRei D. João III., que o nomeou seu Pregador, e Confessor, Esmoler e Mestre de seus dous filhos, os Principes D. Filippe e D. João : foi tambem Deputado do Conselho Geral do Santo Officio da Inquisição, e ultimamente Bispo de Coimbra, na qual cidade fundou, entre outros Estabelecimentos pios, sobre as abobadas da Igreja de Santiago, a Casa da Misericordia, a que deixou 300$000 de juro : Assistio ao Concilio de Trento, e deante d'aquelle autorizado Congresso deo claras mostras da sua grande facundia oratoria, da qual nos deixou um testemunho, digno de ser aqui transcripto, o citado Historiador Fr. Luiz de Souza na Vida do Arcebispo (Liv. II. Cap. 17.), cujas palavras são as que se seguem : « Foy eminen-

(a) Vida do Arcebispo Liv. II. cap. 8.

tissimo no ministerio do pulpito : tanto, que os mayores pregadores do seu tempo lhe reconhecião a ventagem, e como a segundo Demosthenes o veneravão » : Escreveo finalmente muitas obras Theologicas de reconhecido merecimento. — *Fr. Manoel Rodrigues*, Franciscano, venerado em Salamanca por todos os Cathedraticos como profundissimo Theologo. — *Fr. Thomé de Jesus*, Eremita Augustiniano, irmão do illustre já atrás mencionado, Diogo de Paiva de Andrade, o qual em differentes obras suas, e principalmente na que intitulou *Trabalhos de Jesus*, por elle composta durante o seu captiveiro em Maquinez, depois da desastrosissima batalha de Alcacer Quivir, deixou um perfeito exemplar de estilo e de frase, e um testemunho irrefragavel do seu elevado espirito e grande coração : esta obra fêz-se tão recommendavel, que foi traduzida e impressa nos idiomas Latino, Castelhano, Francêz e Italiano. — *Fr. Jeronimo da Azambuja*, chamado vulgarmente *Oleastro*, da Ordem de S. Domingos, dignamente louvado ainda hoje pelos singulares Commentarios, que fêz ao Pentateuco. — *D. Jeronimo Osorio*, Bispo do Algarve, de quem fizemos já menção acima como historiador perfeito, tambem grandemente applaudido por seus Commentarios e Paraphrases a differentes Livros da Sagrada Escriptura, e por outras mais obras Theologicas. — *Fr. Heitor Pinto*, Religioso de S. Jeronimo, insigne expositor dos Profetas Maiores, bem conhecido

particularmente por seus elegantes e muito eruditos Dialogos, que intitulou *Imagem da Vida Christãa*, escripto de reputação tão distincta, que mereceo ser trasladado em Latim, Francêz, Italiano e Castelhano, e muitas vezes impresso. — *Fr. Rodrigo do Porto*, que escreveo o Livro importante, intitulado *Manual dos Confessores*, o qual foi a primeira *Summa*, que tivemos desta Sciencia: della dá o seguinte testemunho o Doutor Navarro: « Lo que me parece pues della, Christiano lector, ante Jesu Christo, nuestro universal juzgador, es que a mi juizio muchos años ha, que ninguna obra de su tamãno se imprimió, ni en Latin, ni en Romance Portuguez, Castellano, ni Francez tan provechosa y segura para los Confessores y Penitentes, como esta, sacados los Textos de los Canones: » a data da sua primeira impressão é de 1549 e 1552. Coimbra, &c.

Em Jurisprudencia Civil e Canonica, alem dos que deixámos apontados no Catalogo dos Portuguezes, que nas Universidades extrangeiras honraram a Patria, adquiriram direito, para ser postos aqui em memoria, os seguintes: *Duarte Caldeira*, grande imitador de Covarruvias e de Manel da Costa, seus mestres, que muito se gloriaram de o ter por discipulo. — *Gonçalo Vaz Pinto*, *luz dos juristas*, *seus contemporaneos*, como lhe chama Manoel de Faria e Souza, Lente da Universidade Portugueza em Lisboa, e depois em Coimbra. — *Bartholomeu Filippe*, o qual cau-

sou grandes invejas pela sua Litteratura aos maiores Professores da Jurisprudencia das Hespanhas, seus contemporaneos. — *Alvaro Valasco*, eximio e famoso Jurista, que por sua vasta erudição e ingenho mereceo, e alcançou as estimações d'elRei D. Sebastião, elevando-o ao honorifico emprego de Dezembargador dos Aggravos, o qual desempenhou com universal applauso. — Ultimamente *Gabriel da Costa*, *Rodrigo* ou *Ruy Lopes da Veiga*, como lhe chama o autor da *Bibliotheca Lusitana*; todos estes, sem que mencionemos outros muitos igualmente benemeritos, foram Cathedraticos de Jurisprudencia em a nossa Universidade de Coimbra, onde por seu excelente methodo de ensino, e pelas obras, que escreveram, deixaram apos si muito louvavel reputação, e claros documentos do seu grande saber, conforme ás idêas d'aquelles tempos; merecendo por isso que os seus nomes vivam até a mais remota posteridade.

Na Eloquencia ganharam applausos em Portugal *Diogo de Paiva de Andrade*, e *D. Fr. João Soares*, já contados entre os Theologos distinctos. — *Achilles Estaço*, mui afamado até fora da Patria por sua grandissima erudição. — *D. Antonio Pinheiro*, Chronista-mór do Reino, Bispo de Miranda, e de Leiria. — *Lucio André de Resende*, homem de tão remontados talentos, e vasta Sciencia, que é ainda hoje lido e estudado pelos eruditos das mais sabias nações. — *Diogo de Teive*, famigerado tambem como historiador, e como

tal já por nós mencionado no principio deste Periodo. — *D. Francisco de Mello*, primeiro Bispo nomeado para Gôa, de cuja Dignidade não chegou a tomar posse, postoque já sagrado, por haver sido prevenido pela morte. — *D. Jeronimo Osorio*, já contado como Theologo, e como Historiador mui distincto. — *O grande João de Barros*, cujo nome per si só forma o seu elogio; e outros e outros, que seria muito longo memorar.

Como Poetas honraram os annaes da nossa Litteratura, alem dos que atrás deixámos já apontados, o illustre Conimbricense *Francisco de Sá de Miranda*, o qual foi dos primeiros, que introduzio na poesia pastoril o genero moral, empregando em suas Eglogas, e principalmente nas suas Redondilhas um estilo mui natural e sentencioso, que lhe grangeou o titulo de *Platão Portuguêz* : nem menos deve deixar de ser posto em memoria, que foi elle quem em Portugal compôz as primeiras Comedias regulares. — *Jorge de Montemor*, Poeta de notavel elegancia, que na primeira parte da sua *Diana* merece ser proposto para modelo, e na fabula de *Pyramo e Tisbe* quasi não tem quem o iguale : Delle escreve o erudito editor da *Lusitania Transformada*, impressa em 1781, no Prefacio : « Certamente na Diana ha huma naturalissima simplicidade no narrar, e ao mesmo tempo ornato : e as virtudes, que eu julgo sobresahir mais naquelle escritto, são huma grande subtileza em argumentar, e res-

ponder, e huma admiravel força em sustentar huma rezão; de sorte que nesta parte se pode Jorge de Montemor comparar com Euripedes, e Accio ». — *Fernão d'Alvares do Oriente*, que na sua *Lusitania Transformada* deixou claras mostras de excellente e raro ingenho: os seus versos são de uma grande facilidade, doçura e suavidade, e pelo que respeita á harmonia do metro, excedem muito aos que lêmos na maior parte das composições dos seus contemporaneos: Deste poeta faz o seu já nomeado editor o juizo, que se segue: « Imita a Sannazaro na sua *Arcadia*, e bem que a obra Italiana seja de maior merecimento, porque seu Autor tinha maiores forças, assim de saber, como de engenho; todavia a Portugueza nem por isso deixa de ser acredora de hum distincto lugar entre as obras deste genero ». (66.ª) — *Pedro de Andrade Caminha*, poeta lyrico de grande elegancia e ingenuidade, sem embargo da dureza da sua versificação em geral. — *O famosissimo Luiz de Camões*, que de mais de Poeta Epico de merito transcendente, compôz em quasi todos os mais generos poeticos obras grandemente apreciaveis, taes, como Sonetos, Odes, Canções, Eglogas, Elegias, e até Comedias, &c. — *Diogo Bernardes*, a quem já rendemos nossos devidos cultos nas primeiras paginas deste Periodo, unindo o seu nome ao do *Saudoso Bernardim Ribeiro*, como poetas ambos, que ennobrecêram o genero pastoril, tornará a ser lembrado aqui, até por ser o unico dos poe-

tas do seu tempo, que se mostrou, se não affeiçoado do coração ao grande Camões, pelo menos uma vêz sequer pregoeiro dos seus sublimes talentos, que tanta, ao que parece, emulação, por não dizer inveja, causaram aos seus contemporaneos, dos quaes nem só um, á excepção de Bernardes, se dignou de nomeal-o!!! Para fazermos recommendaveis as poesias de Diogo Bernardes, contidas principalmente nas suas Eglogas e Elegias, bastará transcrevermos neste logar algũas poucas frases do justo apreciador da Litteratura Portugueza entre os modernos extrangeiros Mr. Ferdinand Denis, que, escrevendo do nosso poeta, diz assim: « Este autor brilha sobre tudo pela escolhida pureza do seu estilo, pela elegancia das suas formas poeticas, e avantaja-se em pintar com encantos as paizagens que se lhe offereciam á vista » (a). — *Jeronimo Côrte Real* nas suas differentes composições poeticas, e sobre todas no seu *Naufragio de Sepulveda*, escripto pela maior parte em verso sôlto, deixou-nos creditos de poeta digno de ser lido pela posteridade erudita; mas nunca para ser comparado, nem de muito longe, com o immortal Autor dos *Lusiadas*, como tem parecido a alguns Criticos extrangeiros (b). — *Antonio Ferreira*, famoso particular-

---

(a) Résumé de l'Histoire Littéraire de Portugal. cap. 12. pag. 195.

(b) Vid. Mr. Ferdinand Denis Résumé de l'Histoire Littéraire de Portugal, chapit. 18. pag. 275. — Id. Ca-

mente no genero Lyrico e Epistolar, sendo que neste ultimo, mais do que em todos, quasi cada um dos seus versos é uma delicada sentença : Tambem distincto no Comico em prosa. — *Marçal de Gouvêa*, cujo nome vai já contado entre os dos Lentes Portuguezes nas Universidades extrangeiras, poeta laureado em Paris : Nas suas composições Latinas, as quaes sahiram a luz com o titulo de *Carmina*, *Elegiæ*, *Epistolæ*, imitou a facilidade e riqueza de Ovídio. — *Henrique Cayado*, celebre poeta Latino, discipulo de Policiano em Italia : A communicação dos melhores ingenhos, que naquelle tempo floreciam em Ferrara, Bolonha e Florença, o aperfeiçoou de maneira, que de todos foi estimada a sua veia poetica, desenvolvida em Eglogas, Sylvas e Epigrammas de muita regularidade, juizo e ingenho : Para rematar dignamente a memoria deste nosso tão insigne, quão pouco conhecido poeta, julgâmos não poder encontrar-se expressão alguma mais apropriada, do que as palavras do Mestre Resende, extrahidas da sua Oração *de Sapientia*, com a qual foi aberta a Universidade de Lisboa no 1.º de Outubro de 1534, e são ellas as seguintes, vertidas em vulgar : « Henrique Cayado, poeta digno de entrar em comparação com os antigos, foi de tal maneira louvado por Eras-

---

moens et ses Contemporains, pag. XLVI. — Id. Chroniques Chevaleresques de l'Espagne et du Portugal, Tom. second. pag. 101.

mo, varão de agudissimo ingenho, e no julgar os escriptores verdadeiro Aristarcho do nosso Seculo, que o elogio, feito por elle ao nosso Henrique, causa grande inveja ás nações, a quem não é agradavel o nome Portuguêz. Este mesmo poeta egregio, antes de se ir á Italia, cuja morada lhe foi tão fatal, completou primeiro nesta Eschola debaixo da disciplína do Grammatico Rhombo os seus poeticos estudos. (67.ª)

Em Historia, alem dos por nós apontados no principio deste Periodo, fazem-se credores de serem aqui postos em memoria : *Fernão Lopes de Castanheda*, o primeiro, que escreveo a Historia do descobrimento e das armas Portuguezas na India, Historia que comprehendeo em dez Livros até o governo de D. João de Castro, dos quaes todavia se acham impressos somente oito até fins do governo de D. Nuno da Cunha : escreveo esta Historia com grande individuação e verdade, supprindo a sinceridade da narração a elegancia do estilo; pelo que merecêo, que alguns dos seus primeiros Livros fossem traduzidos para os idiomas Italiano, Francêz e Hespanhol. — *Fernão Mendes Pinto*, que compôz o celebre Livro de suas peregrinações, o mais bem escripto em Historia, que havia em Portugal até o seu tempo, na opinião de Manoel de Faria e Souza : as muitas traducções, que desta obra existem em Linguas differentes, comprovam a grande estimação, que della fizeram os extrangeiros. — O muito erudito *Lu-*

cio *André de Resende*, o qual escreveo grande numero de obras historicas de applaudido merito assim no idioma Latino, como no Portuguêz, sendo uma das principaes, a que tem por titulo *De antiquitatibus Lusitaniæ* em quatro livros, seguidos de outro não menos curioso *De antiquitatibus Eboræ*, patria do autor. — *Gaspar Barreiros*, discipulo e sobrinho do Historiador João de Barros, varão em que concorrêram muitas Letras e ingenho, como deixa ver, entre outras obras, a sua *Chorographia* (68.ª), em que descreve miudamente todos os logares, por onde passou desde Badajoz até Milão, quando, sendo ainda Cónego da Sé de Evora, foi mandado no anno de 1546 pelo Senhor D. Henrique, então Arcebispo d'aquella Metropole, ao Pontifice Paulo III. a dar-lhe as graças, por havêl-o elevado á dignidade Cardinalicia (a). — *O Padre João de Lucêna*, Jesuita, insigne historiador da vida de S. Francisco Xavier, na qual trata de muitas curiosidades da Asia, e foi traduzida em Italiano, Francêz, Castelhano e Latim, signal evidente de haver sido reputada perfeita no seu genero. — *Damião de Goes*, Guarda-mór da Torre do Tombo, e Chronista-mór deste Reino no tempo d'elRei D. João III., o qual compôz em Latim muitos e varios escriptos historicos, tanto relativos á Africa e Asia, como a Portugal e Hes-

---

(a) Manoel Severim de Faria, Vida de João de Barros.

panha; e em Portuguêz as Chronicas do Senhor D. João II. em quanto somente Principe, e a d'elRei D. Manoel, a que dêo um gráo de perfeição de linguagem, desconhecido aos Chronistas, seus antecessores, &c.

Nas Mathematicas fizeram-se celebres neste Periodo, de mais do já lembrado, e tão famoso *Pedro Nunes* : o *Infante D. Luiz*, filho d'elRei D. Manoel, um dos mais aproveitados discipulos d'aquelle grande Mestre, segundo se colhe das seguintes palavras do Chronista Goes : « Nas artes liberaes teve por meste ho Doutor Pedro Nunes, Portuguêz de nasção, que foi nellas hum dos doutos homens do seu tempo, nas quaes este Principe foi tambem doctrinado, que se as quizera ler publicamente, ho fizera, sem lhe faltar auditorio, e nellas compôz hum livro de modos, proporçoens e medidas » (a). — *Diogo de Sá*, Cavalleiro Portuguêz, o qual escrevêo tres livros, que intitulou *De Navigatione*, obra por elle dedicada a elRei D. João III., e impressa em volume de 8.º em Paris no anno de 1549 : nella teve por objecto impugnar, como com effeito fèz, não só a resposta, que o Doutor Pedro Nunes dêo ás duvidas, que Martim Afonso de Souza lhe propôz, mas tambem as razões, com que exalta as navegações dos Portuguezes sôbre todas as outras dos antigos : Deste livro, na verdade eruditissimo, faz menção Nicolao Antonio na sua *Bibliothe-*

(a) Chronica d'elRei D. Manoel Part. 1. cap. 10.

ca Hispanica (a). — *Thomaz de Torres*, medico e mathematico insigne d'elRei D. Manoel, que o occupou em lhe mandar fazer alguns juizos astronomicos, encarregando-o tambem de dar lições dos principios de Astronomia ao Principe, seu filho, o Senhor D. João, que depois foi Rei; e elle com effeito lhe explicou a theórica dos Planetas, e algumas cousas mais da Sciencia Astronomica, em que foi mui experto, assim como em outras Sciencias: Delle se lembra com elogio Damião de Goes (b), e o Chronista-mór Francisco d'Andrada (c). — *Fernando Alvares Sêco*, o qual fêz uma Descripção, ou Mappa de Portugal mui exacto; e por ser digno de estimação, o mandou imprimir em Roma o illustre Portuguêz Achilles Estaço, e o dedicou ao Cardeal Sforcia no anno de 1560. *Fernando de Magalhães*, um dos homens mais peritos em Nautica do seu tempo: a sombra, que lançou sôbre a sua famosa reputação, sahindo-se de Portugal, desnaturalizando-se depois, e offerecendo seus serviços ao Imperador Carlos V., não deve impedir que o seu nome passe á posteridade, glorioso por seu grande ingenho, animosidade e constancia; pois foi elle o primeiro, que emprehendeo a circumnavegação do Globo, buscando caminho para as Indias-Orientaes pelo rumo do Poente, e embocan-

(a) Tom. I. pag. 241. col. 1.
(b) Chronica d'elRei D. Manoel, Part. IV. cap. 84.
(c) Chronica d'elRei D. João III, Part. I. cap. 3.

do e correndo o Estreito ao Sul da America, que do seu nome ficou sendo chamado *Magallanico* até o dia de hoje. — *Gaspar Barreiros*, mencionado já como historiador, foi tambem distincto nas Mathematicas, mais que tudo na parte Geographica : os seus Escriptos serviram de grande proveito para emendar os erros dos Mappas da Asia; pelo muito que sabia da nossa navegação; e pela grande communicação, que teve com seu tio João de Barros. — *Luiz Teixeira*, Cosmógraphomór do Reino, recommendavel por suas litterarias producções, das quaes viram a luz publica as seguintes, *Descriptio Insularum Tertiarum*; *Descriptio Insulæ Japoniæ*; *Magna Orbis terrarum nova Geographica et Hydrographica Tabula, delineata in maiorem formam.* — *D. João de Castro*, que, depois de uma vida empregada toda com a maior honra e desinteresse no serviço da Patria, findára os seus dias Vice-Rei da India, merece ser aqui tambem commemorado por seus grandes conhecimentos mathematicos, mormente no ramo applicado á Nautica, do que temos um testemunho sem réplica no seu *Roteiro*, *em que se contêm a viagem, que fizeram os Portuguezes no anno de* 1541, *partindo da nobre cidade de Gôa até Soez . . . &c.* : Durante toda a viagem de ida e volta, foi sempre D. João de Castro notando os portos, mares, alturas do Polo, com todas as outras cousas pertencentes á Navegação, tudo mui particularmente, como quem nesta arte era douto e

intelligente : Foi esta obra com toda a probabilidade escripta primeiramente em Latim com o titulo de *Itinerarium Maris Rubri*, e aperfeiçoada e posta em Portuguêz pelo Autor, depois de haver voltado para Portugal : Permanecêo inedita até o anno de 1833, e quasi perdida de todo; até que tendo sido encontrada casualmente na riquissima Bibliotheca do Musêo Britanico de Londres pelo Doutor Antonio Nunes de Carvalho, actual Lente de Direito na Universidade de Coimbra, foi por este fielmente copiada, e depois impressa no anno acima dito a expensas de alguns Portuguezes, benemeritos das Letras, que a esse tempo se achavam emigrados em Inglaterra.

Na Medicina alcançaram nome distincto, afóra os apontados no catalogo dos Lentes nas extrangeiras Academias; *Manoel Brudo Lusitano*, filho de *Dionysio Lusitano*, mais conhecidos entre os Inglezes, do que entre nós : Destes o primeiro deixou notaveis documentos do seu saber no livro, que intitulou *De ratione victus in febribus*, impresso em Veneza no anno de 1534; e o segundo igualmente na sua obra, escripta com a seguinte epigraphe, *An in pleuritide debeat sanguis emitti ab eodem latere &c.* — *Diogo da Silva*, excellente Professor de Medicina em Roterdam, e Paris. — *Garcia de Orta*, tão habil Medico, como Botanico, nôvo Plinio e Dioscórides, e verdadeiro Linêo Portuguêz pelo desvelo, com que se applicou a indagar as virtudes das

plantas Indianas, de que deixou um Livro intitulado *Coloquios dos simples e drogas e cousas medicinaes da India, e fructas achadas nella*, o qual se imprimio em Gôa no anno de 1563, e foi traduzido nos idiomas Latino, Hespanhol, Italiano e Francêz : Foi pois este Portuguêz, quem dèo a conhecer á Europa as Drogas e Simplices do Oriente, tão necessarias para a intelligencia dos Medicos Arabes : O grande Camões, que se achava em Gôa no tempo, em que o *Doutor Garcia de Orta* imprimia naquella Cidade o dito Livro, celebrou elegantemente a memoria deste insigne Medico e Botanico Portuguêz em uma Ode em seu louvor, dirigida a D. Francisco Coutinho, Conde de Redondo, e Vice-Rei da India, na qual implora para o Autor a graça do mesmo Vice-Rei. : Anda esta Ode entre as poesias miudas do Poeta, e é a que começa assim :

Aquelle unico exemplo
De fortaleza heroica e ousadia,
Que mereceo no Templo
Da Fama eterna ter perpetuo dia,
O Grão filho de Thetis, que dez annos
Flagello foi dos miseros Troyanos. (69.ª)

Christovão da Costa, bem como este ultimo, célebre Medico e Botanico, o qual escreveo um Livro, que tem por titulo, *Tratado de las Drogas y Medicinas de las Indias Orientales, con sus plantas debuxadas al vivo*; do Prefacio do qual Livro, da penna do mesmo Autor, se collige, que nelle não fêz mais,

do que traduzir a Obra de Garcia de Orta, seu mestre (omittido o estilo de Colloquios ou Dialogos), do idioma Portuguêz para o Hespanhol, acrescentando-lhe algumas cousas de sua propria observação e experiencia, e illustrando-o com as figuras das plantas e fructas, de que dá noticia. — *Thomaz Rodrigues da Veiga*, pai do célebre jurisconsulto Rodrigo ou Ruy Lopes da Veiga, atrás em seu competente logar commemorado : foi Fisico-mór dos Monarchas D. João III., e D. Sebastião, Lente de Prima na Universidade de Coimbra, autor de differentes obras de Medicina de grande estimação e crédito : Nicoláo Antonio, quando na sua *Bibliotheca* fala deste Medico illustre, faz aos Portuguezes o magnifico elogio, de dar-lhes a preferencia no estudo da Medicina. — *Antonio Luiz*, um dos homens mais eruditos, que neste Periodo honraram Portugal : desde os seus primeiros annos dedicou-se todo ao estudo das Linguas, da Eloquencia e da Historia, no qual fêz admiraveis progressos : com estes conhecimentos adiantou-se de modo na Philosophia e na Medicina, que foi chamado por elRei D. João III. para explicar aos seus discipulos na Universidade de Coimbra Aristoteles e Galèno na propria Lingua Grega : Em honra deste Portuguêz egrégio é bem acrescentar aqui, que elle foi não só muito erudito, e excellente Grego; mas tambem que usou de Boa Latinidade, e soube Mathematica, e entre as differentes partes da Philosophia, distinguio-se

na Ethica : Sôbre tudo o, que põe a corôa ao seu elogio, é o grande mérito, que mais que muito o illustra, e particularissimamente o caracteriza, de ter sido o primeiro, que conhecêo as forças da *Attracção Universal*, conforme o dão claramente a conhecer as suas mesmas palavras, que se lêm no Proemio, posto por elle á frente do Livro segundo da sua obra *De occultis Proprietatibus*, mui limpamente impressa em Lisboa no anno de 1540, as quaes, passadas para Portuguêz, são como se seguem : « Manifesta-se pois extensissimamente esta força attractiva nas sementes, nas plantas, nos metaes, nos animaes : E atrevo-me finalmente a affirmar, que se acha derramada por toda a natureza uma certa força attractiva, que prende cada um dos sêres com um nexo indissoluvel : Pois não será facil o poder encontrar-se cousa alguma, que para com qualquer outra ou não tenha uma amiga familiaridade, ou que de communicar-se com a sua natureza não repugne, de cuja conveniencia, ou desconveniencia direi, que resultam as attracções. E' esta força a, que liga com invisiveis laços o mundo; fazendo que todas suas partes, postoque situadas a grandissimas distancias, se contenham em seus logares, e delles se não arredem : Ella faz entre si ajuntar as cousas similhantes : Ella impede a confusão da ordem no universo; donde resulta, que todas, quantas cousas existem, qualquer que seja o logar, que occupem, (bem á similhança das fileiras de um

exercito dispostas pelo seu general) conservam o seu pôsto, sem temerariamente se intrometterem umas com outras; mas, guardando coactas o seu logar na congenita série dos entes ». (70.ª) « Aqui (diz o erudito Autor das *Memorias Historicas do Ministerio do Pulpito*) pode haver sabor Peripatetico; porêm este foi o, que reformou Newton » : e fica a gloria da invenção da famigerada hypothese da *Attracção Universal* em todos os corpos da Natureza sem a menor duvida pertencendo de direito ao nosso Portuguêz, *Antonio Luiz* (71.ª) : O que deo motivo justissimo para ser elle cantado pela Musa de Elpino Duriense na Epistola a Almeno, em que igualmente celébra o nosso Garcia de Orta (72.ª) (a).

Mas para que se não pense, que em Portugal não era cultivada tambem neste Periodo essa tal ou qual Philosophia, que tinha então voga na Europa, (se é que o honrado nome de Philosophia pode ser applicado aos enredos e partidos de antigas Escholas Gregas, cegamente admittidos e sustentados); alem dos muito illustres cultores da nobre sciencia philosophica, *Garcia de Orta*, e *Antonio Luiz*, mencionados no paragrapho antecedente, que com alguns poucos tinham já aberto os olhos á boa luz, escreveremos aqui os nomes de outros mais Portuguezes, que por este mesmo tempo adquiriram celebridade neste ramo de estudos, seguidos por elles debaixo de um pla-

(a) Vid. Nota (72.ª) no fim deste *Ensaio*.

no menos vicioso, do que permittia o atrazamento do Seculo; e são os seguintes: *Francisco Sanches*, atrás numerado no Catalogo dos Lentes Portuguezes em as Academias extrangeiras, homem grandemente erudito não só na Medicina, mas tambem nas Mathematicas, e na Philosophia superior á do seu tempo; e que, com quanto opposto aos dogmas Peripateticos, como deixou ver notando os erros de Porphyrio e de outros na Dialectica; todavia, afim de poupar-se ao odio dos partidistas de Aristoteles, e aos seus desastrosos effeitos (73.ª), propôz-se a mostrar a inepti-dão de toda a Philosophia dogmatica no Livro, que intitulou *De multum nobili, et prima universali Scientia, quod nihil scitur*, no qual se esforça por provar, que tudo, quanto se ensina nas differentes Sciencias são meras incertezas. — *Antonio de Gouvêa*, tambem já mencionado entre os Lentes em as extrangeiras Universidades, o qual ajuntou á reputação de consummado Jurista, a de mui atilado Philosopho, do que deo provas, chegando a convencer publicamente em França deante de muitos sabios ao tão illustre, quão infeliz Pedro Ramos, que se oppunha á doutrina de Aristoteles. — *Alvaro Thomaz*, que aprendeo Philosophia em Paris com o celebre Pedro Aliaco, o qual, sendo o maior mestre da Sorbona, dizia, que entre todos os philosophos de fama, só Alvaro Thomaz merecia a superioridade: Em testemunho do seu grande saber compôz, e imprimio um Livro dou-

tissimo no anno de 1510, cujo titulo era *De triplici motu*, altamente elogiado por Dionysio Faber, e por Jorge Bruneau. — *Jorge Gomes Pereira*, habil Medico, o qual na sua obra, que intitulou *Antoniana Margarita*, *opus Physicis utile &c.*, foi preludio aos investigadores da boa Fisica. — *Henrique Fernandes*, Medico, e já contado entre os Professores de Philosophia em Salamanca : dá testemunho da sua Sciencia nestas materias a Obra, que compôz com o titulo *De rer. natur. primordiis Sect. VIII.* — *Martinho de Figueiredo*, autor de um escripto intitulado *Comment. in Plin. Natural. Historiæ Prolegu. &c.*

Em remate, afim de melhor mostrarmos a fecundidade deste Periodo em Ingenhos Portuguezes de distincta reputação para a nossa Litteratura; e por não privarmos da sua bem merecida gloria o Sexo das graças; que faz as delicias da humana sociedade, maiormente quando á docilidade de caracter, e belleza da virtude ajunta a illustrada cultura de seu entendimento por meio de uma bem dirigida instrucção litteraria; não deixaremos no esquecimento os nomes conspicuos de algumas Senhoras Portuguezas, que, participando do impulso geral do seu Seculo, adquiriram direito a um renome immortal por seus talentos, erudição e sciencia, com que esmaltaram as qualidades amaveis mais proprias do seu Sexo : E podendo fazer aqui longa enumeração de muitas, lembrar-nos-hemos somente de algumas mais singularmente distinctas,

quaes forão : *A Infanta D. Maria*, filha d'elRei D. Manoel, perita nas Linguas Grega e Latina, na ultima das quaes compunha com muita elegancia e perfeição, como se vê de uma Carta, por ella escripta a sua mãi, a Rainha D. Leonor, que a esse tempo havia já passado a segundas nupcias com o Monarcha da França, Francisco I., a qual Carta anda na Vida da Serenissima Infanta, escripta por Fr. Miguel Pacheco (a) : Foi igualmente instruida na Philosophia, e nas Divinas Letras; e tão amante das Sciencias, que o seu Palacio era uma litteraria Academia de eruditas Damas, entre as quaes tinham os primeiros logares as duas irmãas Castelhanas, *Angela* e *Luiza Sigêa*. — *A Senhora D. Maria*, *Princeza de Parma*, sobrinha da antecedente, mui entendida nas sciencias philosophicas e mathematicas, e nas Letras Divinas. — *D. Lionor*, filha do Marquêz de Villa-Real, tão doutrinada nas Sciencias Divinas e humanas, e em differentes Linguas, que houve quem a contasse no numero dos escriptores ecclesiasticos por diversas Obras, que sahiram da sua erudita penna (b). — *Joanna Vaz*, Dama da Rainha D. Catherina, e natural da illustre cidade de Coimbra, a qual foi Aia e mestra da Infanta D. Maria, a principio nomeada; peritissima nos idiomas

---

(a) Liv. 2. cap. 2.

(b) Fr. Miguel Pacheco, Vida da Infante D. Maria, Liv. 2. cap. 2.

Latino, Grego e Hebraico, e igualmente douta nas Historias: escreveo differentes obras poeticas, e uma epistola ao Pontifice Paulo III. naquellas tres Linguas, de quem recebeo honorifica resposta. — *Paula Vicente*, filha do celebre poeta cómico Gil Vicente, cujo nome ficou posto em honrosa memoria no principio deste Periodo, e imitadora do enthusiasmo poetico de seu pai: foi Moça da Camara da Infanta D. Maria, e compôz *Comedias Varias*, e *Arte das Linguas Ingleza e Hollandeza para instrucção dos seus naturaes.* — *D. Helena da Silva*, Religiosa no Convento de Cellas junto a Coimbra, a qual foi eminente nos dons poeticos. — *Publia Hortencia de Castro*, que ardendo em desejos de instruir-se nas Sciencias, como, para poder frequentar as aulas, lhe servia de obstaculo o seu sexo, o desmentio, estudando em trage de homem, juntamente com seu irmão Jeronimo de Castro, na Universidade de Coimbra Humanidades, e depois Philosophia, da qual defendêo, contando apenas dezesete annos de idade, Conclusões publicas na cidade de Evora, com admiração de todos os espectadores, respondendo promptamente aos mais fortes argumentos, como testemunha L. André de Resende em uma Carta, escripta ao jurisconsulto Hespanhol Bartholomeu de Frias e Albernoz, cujas palavras, vertidas em Portuguêz, são as seguintes: « Por quanto, se nenhuma outra cousa aqui houvesse, que contemplar desejasses .... de certo tamanho se-

ria o prazer, que, seis dias depois da tua retirada, em teu espirito imprimíra a vista de uma joven de dezesete annos de idade, chamada Publia Hortencia de Castro, instruida alem do vulgar nos estudos Aristotelicos, disputando publicamente, e ao passo que muitos homens doutos se esforçavam por combater as suas theses, desfazendo-lhes com summa habilidade e graça as argucias de seus argumentos; que sem duvida confessarias nunca haver assistido a espectaculo mais formoso; nem poderias negar, que uma cidade, que tal donzella produz, sem fallar já na sua figura assás agradavel, era digna de se vir visitar somente por esta causa » (74.ª) : Foi tambem insigne na Theologia, do que dêo claras provas, sustentando em Elvas outras Conclusões, nas quaes merecêo ter por ouvinte a elRei D. Filippe II., que lhe dêo em applauso deste Acto litterario uma tença de vinte mil reis : Era Publia Hortencia de Castro uma das eruditas Damas, de que se compunha no Paço a Academia da Infanta D. Maria; e entre outras Obras, escreveo *Flosculus Theologicalis*, ou *Dialogos de varias questões Theologicas* : *Poesias varias*, Latinas e Portuguezas : *Cartas Latinas*, e *Portuguezas* a diversas pessoas, &c.

A este Periodo pertence tambem a fundação da Universidade de Evora pelo Cardeal Infante D. Henrique no anno de 1558, e em tempo que era Arcebispo d'aquella cidade, elevando á dignidade de Academia o Collegio,

que alli havia fundado, para que nelle primeiramente se ensinasse Latim, Grego, Virtude e Religião; mas, vendo depois o fructo, que dahi nascia, ordenou Lentes de Theologia, e edificou para aquella nova Universidade uma sumptuosa casa, a qual dotou de grossas rendas. Lia-se nella Theologia, Philosophia, e Latinidades: De Theologia Escholastica havia tres lições, uma de Escriptura, e duas de Theologia moral: Havia quatro Cadeiras de Cursos de Philosophia; e ensinavam-se em oito Classes Rhetorica, Humanidades e Lingua Latina; e mais duas de Ler e escrever. Aos Padres da Companhia encarregou o Cardeal Arcebispo a administração destas escholas, donde resultou não se derivarem d'aquelle Litterario Estabelecimento as grandes vantagens, que o seu Real Fundador se promettia, conforme se verá do que vamos escrever no Periodo seguinte: sendo que não somente por esta razão foi de pequeno fructo a fundação sôbredita; porêm, o que é mais, della até nasceram graves damnos para a agricultura da muito fertil Provincia do Alemtejo, verdadeiro celleiro de grande parte do Reino de Portugal, segundo se colhe das seguintes palavras de Manoel de Faria e Sousa no seu *Epitome das Historias Portuguezas* (a): « Fundó en Evora un sumptuoso Colegio i Universidad para los Padres de la Compañia, adõde tienem Escuelas generales, de

(a) Parte III. cap. 17.

que se aprovechan los naturales de aquellas partes con tal sequito, que veniendo muchos por ello a dexar la cultura de los campos, en cuyo exercicio se criaron, venieron a perderse muchas tierras, que fertilmente produzian el sustento de grande parte del Reyno, traido por esto a necessidad de pedir pan a sus propios enemigos ».

E para concluirmos mais gloriosamente ainda, se é possivel, este Periodo, o melhor brazão da Litteratura Portugueza, pôr-lhe-hemos o fêcho com o elogio, que do estado litterario Portuguêz nestes tempos traçou o illustre Justo Lipsio na sua Carta, escripta de Lovaina ao nosso erudito Manoel Corrêa aos oito das Kalendas de Novembro do anno de 1600, a qual é a Epistola 96 da Centuria *ad Italos et Hispanos*, onde se expressa pela seguinte maneira, passadas as suas palavras para Portuguêz : « Falo da vossa Nação, isto é, dos Lusitanos, famosos já desde antigos tempos assim nas armas, como nas Letras, as quaes (segundo conta Plutarcho), primeiro, que nenhum outro, introduzio no vosso paiz o Capitão Sertorio, e dêo á vossa mocidade o conhecimento da Litteratura Grega, e Latina. Acredita-me, Corrêa, ainda hoje as sementes d'aquelle instituto estam dando fructos; ainda hoje arde em vossos espiritos aquelle nobre fôgo, outrora acceso. Pois ouvimos com verdade, que em nenhum outro paiz de Hespanha são mais cultivadas as antigas artes, em prova do que temos assim os exem-

plos, como os vossos escriptos, os quaes tambem cá nos chegam, e o testificam » (75.ª).

PERIODO VII.

Desde o anno de 1580, *até o de* 1720,

ou

Desde a intrusão do governo Hespanhol, até a fundação da Academia Real de Historia Portugueza.

De bom grado passariamos nós em silencio os dias de luto para a Litteratura Portugueza, que offerece este Periodo desastroso, se acaso nos não tivessemos proposto a dar algumas idêas geraes sôbre o estado das Letras e das Sciencias em o nosso Paiz, não só nos seus Periodos de florecencia e de fructificação, como ainda nos de aridêz, de infecundidade, e de quasi acabamento, por que ellas tiveram infelizmente de passar : apontando ao mesmo tempo, assim como as causas principaes e mais notaveis da sua elevação e robustêz, igualmente aquellas, que as fizeram esmorecer, definhar, e quasi aniquilar de todo, depois de haverem chegado ao mais subido ponto de gloria e de luzimento. ——— E quem diria, olhando para o formoso quadro, que ao Mundo offereceo a Litteratura Portugueza no Pe-

riodo, de que acabámos de dar noticia, que, no que immediatamente se lhe seguio, em vèz de continuar em seus esperançosos progressos, havia elle de ir descahindo lentamente sim, mas sem parar, até ver-se reduzido o nosso Portugal, algumas dezenas de annos depois, quasi aos termos da ignorancia e barbária primitivas? E isto n'um Seculo, em que a maior parte das Nações da Europa hiam dando ao mesmo tempo passos cada vez mais largos para uma proveitosa cultura intellectual?...

Entretanto é esta uma verdade de facto por desgraça tão indubitavel e tão publica, que foi ella a que tem servido de pretexto para o menos avantajado conceito, que da nossa Litteratura em geral ha formado, e não sei se o digamos, forma ainda hoje em dia um certo numero de escriptores extrangeiros. Todavia um tal pretexto é destituido de sólido fundamento; pois assenta na ignorancia, em que laboram, da lustrosa reputação litteraria da Nação Portugueza, adquirida nos Periodos antecedentes, mais que tudo no dos tres ultimos Reinados; e na avaliação injusta, pelos mesmos escriptores extrangeiros feita, do nosso renascimento para a cultura de todas as Boas-Artes e Sciencias, depois de lóngos tempos de decadencia; bem assim do aperfeiçoamento, a que ellas chegaram entre nós na derradeira metade do Seculo passado (76.ª), e dahi por deante até hoje em uma progressão sempre crescente: Por quanto que cousa mais injusta, do que ajuizar dos Portuguezes d'a-

gora, e d'outros venturosos tempos, por aquelles, que são offerecidos pelos luctuosos dias da nossa escravidão debaixo do jugo Castelhano até o meado do Seculo decimo-septimo, e debaixo da tenebrosa escravidão Jesuitica até o meado do Seculo decimo-oitavo?

Na verdade um destes abafadores de luz era só por si bastante para reduzir qualquer paiz de muito maior extensão, do que o nosso Portugal, a uma profunda e densissima escuridade; quanto mais reunidos ambos elles, por não falarmos de outros igualmente conhecidos e não menos diffamados. E começando a tratar do primeiro: Quem ha que ignore, ou possa pôr em duvida, que as trevas da mais profunda ignorancia são um necessario effeito da usurpação violenta, e da longa e tirannica dominação de um poder extrangeiro em qualquer paiz, por mais florecentes que nelle antes estivessem seus litterarios estudos? Nas paginas da Historia de quasi todos os povos da Terra encontram-se estampadas provas irrecusaveis desta triste verdade, e della tambem a Historia de Portugal, por altos decretos da Providencia, offerece outras não menos claras, que desastrosas.

A perda da flôr da gente Portugueza, e da sua marcial reputação nos campos de Alcácer-Quivir tendo acarretado sôbre nós, entre muitas outras calamidades, a da extincção quasi total da Dynastia Reinante, desgraça talvêz a mais funesta de todas para uma monarchia hereditaria, fêz despertar na alma de

Filippe II. da Hespanha a ambição, é de crer, ha muito nella alimentada, de reunir aos seus vastos dominios o da livre Corôa Portugueza : e nas tristes circunstancias, a que Portugal ficara reduzido por multiplicados e successivos revezes, não era necessaria a astuciosa politica de um Monarcha, como Filippe II., nem a sua poderosissima fôrça, comparada com a nossa, fisica e moralmente tão reduzida, d'aquelles calamitosos dias; para que elle se arrojasse a lançar mão impunemente de um Sceptro, que por titulo nenhum legitimo lhe pertencia, e cujos direitos, como era patente a todas as vistas, se haviam devolvido para a Augusta Casa de Bragança, apenas os olhos do Cardeal-Rei D. Henrique tinham sido cerrados pela morte.

Conseqüentemente as luzes, que com esplendor tamanho tinham brilhado no horizonte Portuguêz, mas que já de tempos a esta parte haviam começado a desmaiar por causas, de que adeante daremos conta, afracaram tão prompta e visivelmente, que quasi de todo chegaram a apagar-se com a invasão de Filippe II. nestes reinos. Consummada que foi tão abominanda catastrofe, a nenhuns talentos se perdoou (77.ª) : era o maior de todos os crimes amar a Patria (78.ª); mas como é que pode deixar de amal-a o homem illustrado? Facultou-se unicamente o perdão a alguns espiritos condescendentes, por não dizer de ignobil têmpera, e obtiveram as boas graças do Usurpador algumas almas venaes, sem sombras de

honra e de patriotismo, de que não faltáram exemplos até nas Classes mais elevadas da Nação, que não hesitaram em comprar uns a sua existencia politica, outros novas mercês e empregos lucrativos á custa da ignominiosa promessa, que fizeram, de forçarem os entendimentos para a barbaridade.

Este plano de aniquilação litteraria, traçado no ardiloso gabinete do Monarcha invasor, foi mais extensamente desenvolvido no Reinado de seu filho e illegitimo Successor á Corôa Portugueza D. Filippe III., chegou só porêm ao seu ultimo remate no governo de Filippe IV., pois foi só então que vimos completamente apagadas entre nós todas as luzes das Sciencias e Boas-Artes, como se fêz bem patente, por exemplo, quanto ás Disciplinas Ecclesiasticas, nos horrorosos attentados, com inteira impunidade commettidos pelo Bispo de Nicastro, Alexandre Castracani, Collectôr Apostolico, contra a Soberana Independencia temporal destes Reinos, e contra sua recta e sabia Legislação (a). E fôram tão profundas e valentes as raizes, que com a dominação Castelhana chegou a lançar no terreno Portuguêz a mal assombrada arvore da Ignorancia, que para delle a arrancar de todo, e para substituir-lhe o habito dos antigos e proveitosos estudos, não foi bastante a restauração da Liberdade, por nós tão briosamente alcança-

(a) Vid. *Deducç. Chronologica e Analitica*, Part. I. Divis. 8. §. 109, e seguintes.

da; não foi só bastante o havermos sacudido dos pescoços o jugo da tirannia extrangeira, e o depositarmos novamente nas mãos de nossos Monarchas legitimos a Autoridade Real, por espaço de sessenta annos usurpada.

Para continuação desta desgraça concorreo em grande parte a diuturnidade das guerras, que fomos obrigados a sustentar, afim de consolidarmos a restaurada independencia, durante o qual longo espaço de tempo não fizemos pouco em mostrar-nos dignos descendentes dos briosos e intrepidos guerreiros, nossos antepassados; reservando para eras mais pacificas a restituição das Letras áquelle auge de esplendor e gloria, a que haviam já chegado em mais venturosos tempos.

A isto accresceo ainda mais a doçura da ociosidade, a qual tinha prendido, e com grande força se havia arraigado nos espiritos Portuguezes pelo poder de um longo habito; pois, conforme diz o historiador Tacito (a): « é da natureza da debilidade humana, que sejam mais vagarosos os remedios, do que os males; e assim como os corpos lentamente crescem, e com presteza se extinguem; assim tambem com maior facilidade opprimireis os ingenhos e os estudos, do que os tornareis a restaurar: Pois accresce a isto ainda a doçura da inercia; e a preguiça, que a principio era aborrecida, chega por fim a ser amada » (79.ª). Todavia no Reinado do Senhor D.

(a) Julii Agricolæ Vita, in Præfat.

João V. entrou a germinar de nôvo entre os Portuguezes com maior força vital a semente das Letras, até aquelle tempo adormecida em um lethargo profundo pelas razões apontadas, e por outras talvêz ainda mais funestas, que passamos a relatar.

Entre todas as causas, que mais poderosamente influiram para o nosso adormecimento litterario, depois dos bellos dias de lustrosa gloria Portugueza na carreira das Artes e das Sciencias, a ninguem de certo é desconhecido, que foi a dominação Jesuitica, que tão pesadamente nos opprimio desde a sua entrada nestes Reinos, quem fêz perder a Portugal a tão bem merecida reputação de sabio e de erudito, e quem o collocou ao nivel das mais ignorantes Nações da Europa : E' por isso que, depois do grande numero de Escriptos, que, particularmente do meado do Seculo passado para cá, tem sido compostos por tantas, tão eruditas, e tão elegantes pennas contra os males, que causou ao Mundo a Sociedade Religiosa, denominada *Companhia de Jesus*, seria talvêz ociosidade, quando não fosse havido por impertinencia, o propôr-nos a escrever sôbre um assumpto, no qual cousa alguma já poderá dizer-se de nôvo. Isto não obstante, pois que a esta degenerada Sociedade (80.ª) foi que Portugal devêo em grande parte as funestas desgraças, que por espaço de dous Seculos teve que soffrer, sendo dellas uma das mais calamitosas a perda de sua litteraria reputação, da qual se derivaram os

maiores desastres para esta Monarchia; e afim de apontarmos, sequer em resumo, as causas da decadencia dos nossos Estudos, e a sua quasi extincção; é por isso que nos occuparemos em referir aqui algumas noticias, dellas não poucas por ventura ainda não sufficientemente conhecidas, que poderão servir de luz em tal assumpto para aquelles, que depois de nós trabalharem mais extensamente sôbre a Historia Litteraria de Portugal durante este Periodo, que vamos esboçando.

Mas para trazer as cousas desde a sua verdadeira origem, convêm o lembrar aqui, que a Ordem dos Jesuitas, como bem sabido é de quantos se tem dado a profundar as maximas desta Sociedade astuta, logo desde a sua primeira entrada nestes Reinos começou a desenvolver solapadamente um espirito de universal dominação, em si todo concentrado, revestido porêm da hipocrita apparencia de pureza de Religião, de santidade de costumes, e do mais acrisolado zelo pelos interesses do Principe e da Patria: servio-se para isto de quantos meios a sua refinada politica suggerir-lhe podia; afim de realizar o seu bem concertado plano, e de dar-lhe aquella robustêz e estabilidade, que no progresso dos tempos chegou effectivamente a alcançar, como uma infeliz experiencia nos mostrou depois. E como esta Sociedade estava bem certa, de que só pelo meio da total ruina das Letras em Portugal é que podia levar ao cabo seus mais que muito detestaveis projectos; por isso cou-

sa nenhũa tomou tanto a peito, como entrar a minar-lhe desde logo os alicerces, aproveitando-se do grande ascendente, que havia adquirido sôbre a alma singela do Senhor D. João III., ao qual soubera illudir com suas concertadas exterioridades, para que este Monarcha lhe mandasse entregar as Casas, que em Coimbra serviam de Geraes dos Estudos-menores; afim de nellas estabelecer, como effectivamente estabeleceo, o seu primeiro Collegio, composto de dez Socios de Nações differentes, dos quaes só tres eram Portuguezes.

Progredindo ainda mais em suas traças, não deixaram os Jesuitas, logo desde este tempo, de trabalhar um só instante para infamarem com intrigas e calumnias no conceito do Soberano e do Publico os doutissimos Varões, que no Real Collegio das Artes e Letras-humanas estavam instruindo e educando com grande aproveitamento a Mocidade Portugueza, chegando ao ponto de fazel-os denunciar ao Tribunal do Santo-Officio da Inquisição por hereges, como aconteceo, por não mencionarmos outros, ao celebre Escocêz Jorge Buchanano, ou Bucanane (como lemos nas Memorias manuscriptas de Figueirôa): Donde veio a resultar, que o dito Senhor D. João III. por sua Provisão de 10 de Dezembro do anno de 1555, expedida ao nosso illustre Diogo de Teive, então Reitor, ou que suas vezes fazia em o mencionado Real Collegio, mandasse entregar o governo delle *muy*

inteiramente (fórmaes palavras da Regia Provisão) ao Padre Diogo Miram, Provincial da Companhia de Jesus nestes Reinos, para dalli por deante aquelles Padres o governarem, e lerem as Artes, e tudo o mais que liam os Mestres Francezes, e que estes se despedissem (81.ª).

Mas como este Collegio constituia uma parte da Universidade (82.ª), e seus Professores se achavam igualados em Privilegios, liberdades, preeminencias, graças e franquezas aos Lentes das Faculdades-maiores d'aquella litteraria Corporação (83.ª), e por isso com toda a razão estava o sobredito Collegio sujeito á jurisdicção do Reitor e mais Officiaes da mesma Universidade; afim de que, eximindo-se desta jurisdicção, podessem seus novos Directores exercêr com toda a impunidade os seus tenebrosos attentados contra as primeiras bases do puro e sólido ensino, alcançaram por meio de suas costumadas manobras primeiramente d'elRei D. João III., e depois d'el-Rei D. Sebastião, durante a tutoria de sua avó, a Snr.ª D. Catherina, ficar com o inteiro governo e administração d'aquelle Real Collegio, sem dependencia alguma do Reitor, e mais Officiaes da Universidade, não obstante ser esta quem estava carregando com as despezas do mesmo Collegio (84.ª).

Assim que por tão artificiosos geitos se foram os Jesuitas insinuando em todos os Litterarios Estabelecimentos destes Reinos, que não passou muito tempo, sem que se achassem na

posse inteira delles, os quaes governavam conforme o seu plano de trevas e de sistematica barbaridade, sôbre o qual pretendiam levantar depois, como chegaram effectivamente a levantar, o desmedido Colosso da sua absoluta e tirannica dominação. Nem ficou salvo de seus aturados e bem dirigidos tiros o mesmo nobre Deposito da bôa Litteratura Portugueza, a Universidade de Coimbra, ha pouco tão florescente em todos os ramos de Conhecimentos uteis; e disto se queixa amargamente o Cónego Gaspar Estaço no seu Livro *De Varias Antiguidades de* Portugal, onde se expressa pela maneira seguinte : « como já houve na de Coimbra (fala dos Professores habilissimos, que em todas as Artes e Sciencias teve a nossa Universidade), que depois lhe fôrão tirados, deixando somente os de Theologia, Canones, Leis e Medicina (a) ». E mais adiante queixando-se igualmente da falta de grandes homens, que sem duvida podiamos ter, se a nossa Universidade não fôra privada das Mathematicas, Philosophia, Logica, Rhetorica e outras Artes e Sciencias, lidas por habeis Professores, como eram os que, havia pouco, nella ensinavam, diz assim : « dos quaes homens ha neste Reyno grande falta, e especialmente vemos, que vem estrangeiros a Portugal (fala sem duvida dos Jesuitas) a escrever nossas cousas, como se fossemos nós alguns barbaros, ou Portugal não criasse en-

(a) Cap. 45. num. 3.

genhos, que applicando-se o podessem fazer muito melhor, como hum André de Resende, hum Diogo de Teive (note-se, que foi este o mesmo sabio, a quem segundo vimos, pouco ha, fòra por intrigas Jesuiticas tirado o governo do Real Collegio das Artes de Coimbra), e outros muitos, que poderamos ter, se a Universidade perseverára na ordem, em que começou com mestres eminentissimos de Letras humanas, cujos discipulos, assim nas Lingoas Latina e Grega, como na Philosophia, derão a este Reyno não piqueno lustre e honra (a) ». E ultimamente fazendo menção especial das duas primeiras Universidades, que vio a Europa, a saber, a de Paris, e a de Pavia, instituidas pelo Imperador Carlos Magno, remata assim o numero e o capitulo : « e havendo tanto que estas e outras Universidades começárão, ainda durão; e a nossa, pouco depois de começar, começou logo de acabar. E nós tambem acabemos de lamentar o que curar não podemos (b) ».

Taes e tamanhos fòram os estragos, que nas Letras Portuguezas fizeram aquelles mesmos, de quem ellas confiavam os maiores desvelos para o seu adiantamento e perfeição, e aos quaes nessa esperança Portugal havia entregado exclusivamente a direcção dos seus Estudos! Vindo por esta maneira a verificar-se em Coimbra aquillo mesmo, que lamenta-

(a) Cap. 45. num. 5.
(b) Idem num. 9.

va a Universidade de Paris pelo fim do Seculo XVI. com a introducção e recebimento dos denominados Jesuitas : « Não só a Universidade de Paris, mas tambem a maior parte das illustres Universidades de toda a França, como se fossem influidas por algum nocivo e maligno astro, começaram a sentir-se definhadas » (a) (85.ª).

Mas não paráram só nisto os estragos, que os Jesuitas causaram ao Litterario de Portugal : Pois não seria difficultoso mostrar, que fôram os membros d'aquella mesma Sociedade os que chamaram, e abriram de par em par as portas da livre e independente Monarchia Portugueza á illegitima dominação de Filippe II., e de seu filho e neto, cuja dominação illegitima, conforme ficou ponderado no principio deste Periodo, foi fatalissima para a nossa Litteratura; estendendo-se o odio assim dos Soberanos intrusos, como dos Jesuitas, seus fautores, não só aos Estabelecimentos Scientificos, porêm até aos proprios individuos, que, educados na pureza das antigas Escholas, eram uns retratos vivos d'aquelle bom saber, o qual em tempos mais ditosos tanto abundava em o nosso Portugal; e que por isso mesmo, era de presumir, seriam uns rigidos censores da litteraria depravação, que já hia começando a lavrar, e que havia interesse em promover. — Nem foi Athenas

(a) Histor. da Universid. de Paris por Mr. Crevier Tom. VII. Liv. 12., e a Nota ao mesmo logar.

somente a que lançou uma nodoa de labéo eterno na sua reputação de sabia e justa, condemnando á morte o virtuoso Socrates, o pai da Philosophia dos costumes, o motejador da insensata Idolatria: nem só a França em eras mais visinhas á nossa foi a que dèo o pessimo exemplo do fanatismo, impropriissimamente denominado philosophico, cravando seus intolerantes punhaes no seio do primeiro martir da Philosophia, liberta da escravidão do Peripato e da Eschola, o infeliz Pedro Ramos: o mesmo Seculo, que vio queimar vivos um Bruno em Roma, um Vanini em Tolosa, um Kuhlmann em Moscow, foi aquelle tambem, que por horrorosas machinações Jesuiticas, governando Filippe II., vio em Portugal castigar, e dar a morte não a um só, porêm a mais de dous mil virtuosos e doutos individuos, pela maior parte ecclesiasticos, cujo unico delicto consistia em possuirem um espirito limpamente illustrado, e um coração animado do mais nobre patriotismo: Atrocidade barbarissima, que acompanhará infamemente até a mais remota posteridade os nomes assim dos seus autores e instigadores, como do Monarcha, que consentio, e sanccionou tão execrandos e barbaros assassinios. (86.ª)

Mais ainda: O odio desta Sociedade de homens, inimigos declarados da sãa Litteratura Portugueza, não parou só nos Estabelecimentos Scientificos, e nos seus mais firmes apôios e claros luzeiros; os melhores Escriptos destes sabios, e os d'aquelles que os haviam

precedido na carreira das Letras, assim dentro, como fóra do Reino de Portugal, padecêram tambem os effeitos da sua violenta animosidade (87.ª) : Os Jesuitas não tinham descanço, em quanto não viam estendidos por cima de todo o paiz os véos da mais crassa ignorancia, á sombra da qual podessem depois impunemente tirannisal-o : effectivamente elles o conseguiram, empregando não só os meios até aqui indicados, mas pozeram-lhe o remate no governo de Filippe IV. com a introducção nestes Reinos do celebrado *Index Expurgatorio*, obra de sua astuciosa composição, o qual fizeram publicar pelo Inquisidor-Geral D. Fernando Martins Mascarenhas, creatura sua, e que lhes era inteiramente votado. Com este *Index* deram o derradeiro golpe de morte na Litteratura Nacional e na Scientifica reputação Portugueza, como é expresso, sem servir-nos de outros documentos, na Prefação do Regulamento da Inquisição, feito pelo Cardeal da Cunha, Inquisidor-Geral destes Reinos, no anno de 1774, cujas formaes palavras são como se seguem : « Com elles (Jesuitas) de mãos dadas, fêz (o Inquisidor-Geral D. Fernando Martins Mascarenhas) grassar nestes Reinos o Index Expurgatorio da Curia Romana, que extinguio os Livros de sãa doutrina, como se fêz manifesto na Deducção Chronologica e Analitica : elle fêz compôr dentro de Santo Antão pelo Padre Balthasar Alvares outro Index ainda mais volumoso, por meio do qual tirou das mãos,

das casas, e do publico commercio das gentes todos os Livros uteis, para substituir em logar delles os que se julgavam mais accommodados antes para pervertèr, do que para instruir; e foi elle finalmente quem por este modo deo o ultimo e mortal golpe no credito e reputação Portugueza ».

Rematado por taes artes o plano da ignorancia universal nestes Reinos, facil foi aos Jesuitas e a seus fautores o continual-o nos laboriosos tempos, que se seguiram á gloriosa Acclamação do Senhor D. João IV., nos quaes fomos obrigados a guerrear por muitos annos sem interrupção todo o poder de Hespanha. Alem de que, já por nós fica dito em outro logar, que não é no meio dos estrondos de Bellona que as Artes e Sciencias se vêm medrar em um paiz, e por todo elle diffundir largamente seus beneficos sôpros; por ser só e unicamente no seio do brando ocio, e de uma longa paz, que as Musas fazem sentir suas dôces inspirações, e derramam sôbre os homens suas benignas influencias. Consequentemente o genio litterario Portuguêz, posto que não de todo extincto depois de tantas e tamanhas causas de aniquilação, continuou jazendo em uma especie de torpôr, do qual só podia ser acordado na concurrencia de mais felizes circunstancias: ellas deviam reunir-se, e uma vèz apparecer, mas não era chegado ainda esse momento venturoso, o qual estava reservado para os dias tranquillos do governo do Senhor D. João V. Os esforços do ingenho

já começavam sim a fazer-se sentir por todo o antecedente Reinado, como notaremos de passagem no Periodo seguinte (a); eram porèm mui fracos ainda estes esfôrços, e nelles bem claramente se deixava ver a maligna influencia de mais de um seculo de tirannia anti-litteraria, muito particularmente executada pelos Jesuitas, verdadeiros fautores das trevas entre nós. Em prova desta asserção nenhum testemunho menos suspeito pode ser produzido, do que o seguinte, extrahido da Prefação do *Regulamento do Santo Officio da Inquisição* já atrás citado : « Não houve estabelecimento util nestes Reinos na ordem d'aquelles que os podiam fazer respeitaveis entre os outros da Europa, que a pravidade Jesuitica não deturpasse, aniquilasse, e reduzisse aos miseraveis termos de os tornarem compativeis com as maximas do seu despotismo, e com o imperio da cega e barbara ignorancia, que fizeram dominante nos mesmos Reinos; chegando ao ponto de os obrigarem a descer d'aquelle sublime esplendor e respeito, que haviam adquirido nos Reinados antecedentes, até o ultimo estrago e abatimento, a que a mesma terrivel Sociedade os foi reduzindo desde a sua entrada nos ditos Reinos, até a felicissima épocha da sua expulsão ».

Não podemos resolver-nos a deixar aqui no silencio uma observação, em nosso entender, bem digna de ser notada, e é ella a seguin-

---

(a) Vid. §. 4. do Periodo seguinte.

te : Que foi tal a paralyzia, communicada pelos Jesuitas ás Letras e ás Sciencias em Portugal, que até os proprios membros desta Sociedade, aqui existentes, se os compararmos com os seus consocios dos outros paizes da Europa, faziam uma extranhissima differença destes, assim no tocante ao seu grande acanhamento intellectual, e á mui curta esphera de ingenho, como de litterarios conhecimentos, partes em que aliás se fizeram distinctos muitos dos seus irmãos da França, da Italia, e da Alemanha : Pois é innegavel que destes não deixaram de apparecer Obras de reconhecido mérito, especialmente nos varios ramos de Litteratura amena : ao mesmo tempo que em Portugal, sem embargo do extensissimo Catalogo, tecido pelo autor da *Bibliotheca Lusitana*, de escriptores desta Ordem, o qual excede muito a quatrocentos e cincoenta, apenas um ou outro Jesuita houve, que rivalizar podesse com os sobreditos seus consocios extrangeiros em parte alguma do saber humano.

Verdade é, que os Jesuitas dos outros Estados da Europa trabalharam com todo o calor, e conseguiram até certo ponto o fazerem esquecer, e quasi apagar tudo quanto podia dirigir-se ao melhoramento moral do homem, e levar á perfeição as Sciencias Philosophicas, Theologicas e Politicas : e é tambem certo, que por taes artes vieram elles por fim a fazer assim a Philosophia, como a Theologia e ainda mesmo a Jurisprudencia, espinhosas,

barbaras, inintelligiveis, e até objectos de escarneo aos olhos do Mundo inteiro : Todavia entre elles contavam-se ao mesmo tempo homens insignes naquelles ramos litterarios, e ainda scientificos, que podiam distrahir os entendimentos das materias da Religião, da Politica e do espirito philosophico, que lhes não convinha cultivado, nem promovido : Havia Jesuitas habeis rhetoricos, oradores eloquentes, poetas insignes, mathematicos profundos, vastissimos eruditos; bem similhantes áquelles escravos de alto preço, que andavam nas casas dos poderosos da antiguidade, os quaes eram grammaticos, poetas, rhetoricos, habeis dançarinos e tocadores de instrumentos, e que, em uma palavra, tudo sabiam ser, menos ser homens livres (88.ª).

Em o nosso Portugal, pelo contrario, quão escasso e diminuto não foi o Catalogo de Jesuitas, que grangeassem nome distincto em qualquer dos vastos dominios da humana sabedoria! Se pozermos de parte uma duzia, quando muito, de membros desta Sociedade, que compozeram obras descriptivas dos varios paizes da Africa, da Asia e da America, aonde os levára o sagrado emprego da Missão Evangelica, a maior parte das quaes obras ficaram em manuscripto, e nullas por consequencia para a Geographia, e para a Historia; uma pouca de Theologia rançosa, de inintelligivel ou sequer inutil Philosophia, de fraquissima Poesia e Oratoria, eis, falando em toda a generalidade, e com excepções mui

limitadas, quanto nos apresentam os fastos litterarios desta entre nós outrora tão gabada, tão bem quista, tão applaudida e até quasi adorada Sociedade dos Jesuitas Portuguezes.

A explicação deste fenomeno litterario encontrâmol-a nós na extincção quasi total, ou pelo menos na sinistra direcção, que os Jesuitas deram a tudo quanto era scientifico em Portugal; para o que, juntamente com a despotica prepotencia, que exercêram desde a sua primeira entrada nestes Reinos, concorrêo tambem muito, alem de outras causas, a já mencionada dominação por espaço de sessenta annos de uma Potencia extrangeira, illegitimamente intromettida no governo desta Monarchia. A ignorancia, filha do amortecimento do facho luminoso, uma vêz introduzida, e consolidada pelas circunstancias que occorrêram, teve a maior facilidade para lançar profundas raizes, e eil-a convertida em habito: donde resultou communicar-se tambem aos mesmos, que haviam sido sua causa primordial, aos quaes nem sequer era preciso, á similhança de seus irmãos dos outros paizes, o acordarem deste profundo lethargo, para se medirem em campo aberto com outros vigorosos athletas litterarios; visto que em Portugal não havia, bem como, por exemplo, em França, uma sociedade de homens de consummada erudição e sabedoria, um *Port-Royal-Des-Champs*, que os obrigasse pela rivalidade, que lhes inspirava, a terem sempre campeões vigorosos, que oppôr aos litterarios

combates, para que eram incessantemente provocados : « Foi á rivalidade de uns contra os outros (diz o erudito e bom pensante Villers), e á actividade por ella communicada aos espiritos, que devemos um grande numero de boas obras, que apparecêram por todo o Seculo decimo-septimo; obras das quaes a nossa Lingua, e com especialidade a prosa franceza, extrahio uma riqueza, uma flexibilidade, uma perfeição, de que antes se achava mui distante » (89.ª).

De tudo, quanto fica escripto ácerca dos estragos causados pelos Jesuitas ao Litterario de Portugal, segue-se por legitimo corollario, que os membros da denominada Companhia de Jesus nestes Reinos foram de toda sua numerosissima congregação aquelles, de quem maiores damnos se derivaram para a Republica das Letras; por isso que, não sendo menos activos, que os seus consocios dos paizes extrangeiros na animosidade, por todos elles manifestada e desenvolvida contra uma boa parte, e a melhor, da humana instrucção, não compensaram por outro lado tamanhos e tão perniciosos males, por elles causados, com obras de puro ingenho, de amena Litteratura, ou já de transcendentes Sciencias, com que tão recommendaveis aliás se fizeram muitos Jesuitas de outras differentes Nações da Europa : Execração por tanto, e eterna execração aos primeiros, ou antes ao seu tenebroso sistema.

Mas porque homens, ignorantes de nossas

cousas poderiam talvêz ter para si, que em um Periodo, tão calamitoso para as Letras Portuguezas, não existira neste nosso Reino individuo algum, que lhe ennobrecesse os Fastos Litterario-Scientificos com obras de erudição e ingenho, julgando que o Genio Portuguêz havia passado rapidamente do formoso estado, em que o temos visto no Periodo antecedente para o de uma cegueira e ignorancia total; quando é certo que o descahimento litterario entre nós foi sim successivamente descendo, mas por sensiveis gradações, até chegar ao seu *minimum*; pois a um Seculo quasi inteiro de esforços bem combinados e dirigidos para o adiantamento das Sciencias e dos bons estudos, não podia seguir-se logo de repente um Seculo inteiramente barbaro: Por isso, á similhança do methodo por nós seguido no Periodo antecedente, passâmos a fazer agora enumeração de alguns dos Portuguezes, que neste, de que estamos tratando, se mostraram herdeiros ainda de algumas scintillas do ingenho e gosto litterario dos seus antepassados, assim dentro do Reino, como fóra delle, as quaes souberam conservar a despeito da perseguição geral, suscitada contra todos os, que davam mostras entre nós, de que sabiam pensar, e escrever com dignidade e juizo.

Destes uns honraram a Patria nos paizes extrangeiros, regendo dignamente Cadeiras em differentes Universidades; outros, sem sahirem dos limites della, encheram o Mundo com o brado illustre de suas Letras, deposi-

tadas nas Obras que sahiram á luz publica : Entre os primeiros, que uma escrupulosa averiguação fêz chegar ao nosso conhecimento, foi Lente de Prima da faculdade de Medicina em Montpellier *Fernando Mendes* (90.ª); e na Universidade de Salamanca ensinaram Direito Canonico *D. João Altamirâno*, e *Fernando Aires de Meza*, que tambem na de Napoles foi Lente de Jurisprudencia Civil : na mesma de Salamanca dictaram Leis *Amador Rodrigues*, e *Francisco Caldeira*, e lêo a Cadeira de Prima de Humanidades *Francisco Homem de Abreu*; a de Philosophia Natural *João Soares de Brito*, e *Sebastião Gomes de Figueiredo*; a de Medicina *Ambrosio Nunes*, e *Luiz Rodrigues Pedrosa*; e ensinou Lingua Latina *Gaspar Alves Veiga*. Na Universidade de Alcalá fôram Lentes de Theologia *Fr. Timotheo de Ciabra*, Religioso Carmelita, e *Fr. João de Santo Thomaz*, Dominicano, que nesta mesma Universidade regêo a Cadeira de Prima de Philosophia; e a de Medicina *Paulo Corrêa*, e *Thomaz de Aguiar*. Na Universidade de Valhadolid regêo uma Cadeira de Canones *Fr. Serafino de Freitas*, Mercenario, e a de Prima de Theologia *Fr. Francisco Henriques*, tambem Mercenario. Na de Ossuna ensinou Medicina *Afonso Nunes de Castro* : Na de Lerida dictou Theologia *Fr. Agostinho Osorio*, Augustiniano : E na de Sevilha ensinou Escriptura *Fr. Francisco Freire*, da Ordem de S. Francisco de Paula. — Nas Universidades de Paris, e de

Lovaina foi Lente de Theologia *D. Fr. Diogo Soares de Santa Maria*, Franciscano, Pregador e Conselheiro de Henrique IV., e Bispo de Saïs : Na de Tolosa de França ensinou Theologia *Fr. Agostinho da Trindade*, Graciano : Na da Sapiencia em Roma lêram Theologia os *Padres Francisco da Costa*, e *Diogo Sêco*, Jesuitas; e Historia Ecclesiastica *Fr. Francisco de Santo Agostinho Macedo*, dos Menores Observantes da Provincia de Portugal, que tambem em Padua fôra Lente de Philosophia-Moral : Na mesma da Sapiencia ensinaram Philosophia *Manoel Constantino*, e Medicina *Gabriel da Fonseca*, que bem assim a ensinou em Pisa. Na Universidade de Bolonha dictáram Direito Civil *Manoel Rodrigues Navarro*, que do mesmo foi Lente em Napoles; e Theologia *Fr. Luiz de Beja*, a qual lêo tambem em Florença. Na Universidade de Pisa regêo a Cadeira de Philosophia-Moral *Martinho de Mesquita*; e de Medicina *Estevão Rodrigues de Castro*, e *Jorge de Moraes*, que a ensinou igualmente em Veneza; e *Rodrigo da Fonseca*, que a lêo tambem em Padua; e *Filippe Montalto*, chamado vulgarmente *Philothêo Elias Montalto*, Professor da mesma Faculdade em Lovaina : e finalmente na sobredita Universidade de Pisa dictou Leis *Bento Pinhel*, Lente das mesmas em Praga. Em Padua, alem dos já mencionados, ensinou Medicina *Duarte Madeira*, e Leis *Estevão das Neves Cardeira* — Na Universidade de Wilna regeo uma Cadeira de

Theologia o *Padre Manoel da Veiga*, Jesuita : e ultimamente lêo Theologia nas Universidades de Oxford, de Cambridge, e de Lovaina *Fr. Luiz de Sotto-maior*, Religioso Dominico.

Dentro do Reino cultivaram com muito louvor a Theologia, alem de outros : *D. André de Almada* ou *de Almeida*, distincto Cathedratico da Universidade de Coimbra, o qual por sua litteratura, bom juizo, e superior capacidade merecêo ser nomeado para escrever ao Papa, supplicando-lhe a definição da Conceição immaculada de Maria Santissima : O *Padre Christovão Gil*, Jesuita, pela pureza de sua doutrina theologica bem pouco parecido com a totalidade dos seus consocios; e homem de tão perfeita inteireza em materias de Religião, que estranhou muito ao seu sòcio Padre Paulo de Carvalho a suggestão, que este lhe fazia, para que em certos assumptos se apartasse das doutrinas de Santo Agostinho e de Santo Thomaz, affirmando, que sem as luzes destes brilhantes astros se havia certamente de precipitar o juizo em um abismo de gravissimos erros; e por tantos dotes scientificos foi estimado por um dos maiores Theologos do seu tempo : *Fr. Egidio da Apresentação*, Augustiniano do Convento da Graça de Lisboa, bem conhecido no seu tempo por sua consummada sciencia theologica : servio muitas vezes o cargo de Vice-Reitor da Universidade de Coimbra, onde foi Lente de Vespera da Faculdade de

Theologia : *Fr. Isidoro da Luz*, Religioso Trinitario, primeiro Lente de Controversias na Universidade de Coimbra (91.ª) : O *Padre Vicente da Resurreição*, Cónego Secular de S. João Evangelista, chamado por sua vasta litteratura, e Sciencia theologica o *Salomão Lusitano : D. Pedro de Figueiró*, Cónego Regular de Santo Agostinho, vulgarmente denominado *o Hebrêo* por sua pericia neste idioma, Lente de Prima de Escriptura na Universidade de Coimbra.

Em Jurisprudencia fizeram-se notaveis neste Periodo : *Antonio da Cunha*, Professor de Leis Imperiaes na Universidade de Coimbra : *Rodrigo Ribeiro Leiva*, Lente de Prima de Direito Canonico na mesma Universidade : *Gonçalo Alvo Godinho*, *Antonio Homem Leitão*, *Thomaz Valasco*, *Antonio da Gama*, *Gabriel Pereira de Castro*, bom jurisconsulto e simultaneamente poeta distincto : *Manoel Mendes de Castro*, o melhor pratico, de quantos até o seu tempo escreveram : *João Pinto Ribeiro*, jurista insigne, e um dos que por sua infatigavel industria, animada de mui zelosa fidelidade e patriotismo, mais trabalhou para a gloriosa Acclamação do Senhor D. João IV. : E muitos outros jurisconsultos menos insignes, que podem vêr-se apontados na *Historia de Direito Civil Lusitano* do benemerito Pascoal José de Mello Freire dos Reis, cap. 12; todos estes porèm, segundo adverte o mesmo sabio jurisconsulto, comparados com os do Periodo antecedente, ficam-lhe muito inferiores

em merecimento, o qual vai progressivamente decrescendo, quanto mais elles se aproximam ao nosso tempo: « Finalmente. . . . (palavras deste autor) quanto mais os nossos autores, ou sejam theoricos, ou praticos, se acham afastados do Seculo XVI., e dos tempos dos Reis D. Manoel, D. João III., e D. Sebastião, e mais chegados são a nós, tanto menor é o valor, em que devem ser reputados » (92.ª).

Na Oratoria o Portuguêz mais famoso deste Periodo foi o bem conhecido Jesuita *Antonio Vieira*, chamado por alguns o *sagrado Cicero*, e o *pai da Eloquencia Portugueza*, cuja Lingua soube falar com verdadeira energia e natural propriedade; merecendo nas differentes Côrtes da Europa, que visitou, e onde prégou, os applausos de todos os doutos: nos seus Sermões descobre-se um conhecimento vastissimo dos subsidios, tanto sagrados, como profanos, que devem adornar o espirito de quantos aspiram a desempenhar com dignidade e com fructo o subido ministerio de Oradores Evangelicos: nelles se deixa ver uma frase pura, uma imaginação fecunda em pensamentos novos, variados, vigorosos, e energicos, pinturas vivas, descripções brilhantes; posto que muitas vezes todo este apparato de riqueza oratoria seja empregado em subtilizar, e provar com pouco acerto, em sustentar e engrandecer uma maneira de pensar, que lhe é particularissima, e na qual imita o corruptôr da eloquencia Romana, o Philo-

sopho Séneca : Donde resulta que, devendo o Padre Antonio Vieira ser havido por um dos mestres da pura e bella locução Portugueza, não assim deve ser escolhido ás cegas, e sem grande critica Oratoria, para modelo da sãa e verdadeira Eloquencia.

Como Historiadores adquiriram maior ou menor celebridade neste Periodo : *Manoel de Faria e Souza*, famigerado até entre os extrangeiros por sua erudição e ingenho, qualidades de que dêo claras mostras nas suas *Europa*, *Africa e Asia Portuguezas*, e no seu *Epitome da Historia de Portugal*, na primeira e segunda parte do qual Epitome resumio, ou seguio, conforme elle mesmo diz no Prologo geral desta Obra, a Fr. Bernardo de Brito nas duas partes, primeira, e segunda da *Monarchia Lusitana* : Procurou Faria agradar com a narração continuada, e sem interromper o fio da sua historia com averiguações; conseguio porêm parecer mais discreto, que agradavel, mais erudito, que elegante; porque o seu estilo enfastia a muitos, e outros com razão reparam em que siga opiniões menos provaveis, do que exige a verdade da Historia. — *Diogo do Couto*, habil mathematico e poeta, e douto historiador : grangeou-lhe a fama do seu talento e erudição o ser escolhido por Filippe II. para continuar as Décadas da Historia da Asia de João de Barros, com o titulo de Chronista da India, as quaes completou até o numero de onze, principiando desde a quarta, em estilo

claro, verdadeiro e sentencioso. — *Fr. Bernardo de Brito*, Chronista-mór do Reino, emprego que desempenhou com boa reputação sua, e da patria; deixando para documentos de sua grande erudição tanto profana como sagrada, as duas partes, primeira e segunda da *Monarchia Lusitana*, e um grôsso volume da *Chronica de Cister*, de cuja Ordem Monastica era membro, obra esta, na opinião dos eruditos, digna de especial recommendação pela elegancia do estilo, e sobre tudo, pela pureza da frase : Foi zeloso indagador das antiguidades Portuguezas, e homem grandemente versado em toda a sorte de historias, e o mais diligente em escrevel-as, que conheceo Hespanha, « onde (são palavras de Faria e Souza no Prologo atrás apontado) apenas le quedó lugar, ò ruina, que no viesse, en Portugal, ni monte, ni valle que no midiesse a palmos, archivos ò pedras que no rebolviesse, dando noticia a los propios Portugueses de si propios » : E poucas linhas abaixo remata assim o elogio deste incançavel escriptor : « No le faltó a frai Bernardo sino aver nacido en Roma siglos antes, que no le excedera Tito Livio en ser venerado. Nacer en Portugal para esto es desventura. Ingenio Portugues bien lo pueden procurar todos, mas alabanças Portuguesas nadie las procure » (93.ª) : Todavia não faltou, ainda em vida deste autor (94.ª), e principalmente em tempos posteriores, quem na verdade, com que compôz suas historias, lhe de-

sejasse mais severidade e prudencia, o que não duvidâmos alcançaria com os annos (pois morreo muito môço), se o amor da Patria lhe podesse desculpar as imperfeições de crêr levemente, e de seguir opiniões menos bem fundadas; de sorte que, não obstante o credito que lhe grangeou a composição da sua *Monarchia Lusitana* perante o vulgo dos eruditos, não duvidam os criticos mais austeros de tirar da primeira classe das nossas Historias os primeiros dous tomos da dita *Monarchia*, pondo-os muito longe da estimação, que justamente logra o seu continuador, Fr. Antonio Brandão. — *Fr. Luiz de Sousa*, Religioso Dominico, autor das partes I. II. e III. da *Historia* ou *Chronica de S. Domingos em Portugal*, bem assim da *Vida do Arcebispo de Braga D. Fr. Bartholomeu dos Martires*, e dos *Annaes de elRei D. João Terceiro*, ha pouco impressos pela primeira vêz, ainda que mutilados pelo tempo, ou não inteiramente concluidos pelo mesmo autor: as duas primeiras obras historicas, com quanto se não façam grandemente recommendaveis para o vulgo dos leitores pela importancia dos assumptos, que nellas se tratam; todavia pelas qualidades do seu estilo grave, elegante e sentencioso, breve e simultaneamente claro; e pela linguagem natural, corrente e cortezam, na qual usa de termos proprios, significativos e efficazes, e longe de enfeites e artificios viciosos, são de todos os livros, escriptos em Portuguêz, aquelles, em que se descobre mais

policia e perfeição (a) : e é por isso tambem, que não deverá talvèz parecer opinião destituida de bom criterio e gosto a, que proposer as obras de Fr. Luiz de Souza como um dos mais perfeitos modelos de bem historiar em Portuguèz, ou já se attenda á viveza das descripções e magica dos affectos, ou já ás graças e polimento da expressão. — *Francisco de Brito Freire*, autor estimado não só por sua pessoa, e pelas acções, que obrou no Brasil, mas pelo bem que escreveo a sua historia, a qual a todos os respeitos é digna das maiores estimações : della nos deixou somente uma década em dez livros, nos quaes descreve a guerra Brasilica contra os Hollandezes até o anno de 1638 (95.ª). — *Duarte Nunes de Leão*, homem mui noticioso da Historia do Reino, para a qual compôz as Chronicas dos seus Soberanos desde o Conde D. Henrique até elRei D. Afonso V. com diligente e verdadeira investigação, não obstante ser por Manoel de Faria e Souza reprehendido, pelo que pertence ao estilo. — *Fr. Antonio Brandão*, Chronista-mór do Reino, e continuador da *Monarchia Lusitana*, da qual escreveo as partes terceira e quarta, tecidas com muita legalidade, boa disposição e clareza : é autor de bom estilo, excellente juizo, prudente liberdade, e de infatigavel indagação; pois nada se lhe occultou nos Cartorios, que exami-

---

(a) Vid. Fr. Agostinho de Soisa, censura á vida do Arcebispo.

nou, principalmente nos da sua Congregação de S. Bernardo, para o que tambem contribuio muito a bôa lição dos escriptores extrangeiros, seus contemporaneos, que poude alcançar naquelle tempo, em que não eram vulgares alguns, os quaes ainda, passado quasi um Seculo, eram muito raros entre nós. — *Jacinto Freire de Andrada*, o qual na Vida, que escreveo, do memoravel Vice-Rei da India D. João de Castro ganhou universaes estimações pela elegancia e pureza de sua frase; e posto que no estilo desconforme do que exigiam os altos feitos de Heroe tão grave, nem por isso deixou de ser chamado o *Q. Curcio Portuguêz.* — *O Padre Jorge Cardôzo*, que foi o primeiro, de que temos noticia, que escrevesse Memorias para a Historia Ecclesiastica destes Reinos, das quaes deixou tres volumes de fôlha com as Vidas dos Varões Santos, e eminentes em virtude, pertencentes a Portugal, distribuidas pelos dias de cada mêz, começando de Janeiro até o fim de Junho, a qual obra intitulou *Agiologio Lusitano*, e a enriquecêo de eruditissimas Annotações, cheias de muitas, e interessantes e curiosas antiguidades Portuguezas. — *D. Rodrigo da Cunha*, Bispo de Portalegre e do Porto, e Arcebispo de Braga e de Lisboa, o qual foi incansavel no exercicio das Letras, devendo-se á sua diligencia a memoria de muitas noticias, pertencentes a este Reino, que hiam perecendo de todo: compôz a Historia Ecclesiastica do Porto, Braga e Lisboa com muita averigua-

ção e verdade; e aindaque escripta em tempo, no qual se estimavam alguns autores apócryphos, então novamente publicados, e universalmente recebidos, merecêo com tudo grandes elogios, e a approvação, que tem recebido de todos os homens doutos. — *Gaspar Estaço*, Cónego da Insigne Collegiada de Guimarães, o qual nos deixou um Livro mui curioso de Antiguidades Portuguezas. — *Gaspar Alvares de Lousada*, um dos homens mais eminentes em Historia, que teve Hespanha e Portugal, o qual trabalhou muito em investigar as antiguidades deste Reino, de que nos deixou importantes Escriptos, bem que alguns delles, na opinião do Chronista Figueiredo (a), e d'outros (b) recheados de muitas fabulas, fabricadas na officina Higuereana, &c., &c.

Na Poesia adquiriram direito a serem aqui postos em memoria; entre muitos outros: *Gabriel Pereira de Castro*, já mencionado como Jurisconsulto digno de recommendação, o qual na sua *Ulyssêa* ou *Lisboa edificada* deixou um vivo documento do sublime ingenho, de que fôra dotado, por ser um poema compos-

---

(a) Vid. Dissertação Histor. Critic. sobre a morte d'elRei D. Rodrigo na batalha de Guadalete por Fr. Manoel de Figueiredo, Monge e Chronista dos Cistercienses.

(b) Vid. Vida de Fr. Bernardo de Brito por D. Antonio da Visitação Freire de Carvalho, Cónego Regular de Santo Agostinho, no *Investigador Portuguez* Vol. IX. e N.os 35 e 36. &c.

to em oitavas excellentes, com pequenas excepções, em limpeza de frase, facilidade, elegancia e formosura de rima; por cujos respeitos até houve, mas sem leves sombras de razão, quem o tenha julgado igual, se não superior aos *Lusiadas*. — *Vasco Mausinho de Quebedo*, poeta tão famoso na opinião de Manoel de Faria e Souza, que o seu poema heroico da tomada de Arzila e Tanger, intitulado *Affonso Africano*, não reconhece superior depois dos *Lusiadas* : Es obra (diz elle), que despues desta en este genero no conocemos otra en orden, imitacion, y facilidad, y muestras de juicio : (hablo de Authores Portuguezes hasta este año de 1638) (a). — *Francisco de Sá de Menezes*, cujo poema, *Malaca Conquistada*, é um formoso monumento, levantado á gloria Portugueza, e mais particularmente á do grande heroe Afonso de Albuquerque : nelle o poeta dá claras mostras de brilhante imaginação, posto que péque algũas vezes por incorrecções de estilo. — *Antonio de Souza de Macedo* tem tambem um logar distincto como poeta (entre outros meritos de grande erudito), o qual lhe grangeou o seu *Ulyssippo*, poema regular, e conforme aos preceitos da arte. — *D. Bernarda Ferreira de Lacerda*, a quem Lope da Vega intitulou *Décima Musa*, e os mais célebres poetas do seu tempo veneraram, foi não somente insigne na Latinidade, Rhetorica, Philosophias

(a) Comment. a Camões Cant. II. est. 103.

e Mathematicas, mas particularmente o foi na Poesia, do que nos deixou testemunhos manifestos no seu poema *Hespaña Libertada*, composto no idioma Castelhano, e bem assim nas suas *Soledades de Bussaco*, escriptas no mesmo idioma, por não falar de muitas outras obras poeticas de menor vulto, com que mostrou a muito abundante fertilidade do seu ingenho, e a grande sublimidade do seu éstro. — *Fr. Bernardo de Brito*, que em idade mais provecta se fêz tão distincto como historiador, por suas rimas compostas na verdura dos annos, merecêo tambem alguma recommendação como poeta : Delle existe uma piquena Collecção de Sonetos, Eglogas, Romances e outras poesias miudas, intitulada *Silvia de Lizardo*, sôbre as quaes poesias tem formado differentes eruditos juizos diversos, e até inteiramente oppostos, dizendo, por exemplo, Manoel de Faria e Souza, que *Brito*, pelo que pertence a este genero de composições é superior a Diogo Bernardes; e D. Antonio da Visitação Freire de Carvalho, expressando-se ao mesmo respeito pelas palavras seguintes : « Com effeito a Collecção dos seus poemas, conhecidos debaixo do titulo de *Silvia de Lizardo*, são um testemunho não só de que Fr. Bernardo de Brito jámais poderá entrar na ordem de Camões, de Ferreira e de Bernardes, mas que o gosto sensivelmente se corrompia na Italia e nas Hespanhas desde o principio do Seculo XVII » (a). —

(a) *Vida de Brito*, já citada.

Francisco Rodrigues Lôbo nas poesias, que escreveo de mistura com a prosa das suas obras intituladas *Primavera*, *Pastor peregrino*, e *Desenganado*, assim como nas suas Eglogas, desenvolvêo um estilo mui suave, natural, affectuoso, puro e na sua esphera felicissimo: Que diremos da sua prosa, com que aquellas poesias andam entremeadas? Alem das delicadas sentenças, com que fecha cada uma das suas Florestas, Jornadas e Discursos; ninguem, em o nosso sentir, o excedêo neste genero de composição não só entre os nossos, mas nem ainda por ventura entre os extranhos (falâmos dos do seu tempo): as suas graças e delicadezas de expressão absorvem todo o sentimento, arrebatam, extasiam; Francisco Rodrigues Lôbo nestas suas prosas poeticas é um senhor absoluto dos sentidos e das almas de todos os leitores, que são capazes de bem o apreciar.

Adquiriram alguma reputação neste Periodo, como Mathematicos: *André de Avelar*, douto Professor desta Sciencia na Universidade de Coimbra, o qual deixou para documentos do seu saber um *Tratado da Esphera*, um *Repertorio dos Tempos &c.* — *Luiz Serrão Pimentel*, Ingenheiro-mór, e Cosmographo-mór do Reino, que no seu *Methodo Lusitano de fortificar as Praças*, e no seu *Roteiro de Pilotos*, transmittio á posteridade os livros de mais sólida e exacta instrucção, que em taes generos sahiram a publico até o meado do Seculo XVII.: — *O Padre Antonio de Car-*

valho, o qual compôz eruditamente alguns Tratados astronomicos, e geographicos, e é entre estes digna de especial celebridade a sua *Chorographia Portugueza* (96.ª). — *Manoel Pimentel*, Cosmographo-mór do Reino: a sua *Arte de Navegar* foi no seu tempo havida por texto, e merecêo os applausos dos Professores extrangeiros.

Na Medicina foram famigerados: *Alvaro Nunes*, Fisico-mór do Archiduque Alberto, ao qual acompanhou a Flandres, onde por todos foi estimado como um dos melhores Professores de Medicina. — *Zacuto Luzitano*, medico de notavel e rara reputação, por haver sido consummado na sua arte, como attestão os epithetos honrosissimos, que lhe dão differentes autores: escrevêo, entre outras obras, a Historia dos varões sabios em Medicina com profunda erudição. — *Manoel Boccarro Francêz*, Medico, Philosopho, Mathematico e Poeta insigne: aprendeo Medicina em Montpellier, onde se doutorou, assim como tambem em Alcalá de Henares e em Coimbra: o Imperador Fernando III. concedeo-lhe um privilegio para poder curar em todos os seus dominios; e desta sorte estendeo tanto a sua fama, que chegou a ser Medico de muitos Principes da Europa, e até do Imperador de Constantinopla: Corrêo uma grande parte da Terra, e tratou, e conversou os homens mais insignes em Letras, que por aquelle tempo floreciam, como fôram, entre outros, Galilèo, e Képler: Compôz muitas obras em

differentes Faculdades, as quaes são publicos pregoeiros da sua grande erudição e ingenho. — *Antonio da Fonseca*, Medico de nome distincto em Flandres, e no Palatinado, mais que tudo por occasião de uma epidemia, de que triunfou, atalhando-a, e curando-a com singular crédito da sua Sciencia no anno de 1620, e expondo depois ao publico os fundamentos, com que obrára, para cautela dos vindouros. — *Diogo Mourão*, perito Professor da Arte Medica, á qual dêo grandes creditos, e á sua pessoa estimação na Provença, onde a exercêo com felicidade; deixando depois da sua morte doutos Escriptos na sciencia da sua profissão. — *João Marques Corrêa*, natural de Beja, o qual enriquecêo a Medicina com um Escripto, que intitulou *Tratado Physiologico-Medico, Fisico e Anatomico da Circulação do Sangue*, repartido em quatro Capitulos: trata no primeiro da anatomia do coração, veias e arterias que delle sahem: no segundo trata dos maravilhosos movimentos do coração, e de suas peregrinas causas em doutrina antiga e moderna: no terceiro da verdadeira e perenne circulação do sangue, em cujo movimento consiste precisamente a vida: no quarto dissolvem-se totalmente os argumentos, que podem pôr-se contra a circulação do sangue: foi impressa esta obra em Lisboa no anno de 1735.

O genero epistolar contou neste Periodo dous individuos Portuguezes, cuja memoria merece-nos aqui muito especial recommenda-

ção, a saber, um homem já grandemente abalizado por outros titulos litterarios, e uma Senhora : Foi o primeiro o Jesuita *Antonio Vieira*, tão famigerado como o primeiro Orador-Portuguêz do seu tempo, cuja Collecção de Cartas, impressas em tres volumes de 4.º, tem merecido serem emparelhadas em virtudes de estilo, e em pureza de linguagem ás de Cicero, ou pouco menos; e como taes elogiadas e estimadas por todos, quantos se prézam de bom gosto litterario: — Da segunda, mais conhecida entre os extrangeiros, do que entre os seus nacionaes pelo nome de *D. Marianna Alcoforado* ou *Alcanforado*, Religiosa de um Convento da Cidade de Beja, e a quem um Official Francêz dos que vieram militar em Portugal debaixo do commando do Marechal Conde de Schomberg inspirára os mais vivos transportes da paixão de amor, existem cinco Cartas no genero das de Heloisa a Abeilard, dirigidas ao seu amante, cada uma das quaes, diz com toda a razão um critico moderno (a), apresenta o caracter e a expressão desse sentimento apaixonado, que deixa gravada sempre uma impressão, impossivel de ser contrafeita; podendo asseverar-se da sua Autora o mesmo, que escrevéo Horacio da sensibilissima Sapho :

(a) *Notice Bibliographique*, posta á frente das *Lettres Portugaises*, traduzidas em Portuguêz com o texto Francêz em frente por D. J. M. S. Paris 1824.

Spirat adhuc amor,
Vivunique commissi calores
Æoliæ fidibus puellæ. (a)

Estas cinco Cartas, escriptas no idioma Portuguêz, e nunca de certo para verem a luz publica, fôram, segundo é fama, communicadas pelo pouco delicado amante a um seu nacional, para que as vertesse em Francêz; e desta lingua, depois de haverem passado por perto de vinte edições, e lidas sempre com extremos de sensibilidade, foram trasladadas para a Portugueza pelo bem conhecido Editor da nitidissima edição dos *Lusiadas*, feita em Paris em 1817, e impressas com o texto Francêz ao lado tambem em Paris, precedidas de uma muito erudita *Noticia Bibliographica*, no anno de 1824: As mesmas cinco Cartas, juntas com outras sete, que tambem andam attribuidas, mas erradamente, á Autora mencionada, havia já traduzido para Portuguêz o nosso illustre Poeta Filinto Elisio, e são ellas as cinco ultimas das dôze, que se encontram nas suas obras de prosa: Destas dôze Cartas existem igualmente traducções na lingua Ingleza, de uma das quaes possuimos um exemplar, impresso em Londres no anno de 1808. (b)

A Sciencia da Politica conta tambem nes-

(a) Lib. IV. Od. 9.
(b) Vid. Résumé de l'Histoire Littéraire du Portugal par Ferdinand Denis chapit. XXIV.

te Periodo um benemerito escriptor Portuguêz na pessoa do *Doutor Duarte Ribeiro de Macedo*, Dezembargador Aggravista da Relação do Porto, do Conselho de Sua Magestade, e Enviado ás Côrtes de Paris, de Madrid e de Turim; Delle, entre outras obras em prosa e verso, existem as seguintes = *Relações, que fêz o Autor no tempo, que assistio na Côrte de Paris* = *Discurso Politico, em que por vinte e sete razões forçosissimas se mostra como a França por justiça e conveniencia não devia fazer a paz sem inclusão de Portugal* = *Juizo Historico, Juridico e Politico sôbre a Paz celebrada entre as Corôas de França e Castella no anno de* 1660 = *Satisfação Politica a Maximas erradas* = *Summa Politica* = *Discursos Politicos &c.* Todas estas obras com outras mais acham-se impressas em dous volumes de 4.º

Finalmente em Erudição varia tem Portugal para enriquecer-lhe as paginas litterarias neste Periodo ao bem conhecido *Fr. Francisco de Santo Agostinho Macedo*, atrás lembrado no Catalogo dos Portuguezes, Lentes nas Academias extrangeiras, primeiramente Jesuita, e depois Capucho Observante, varão scientifico de uma esphera extraordinaria, eximio em Theologia, na Philosophia do seu tempo insigne, nos Direitos Canonico e Civil mui entendido, na Oratoria eloquente, na Poesia tão facil e prompto, que, perguntado sôbre qualquer assumpto, dava logo a resposta em verso, ou fosse Portuguêz, ou Latino;

Delle se diz, que tinha de memoria todas as obras de Cicero, de Sallustio, de Tito Livio, de Cesar, Quinto Curcio, Paterculo, Suetonio, Tacito, Virgilio, Ovidio, Horacio, Catullo, Tibullo, Propercio, Estacio, Silio Italico e Claudiano: acrescentam, que sabia as historias de todas as nações, de todas as idades, as successões dos Imperios, e a Historia ecclesiastica: que possuia, alem da Portugueza, vinte e duas Linguas: que não se achava cousa tão escura, ou impenetravel em algum escriptor antigo, Grego, ou Hebreo, que, perguntado sôbre o caso, não respondesse promptamente: Sendo tal a sua erudição, podia de certo ser chamado Bibliotheca viva de tôdas as sciencias positivas, e com razão lhe quadrava o titulo de commum Oraculo de toda a Europa: Compôz grande numero de obras em differentes materias, e foi elogiado pelos varões sabios de todas as nações Europeas, por onde andou: A prova porêm mais qualificada e incontrastavel da sua erudição immensa, e da sua memoria prodigiosa, foram as Conclusões, que por espaço de oito dias sustentou em Veneza, e depois em Roma mantendo por tempo de tres dias Questões Publicas *De Omni scibili* (a).

Antes de concluido este Periodo, não será talvêz fóra de proposito o respondermos a um obvio reparo, que nos pode ser feito, á

(a) Veja-se, entre outros, o Mappa de Portugal do Padre João Bautista de Castro, Part. IV. cap. 2. §. 16.

vista do numeroso catalogo de cultores benemeritos da Litteratura e das Sciencias, que acabâmos de apresentar, pertencentes a este mesmo Periodo : Pois havendo nós escripto, logo desde o seu principio, que hiamos entrar em um tempo de decadencia, de lucto e de desgraça para o Litterario de Portugal, o qual acabou em poucos annos pela quasi total aniquilação de todas as Sciencias e Boas-Artes nestes Reinos; como é que, sendo assim, em dias de tão crassa ignorancia, vio Portugal neste mesmo Periodo produzir-se, e contou um numero tamanho de individuos benemeritos das Letras, como, alem de outros, os de quem temos feito honrosa memoria?

Respondemos, que não sendo esta nossa litteraria desgraça, como é bem de presumir, levada repentinamente e de salto ao seu maior auge; mas que hindo a luz afracando sempre por gráos em continua progressão decrescente, até chegar ao seu *minimum*; era bem de esperar, que nos differentes parocismos da sua extincção fossem ainda apparecendo de tempos a tempos algumas scintillas de ingenho e bom gosto, posto que cada vêz menos vivas em luzimento, comparadas com as que tão honrado nome haviam dado a Portugal nos tempos de claridade plena do Periodo antecedente : e por consequencia que, á proporção que hiam surgindo novos estôrvos para o progresso da cultura intellectual, e das Letras, e que estas recebiam novos golpes das mãos de seus inimigos, assim fossem sendo cada vêz

mais raros, e menos dignos de honrosa reputação esses poucos talentos, que ousavam ainda cultival-as entre nós.

E isto mesmo foi o que aconteceô: Por quanto, dado o primeiro golpe na Litteratura nacional com a entrega, feita aos Jesuitas, do absoluto governo e direcção das escholas do Primario e Secundario Ensino, a mocidade tenra, confiada a taes mãos, entrou a bebêr nos charcos impuros de sua doutrina os seus ou já acanhados, ou já viciosos principios; e distrahida por tal arte da boa instrucção elementar, esta futura esperança da sabedoria Portugueza hia todos os dias deixando no corpo litterario da Nação um vasio cada vêz mais dilatado, e digno de ser chorado com grandissima dor. Todavia este mal, por isso que não abrangia aos espiritos já formados nas escholas anteriores á dominação Jesuitica, não foi o *maximum* de nossas litterarias desgraças; pois restavam ainda, para dellas nos consolarem, muitos sabios Portuguezes da antiga creação, os quaes conservavam em toda sua pureza o deposito sagrado das Artes e das Sciencias.

Sobreveio depois a invasão de Filippe II. nestes Reinos, e com ella receberam novos golpes de morte as Letras nacionaes, pelo odio, que todo o dominador illegitimo tem sempre aos espiritos esclarecidos, que conhecem, e sabem avaliar a iniquidade da usurpação e da tirannia, bem como os seus detestaveis effeitos: um destes e o mais atroz e fu-

nesto foi o assassinio perpetrado nas pessoas de mais de dous mil sabios e virtuosos Portuguezes, como ficou atrás por nós commemorado; e eis-aqui muito mais diminuido o numero dos verdadeiros Litteratos da Nação, e novos estôrvos oppostos aos ingenhos já adestrados, e aos que andavam ainda cursando a estrada preliminar das Sciencias; pois viam o desastroso fim, que os aguardava no proseguimento da bôa instrucção.

Distituido assim Portugal de bons Estabelecimentos litterarios, e privado da porção mais illustrada de seus verdadeiros sabios, descarregou finalmente a malignidade dos despotas Jesuitas no reinado de D. Filippe IV. o derradeiro e mais funesto golpe sôbre a sua Litteratura por meio da introducção nestes Reinos do *Index Expurgatorio Romano*, o qual veio tirar das mãos dos Portuguezes os exemplares de todo o proveitoso Saber, e os mestres unicos, que lhes restavam, onde podiam aprender sãas e puras doutrinas: e eis desta sorte assentado com segurança plena o thrôno da mais crassa ignorancia sôbre este bello paiz.

Resultou de tudo isto por uma necessaria consequencia, que o numero dos sabios nacionaes foi sempre diminuindo progressivamente desde que os Jesuitas entraram a reger e a dominar as escholas de Portugal; e que esses poucos, de dia em dia mais raros, que hiam ainda apparecendo, eram em mérito litterario cada vêz mais inferiores, falando em

geral, aos seus gloriosos antepassados: até que, volvidos annos, vieram finalmente a faltar de todo com a introducção do *Index Expurgatorio Romano* nestes Reinos; pois, do meado do Seculo XVII. em deante, até o renascimento dos nossos bons estudos no Periodo seguinte, apenas apparece em Portugal um ou outro homem, de que a Nação possa honrar-se, e gloriar-se, como verdadeiro e proveitoso litterato.

Com a depravação e aniquilamento do bom saber, veio tambem a corrupção e o desprezo da propria Linguagem Nacional, a qual passou do estado da sua antiga pureza e nobre elegancia, adquirida nas escholas, e nas composições do Periodo antecedente, para a frase degenerada, menos pura e em partes inintelligivel, que caracteriza o maior numero de Escriptos, inçados de Gongorismo, da derradeira metade do Seculo XVII. até o fim deste Periodo. A mistura do idioma Castelhano com o Portuguèz, consequencia necessaria da longa dominação dos tres Filippes nestes Reinos, e do continuo e diario trato, que eramos forçados a ter com os que falavam uma linguagem differente da nossa, os quaes de mais disto eram os que tinham toda a preponderancia entre nós; o cégo desejo de lisongear em tudo aos nossos oppressores, até falando e escrevendo na sua lingua, posto de parte o proprio idioma, foi o que dèo origem, em nosso entender, ao descahimento da pureza e elegancia da frase Nacional, até chegar por fim a quasi barbarizal-a.

Foi então que grande numero de autores Portuguezes, delles alguns aliás benemeritos, leváram a sua adulação até á baixeza de escreverem as suas composições na linguagem dos oppressores, e não somente as composições prosaicas, como ainda as poeticas; quando é certo que para o melhor effeito e feliz desempenho da Poesia, é mais apropriada a lingua Portugueza, do que a Castelhana, até no proprio sentir, e por confissão de alguns escriptores Hespanhoes mais imparciaes e ingenuos, o que podendo comprovar-se com o testemunho de muitos, bastará que o seja aqui com o testemunho de poucos, de *Gonçalo Argote de Molina*, por exemplo, nas seguintes expressões : « Si alguno le parecer, que Macias era Portuguez, esté advertido, que hasta los tiempos d'elRey D. Enrique III. todas las coplas, que se hazian, commummente por la mayor parte eran in aquella lengua » (a); de cujo testemunho faz expressa menção o nosso Antonio de Souza de Macedo pelas palavras seguintes : « Y antiguamente entendiendo los Castellanos la bondad de la lengua Portuguesa, hazian commummente todos los versos en Portuguez, dexando la Castellana; y dice Gonçalo Argote, que esto durò hasta el tiempo d'elRey Dõ Enrique III., y quiça quando elRey Dõ Juan el I. prohibiò, que no se hessiesẽ escrituras

(a) De la Nobleza del Audaluzia, Lib. 2. cap. 148. pag. 273.

publicas en Latin, haria tambien que no se usasse tanto el Portugues, por no venir a ser menoscabada la lengua Castellana » (a). Igual testemunho a favor da excellencia da lingua Portugueza lhe dá Lope da Vega Carpio *en la descripcion de la tapada del Duque de Bragança*, assignando-lhe o primeiro logar em suavidade, como se vê das suas proprias palavras :

> Assi cantando fue la Portuguesa
> Con celebrado aplauso larga historia,
> A quien por la dulçura, que profesa,
> Entrambas concedieron la vitoria :

Assim tambem Miguel de Cervantes, o qual, engrandecendo a fala de Valencia, acrescenta, que só a Portugueza pode competir com ella na doçura e suavidade.

(a) Flores de España, Excelencias de Portugal. cap. 22. Excellencia IX.

PERIODO VIII.

Desde o anno de 1720 até o presente,

ou

Desde a fundação da Academia Real de Historia Portugueza até os nossos dias.

Dâmos principio a este ultimo Periodo da Historia Litteraria de Portugal, sôbre a qual nos propuzemos a escrever o nosso limitado *Ensaio*, do anno de 1720 em que por elRei D. João V. foi instituida a Academia Real de Historia Portugueza, formando-a de cincoenta escolhidos Membros, delles uma grande parte distinctos menos por sua illustre nobreza, do que pela reconhecida reputação de talentos e de sâa litteratura, que os adornava. Por estes cincoenta socios distribuio o Monarcha as differentes partes da Historia ecclesiastica e secular destes Reinos, em que haviam de mostrar a sua instrucção e sagacidade, cujas sabias conferencias frequentes vezes honrou com a sua presença, enriquecendo ao mesmo tempo a nova Academia com grande numero de isempções, e de privilegios.

Com louvavel desempenho preencheram muitos dos membros desta Real Academia

tão importante incumbencia, e conforme aos illustrados designios do seu Regio Instituidor, dò que são provas incontestaveis o grande numero de Escriptos, com que enriqueceram o ramo da Litteratura Nacional, para cuja illustração fôra instituida esta Sociedade. Compõe-se a preciosa Collecção de Documentos da mesma Real Academia de um grande numero de volumes de folha, distribuidos successivamente por cada um dos annos : E sem embargo de que nem todos estes escriptos fossem compostos com a mais apurada critica, e o seu estilo seja na generalidade affectado, escuro, e vãamente pomposo, como inficionado ainda do tão pernicioso *gongorismo*, que entre nós introduzira a longa sujeição á Monarchia Hespanhola; a sua totalidade com tudo constitue um vasto e rico deposito de Memorias, colligidas com assiduo e improbo trabalho, e escriptas algumas dellas em estilo correcto e em linguagem pura, as quaes podem servir de muito proveitosos subsidios aos que se proposerem a escrever a Historia tanto civil, como ecclesiastica da Nação Portugueza.

A paginas 140 deste *Ensaio* escrevemos nós, que os esforços do ingenho Portuguêz haviam começado a fazer-se sentir de novo no paiz já por todo o Reinado do Senhor D. Pedro II.: á vista porêm do firmemente sustentado sistema de trevas, que por todo um Seculo tinha envolvido a Portugal; e por isso que durava ainda em pleno vigôr entre nós a prepotencia Jesuitica; como é que seria possivel, que o

Genio da Litteratura ousasse levantar cabeça no meio de um pôvo, privado de todos os seus litterarios recursos, e aliás rodeado por todas as partes de valentes oppressores, os quaes cousa nenhũa vigiavam tanto, como as varedas, por onde a luz podia penetrar; tudo a fim de embaraçarem que della nem um só raio entrasse, e se diffundisse pelo paiz da sua despotica dominação? Nem julgâmos crivel, que nação alguma, a quem a combinação de tantas e tão infaustas circunstancias houvessem reduzido á desgraça, em que nos achavamos, fôsse tão capaz, como o foi a heroica nação Portugueza, de mostrar-se superior, ainda entre ferros, aos seus litterarios revezes, por tão longo tempo supportados; e muito menos ainda de levantar-se tão cêdo do seu definhado abatimento.

Todavia é uma verdade, apoiada em factos, transmittidos pela Historia, que Portugal, já desde o Reinado do Senhor D. Pedro II., tornava a contar um avultado numero de homens amantes da boa instrucção, a qual, bem que ás escondidas, se esforçavam por fazer reviver nas differentes Academias, por elles instituidas e sustentadas: Merecem entre estas especial memoria, a *Instantanea*, que em sua casa estabelecêo o Bispo do Porto, D. Fernando Corrêa de Lacerda, na qual se propunham as materias, para haverem de ser discutidas sem estudo antecedente: a dos *Generosos*, creada em 1647 por D. Antonio Alvares da Cunha, Trinchante-mór, cujas Ses-

sões eram celebradas na sua propria Casa, onde continuaram por tempo de vinte e um annos; renascida depois em 1684; renovada por seus filhos, D. Pedro e D. Diniz da Cunha em 1693; e ainda outra vêz suscitada nas casas do Conde da Ericeira D. Francisco Xavier de Menezes pelo Padre D. Rafael Blutean no anno de 1717 : *As Conferencias eruditas*, que pelos annos de 1696 até 1699 fazia na sua Livraria o mesmo Conde D. Francisco Xavier de Menezes, na qual todos os Domingos á noite a mais illustre, e erudita Nobreza do Reino se ajuntava para examinar, e resolver questões fisicas e moraes : A dos *Solitarios*, instituida em Santarem no anno de 1664, e bem assim a dos *Anomos* (97.ª), a dos *Illustrados*, a dos *Occultos*, a dos *Singulares*, a dos *Insignes*, por não falarmos de outras menos conhecidas, se bem que não menos dignas de o serem, já pelo distincto saber de seus membros, já pelo objecto summamente louvavel, a que nellas se propunham.

Parece-nos por tanto bem digno de censura, que extrangeiros, ignorantes de nossas cousas, e nem por isso menos ousados em escrever sôbre ellas, tenham pretendido deslustrar a litteraria reputação Portugueza, quando, fazendo alardo da antiga fundação de suas Academias, e deslembrando-se de que mal se sonhava talvêz ainda na Europa em formar Estabelecimentos academicos, e já o Infante D. Henrique havia instituido em Sagres a famosissima Academia, de que demos

noticia em logar competente deste nosso *Ensaio*; por não terem querido adquirir conhecimento das muitas, que tambem já pelo correr do Periodo antecedente tinhamos entre nós, reputam, e apregoam de ignorantissimos os Portuguezes d'aquellas eras (98.ª), fundamentando seus errados juizos na supposta falta de taes Estabelecimentos litterarios, que tamanha voga somente entraram a ter por toda Europa desde o meado do Seculo XVII.

Por quanto se advertissem em que a *Academia Franceza*, instituida pelo Cardeal de Richelieu, com o fim de aperfeiçoar a Lingua, e que em geral tinha por objecto as materias de Grammatica, de Poetica e de Eloquencia, não remontou alem do anno de 1635: Que a *Academia Real das Inscripções e Bellas-Letras* fôra estabelecida em 1663: Que a *Academia Real das Sciencias de Paris* tivera a sua primitiva instituição em 1666; e que assim esta, como a antecedente só no anno de 1713 fôram confirmadas por um Diploma Regio: Que a *Academia Real das Sciencias e Bellas-Letras da Prussia* fôra fundada no anno de 1700, a qual o Grande Frederico honrou com o titulo de seu Protector somente no anno de 1743: Que a *Academia dos Curiosos da Natureza* em Allemanha fôra instituida em 1650, e só no anno de 1687 é que foi tomada debaixo da protecção Imperial: Que a *Sociedade Real de Londres* começára no tempo da Administração de Cromwel por alguns Philosophos Inglezes, que na suave applicação ás Letras procuráram

fazer esquecer o despotismo e a tirannia, e que só no anno de 1660 obteve d'elRei Carlos II. o primeiro Decreto de Regia Approvação : Que a *Academia Real de Hespanha* teve o seu principio em Madrid no anno de 1714, para o fim de cultivar a Lingua Castelhana : Que finalmente, por não fazer mais longa enumeração de outras muitas, a *Academia Real de S. Petersburgo* teve a sua instituição em 1726.

Se pois os nossos detractores attendessem ás datas de fundação das principaes Academias da Europa, e quizessem igualmente aprender, que nessas mesmas datas já em Portugal havia tambem muitas Academias particulares de proveitosa instrucção (99.ª), e isto em tempo que o paiz jazia ainda debaixo da prepotencia Jesuitica; de certo não cahiriam na leviandade de escrever a nosso respeito indignidades, que menos nos affrontam, do que a elles mesmos desacreditam, pela ignorancia, que fazem patente.

Bem sabemos nós, que a maior parte dos assumptos, que se discutiam em as nossas Litterarias Sociedades do tempo, de que estamos tratando, eram pelo ordinario pontos de méra erudição somente, sem influirem de sorte alguma no bom gosto da Eloquencia e da Poesia Portugueza; e que as Sciencias philosophicas não entravam ainda tambem no gosto dos Portuguezes eruditos, com as quaes aliás se achavam já proveitosamente entretendo as mais civilizadas nações extrangeiras :

esse defeito porêm, consequencia da oppressão Jesuitica, que nos estava esmagando, mal pode, ou deve servir de desdouro a uma Nação, a qual, primeiro, que outra alguma da Europa, havia cultivado com gloria os estudos severos nos brilhantes Periodos litterarios da nossa Monarchia : e quem abríra inteiramente os olhos aos grossos fachos de luz em tempo que as outras nações, á excepção da Allemãa e Italiana, mal podiam encarar os seus mais diminutos raios; de certo daria passos de gigante na luminosa estrada da Philosophia, se por ventura ella não fosse o inimigo perigoso, de que mais se receavam os déspotas das nossas Escholas; e que por isso mesmo se armavam de todos seus esfôrços, para removerem do conhecimento dos Portuguezes os grandes descobrimentos, e os felizes progressos, que todos os povos da Europa culta estavam diariamente fazendo em o novo paiz das Sciencias.

A ninguem é desconhecido, que os Jesuitas, ainda no reinado do Senhor D. João V., conservavam tamanha prepotencia sôbre a Nação Portugueza, e dispunham tanto a seu bel prazer da Côrte e Palacio do Monarcha, que, não obstante o ser elle dotado de excellentes qualidades intellectuaes e moraes, aformoseadas por uma litteraria educação e estudos pouco vulgares; com tudo as incessantes suggestões e manobras de uma duzia dos mais astutos membros d'aquella Sociedade, que a todos os instantes o rodeavam dentro do seu mesmo

Paço, árbitros da sua consciencia, e da de toda a Real Familia no Santo Tribunal da Penitencia, molas patentes, ou occultas de quantas resoluções se tomavam nos Conselhos d'Estado, directores desde a mais tenra infancia das acções do Monarcha, e de todos os Principes de Sangue; taes e tão incessantes suggestões e manobras, postas em pratica pela Sociedade dos Jesuitas, fôram causa de que o Senhor D. João V. não podesse dar a estes Reinos, logo desde o principio do seu governo, aquelles melhoramentos litterarios, que eram bem de esperar dos seus vastos designios, e das suas luminosas idêas.

Todavia as tenebrosas intrigas dos inimigos da boa instrucção não podiam existir por muito tempo inteiramente occultas aos perspicazes olhos mentaes de um tão atilado Soberano: Foi por isso que, apenas chegado a uma idade madura, começou por emanciparse da vergonhosa tutella, em que por tão longa série de annos tinham jazido curvados debaixo do jugo Jesuitico tantos Monarchas Portuguezes, modelos de discrição, de sabia inteireza e de paternal amor para com os seus subditos. Fiel pois a tão nobres e generosos sentimentos, o Senhor D. João V. arredou do seu Confessionario os membros de uma tão astuta e perigosa Sociedade, nomeando para os mesmos empregos, em logar dos Confessores della, a dous da Congregação de S. Filippe Neri, um da Ordem de S. Bernardo, e outro simples Clerigo Secular do habito de S. Pedro.

O mesmo seu atilado espirito foi quem lhe suggerio a idêa da instituição da *Academia Real da Historia Portugueza* (100.ª), fazendo assim occupar utilmente muitas pessoas de todas as classes do Reino, que antes viviam na ociosidade, patenteando ao publico muitos e grandes talentos, até aquelle tempo ignorados; dando entrada em seus Dominios a muitos livros de pura e solida instrucção, que antes nos eram desconhecidos: fazendo revolver os archivos da Côrte e do Reino, e as Memorias do Seculo feliz; afim de illuminar-nos com as idêas das causas da decadencia dos nossos estudos, e indicar-nos os meios para os cultivarmos com maior utilidade: fazendo ultimamente por este modo sahir á luz algumas Composições instructivas, que formam a importante épocha do começo da nossa restauração litteraria.

Não é menos digna de attenção a vigilante solicitude, que este Monarcha mostrou pelo scientifico progresso da Nação, ordenando que houvesse Academias militares em todas as Provincias do Reino; para que em todo elle florecessem os estudos Mathematicos; e bem assim erigindo na Universidade de Evora tres Cadeiras de Direito Civil, e duas do Canonico (a).

A prepotencia Jesuitica, que por taes meios havia começado a receber os primeiros golpes

---

(a). Vid. Mappa de Portugal de J. B. de Castro Tom. I, cap. 6. §. 160. ediç. de 4.º

de morte para a sua total extincção, conservava, isto não obstante, assás preponderancia, para embaraçar que a entrada da luz não fôsse plena entre os Portuguezes; visto possuir ainda forças bastantes para estorvar, como de facto estorvou, que a nova Philosophia estabelecesse suas luminosas colonias sôbre o terreno da Lusitania. Verdade é, que os Jesuitas já não poderam impedir a fundação da Real Academia; por isso que o gosto das Letras se achava de tal sorte generalizado por toda Europa, que seria um attentado manifesto contra os fóros da Razão o atrever-se a pretendel-o: mas elles esperavam ainda dirigir-lhe o impulso, moderando seus tão receados progressos, quando lhes não fosse possivel cortar-lhe inteiramente os vôos: Por isso foi que armáram introduzir-se em não menor numero, do que de sete membros, naquelle Real Estabelecimento Litterario, logo na primeira nomeação, feita pelo Monarcha fundador: Tambem é certo, que o máo exemplo destes sete membros inuteis da nova Academia, os quaes nunca deram á luz Obra algũa; que bôa, ou má fosse; e a opposição, com que toda a Sociedade Jesuitica entrou logo a minar por meios indirectos o dito Real Estabelecimento, fôram causa de que delle se não derivassem todos os grandes proveitos, para que havia sido ordenado, e que antes pelo contrario fosse de dia em dia esfriando do vehemente fervôr, com que se tinha applicado a trabalhar desde os seus tão bem assombrados principios.

Mas se os resultados academicos não satisfizeram plenamente as expectações do Monarcha e da Patria, nem por isso este Litterario Estabelecimento deixou de influir poderosamente sôbre a maior illustração Nacional, que estava reservada para os dias do muito glorioso Reinado do Senhor D. José I., tempo em que, removidos inteiramente por um vigoroso córte todos os obstaculos, que retardavam nossos litterarios progressos, vimos derramar-se amplamente pelo nosso paiz todos os fructos das Boas-Artes, e da verdadeira Sabedoria.

Entretanto já nos ultimos annos do governo d'elRei D. João V. o gosto da verdadeira e sãa Philosophia, aperfeiçoada, ou antes creada entre os extrangeiros pelos fins do Seculo XVII., tinha adquirido um numero tamanho de sectarios em Portugal, que alguns delles, vendo a impossibilidade, em que se achavam, de poderem cabalmente instruir-se dentro da Patria nas doutrinas desta luminosa Sciencia, se determinaram a ir buscar a appetecida instrucção entre os sabios dos paizes extrangeiros, onde já por aquelles tempos era permittido a estes o fazerem um livre commercio das suas idèas.

Nem muito presumam de si as nações extranhas, e tenham em pouco ao nosso Portugal, gloriando-se de que a Philosophia fixára permanente residencia em seus territorios n'uma épocha longamente anterior áquella, em que lhe demos accolhimento em o nosso paiz;

Porquanto, segundo o testemunho do celebre Abbade de Condillac (a), todos os descobrimentos, feitos depois do Renascimento das Letras na Europa, somente pelos fins do Seculo XVII. é que começaram a formar um corpo de sistema; não havendo existido até esse tempo mais, do que destacados anneis de Sciencia, subministrados pelos grandes pensadores e observadores de todas as Nações, entrando tambem a Portugueza com a sua, e não piquena, litteraria contribuição, como temos deixado apontado em differentes paginas deste nosso *Ensaio*, os quaes brilhantes anneis reunidos naquella épocha por homens de uma vasta comprehensão, e de um talento pouco vulgar, formáram então essa mui bem tecida cadeia philosophica, que hoje reune em seu vasto ambito a grande massa dos mais bellos conhecimentos humanos.

Alem de que, as perseguições accumuladas sôbre Descartes em França e na Hollanda (101.ª), e as retractações vergonhosas e prizão de Galilèo na Italia sobejamente caracterizam estas nações, pelo que diz respeito ao estado da sua philosophia; e entretanto eram ellas talvèz as que naquelle tempo presumiam de mais adeantadas na carreira das Sciencias. De mais disto, o mesmo grande Galilèo, honra e brazão da Philosophia moderna, bem claramente patenteou ao Mundo o notabilissimo estado de atrazamento, em que ainda nos seus

(a) Histoire Moderne, Livre dernier, chapitre 5.

dias se achavam os verdadeiros conhecimentos philosophico-naturaes, quando, sendo interrogado por Officiaes de Hydraulica Italianos sôbre a causa, *por que a agua na manga das bombas subia á altura de trinta e dous pés somente, e não mais*, lhes dêo em resposta, *que era porque a Natureza não tinha horrôr ao vácuo senão até aquella altura:* resposta esta que sahindo da bôcca de um tão grande homem, como em verdade era Galilêo, prova assás, que a Philosophia experimental, aquella que, mais do que nenhuma outra, deve ser condecorada com o honroso nome de verdadeira Philosophia, se achava ainda por aquelle tempo apenas poucos gráos acima da giria Escholastica.

Entre os benemeritos Portuguezes, que no reinado do Senhor D. João V. deixaram a sua Patria, para irem a terras extranhas beber as puras idêas, que ainda se não ensinavam nas escholas de Portugal pelas razões tantas vezes apontadas, não podemos deixar de fazer distincta e muito honrosa memoria dos dous, *Luiz Antonio Verney*, e *Jacob de Castro Sarmento*, ambos elles grandemente benemeritos da Patria pelos Escriptos luminosos, com que aquelle de Italia, e este de Inglaterra trabalharam por desterrar do seu paiz as trevas da ignorancia, armando guerra declarada contra os despotas anti-philosophicos, que o tirannizavam. Na verdade o judicioso Livro, trabalhado pelo primeiro destes dous sabios, o qual vio a luz publica debaixo do titulo de *Verda-*

deiro Metodo de estudar, para ser util á Republica e á Igreja, proporcionado ao estilo e necessidades de Portugal, escripto na fórma de Cartas, causou uma completa revolução no Litterario da Nação Portugueza; pois apenas começaram a correr os muitos exemplares da referida obra, que se fizeram entrar neste Reino, excitaram nelle uma sublevação quasi geral contra os estudos Jesuiticos, que o Autor do *Metodo* nervosamente convencia, e ridiculizava. As differentes obras da eschola tenebrosa, ou fossem da sua chamada Philosophia, e Theologia, ou ainda aquellas, nas quaes a Mocidade Portugueza bebia os primeiros rudimentos da Litteratura, que constituiam toda a força do exercito Jesuitico, e a péste por todas ellas derramada, com que haviam sido inficionados os ingenhos Portuguezes; tudo isto foi dado a conhecer pelo Autor do *Metodo* pelo modo mais claro e decisivo.

Debalde procuraram os Jesuitas entrincheirar-se dentro de seus góthicos castellos, e delles por meio de astutas manobras fazer uma vigorosa resistencia contra o Livro, que, illuminando a Nação, vinha por consequencia a fazer-lhes perder todo o crédito e litteraria reputação, com surdas machinações adquirida; contemporizando astutos, em quanto lhes não era possivel usar da sua costumada táctica offensiva contra o proprio Autor de suas receadas desgraças. No emtanto as cousas estavam já muito mudadas do seu antigo andamento;

por quanto, oppondo elles ao Autor do *Metodo* um dos seus campeões mais valentes, o *Padre José de Araujo*, para que com as suas *Reflexões Apologeticas* sustentasse contra o referido *Metodo* a exacção e pureza do Jesuitico ensino, reduzindo a confusão os luminosos principios de *Verney* : Aquellas *Reflexões* fôram geralmente havidas por tão cheias de puerilidades e inepcias, assim no que dizia respeito ás idèas, como ao estilo; nellas fôram descobertos tantos e tão ridiculos sophismas, tão manifestas calumnias e invectivas, pretextadas com *Jansenismos* (sua arma mimosa), para desacreditar, e fazer suspeito de heresia o Autor do *Metodo*; que, em vêz de cantarem a esperada victoria, antes mais publicà fizeram á face da Europa illustrada a sua má fé, a escassêz de suas idèas e o seu depravado gosto litterario (102.ª) : chegando o Mundo, ainda prevenido em seu favor, a convencer-se, de que o edificio da sua pretendida sabedoria não tinha bases mais solidas, do que uma servil e cega prevenção, que elles tinham sabido inspirar, e generalizar por todos os espiritos nos dias de barbaridade e de trevas.

Verney quiz desmascarar ainda mais estes inimigos da sãa Litteratura, escrevendo o bem conhecido Opusculo, intitulado *Resposta ás Reflexões*, no qual tratou tão mal o Autor dellas, e a toda a Sociedade Jesuitica, que lhes fêz necessario recorrerem aos esfôrços de novos estratagemas; afim de palliarem a já arruinada opinião da sua supposta Litteratura

e do seu bom magisterio : foram porêm tão afortunados com os Escriptos, que publicaram contra a nova producção de *Verney*, como o tinham já sido na sua primeira tentativa; pois viram em ultimo resultado, que as suas frivolas impugnações e pueris invectivas só serviam de fazer cada dia mais claras as solidas razões, com que o zelôso e bem instruido Autor do *Metodo* clamava desde Roma pela indispensavelmente necessaria e prompta reforma dos estudos Portuguezes.

Dissemos pouco ha, que *Jacob de Castro Sarmento* havia sido, d'entre os nossos compatriotas, que ás extranhas nações foram por aquelle tempo enriquecer-se de idêas novas, um dos que mais concorrêram para naturalizar em Portugal os principios e o gôsto da bôa Philosophia : e para prova do nosso dito, bastará indicar, que foi elle, quem de Inglaterra presenteou a sua Patria com uma versão Portugueza das obras Philosophicas do grande *Bacon de Verulamio*, homem justamente benemerito da Republica Litteraria, por ser um dos zelosos restauradores do bom saber; e por isso que foi quem abrio caminho para rectamente cogitarmos em cada uma das Sciencias. *Sarmento* intitulou a sua traducção do Philosopho Inglèz *Obras Philosophicas de Francisco Baconio, Barão de Verulão, Visconde de Santo Albano, com Notas para explicação do que é escuro*, a qual dêo á luz em Londres no anno de 1731 em tres tômos de 4.º

O desejo de saber, que entre nós se havia despertado com o nôvo methodo de ensino, devido principalmente ás obras, que começavam a vogar mais livremente por este Reino, vindas das mãos dos Portuguezes, que pela Europa andavam viajando, chegou a penetrar vivamente a grande alma d'elRei D. João V. : e já convencido de que não era das escholas dos Jesuitas, que podia manar a fonte da verdadeira instrucção, estabelecêo á maneira de outro *Port-Royal-Des-Champs*, um Seminario de Litteratos ecclesiasticos, que na Capital dos seus Estados se occupasse da instrucção e educação da Mocidade; fazendo desta sorte uma judiciosa diversão ás escholas exclusivas, de que havia duzentos annos se achava de posse a Companhia, denominada de Jesus. Realizou este seu tão sensato e paternal designio pela erecção da Casa, que mandou edificar no suburbio de *Nossa Senhora das Necessidades* a beneficio da douta, religiosa, e grandemente benemerita *Congregação de S. Filippe Neri*, com aulas para nellas se ensinar tudo, quanto pertence ás Escholas-menores, e ás Humanidades, não pelo methodo Jesuitico, mas pelo que em Roma estavam praticando muitas illustres Corporações do Clero Regular : aulas, cuja utilidade foi notoria desde o seu principio, e o continuou a ser sempre por todo o tempo da sua duração : e Casa, cujas eruditas e religiosas producções litterarias tem estabelecido o seu credito na geral estimação das mais cultas Nações da Europa.

Similhantemente pelos fins do seu reinado, e no anno de 1741 fundou em Lisboa um Seminario, no qual a Mocidade do Patriarchado, que se dispunha para a vida Clerical, podesse aprender as doutrinas puras da Religião, começando pelos importantes estudos preliminares, que mais concorrem para os felizes progressos nas Sciencias Sagradas e Ecclesiasticas : o qual Seminario dotou com abundantes rendimentos, capazes de poderem mantêr uma instituição tão proveitosa. Foi esté Seminario transferido depois para a villa de Santarem no anno de 1780, onde continuou a ser uma das melhores escholas diocesanas, e na qual se formaram muitos ecclesiasticos e seculares, que ainda hoje em dia honram assim a Religião, como o Estado.

O amor, manifestado por este Monarcha a tudo quanto podia promover o esplendor das Letras, estendeo-se até mesmo fóra dos seus Estados, como fèz ver no sumptuoso edificio, por sua Real Munificencia edificado em Roma, para celebração das Sessões da illustre *Academia dos Arcades*; afim de nelle os seus Socios fazerem com maior commodidade as suas Sessões, escrevendo-se de mais a mais em o numero de seus Socios, com o titulo de *Pastor Albano*, na frente de cujo edificio gravou a gratidão publica a Inscripção seguinte :

Joan. V., Lusitaniæ Regi, Pio, Felici, Invicto, Quod Parrhasii Nemoris Stabilitati Munificentissime Prospexerit, Cœtus Arcadum

Universus Posuit. Andræa De Mello e Castro, Comite De Galveas, Regio Oratore. Anno Salutis M. D. CC. XXVI.

A larga effusão de luzes, que havia começado a penetrar por todo Portugal desde os primeiros annos deste Periodo, e que foi progressivamente espalhando-se, e abrangendo a todas as classes de pessoas, que por suas occupações e empregos costumam dar-se ao exercicio das Letras, continuou a dilatar a sua esphera em uma progressão cada vêz mais acrescida, desde o principio e por todo o Reinado perennemente memoravel do Senhor D. José I. Nem as violentas concussões fisicas, que abalaram horrivelmente Lisboa e mais ou menos toda a extensão de nossas Provincias, nem as tristes calamidades, que fôram consequencia do fatalissimo terremoto de 1755: nem as domesticas commoções politicas, que nos trouxeram o grande bem da expulsão total de uma Sociedade de homens, inimigos do Throno, da paz e da felicidade publica (103.ª): nem ultimamente todos estes fenomenos fisicos e politicos reunidos, dos quaes cada um de per si seria bastante n'outras eras para abafar inteiramente, ou pelo menos para retardar por mais um seculo o progresso das Letras em qualquer paiz, tiveram forças neste Periodo para obstar a que as Artes e as Sciencias continuassem naquelle grande vigôr e fecundidade, com que haviam começado a vegetar tão prosperamente sôbre o terreno Portuguêz.

Com effeito foi quasi pelo mesmo tempo, em que Portugal estava ainda alimpando as lagrimas, occasionadas pelas calamidades, de que fôra theatro e victima no começo do Reinado do Senhor D. José I., que entráram a multiplicar-se entre nós as instituições litterarias, de que ainda hoje estamos colhendo mui sazonados fructos: instituições litterarias, umas creadas de nôvo a exemplo das que nos offereciam as nações nossas visinhas, outras limpas dos abusos e ferrugem Jesuitica, e aperfeiçoadas por mãos habilissimas, das quaes todas foi composto o bem ordenado sistema de Instrucção Publica, que então começámos a possuir, e de que poderiam bem gloriar-se as mais polidas Nações da Europa d'aquellas eras.

Entre estas litterarias instituições merece occupar o primeiro e mui distincto logar, pela grande influencia que teve sôbre a Litteratura Portugueza em geral, e mais particularmente sôbre a Eloquencia e a Poesia da Nação, o estabelecimento da *Arcadia de Lisboa*, Sociedade de homens verdadeiramente eruditos, que por seus assiduos e bem encaminhados trabalhos, e por seus grandes conhecimentos assim theoricos, como praticos, restituiram á nossa Litteratura aquelle esplendor e reputação, de que ella justamente havia gozado em tempos mais felizes, e não desmerecedores de entrarem em parallelo com os das mais cultas idades da Grecia e do Lacio.

Por quanto, não obstante ser cousa uni-

versalmente conhecida que ao reinado do Senhor D. João V. se deve entre nós a preparação para um notavel melhoramento da Litteratura Nacional; é tambem fóra de toda a duvida, que os trabalhos, por exemplo, dos Socios da *Academia Real da Historia Portugueza*, fundação, como vimos, deste ultimo Soberano, apenas se limitaram á simples compilação e exame de factos, sôbre os quaes havia de ser levantado o magestoso edificio da nossa Historia Politica e Ecclesiastica; trabalhos porêm distituidos ainda em grande parte d'aquella critica severa e imparcial, que deve acompanhar obras de tal natureza, e expostos as mais das vezes em um estilo defeituoso, por inchado, e mui alheio da simplicidade e magestade das composições historicas.

O proprio *Verney*, cujas eruditas composições precedêram as tarefas litterarias da *Arcadia de Lisboa*, com quanto fosse um dos primeiros, que combatêo o anterior, desvairado sistema da Litteratura Portugueza, e o que abrio caminho para mais aperfeiçoados methodos; era com tudo mui pouco digno ainda de imitação, pelo que respeita á linguagem e ao estilo: Podendo com verdade dizer-se, que o laborioso e bem conhecido *Francisco José Freire*, da Congregação do Oratorio, foi o primeiro, que entre nós se dedicou a renovar com fructo a Litteratura dos bons tempos de Athenas e de Roma, cultivada em Portugal com esmero no Seculo XVI.

A' *Arcadia de Lisboa* porêm, cujo primeiro projecto fôra devido ao celebre *Antonio Diniz da Cruz e Silva*, e a *Manoel Nicolao Esteves Negrão*, e cujos primeiros actos regulares de associação datam do dia 19 de Julho do anno de 1757, é que se deve o vulgarizar-se entre nós a theoria da boa Litteratura Classica, mostrando os membros d'aquella Litteraria Associação, até com o exemplo, que a reforma da Poesia, e da Eloquencia se não devia reduzir a uma imitação servil dos antigos Exemplares, mas antes á imitação ou copia da bella Natureza: e foi o principal objecto desta Sociedade formar uma eschola de sãos dictames e de bons exemplos em assumptos de Eloquencia, e de Poesia, a qual servisse de modelo aos mancebos estudiosos, e diffundisse por toda a Nação o ardôr de restaurar a antiga belleza destas esquecidas Artes.

Merecem ser declarados por mais distinctos e laboriosos membros desta Litteraria Associação: 1.º o já atrás mencionado *Francisco José Freire*, conhecido na Arcadia pelo nome de *Candido Lusitano*, a quem a moderna Litteratura Portugueza deve o seu principio e consistencia, como bem o deixam ver, a sua *Arte Poetica*, já anteriormente publicada em 1748, dous annos apenas depois que sahira á luz o *Verdadeiro Metodo de Estudar* de Verney; a de *Horacio*, por elle eruditamente traduzida e commentada, impressa em 1759; e no mesmo anno as *Maximas sobre a Arte*

Oratoria, extrahidas das doutrinas dos antigos Mestres; o seu *Diccionario Poetico*, que vio a luz publica no anno de 1765; e a nova *Arte Historica*, escripta em elegante verso Portuguèz, impressa em Coimbra no anno de 1826 : 2.º *Pedro Antonio Correa Garção*, disfarçado debaixo do nome de *Coridão Erimantêo*, bem conhecido, alem das suas poesias, pelas *Dissertações sôbre a importancia e verdadeiro caracter da Tragedia* : 3.º *Manoel de Figueiredo* pelas suas *Dissertações sobre a Comedia* : 4.º *Antonio Diniz da Cruz e Silva*, pelo que escrevêo contra o insulso e ridiculo estilo, que na poesia pastoril haviam introduzido alguns poetas do Seculo antecedente, e ainda naquelle tempo *Francisco de Pina e Mello*, a quem chamavam o *Côrvo do Mondego*.

Devêo mais a Poesia Portugueza á Arcadia de Lisboa a victoria alcançada sôbre grande numero de insipidos versejadores do seu tempo, a qual consistio em deixar provado com o pêzo das razões, e ainda mais com a efficacia dos exemplos, que a poesia vulgar era independente do jugo da rima, ou do sonóro *zum zum dos consoantes*, a que quasi todos estavam servilmente ligados, como mostráram Garção nas Satiras e Epistolas, e Figueiredo na Satira 3.ª, impressa entre as suas obras posthumas.

Assim que foi tão poderosa a influencia dos preciosos trabalhos dos *Arcades* sôbre a restauração da nossa Eloquencia, e Poesia,

que de certo a nenhum outro acontecimento publico d'aquelle tempo se poderá com razão attribuir outra nem maior, nem sequer igual.

Mas a inevitavel instabilidade, inherente por desgraça ás humanas instituições, ainda as mais innocentes e proveitosas, fêz que a *Arcadia de Lisboa*, depois de cinco annos de grande lustre e prosperidade, começasse visivelmente a descahir por causa da discordia, que no proprio seio desta egregia Sociedade se ateára, até vir finalmente a acabar no anno de 1776, prendendo-se naturalmente a ella a *Academia Real das Sciencias de Lisboa*, erecta em 1779, de que adeante falaremos (104.ª).

Continuando a dar conta das instituições litterarias, de nôvo creadas em Portugal, ou melhoradas durante a marcha deste Periodo, mencionâmos em segundo logar, cingindo-nos á ordem chronologica, o *Estabelecimento da Aula do Commercio*, creada em Lisboa por Alvará de 19 de Maio de 1759, na qual se proporcionam aos seus praticantes os conhecimentos mathematicos indispensaveis para bem calcular todas as especies de quantidades arithmeticas ou algebricas, e se ensinam as theorias commerciaes, e mais importantes e vulgares praticas, que devem formar um perfeito Guarda-livros: instrúidos nesta eschola sahem hábeis seus alumnos para serem empregados nas differentes repartições de Fazenda, e Thesouro Publico, em que o Governo precisa occupar pessoas consummadas naquella

especie de conhecimentos theoricos e praticos.

Seguio-se a tão proveitosa instituição a do *Real Collegio dos Nobres*, estabelecido em Lisboa no anno de 1761 para educação e instrucção dos jovens de certa qualificação de nobreza, e onde debaixo de um bem pensado regulamento litterario, moral e christão, se ordenou o ensino das linguas Latina e Grega, das grammaticas dos idiomas Nacional, Inglèz, Francèz, e Italiano, das artes de Rhetorica e Poetica, da Philosophia Racional e Moral, da Historia, da Fisica, das Mathematicas, da Architectura militar e civil, do Desenho, das Artes de Cavallaria, de Esgrima e de Dansa, em uma palavra de tudo quanto concorre para adornar o espirito, e para dar maior agilidade e gentileza ao côrpo dos mancebos; afim de os dispôr para entrarem na carreira do Mundo com aquelles predicados, que particularmente se requerem em um joven cavalheiro (a).

Porèm entre todos os Estabelecimentos litterarios, ou fundados de novo, ou renovados, e aperfeiçoados pelos incançaveis desvelos do grande Monarcha D. José I., outro não houve, que maior gloria diffundisse sôbre o seu Reinado, e do qual toda a Nação Portugueza recolhesse mais abundantes fructos de verdadeira sabedoria, como foi a Universidade de Coimbra, por elle reformada e levantada do opprobrio, a que tinha sido reduzida, ha-

(a) Vid. Estatutos deste Real Collegio.

via já quasi dous Seculos, pelas tenebrosas manobras e ruins maximas da Sociedade Jesuitica. Entre tanto para poder formar-se o devido e justo conceito do muito, que Portugal deve a este Soberano e ao seu famoso Primeiro Ministro, o grande Marquèz de Pombal, Sebastião José de Carvalho e Mello, na reformação feita por elles da Universidade de Coimbra, seria preciso haver testemunhado os funestissimos estragos, padecidos por esta Corporação debaixo da influencia mais ou menos directa dos Jesuitas (105.ª), estragos que, entrando já a fazer-se mui sensiveis desde os principios do Seculo XVII., conforme deixámos notado no Periodo antecedente, citando, e transcrevendo as expressões do *Cóncgo Gaspar Estaço* (a), foram depois em progressivo incremento com a prepotencia, cada vêz mais consolidada, dos nossos oppressores, até chegarem ao seu maior auge, no reinado do Senhor D. Pedro II., e começo do governo do Senhor D. João V.

Com effeito logo que os Jesuitas empunharam exclusivamente entre nós o sceptro da Litteraria instrucção em todos os Estabelecimentos maiores e menores, consagrados aos estudos Portuguezes, nos segundos directamente, e nos primeiros por um modo indirecto, mas nem por isso menos imperioso; tudo se mostrou infestado da sua caliginosa influencia: os seus hálitos venenosos fizeram murchar

---

(a) Vid. pag. 135 e 136 deste *Ensaio Historico*.

por toda a parte a plantação scientifica, que antes havia vegetado com vigor admiravel sôbre o terreno Portuguez (106.ª). Uma prova sem réplica desta verdade são os proprios Estatutos da Universidade de Coimbra, promulgados no anno de 1598, e a sua apparente Reformação publicada no de 1612, producções ambas da fábrica Jesuitica (a), nos quaes publicos documentos se patentêa um notorio sistema de ignorancia artificial, e um aggregado de impedimentos, dirigidos a impossibilitarem o progresso dos Estudos Portuguezes, que com dólo inaudito se simulou tratavam de promover.

Fôram estes Regulamentos anti-litterarios os, que reduziram a nossa Universidade áquelle estado de quasi total aniquilação, em que ella se achava já nos principios do reinado de Filippe IV., como se queixa amargamente o citado Estaço pelas palavras seguintes: « Pode-se queixar a Sagrada Theologia pela privarem da companhia, e ornato da mathematica, philosophia, logica, rhetorica, e as mais artes deste genero, lidas por taes professores, que Santo Thomaz, e S. Dionysio Areopagita lhe dão por ancillas. E nós tambem nos podemos queixar pello que se nos

---

(a) Vid. Compendio Historico do estado da Universidade de Coimbra no tempo da invasão dos denominados Jesuitas... &c. Part. I. Prelud. 3. pag. 55, e seguintes.

tirou com taes artes (a) ». E logo abaixo acrescenta, « como são todas as mais principaes (Universidades) da Christandade, e o foi a de Coimbra, da qual hoje não temos mais que huma ametade, porque outra levou o tempo, e não lhe valêo o anteparo da ordem geral das outras, que a fama celebra (b) ».

Com a perda d'aquellas faculdades e artes sentio a Universidade tambem a das Linguas Grega, Hebraica, e Latina, ficando desta ultima somente um resto bárbaro, que continuou a dominar nas escholas, de dia para dia mais barbarizadas pelo uso das postillas, nada menos que Latinas, cheias de termos desconhecidos não dizemos já dos bons tempos da Latinidade, porèm até dos mesmos barbaros, que a corromperam.

Muito embora os acima indicados Estatutos do anno de 1598 estabeleçam e mencionem uma Faculdade de Sciencias philosophicas, a que nelles se dá o nome generico de *Artes*, a qual constituia uma applicação subsidiaria, havida por indispensavel a todos os, que se dedicavam aos estudos Theologicos, e Medicos : por quanto uma tal Faculdade, pela má escolha de materias que formavam aquelle plano de estudos, e bem assim dos Autores, que serviam de compendios, tão longe

---

(a) *Varias Antiguidades de Portugal*, cap. 45. num. 4.

(b) Ibi. num. 7.

esteve de satisfazer aos importantes fins, a que parecia propor-se; que muito pelo contrario foi origem e raiz venenosa, da qual nasceo a escura, pueril e sophistica loquacidade, que invadio, e corrompêo todos os ramos do ensino publico: Daqui aquella Theologia Pseudo-Escholastica, Sophistica, e Arabico-Peripatetica, que tamanhos estragos derramou por toda a Igreja de Deos, e por todos os reinos e senhorios de Portugal (107.ª).

Para poder porèm formar-se conceito desta Faculdade de *Artes*, não é preciso mais, do que lêr com alguma attenção os quatro tômos da Metafisica do Jesuita *Fonseca*, o primeiro Mestre de Philosophia, que os Jesuitas deram á Nação Portugueza, quando usurpáram ás Escholas-menores os seus excellentes Professores; e naquella Metafisica apenas se encontrará uma questão util, entre muitas perniciosas: *Fonseca* confessa, que o seu Aristoteles se jactava de escrever nesta materia, para não ser entendido (a); e sem embargo disto, o Jesuita esforça-se por entendel-o, e explical-o, mas com qual effeito!... Que bellos preliminares para o estudo da Medicina, e mais ainda para os de Theologia não dictava este Jesuita em Coimbra aos alumnos da sua eschola!

A Mathematica, em que tão célebres nos haviamos feito desde a instituição da Academia de Sagres pelo Infante D. Henrique, e

(a) Tom. I. in Proœm.

cujos fructos admiraveis foram os descobrimentos assombrosos, que immortalizaram o nome Portuguêz : cultivada depois com tanta gloria nos illustres Reinados dos Senhores D. Manoel, e D. João III. por um *Pedro Nunes*, e por tantos outros mathematicos insignes, achava-se reduzida nestes Estatutos a uma simples Cadeira, privada de toda a contemplação e interesses, e resumida a duas lições (para expressar-nos na propria linguagem dos mencionados Estatutos), « huma em Euclides, e outra na theórica dos Planetas » (a).

O Direito Canonico, reduzido á esteril lição das *Decretaes*, do *Decreto*, e *das Clementinas*; sem o estudo das Disciplinas elementares, subsidiarias indispensaveis deste Direito, a saber, da Historia do mesmo Direito, e bem assim da Sagrada e Ecclesiastica, do Direito-Publico-Ecclesiastico, do Natural e das Gentes; eis a que se limitavam naquelles Estatutos todas as noções de Jurisprudencia Canonica, que eram ensinadas na Universidade de Coimbra debaixo da dominação Jesuitica.

Em igual estado de apoucamento se encontrava o estudo do Direito Civil; pois eram objecto unico de suas lições algumas ligeiras idêas do *Digesto*, do *Codigo*, e das *Institutas*, sem principios alguns do Direito da Natureza e das Gentes, base fundamental de toda a Jurisprudencia, tanto Civil, como

(a) Lib. III. Tit. 6. num. 23.

Canonica, e absolutamente privado das noções de Jurisprudencia Patria, que aliás deveria ser a que occupasse a maior parte do tempo, dedicado ás lições d'aquella Faculdade (108.ª).

Em nenhũa outra Faculdade porêm se patenteava talvêz mais claramente a depravação do methodo de ensino, communicado pelos Jesuitas, do que na Theologia, e foi ella de certo a que experimentou e soffreo maiores insultos das suas ruinosas e indecentes maximas: Privada inteiramente dos muito importantes e necessarios conhecimentos da Historia Sagrada e Ecclesiastica, da Chronologia, da Geographia, da Philosophia, da Philologia, da Critica e da Hermeneutica Sagrada, e das Linguas Grega e Hebraica, indispensaveis adminiculos para se entrar na genuina intelligencia do Texto Sagrado: sem noções exactas das fontes da Theologia, e das verdades importantissimas, que nellas se contêm, e que são as bases firmes da Sciencia da Religião: desprezada de todo, ou quasi inteiramente, uma das suas mais interessantes partes, a Ethica-Christãa; e essas mesmas acanhadas idêas, que della se davam, adulteradas de mais a mais pelas maximas venenosas do Molinismo e do Probabilismo.... Não sabemos, se seria melhor que na Universidade de Coimbra deixasse de existir naquelle tempo uma Faculdade, a qual pelo seu Santissimo Objecto devendo ser a mais puramente conservada, e dignamente ensinada, era naquelles

calamitosos dias tratada mais indigna e indecorosamente, do que alguma das outras partes do saber humano (109.ª).

Que diremos da Medicina? Desacompanhada dos seus mais indispensaveis preparatorios, quaes a boa Latinidade, o Grego, as Humanidades, a sam Philosophia, as Mathematicas elementares; do modo, por que se achava ordenada nestes *Estatutos*, não podia dar passo seguro, nem fazer progressos alguns, que promettessem feliz desempenho do seu importantissimo objecto: sendo que é doutrina corrente entre todos os grandes Professores dos antigos e modernos tempos, que o estudo das Linguas, e das mais disciplinas já mencionadas, é o solido fundamento, sôbre que assenta, e só pode seguramente levantar-se o edificio da verdadeira Medicina, como expressamente o declara um dos melhores interpretes de Hippocrates, o douto *Cornário*, na elegante epistola, dirigida ao Senado de Ausburgo, na qual dedicou ao mesmo Senado a sua versão Latina do pai da Medicina em a Grecia: « Demanda a Medicina (diz elle) a sciencia das Linguas, das Letras, das Philosophias, das Mathematicas, e o conhecimento de toda a Natureza »: *Medicina requirit doctrinam Linguarum, Litterarum, Philosophiæ, Mathematum, et totius naturæ cognitionem.*

Superficialissima em noções de Botanica, inteiramente privada das de Chimica, quasi nulla em principios Anatomicos, tanto theo-

ricos, cômo praticos; mal instruida nas Instituições Medicas, nas quaes se contem o Compendio do estudo theorico da Medicina; e essas mesmas poucas idêas, que constituiam a totalidade do ensino desta Sciencia, expendidas de mais a mais sem methodo algum ou ordem sistematica (defeito commum ao ensino de todas as outras Disciplinas nestes acanhados e indigestos Estatutos), a Faculdade de Medicina achava-se em tão deploravel estado, como todas as mais Faculdades, que com ella formavam o complexo de estudos da Universidade de Coimbra (110.ª).

Tal é em pequeno espaço o bosquejo dos litterarios estudos de Portugal, extrahido dos proprios Estatutos da Universidade de Coimbra, como os encontrou elRei D. José I., quando se dignou de volver olhos paternaes sôbre esta parte, uma das mais importantes, da Publica Administração. Patenteada que lhe foi a ruina da nossa Litteratura, não poude caber em sua grande alma o deixar de pôr logo em pratica, quanto estava da sua parte para remediar tantos e tamanhos abusos, e para ver se levantava de nôvo o abatido genio Portuguêz áquelle subido gráo de elevação, a que havia chegado em eras mais ditosas, e ao qual era de esperar com muito maior razão se levantaria outra vêz agora; visto que a rivalidade com as nações extrangeiras, e a grande effusão de luzes por ellas já extensamente derramadas, serviriam de poderosos estimulos, para arrançar Portugal do lethar-

go, no qual com tão grande opprobrio seu estava ainda submergido.

Para levar a effeito este seu nobre projecto, passou immediatamente a crear uma Junta, composta de nove membros, ornados de são e profundo saber, a que deo o nome de *Junta de Providencia Litteraria*, erecta por sua Carta Regia de 23 de Dezembro de 1770 (111.ª), á qual incumbio o plano da Reforma dos Estudos, ordenados em um corpo de Estatutos Litterarios, que postos depois em execução por mãos sabias e vigorosas, creassem debaixo desse mesmo plano uma nova geração de homens, alumeados com todas as luzes do Seculo, e que podessem hombrear com os das mais cultas nações da Europa. O successo correspondeo dentro de pouco tempo ás esperanças do Monarcha e da Patria; por quanto desta sabia Junta não tardou em sahir um plano de Estudos Academicos, o mais conforme ás luzes do Seculo, e completamente adaptado para uma perfeita instrucção litteraria nos differentes ramos scientificos: plano de Estudos, denominado *Estatutos da Universidade de Coimbra*, no qual se acham estabelecidas as mais sabias providencias e regulamentos para o ensino da alta sciencia da Religião; abrangendo igualmente não só toda a especie de indispensaveis dictames para o bom regimen da sociedade ecclesiastica e civil; como para se adquirir uma bem averiguada sciencia ácerca do homem fisico, ou seja no seu estado de saude, ou no de doen-

ça, e ácerca dos meios, subministrados pela experiencia, para prevenir e curar esta, e para conservar aquella : e onde se encontram simultaneamente propostos os melhores methodos de ensino de todas estas Disciplinas, e se apontam os Compendios, e seus Expositores os mais bem escriptos e acreditados, que podem subministrar um ensino puro, e verdadeiras luzes aos que trilharem a carreira das referidas Disciplinas.

Ao plano antigo, por aquella sabia Junta tão magistralmente melhorado, fôram nestes Estatutos acrescentadas duas novas Faculdades universitarias, iguaes em tudo ás já existentes em preeminencia, honras e privilegios, a saber, as *Faculdades de Mathematica*, e de *Philosophia-Natural*, das quaes Faculdades, ou Disciplinas, como atrás deixamos já notado, existiam apenas escuras sombras nos ultimos dias da Universidade de Coimbra, antes da sua feliz reformação no anno de 1772. Encontram-se delineados nos mesmos Estatutos, e se mandam levantar e crear todos os Estabelecimentos necessarios para o desenvolvimento e progresso effectivo das duas novas Faculdades, como são, um *Observatorio Astronomico*, um *Musêo d'Historia-Natural*, um *Gabinete de Fisica*, um *Laboratorio Chimico*, e um *Jardim Botanico*, obras estas a que immediatamente se procedêo, e que dentro de poucos annos chegáram a concluir-se não só com grandeza, mas com Real magnificencia : E se tratou, logo em seguimento á

Reforma, de provèr cada uma das Cadeiras das Faculdades novamente creadas dos mais habeis Professores, escolhidos d'entre os que o Reino offerecia, e attrahindo e mandando vir outros dos paizes extrangeiros, que gozavam de maior credito em civilisação e litteratura.

Este mesmo esclarecido Monarcha, já desde o anno de 1759, tinha lançado vistas paternaes sôbre as escholas de Linguas e de Humanidades destes Reinos, mandando por um seu providente Alvará da mesma data reparar os estudos das Linguas Latina, Grega e Hebraica, e da arte da Rhetorica, da ruina, a que haviam chegado; e restituir-lhes o antigo lustre, que fèz os Portuguezes tão conhecidos na republica das Letras, antes que os Padres Jesuitas se entromettessem no seu ensino; abolindo inteiramente as classes e escholas dos ditos Padres; e estabelecendo no ensino das aulas de Letras Humanas uma geral reforma, mediante a qual foi restituido nestes Reinos, e em todos seus Dominios o bom methodo antigo, reduzido porêm aos termos simplices e claros, e de maior facilidade, que naquelle tempo se estavam praticando entre as nações mais polidas.

Mas como o principal assento, e como cabeça das escholas de Humanidades neste Reino era o Real Collegio, para ellas estabelecido em Coimbra debaixo das vistas immediatas da Universidade, e com ella de novo incorporado por Provisão de 16 de Outubro de 1772 (112.ª); participou tambem mais espe-

cialmente este Real Collegio dos beneficios do Soberano por meio da creação de uma *Cadeira de Historia e Antiguidades*, assim como por meio de um Regulamento mais aperfeiçoado, que no tempo da grande Reformação da Universidade foi dado a estas escholas; visto serem ellas as que com muita particularidade eram destinadas para lançarem as primeiras sementes da sabedoria nos espiritos da Mocidade Portugueza, que depois nas aulas superiores tinha de receber a plena effusão de luzes, com que a Patria devia ser esclarecida. E posto que no progresso dos annos, que se seguiram, nem sempre estas escholas tenham continuado com o mesmo esplendôr, com que apparecêram logo depois de reformadas; com tudo durou incessantemente nellas o mesmo espirito de melhoramento e de tendencia á perfeição, que no principio se lhes imprimio: Foi elle devido em grande parte ás sabias providencias de alguns dos Reformadores Reitores da Universidade, que desde os dias da Reformação occuparam este importante e mui distincto Cargo, maiormente aquelle nunca assás louvado, que, presidindo a esta Litteraria Corporação nos dias do seu renascimento, em 1772, depois de alguns annos de interrupção neste ramo de seus vigilantes cuidados, voltou a occupar nos fins do seculo passado as funcções de seu Reformador Reitor, as quaes desempenhou com o maior zêlo e intelligencia até quasi ao seu falecimento no anno de 1822 na provecta idade de oitenta e

sete annos. A este sabio e illustre Reformador Reitor da Universidade, e Principe da Igreja Portugueza, o Senhor *D. Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho*, Bispo de Coimbra, Conde de Arganil, é que são devidas as bem apropriadas Instrucções Litterarias, e Religiosas, as quaes serviram de Regulamento para as escholas de Humanidades da Universidade Portugueza, depois da sua Reformação até os infaustos dias da barbária de nôvo introduzida durante o intervallo, felizmente de curta duração, da usurpação da Monarchia ha dezeseis annos a esta parte: Instrucções feitas nos dous venturosos periodos do governo d'aquelle vigilante e sabio Prelado, e as quaes se conservavam em manuscripto nos Livros de Registo da Secretaria da mesma Universidade (113.ª).

A fundação de Institutos Litterarios, que, seguindo a ordem dos tempos, mais ennobrece talvêz neste Periodo a Nação Portugueza, e da qual ella tem colhido sem duvida alguma mais distincta reputação aos olhos do Mundo sabio, é a da *Academia Real das Sciencias de Lisboa*, creada pelo muito benemerito das Letras, D. João de Bragança, Duque de Lafões, debaixo dos auspicios e decidida protecção da sua Augusta Sobrinha, a Rainha dos Portuguezes, Snr.ª D. Maria I.ª, digna successôra no thrôno de seu Pai o Senhor D. José I. Teve esta Regia Sociedade a sua primeira reunião no mèz de Janeiro de 1780, e estendeo os seus limites muito alem dos que

pelo Senhor D. João V. foram prescriptos á Academia Real d'Historia Portugueza, creada, como em devido logar fica dito, no anno de 1720 : por quanto circumscrevendo esta o objecto de seus trabalhos ás discussões meramente historicas da Nação; aquella pelo contrario foi composta dos individuos mais benemeritos e abalizados não só nos differentes ramos da Litteratura e erudição Patria, Antiguidades, Lingua, Grammatica e Diccionario; porêm simultaneamente em conhecimentos Philosophicos e Economicos; e nas Sciencias Exactas, sendo desde logo repartida toda esta ampla vastidão de objectos Litterario-Scientificos em tres differentes Classes, a saber, a de *Sciencias Naturaes*, a de *Sciencias Exactas*, e a de *Sciencias Moraes e Bellas-Letras*. Em cada uma destas Classes ficou competindo, e compete ainda aos seus respectivos Socios o trabalhar para o adiantamento dos tres mencionados ramos da humana sabedoria, no que muitos delles tem trabalhado effectivamente, e com fructo, desde o principio desta importantissima Instituição; e de que são um vivo e irrefragavel testemunho as muitas obras de differentes Socios da mesma Academia, que correm impressas em Collecções de Memorias, das quaes conta já quinze volumes de quarto, e treze de folha; alem de perto de cem outras obras originaes, tambem da penna dos seus Socios, sôbre assumptos academicos, que tem sido impressas avulsamente.

E' creação igualmente da muito illustre Soberana, a Snr.ª D. Maria I.ª, o *Estabelecimento da Academia Real da Marinha*, no anno de 1779, assim como tambem a da *Academia Real dos Guarda-marinhas* no de 1782, reformada depois por Carta Regia do 1 de Abril de 1796 (ambas refundidas hoje na denominada *Eschola Polytechnica*), no qual estabelecimento se chegáram a formar Officiaes da Milicia Naval, conspicuos em todos os ramos, assim theoricos, como practicos, desta vasta, importante e difficillima Sciencia.

Havia em Portugal um Código de Leis Patrias, que era obra de differentes Monarchas, e de muitos seculos, e no qual claramente sobresahia o cunho da prudencia e da sabedoria do ingenho Portuguêz, que o tinha formado a principio no governo do Senhor D. Afonso V., e refundido depois nos reinados do Senhor D. Manoel, e ainda mesmo de D. Filippe II., constituindo outras tantas compilações, ou Ordenações, chamadas *Afonsina*, *Manoelina e Filippina*, dos nomes dos Monarchas, que haviam decretado a sua organização: Como porêm a differença dos tempos, trazendo comsigo variação nos costumes, nas idêas e nas opiniões, dá origem a Leis e a Regulamentos novos, e á reforma dos antigos; de todos os cuidados de um Soberano sabio e zeloso dos interesses de seus subditos, nenhum ha, que mais cuidadosamente deve occupal-o, do que a séria applicação a

formar um Código perfeito, ou, pelo menos, o mais análogo ás circunstancias e ás luzes do seu seculo, o qual por sua concisão, clareza e sabedoria sirva de guia segura e luminosa, que dê o mais curto e recto andamento aos Processos Judiciaes, regule com exacção as decisões dos Magistrados, e evite, quanto possivel fôr, a maliciosa interpretação de Advogados enredadores, e em geral a arbitrariedade de todos os empregados na administração da Justiça. Penetrada vivamente desta verdade, creou a Snr.ª D. Maria I.ª no anno de 1780 uma Junta, que denominou do *Código*, composta dos mais acreditados Jurisconsultos da Nação, á qual encarregou a reforma da Legislação antiga; offerecendo logo depois os seus membros o *Projecto do nôvo Código*, obra que honra e immortaliza o seu autor, e que é uma prova manifesta do progresso das idêas Portuguezas neste importante ramo dos conhecimentos humanos.

Da larga effusão de luzes derramadas pelo Reino de Portugal neste Periodo é consequencia tambem a fundação, ordenada pela mesma Augusta Soberana, da *Academia Real de Fortificação, Artilharia e Desenho* no anno de 1790; afim de fazer de todo independente de auxilios extrangeiros desta especie a Nação Portugueza; e afim de provêr o seu Exercito de Officiaes habeis, e formar um corpo de Artilheiros e de Ingenheiros, que não tivesse que invejar aos das outras nações, ainda as mais adiantadas da Europa. As aulas desta

Real Academia (hoje denominada Eschola do Exercito), para a qual se formaram mui apropriados Estatutos, e se escolheram muito habeis Professores, começáram a ser frequentadas pelos estudantes já preparados com os conhecimentos theoricos, preliminares indispensaveis para a intelligencia d'aquellas artes e sciencias, em que devem ser instruidos depois, como Militares, quaes são, a *Strategia*, a *Fortificação*, a *Ballistica*, a *Tactica militar* em geral, e todas as outras, que conduzem ao perfeito desempenho da importantissima arte da Guerra.

As Corporações Religiosas, das quaes um Governo illustrado poude tirar sempre grandes utilidades, dando-lhes a competente direcção e applicação, fôram no reinado desta grande Soberana incumbidas do publico ensino das Primeiras-Letras, da Grammatica-Latina e da Philosophia Racional e Moral; escolhendo-se entre esta classe de individuos os mais peritos para o bom desempenho de cada um dos respectivos ensinos, e fazendo-se por esta forma uteis ao Publico aquellas Corporações, onde em todos os seculos víra Portugal homens grandemente abalizados em sabedoria e virtude (114.ª). Fôram resultados desta sabia providencia as conhecidas vantagens e os grandes progressos da Mocidade, que, instruida naquellas Escholas preliminares debaixo da direcção de homens benemeritos, se dispunha para cursar as Disciplinas maiores, ou se destinava para os empregos subalternos da Socie-

dade : podendo servir como prova desta verdade, por não falarmos de muitas outras, á litteraria instrucção e educação, bebidas nas Escholas dos Padres da Congregação do Oratorio, já de tempos atrás confiadas á sua direcção; e nos reinados do Senhor D. José I., e de sua Augusta Filha a Snr.ª D. Maria I.ª, a dos Cónegos Regulares de Santo Agostinho no Convento de Mafra, continuada depois com tão reconhecido fructo nas Reaes Escholas de S. Vicente de fóra.

Nôvo testemunho do progresso litterario de Portugal neste Periodo foi a creação de uma *Real Bibliotheca Publica* na Capital de Lisboa por Alvará expedido em 29 de Fevereiro de 1796, para a qual fôram conduzidos muitos Livros novos, que, juntos aos que antecedentemente compunham a Livraria da extincta *Mesa Censoria*, e aos que se recolheram ha poucos annos a esta parte de muitos dos Conventos extinctos, formam um rico e numeroso deposito, que serve de soccôrro perenne aos estudiosos e applicados a todo o genero de estudos.

A creação da *Academia Real da Marinha* (hoje Academia Polytechnica) na Cidade do Porto em 1803, na qual se franqueam os conhecimentos Mathematicos e Philosophicos, theoricos e praticos aos Môços, a quem um gosto manifesto e um decidido talento chamam para estes transcendentes, e importantes estudos, confirma os desvelos empregados pelo Governo do Senhor D. João VI. para tornar

mais extensa por todo o Reino a effusão das luzes neste derradeiro Periodo Litterario.

Confirma ainda mais esta verdade o sabio Decreto, emanado da Suprema Autoridade do mesmo Soberano nos primeiros annos do corrente seculo, para o mais proveitoso ensino das Faculdades Juridicas na Universidade de Coimbra, pelo qual Decreto se mandam dar aos jovens alumnos de Jurisprudencia mais claras e amplas instrucções sôbre a Legislação Patria; e idêas mais sãas pelo que pertence ás Disciplinas Canonicas: E bem assim se ordenou a creação, para os estudantes de um e outro Direito, de uma *Cadeira de Pratica Forense*, tão necessaria aos que se propõem aos empregos de Magistratura, e da Advocacia.

Sirva tambem de claro testemunho do grande progresso das luzes Portuguezas neste bello Periodo a Carta Regia, expedida ao Reformador Reitor da Universidade de Coimbra em 4 de Dezembro de 1799, na qual se lhe incumbio não só a continuação effectiva do antigo plano para o bom desempenho das Demonstrações práticas da Astronomia; mas igualmente se mandou organizar um sistema de observações astronomicas mais apuradas e exactas, as quaes contribuissem para verificar, e rectificar as Taboas astronomicas, e para promover, e melhorar os conhecimentos da Geographia, e da Navegação, côoperando com os trabalhos dos mais acreditados observatorios da Europa; afim de que deste nosso observatorio podessem emanar os felizes resul-

tados, que desta classe de applicações se devem esperar.

Fructos de tão illustrada providencia são as muito bem trabalhadas *Ephemerides da Universidade de Coimbra*, que desde o anno de 1804 começáram a sahir á luz publica com regularidade em cada um dos annos, *Ephemerides* que merecêram um acolhimento e applauso geral em toda Europa sábia, e que tem grangeado aos Mathematicos Portuguezes da Universidade de Coimbra mui distincto conceito e alta reputação entre os Mathematicos mais acreditados dos paizes extrangeiros: taes, alem de outros, os de que se compunha no anno de 1804 o respeitavel *Instituto da França*, perante o qual na Sessão de 22 Prairial do citado anno, um de seus mais illustres membros, *Mr. Delambre*, falando das *Ephemerides da Universidade de Coimbra*, não duvidou de expressar-se pela seguinte maneira: « Tenho a honra de offerecer ao Instituto, em nome do Senhor Monteiro da Rocha, o primeiro volume das Ephemerides astronomicas do Real Observatorio da Universidade de Coimbra; e eu não me atreveria a entreter a classe com uma obra deste genero, se a Ephemeride da Universidade de Coimbra não fosse uma obra inteiramente distincta de todas, quantas apparecem com este titulo, e a mais rica em mudanças uteis, e em Memorias ácerca dos pontos mais delicados em Astronomia » (a).

(a) Correspondencia do Doutor Manoel Pedro de

Nem devem ser menos lisongeiras para a Nação Portugueza as expressões do celebre Allemão, *Barão de Zach*, quando, a proposito das *Ephemerides da Universidade de Coimbra*, nos aviva a recordação gloriosa dos nossos antigos dias de esplendor, e distincta reputação litteraria, com os quaes compara os, que no principio deste seculo começávam a luzir de nôvo entre nós, pelo que respeita ás Sciencias Exactas : « Certamente (diz este sabio Mathematico) a publicação de uma obra (a Ephemeride da Universidade de Coimbra), que offerece uma prova incontestavel do vivo zèlo por esta alta Sciencia, e dos bons progressos, que ella faz em Portugal, deve alegrar a qualquer conhecedor e apreciador da Astronomia. Em tempos mais antigos a Universidade de Coimbra foi famosa; depois cahio em decadencia e esquecimento; e parece querer agora de nôvo distinguir-se pela cultura das Sciencias, e occupar o honroso posto de um dos assentos das Musas sérias » (a). Deve ainda mais Portugal ao Senhor D. João VI. a fundação da primeira *Eschola de Sur-*

Mello, Lente de Mathematica da Universidade de Coimbra, viajando pela Europa naquella epocha. — Vid. tambem o *Connoissance des tems, ou des mouvemens célestes à l'usage des Astronomes et des Navigateurs*, anno de 1809, desde pag. 459 até pag. 483, onde vem uma como analise do Vol. IV. das *Ephemerides* de Coimbra, &c.

(a) Traducção do Art.º 38 da Correspondencia mensal, para o bem da Astronomia e Geographia, do *Barão de Zach*, Caderno de Maio de 1805.

dos-mudos a expensas da sua propria fazenda, cujo primeiro estabelecimento foi no anno de 1822 em uma casa, e quinta das visinhanças de Lisboa junto á Luz, tendo mandado entregar para esta fundação philanthropica, assim como para o primeiro instituto Portuguêz das *Irmãas de Caridade*, e outras não menos pias applicações os avultados fundos, que lhe provieram de uma extraordinaria doação hereditaria, de que por aquelle tempo entrára na posse : E é para nós grandemente satisfactorio o consignar nas paginas do nosso *Ensaio Historico* este rasgo de paternal beneficencia do illustre Monarcha, até agora ignorado do Publico, o qual nos foi communicado por um dos dignos Ministros d'Estado, por cuja repartição corrêram a maior parte destas philanthropicas applicações.

Até o anno de 1825 havia em Portugal duas Escholas especiaes de Cirurgia, uma dellas na Cidade de Lisboa, e outra na do Porto, nas quaes se habilitavam todos quantos aspiravam a dedicar-se exclusivamente a este ramo importantissimo da arte de curar : Eram porêm estas duas Escholas tão acanhadas, pelo que respeita ao numero de Cadeiras e ao seu ensino (exclusivo das outras partes igualmente importantes da sôbredita arte), que é digno da maior admiração o terem sahido das duas Escholas Professores tão peritos, como innegavelmente tivemos, e temos ainda alguns, dignos de hombrearem com os melhores theoricos e praticos da Europa; o que, é

fóra de duvida, deveram a um talento decidido, e a um aturado e improbo estudo, feito particularmente por elles tanto no seu gabinete sôbre os melhores Autores, como sôbre as molestias, que eram offerecidas á sua pratica.

Limitava-se o ensino em as duas Escholas ás tres cadeiras de *Anatomia*, de *Operações*, e de *Arte-obstetricia*, unicas pagas pelo Governo, ás quaes acresciam a de *Hygiene*, e a de *Therapeutica-Cirurgica*, estas duas porêm pagas pelos estudantes, posto que os seus Professores fossem de nomeação Regia; mas em todas ellas sem um methodo bem regulado, e sem tempo determinado de ensino.

Um plano de estudos tão acanhado para individuos, que tinham de occupar-se de uma das mais importantes profissões da humana Sociedade, e tão pouco em harmonia com as luzes do Seculo, despertou, como convinha, as attenções e paternaes cuidados do Senhor D. João VI., e do seu illustrado Governo, procedendo-se a uma reforma radical nas duas Escholas, as quaes passaram da quasi nullidade, em que existiam ha tanto, para o estudo de perfeição, ou sequer de grande melhoramento, a que foram elevadas pelo Alvará de 25 de Junho de 1825. Pelo Regulamento, sanccionado por este Alvará, foi o seu curso scientifico composto de cinco annos de ensino, pelos quaes fôram sabiamente repartidos todos os ramos da Sciencia de Curar, indispensaveis para formarem habeis Cirurgiões e simulta-

neamente Medicos, a saber, a *Anatomia*, a *Phisiologia*, a *Materia-medica*, a *Pharmacia*, a *Hygiene*, a *Pathologia-externa*, a *Clinica-cirurgica*, as *Operações*, a *Arte-obstetricia*, e a *Clinica-medica*, para a regencia das cadeiras de cada uma das quaes Disciplinas fôram nomeados Professores de reconhecido e provado mérito, e se estatuiram as mais accuradas habilitações para os que houvessem de succederlhes.

O simples conhecimento de ler e escrever (e talvêz mal) a propria Lingua era o unico preparatorio, que se exigia dos, que se propunham á frequencia das duas Escholas anteriores á reforma; não assim porêm para as novas Escholas reformadas pelo Alvará de 25 de Junho de 1825 : por quanto, alem da pericia grammatical do idioma patrio, deviam os futuros alumnos mostrar-se habilitados, pelo menos, com o conhecimento das Linguas Latina, e Franceza, e da Philosophia Racional.

Os fructos produzidos por estas novas Escholas patenteáram-se logo no fim do primeiro Curso, e assim nos seguintes, em um grande numero de Facultativos habilissimos tanto na Cirurgia, como na Medicina, que hoje podem emparelhar com os mais distinctos, que se habilitam nas Academias Universitarias : Tornam-se elles de dia em dia cada vêz mais dignos de recommendação, depois das novas e recentes habilitações, ordenadas pelo Decreto de 29 de Dezembro de 1836, as quaes são o-

brigados a possuir, para ganharem o nobre titulo de Cirurgiões-Medicos, adquirido em taes Escholas, já condecoradas por este ultimo Decreto com o titulo honroso de *Escholas Medico-Cirurgicas :* Acrescendo ainda a tudo isto, para merecerem um eminente credito e reputação publica, a mui extensa e variada pratica, que tanto aos Professores, como aos seus alumnos, offerecem dous Hospitaes tão abundantes em numero de doentes, como são os das duas grandes Cidades, onde taes Escholas se acham collocadas.

Não fêz menores progressos em Portugal neste Periodo o estudo de algumas Linguas Orientaes, já cultivadas com prospero e extenso desempenho nos tempos anteriores da nossa apurada Litteratura, nos quaes Portugal, como lhe cumpria, visto ser o paiz Europeo, que primeiro devassára aquellas longinquas regiões, apresentou trabalhos importantissimos sôbre o conhecimento dos idiomas *Chinêz*, *Japonêz*, *e Malabar*, nos das *duas Costas, Oriental e Occidental da Africa* e *ilhas adjacentes*, e bem assim nos de *differentes povos do Brasil.* Não menos cultivados fôram entre nós naquelles bons tempos os idiomas *Arabe*, *Hebraico* e *Grego*, não devendo esquecer, pelo que respeita á Lingua Grega, o que Barboza na sua *Bibliotheca Lusitana* noticîa do famoso Portuguêz Antonio Luiz, que na Universidade de Coimbra explicando em Grego Aristoteles e Galêno, como já deixámos indicado, era entendido dos seus alum-

nos, como se se servisse do idioma Nacional: O que de outros foi igualmente asseverado, conforme testifica o erudito *Cenaculo*, transcrevendo a passagem da Epistola de Nicolao Clenardo *ad Christianos*, conservada por Francisco Leitão Ferreira nas suas *Noticias Chronologicas da Universidade de Coimbra*, pag. 545 (a) (115.ª).

Mas se no ramo linguistico, bem como nos outros litterarios, chegámos, durante a dominação Jesuitica, a descahir até o ponto de quasi o perdermos de todo; tambem neste Periodo do nosso renascimento para tudo quanto pode dizer-se bom saber, soubemos briosamente levantar-nos da nullidade antecedente, cultivando com esmero as Linguas *Grega*, *Hebraica* e *Arabe*, na ultima das quaes deixou claras mostras da sua pericia o Academico *Fr. João de Souza*, Religioso da 3.ª Ordem da Penitencia, alem da sua *Grammatica da Lingua Arabe*, na traducção, que fêz dos *Documentos Arabicos para a Historia Portugueza*, copiados dos Originaes da Tôrre do Tombo, impressa pela Academia Real das Sciencias de Lisboa; assim como nos seus *Vestigios da Lingua Arabica em Portugal*, ou *Lexicon etymologico das palavras e nomes Portuguezes, que tem origem Arabica*, impressos tambem pela mesma Academia, edição depois mais acrescentada pelo Academico *Fr. José*

(a) *Memorias Historicas do Ministerio do Pulpito*, Appendix á Part. III. §. 21. em Nota.

de Santo Antonio Moura, da mesma Ordem; sendo que desta Lingua contâmos ainda hoje Professores tão insignes, como os mais entendidos, que figuram presentemente na Europa, o que esperâmos farão patente as Obras de sua composição, que dentro de pouco tempo devem ver a luz publica.

Dèsde o principio deste Periodo, com a nova applicação e cultivo dado em Portugal á sua antiga Litteratura, começou outra vêz a reviver tambem a pura, melodiosa e abundante Linguagem Nacional, que ameniza as litterarias producções dos gloriosos dias do Periodo VI., conforme a divisão adoptada neste *Ensaio*. Esta renovação do amor á Litteratura Nacional, ainda assim mesmo pouco geralmente diffundido, e igualmente a da pura Linguagem do Seculo de Quinhentos, foi em verdade devida em grande parte á feliz instituição da *Academia Real de Historia Portugueza*, composta na sua totalidade de homens de profunda instrucção, laboriosos e apreciadores dos bem trabalhados Escriptos: No emtanto pede a sinceridade da Historia se declare, que a livre introducção neste Reino de Obras extrangeiras, maiormente Francezas, escriptas em um estilo seductor, e recheadas de idèas que por sua novidade e atrevimento arrebatavam o espirito, e dominavam o coração, tornou a fazer esquecer os nossos bons e antigos Mestres, e entrou, do meado deste Periodo em deante, a corromper de nôvo a pureza do idioma Nacional com a introducção

de vocabulos e de frases Francezas, as quaes dentro de pouco tempo mesclaram uma grande parte dos Escriptos, que sahiram das pennas dos autores e traductores Portuguezes: Não foi isto sem grave injuria da mesma Linguagem, a qual não soffre a preferencia de alguma das mais cultas da Europa em doçura, suavidade e riqueza; e o foi até com descredito do bom gosto, e da litteraria reputação Nacional, como se o, que é alheio, só merecesse a nossa applicação e estima, tendo nós tantos e tão formosos modelos dentro da nossa mesma Casa, que podemos, e devemos estudar, e imitar.

Graças porêm á muito proveitosa instituição da *Arcadia Portugueza*, e depois desta á da *Academia Real das Sciencias de Lisboa*, o nosso corrompido gôsto em pontos de Linguagem e de Litteratura Patria não fêz progressos muito dilatados, nem se arraigou profundamente em a Nação: antes pelo contrario começou a ser por ellas atalhado, logo desde a sua origem; de maneira que já hoje em dia se acha em grande parte substituido pelo bom gosto e linguagem pura dos nossos sabios Maiores, cujas obras reimpressas umas pela segunda d'aquellas duas litterarias Sociedades, ou por curiosos editores, e todas mandadas consultar por ella, afim de poder dignamente satisfazer-se aos seus bem escolhidos Programmas litterarios; começaram de nôvo a ser buscadas e desenterradas debaixo do pó das antigas bibliothecas; e a serem lidas e estu-

dadas com uma applicação e avidêz summamente louvavel. E' por isso tambem, que contâmos presentemente grande numero de Portuguezes eruditos, que se dão com desvelo a este genero de trabalho e estudo, do qual tem apparecido fructos preciosos em muitas obras, escriptas com pureza de frase, e com maior correcção de estilo e gosto, do que em tempos anteriores.

Taes são em mui curto resumo os distinctos progressos, que a Nação Portugueza nos apresenta, pelo que diz respeito ao seu estado litterario, neste derradeiro Periodo, e particularmente depois da venturosa reformação da Universidade de Coimbra em 1772; e da fundação da Academia Real das Sciencias de Lisboa em 1779; distinctos progressos litterarios, á vista dos quaes com toda a justiça merecemos ser conceituados de verdadeiros conhecedores, exactos avaliadores, e dignos cultores da Sabedoria em todos seus differentes ramos; por isso que nenhum delles deixa de ser entre nós cultivado com honra e com fructo: Podendo com toda a razão gloriarnos, de que não desmerecemos de ser collocados pela imparcialidade esclarecida ao lado das mais cultas nações Européas.

Passando agora, conforme ao sistema até aqui abraçado nos Periodos antecedentes, a fazer menção de alguns sabios Escriptores Portuguezes, que neste se fizeram mais celebres nos differentes ramos de erudição e de Sciencia, e deixáram os seus nomes e a Patria im-

mortalizados nos seus bons Escriptos, entre muitos outros, que podiam ser lembrados (116.ª), pede a justiça, começando pela Theologia, que se faça aqui particular memoria: Do *Padre Antonio Pereira de Figueiredo*, da Congregação de S. Filippe Neri, Official das Cartas Latinas de Sua Magestade, Deputado da Real Mesa Censoria, Socio da Academia Real das Sciencias de Lisboa, o qual pelos muitos e bem trabalhados Escriptos sôbre assumptos Theologicos, sem attendermos ao grande numero de outros, que mui eruditamente produzio a sua bem aparada penna, merecêo o nome de Theologo perfeitissimo, como confessam todos os, que sem prevenção, e com verdadeiro conhecimento da Sciencia, tem revolvido as suas excellentes Composições. — De *D. Fr. Caetano Brandão*, da 3.ª Ordem da Penitencia, primeiramente Bispo do Pará, e depois Arcebispo de Braga, varão apostolico, e de uma virtude tão exemplar, quanto recommendavel pelos seus Escriptos e saber profundo nas Disciplinas Sagradas e ecclesiasticas: — De *D. Fr. Manoel do Cenaculo Villas-Boas*, Provincial Reformador da mesma 3.ª Ordem, Confessor e Mestre do Serenissimo Senhor D. José, Principe do Brasil, Deputado e Presidente da Real Mesa Censoria, Membro da Junta da Providencia Litteraria para a reforma da Universidade de Coimbra, Socio da Academia Real das Sciencias de Lisboa, Bispo de Beja, e ultimamente Arcebispo de Evora, sabio consummado, e

de uma extraordinaria reputação até entre as nações extrangeiras não só por seus Escriptos Theologicos, como tambem por muitos outros sôbre variados assumptos, cada um dos quaes de per si só era bastante para immortalizal-o. — De *Fr. Francisco de Santa Maria Sarmento*, da mesma 3.ª Ordem, homem summamente laborioso e incançavel, como o comprovam suas muitas composições Theologicas.

Em Jurisprudencia merece-nos occupar o primeiro logar o nome illustre de *Pascoal José de Mello Freire dos Reis*, Lente de Direito Patrio na Universidade de Coimbra, Socio da Academia Real das Sciencias de Lisboa, Membro da Junta do Codigo, e condecorado com grande numero de honorificos empregos, tanto civis, como ecclesiasticos, que seria muito longo o enumerar: Este sabio Jurisconsultò nas obras, que compôz com os titulos de *Institutiones Juris Civilis Lusitani, cum publici, tum privati*, de *Institutiones Juris Criminalis Lusitani*, as quaes fèz preceder de uma *Historia Juris Civilis Lusitani*, deixou lavrado um documento insigne da sua grande sciencia, sàas idêas, excellente methodo, e Latinidade pura; merecendo por tantos e tão egregios dotes, que as sobreditas suas obras fossem escolhidas para compendio de Historia e de Jurisprudencia Patria das Faculdades Juridicas da Universidade de Coimbra na reforma, ordenada em os principios do seculo actual para o melhor ensino das mesmas Faculdades. — *Manoel Fernandes Thomaz*,

Dezembargador da Relação e Casa do Porto, verdadeiro patriarcha da Liberdade Portugueza, acclamada na mesma cidade do Porto no memoravel Dia 24 de Agosto do anno de 1820, e um dos treze que formaram a associação, que levou a effeito tão heroica empreza (a), Membro da Junta Provisoria primeiramente estabelecida no Porto, e depois em Lisboa, Secretario d'Estado nas Repartições do Interior e da Fazenda pela mesma Junta Provisoria, depois de collocada em Lisboa, Deputado ás Côrtes Constituintes da Nação, e autor do muito bem elaborado Escripto Juridico, intitulado *Observações sôbre o Discurso, que escreveo Manoel d'Almeida e Souza em favor dos Direitos Dominicaes da Corôa, Donatarios e Particulares* : e do *Repertorio Geral, ou Indice alfabetico das Leis Extravagantes do Reino de Portugal, publicadas depois das Ordenações, comprehendendo tambem algumas anteriores, que se achão em observancia* : (117.ª) — *Manoel d'Almeida e Souza*, denominado vulgarmente o *Lobão*, nome de uma aldêa da Beira alta, sua patria, onde por longos annos exerceo o nobre emprego da Advocacia, foi um dos mais eminentes Jurisconsultos deste Periodo, e como tal consultado por grande numero de Litigantes, que,

---

(a) Vid. Memorias para a Historia da nossa Regeneração no *Campeão Portuguez em Londres* N.os 33 até 36, por José Liberato Freire de Carvalho, irmão do autor deste *Ensaio*.

attrahidos da alta opinião dos seus conhecimentos em Jurisprudencia, universalmente derramada por todo o Reino, concorriam a ouvir da sua bôcca os sabios pareceres, que as mais das vezes eram confirmados nos Templos de Themis: foi, e é não menos famigerado pelos numerosos Escriptos, sôbre quasi todos os ramos da Legislação civil Portugueza, com que a sua erudita penna enriquecêo o Fôro Nacional, cujos principaes mais dignos de recommendação no sentir dos intelligentes, são os seus dous Tratados, um sôbre a *Emphiteuse*, e outro sôbre os *Morgados*. — *Manoel Borges Carneiro*, distincto Magistrado, e um dos mais judiciosos e patrioticos Deputados ás Côrtes Constituintes do anno de 1821, ás Ordinarias de 1822, e seguintes até a infausta usurpação de 1828, da qual foi uma das infelizes, porêm muito honradas victimas, acabando os seus dias prezo por sua lealdade ao Thrôno legitimo, em uma das tôrres da fóz do Tejo: foi cultôr das Letras amenas, nas quaes deixou preciosos Escriptos; e digno não menos de recommendação como Jurisconsulto insigne, o que attestam as obras, que delle correm impressas debaixo do titulo de *Direito Civil Portuguêz*, e os seus differentes *Indices Chronologicos* sôbre a Legislação Extravagante de Portugal. — *José Ferreira Borges*, um dos treze Portuguezes illustres, que na cidade do Porto, e no anno de 1820 coadjuvaram com a maior energia a heroica empreza de restituirem a liberdade á sua Patria, juntamente

com o nunca assás elogiado Dezembargador Manoel Fernandes Thomaz: Membro tambem da Junta Provisional tanto no Porto, como em Lisboa, e muito benemerito Deputado assim das Côrtes Constituintes, como das Ordinarias, que se lhe seguiram: Depois da Restauração das Liberdades Portuguezas em 1833 foi o creadôr do Tribunal do Commercio, o primeiro Presidente da sua segunda Instancia, e o sabio autor do *Codigo Commercial Portuguêz*: Escrevêo para esta muito importante Repartição Publica differentes obras, todas de cunho magistral, como fôram: o seu *Diccionario Juridico-Commercial* = as *Instituições do Direito Cambial Portuguêz* = a *Jurisprudencia do Contracto de Sociedade* = a *Synopsis Juridica do Contracto de Risco* = o *Commentario sôbre a Legislação Portugueza ácerca de Avarias* = O *Commentario ácerca de Seguros maritimos* — os *Principios de Syntelologia* =; alem de outras obras de reconhecido mérito, a saber: as suas *Instituições de Economia Politica*, = as *Instituições de Medicina Forense* &c., que todas viram a luz publica.

Fôram de merecimento singular em assumptos historicos neste Periodo, alem de outros: *Francisco Leitão Ferreira*, Socio da Academia Real de Historia Portugueza, o qual justamente logra os creditos de grande erudito, sem falarmos em outras suas composições estimaveis, pela excellente Obra, que intitulou *Noticias Chronologicas da Universidade*

de Coimbra, a que dá principio desde o anno de 1288, dous antes da fundação da mesma Universidade, e as remata no de 1537, em que pela derradeira vêz foi transferida para Coimbra, e reformada ao mesmo tempo pelos paternaes desvelos d'elRei D. João III., a qual obra se imprimio avulsa, e anda tambem no Tomo IX. da *Collecção de Documentos da Academia Real de Historia Portugueza*. — *João Bautista de Castro*, Socio da Academia dos Infecundos, o qual na sua obra, intitulada *Mappa de Portugal*, mostra grande trabalho, e vasta erudição historica. — *Damião Antonio de Lemos Faria e Castro*, que nos deixou uma bem trabalhada *Historia do Reino de Portugal*, alem de outras obras de distincto merecimento. — *D. Antonio Caetano de Souza*, Theatino, Socio da Academia Real de Historia Portugueza, autor da grande *Historia Genealogica da Casa Real Portugueza*, e continuador do *Agiologio Lusitano* de Jorge Cardozo, de quem fizemos especial memoria no Periodo antecedente, e autor de outras muitas obras historicas de honrada reputação. — *Fr. Manoel dos Santos*, Monge Cisterciense, Chronista-mór do Reino, e da sua Ordem, Socio da Academia Real de Historia Portugueza, incançavel nas suas investigações historicas, de que deixou claros testemunhos em muitos Escriptos, sendo os principaes os seguintes: *Historia Sebastica*, e as Partes VII, VIII, IX, e X. da *Monarchia Lusitana*, das quaes se imprimio somente a VIII., hoje ra-

ra. — *Diogo de Barboza Machado*, Abbade de Sevêr, e Socio da Academia Real de Historia Portugueza, o qual na sua *Bibliotheca Lusitana*, dedicada a pôr em memoria os Sabios e Escriptores da sua Nação, levantou um padrão glorioso ao Ingenho litterario Portuguêz, de maior duração e respeito, do que se fosse trabalhado em jaspe, ou em bronze. — *D. Antonio da Visitação Freire de Carvalho*, Cónego Regular de Santo Agostinho, Lente de Historia e de Geographia nas Reaes Escholas de S. Vicente de fóra, Socio da Academia Real das Sciencias, e Membro da Sociedade Real Maritima de Lisboa, morto na flôr de seus annos, deixou tamanha reputação de erudito em differentes materias scientificas, mais que tudo na Historia, que não parecerá improprio deste logar o fazer commemoração do seu nome, o qual é ainda hoje repetido com respeito e saudade por todos os, que tiveram, pela communicação com elle, algum conhecimento dos seus relevantes méritos litterarios: o muito, que promettiam seus talentos e laboriosos estudos, pode avaliar-se pelas poucas Obras, que deixou acabadas, as quaes andam impressas no *Investigador Portuguêz em Inglaterra*, Vol. VIII e IX, e Num. 30 até 36 inclusivamente, e são as seguintes Memorias: 1.ª *Sôbre a justiça dos motivos, que teve o Senhor D. João II. para rejeitar os projectos de navegação de Christovão Colomb*: 2.ª *Em que se mostram as vantagens do estudo da Geographia nautica nas Reaes Aulas da*

Marinha, e *plano do seu ensino* : 3.ª *Sôbre a utilidade de applicar as manufacturas das nossas materias primeiras aos progressos da agricultura* : 4.ª *Da condição domestica e politica da Classe indigente nos primeiros seculos da Monarchia* : 5.ª *Sôbre a Divindade*, *que os Lusitanos conheceráo debaixo da denominação de Endovélico* (a) : 6.ª *Vida de Fr. Bernardo de Brito*, a qual anda tambem impressa á frente da nova edição dos onze primeiros Livros da *Monarchia Lusitana*, dada á luz pela Academia Real das Sciencias de Lisboa (118.ª). — *João Pedro Ribeiro*, Dezembargador e Lente de Jurisprudencia na Universidade de Coimbra, com exercicio na Cadeira de Diplomatica em Lisboa, trabalhador indefesso em averiguar as antiguidades historicas de Portugal, como bem o deixam ver as suas differentes Memorias, impressas nos volumes da Academia Real das Sciencias de Lisboa, de que foi mui laborioso Socio, mais que tudo os seis volumes em 4.º, impressos pela mesma Real Academia, a saber, cinco debaixo do titulo de *Dissertações Chronologicas e Criticas sôbre a Historia e Jurisprudencia Ecclesiastica e Civil de Portugal*, e um de *Observações Historicas e Criticas para servirem de Memorias ao systema da Diplomatica Portugueza*.

Alem dos individuos, mencionados no capitulo XI. das *Memorias historicas sôbre al-*

(a) Igualmente impressa na 2.ª Serie Tom. I. Part. I. das Memorias da Academia Real das Sciencias.

guns Mathematicos Portuguezes.... &c., escriptas pelo academico Antonio Ribeiro dos Santos, e impressas no Tomo VIII. Parte I. das Memorias de Litteratura Portugueza da Academia Real das Sciencias de Lisboa em vol. de 8.º a pag. 210, e seguintes, alcançaram maior ou menor celebridade como Mathematicos em Portugal neste Periodo: *Manoel de Azevedo Fortes*, Ingenheiro-mór, Lente de Philosophia na Universidade de Sena, e de Mathematica em Lisboa, Socio da Academia Real de Historia Portugueza, o qual deixou illustre nomeada do seu saber em varios Escriptos de notavel recommendação. — *José Anastacio da Cunha*, Lente de Mathematica na Universidade de Coimbra, o qual no seu Livro, intitulado *Principios Mathematicos*, se attendermos ao methodo, concisão, abundancia de doutrina, e rigor escrupuloso de demonstração, com que é escripto, compôz uma das melhores obras elementares para o ensino desta Sciencia, que Europa vio até o seu tempo, como mui bem o provou o autor Portuguêz da Defensa deste Livro contra a Censura, que delle appareceo na *Edinburgh Review* (a). — *Tristão Alvares da Costa Silveira*, Tenente-Coronel do Real Corpo de Ingenheiros, e Lente de Calculo na Universidade de Coimbra, homem dotado de um

(a) Encontra-se esta Censura no Investigador Portuguêz em Inglaterra N.º 20, e a Defensa no mesmo Periodico. Vol. VIII. Num. 30, 31, e 32.

espirito verdadeiramente mathematico, e formado de proposito pela Natureza para o ensino elementar desta sublime sciencia, por sua clareza de idêas, excellente deducção de principios, e methodo eminentemente rigoroso de demonstração : as estreitas relações de discipulo, que nos ligaram a este digno Mestre, nem por isso devem fazer suspeito um elogio, que lhe reconhecem bem merecido todos, quantos ou o ouviram como Mestre, ou o trataram como particular; e é boa prova da nossa asserção o seu opusculo, intitulado, *Lições de Calculo Differencial, ou Methodo directo das Fluxões, ordenadas e reduzidas a Compendio.* — *Manoel Joaquim Coelho de Vasconcellos da Costa Maia*, Lente de Astronomia Theoretica na Universidade de Coimbra, e o primeiro que nella expôz aos seus alumnos a profunda *Mechanica celeste* do grande *de La Place*, foi no geral conceito da Nação um dos Mathematicos Portuguezes de maior credito, a cujos transcendentes conhecimentos ajuntava outros muito acima dos vulgares em Litteratura amena, enlaçando com tão sublimes dotes a maior candura de caracter e os mais puros sentimentos de honra : Delle existe uma bem trabalhada Memoria, coroada pela Academia Real das Sciencias de Lisboa, de que foi dignissimo Socio, a qual tem por titulo *Solução do Problema, proposto pela Academia Real das Sciencias, sôbre o methodo de approximação de Mr. Fontaine &c.* — *José Monteiro da Rocha*, um dos primeiros Lentes de Mathemati-

ca da Universidade de Coimbra na creação desta nova Faculdade pela reforma da mesma Universidade, da qual foi Vice-Reitor, Director perpetuo da Faculdade de Mathematica, e do seu observatorio astronomico, Socio da Academia Real das Sciencias de Lisboa, e Mestre de Suas Altezas Reaes &c., foi um dos illustres Mathematicos, que fêz mais honra a Portugal neste derradeiro Periodo, e cujos creditos tem passado muito alem dos limites da Patria, devidos em grande parte á redacção das muito bem trabalhadas Ephemerides do observatorio astronomico da Universidade de Coimbra, ás preciosas Memorias de que acompanhou muitos dos seus volumes, e a outras que se encontram na Collecção da Academia Real das Sciencias de Lisboa. — O *Tenente-General*, *Barão da Villa da Praia*, *Francisco de Borja Garção Stockler*, antigo Lente de Mathematica da Real Academia da Marinha de Lisboa, Socio da Academia Real das Sciencias da mesma cidade, da qual foi um dos dignos Secretarios, entre as differentes Disciplinas, que cultivou com louvor e applauso geral, merecendo-lhe particular affeição a Poesia, occupou-se com especial desvelo das Mathematicas, nas quaes deixou trabalhos impressos, que o recommendam á posteridade, taes são, o seu *Compendio da Theorica dos Limites*, ou *Introducção ao methodo das Fluxões* em um volume de 8.º, e as suas quatro Memorias sôbre varios assumptos mathematicos, que podem ser examinadas nos

volumes da Academia Real das Sciencias de Lisboa. — *Joaquim Maria de Andrada*, mui distincto Lente da Faculdade de Mathematica da Universidade de Coimbra, e um dos Directores do seu Observatorio Astronomico, cujas *Ephemerides* enriqueceo com as duas interessantes Taboas, a saber, a *Taboa da differença dos Meridianos dos Lugares principaes da Terra, relativamente ao observatorio da Universidade de Coimbra, com as suas Latitudes ou Alturas do Polo;* e a *Taboa Cosmographica dos Portos, Cabos, Ilhas, e Lugares das Costas maritimas do Orbe Terraqueo, pela ordem das mesmas Costas, com as suas Latitudes e Longitudes, contadas do Meridiano do Observatorio da Universidade de Coimbra :* Do mesmo illustre Mathematico existe impresso pela Academia Real das Sciencias de Lisboa, de que foi Socio, o seu *Ensaio de Trigonometria Spherica* em um vol. de 4.º

Na Philosophia fizeram-se notaveis em Portugal neste Periodo : *Bartholomeu Lourenço de Gusmão*, natural da villa de Santos na Provincia de S. Paulo, Imperio do Brasil, Socio da Academia Real da Historia Portugueza, e irmão do famigerado Politico Alexandre de Gusmão, de que adeante falaremos : Deixando de parte differentes Escriptos sôbre materias philosophicas, que servem de comprovar a profunda sciencia deste honrador do Brasil, bastou-lhe, para firmar a sua immortal reputação em principios do Seculo passado, o maravilhoso invento dos Balões

aerostaticos (a), os quaes a Europa vio aperfeiçoados e generalizados depois no findar do mesmo seculo por Mrs. Estevão e José de Montgolfier, por Mr. Pilatre de Rosier, e por outros philosophos celebres, que lançaram mão de um tão admiravel invento do Brasileiro illustre : Delle escreve, alludindo ao invento mencionado, o erudito autor do poema o *Novo Argonauta* : « Entre nós esquecêo, assim como esquece, que o primeiro Aereonauta foi Bartholomeu Lourenço de Gusmão, que morrêo no hospital de Sevilha » (b). — *Luiz Antonio Verney*, Arcediago da Igreja Metropolitana d'Evora, de cuja penna, como em competente logar deste *Ensaio* deixámos apontado, sahiram muitos e excellentes Tratados, alguns delles sôbre assumptos philosophicos, que grandemente concorrèram para a reforma do gosto litterario em Portugal, o qual havia chegado a extremo abatimento e depravação com a intrusão dos Jesuitas no governo absoluto das nossas Escholas (119.ª). — *O Padre Theodoro d'Almeida*, da Congregação do Oratorio, Socio da Academia Real das Sciencias de Lisboa, da Real Sociedade de Londres, e da de Biscaia, bem conhecido pelas suas obras philosophicas, escriptas em

---

(a) Vid. a nossa Memoria ácerca deste invento Portuguez na Historia e Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa 2.ª Serie Tom. I. Parte I. pag. 133 e seguintes.

(b) Nota (1) a pag. 24.

estilo tal, que se fizeram ler com avidêz por todas as classes de pessoas, generalizando-se desta sorte em Portugal o gosto d'estas interessantes Sciencias, o qual naquelle tempo se achava ainda limitado aos gabinetes de muito poucos individuos, seus verdadeiros apreciadores. — *Bento de Moura Portugal* pode ser contado ou entre os mais insignes Philosophos, ou entre os mais illustres Mathematicos Portuguezes já pelos seus grandes talentos para o calculo, já por seus muitos e importantissimos inventos mechanicos, o que evidentemente se conclue na presença da preciosa Collecção de alguns dos seus Escriptos, por tão longo tempo ignorados e inéditos, mas felizmente impressos pela primeira vêz em Coimbra no anno de 1821 debaixo do titulo de *Inventos, e varios Planos de melhoramento para este Reino, escriptos nas prizões da Junqueira por. . . .* &c. : Alem destes prometteo o benemerito editor outros, cujos manuscriptos disse ter á mão, mas que até o presente nos não consta tenham visto a luz publica, os quaes, é de esperar, firmarão ainda mais solidamente a reputação deste tão sabio, quão malfadado Portuguêz : Ao mesmo Bento de Moura se deve tambem a primeira explicação da hypothese de Newton sôbre o fenomeno das Marés, gloria que lhe é attribuida pelo seu contemporaneo o Padre Theodoro d'Almeida (a), de quem antecedentemente fizemos men-

(a) Vid. *Recreação Filosofica*, Tom. VI. Tarde 34.ª §. 6. da quarta edição.

ção; assim como tambem pelo acima citado autor do Poema *O Novo Argonauta* (a), onde, continuando a passagem lá transcripta, acrescenta : « e que o primeiro explicador da hypothese de Newton sôbre o fenomeno das marés se chamou Bento de Moura, e morrêo no forte da Junqueira » (120.ª). — *Antônio Soares Barboza*, Lente de Philosophia na Universidade de Coimbra, e Socio effectivo da Academia Real das Sciencias de Lisboa, sabio trabalhador e mui zeloso do progresso das sciencias philosophicas, nas quaes deixou escriptos alguns Tratados e Memorias, impressas na Collecção da mesma Real Academia; merecendo entre as obras, que compôz, e se imprimiram, recommendação especial o seu *Tratado Elementar de Filosofia Moral* em tres volumes de 8.º — *João de Lourcíro*, Clerigo Missionario na India, Socio tambem da Academia Real das Sciencias de Lisboa, cuja collecção de Memorias enriqueceo com grande numero das suas sôbre differentes assumptos philosophicos, impressas nos volumes da mesma illustre Sociedade; fazendo-se sôbre tudo grandemente recommendavel pela sua *Flora Cochinchinensis*, que anda avulsamente impressa. — *Fr. José Marianno da Conceição Veloso*, Religioso Capucho natural do Brasil, Botanico distincto, e autor de uma *Flora Fluminense*, a qual obra existio por algum tempo manuscripta na Bibliotheca da Real

(a) Nota (1) a pag. 24.

Academia das Sciencias de Lisboa. — *João Jacinto de Magalhães* foi um homem, que no meio das nações extrangeiras dêo claras mostras de que os Portuguezes lhes não são inferiores em amor ás Sciencias Naturaes, em assiduidade de estudos e de observações uteis, em agudeza de ingenho, e em espirito de investigação: as Academias das Sciencias, Imperial de S. Petersburgo, a Real de Madrid, e a Sociedade Real de Londres testemunharam o muito, que apreciavam o merecimento deste nosso sabio compatriota, admittindo-o para seu Socio; assim como a Academia Real das Sciencias de Paris, fazendo-o seu Correspondente: a nossa Côrte utilizou-se do seu notorio saber, encarregando-o de fazer executar em Inglaterra cinco collecções de Instrumentos de Astronomia e de Fisica; e pouco depois a Côrte de Hespanha o incumbio de outra simillhante commissão: Bem sabido é de todos os que se applicam aos estudos philosophicos, que elle foi inventor de uma *Balança* de nova fórma, assás estimada pela sua grande exacção: inventou tambem um *Barometro* de nova construcção, em que reunio as vantagens dos melhores Barometros até então conhecidos, e lhe acrescentou outras novas, evitando ao mesmo tempo os defeitos dos antigos: Dêo idêa de um nôvo instrumento, a que pôz o nome de *Meteorógrapho constante*, de summo interesse para as observações meteorologicas: Entre os differentes Escriptos deste sabio Portuguêz, mui pouco conhecido entre os seus

nacionaes, podemos mencionar os dous seguintes, *Traité sur les Octans, et Sextans marins* = e *Description, et usages des nouveaux Baromètres &c.* — *José Corrêa da Serra*, vulgarmente conhecido pela designação de *Abbade Corrêa*, Socio da Academia Real das Sciencias de Lisboa, da qual foi um dos primeiros Secretarios, e de grande numero de Academias extrangeiras, em cujos paizes viveo longos annos, dando em todos elles honrado credito á Nação Portugueza por seu vasto e profundo saber : Dos muitos testemunhos, que poderiam ser aqui trazidos em abôno da sua reputação philosophica, bastará que transcrevamos o seguinte : « Il nous suffira de citer (diz um Litterato Francêz) comme un des principaux ornemens de l'Académie de Lisbonne l'abbé Correa de Serra, membre de plusieurs Academies, correspondant de la seconde Classe de l'Institut de France, savant Littérateur, botaniste du premier rang, dont les travaux sont constatés dans les Transactions philosophiques de la Société royale de Londres, et dans les Annales du Muséum de Paris » (a). Merecem ser conhecidos, entre os Escriptos impressos deste Sabio as tres Memorias, com que enriquecêo o Periodico Litterario, que outrora se publicava em Paris com o titulo de *Archives Littéraires de l'Europe*,

(a) M. Sané *Introduction à la Poésie Lyrique Portugaise, ou Choix des Odes de Francisco Manoel, traduites en Français....* &c.

ou Mélanges de Littérature, d'Histoire, et de Philosophie, e cujos assumptos são os seguintes : *De l'état des Sciences et des Lettres en Portugal à la fin du dix-huitième Siècle* (a) = *Sur l'agriculture des Arabes en Espagne* (b) = *Sur les vrais successeurs des Templiers, et leur état actuel.* (c) — *Constantino Botelho de Lacerda Lobo*, Lente de Fisica na Universidade de Coimbra, Socio da Academia Real das Sciencias de Lisboa, e um dos seus membros mais trabalhadores para o progresso das Disciplinas philosophicas, como pode inferir-se do grande numero de Memorias suas, impressas nas Collecções da mesma Academia. — *Felix d'Avelar Brotero*, Lente de Botanica na Universidade de Coimbra, Director do Real Musèo e Jardim Botanico de Lisboa, Doutor em Medicina pela Universidade de Rheims, Socio da Academia Real das Sciencias de Lisboa, Membro da Sociedade Medico Botanica de Londres, da de Historia Natural, e Philomatica de Paris, e de outras muitas Sociedades Scientificas da Europa : illustrou a sciencia particular da sua profissão com as obras seguintes, a saber, com um *Compendio de Botanica*, escripto em Portuguêz, e impresso em Paris em dous volumes de 8.º no anno de 1788; com a *Flora de Portugal*, a qual escreveo em Lingua Latina, e foi im-

(a) Tom. I. pag. 63, e 269.
(b) Tom. II. pag. 239, e 404.
(c) Tom. VII. pag. 273.

pressa em dous volumes de 4.º em Lisboa no anno de 1804; na mesma Lingua com a *Fitografia Lusitana*, dous volumes in fol., o primeiro dos quaes foi impresso em Lisboa no anno de 1816: [illegible] a *Histo[illegible] natural dos Pinheiros* [illegible] um [illegible] 8.º, impresso [illegible] além de m[illegible] no Tomo IV. Part. I. das Memo[illegible] ademia Real das Sciencias de Lisboa [illegible] de fol., com o titulo de *Reflexões sôbre a Agricultura de Portugal, sôbre o seu antigo e presente estado; e se por meio de Escholas Ruraes praticas, ou por outros elle pode melhorar-se, e tornar-se florente.* — *José Bonifacio d'Andrada e Silva*, natural da villa de Santos na Provincia de S. Paulo [illegible] do Brasil Dezembargador, Lente de Metallurgia na Universidade de Coimbra, de cuja Cadeira foi o creador, Primeiro Ministro do Imperio do Brasil, Tutor do seu Imperador actual, de suas Augustas Irmãas por nomeação do immortal D. Pedro I. no acto da sua abdicação, Socio da Academia Real das Sciencias de Lisboa, e um dos seus muito illustres Secretarios, Membro de grande numero de Academias e Sociedades Scientificas e Litterarias &c.; Sabio de muito distincta recommendação tanto pela vastidão de seus conhecimentos, como por sua urbanidade e virtudes sociaes, e como tal um dos homens, de que mais pode honrar-se o seu Paiz: Entre os muitos seus trabalhos Litterario-Scientificos

apenas deixou impressas differentes Memorias, pelo menos até onde chega o nosso conhecimento, dellas a maior parte nos volumes da Academia Real das Sciencias de Lisboa, cujos titulos são os seguintes : *Memoria sôbre a pesca da Balêa, e extracção do seu azeite, com algumas reflexões a respeito das nossas pescarias* = *Memoria sôbre a noviamina de ouro da outra banda do Tejo* = *Memoria sôbre as pesquizas e lavra dos veios de chumbo de Chacim, Souto, Ventozello, e Villar de Rey na Provincia de Traz-os montes* : e uma impressa avulsamente pela mesma Real Academia, seu titulo *Memoria sôbre a necessidade e utilidade do plantio de novos bosques em Portugal*, chia de ponderações historicas e economicas da maior transcendencia.

Acreditaram a Medicina em Portugal neste Periodo, entre outros escriptores benemeritos : *Jacob de Castro Sarmento*, ou *Henrique* &c., do Collegio Real dos Medicos de Londres, e por um honroso Decreto admittido ao gremio dos Doutores da Universidade de Aberdeen na Escocia em 1739 : sabio de relevante credito entre os extrangeiros, como o comprovam as grandes distincções, que delles recebeo, das quaes dá noticia a *Bibliotheca Lusitana*; e de alta reputação igualmente entre os seus Nacionaes, visto haver sido consultado por elRei D. João V. por intervenção do Conde da Ericeira sôbre os meios de reformar neste Reino a Medicina; incumbindo-lhe depois a passagem para Portuguêz, e a im-

pressão em Londres das *Obras Philosophicas de Bacon*, as quaes effectivamente traduzio, e fêz imprimir em tres volumes de 4.º, posto que não tivessem depois a esperada extracção e sequito nestes Reinos, por causa das intrigas dos Jesuitas, contrarios sempre á introducção de livros, que podessem inspirar idêas sãas em um paiz, que elles pretendiam dominar por meio das trevas da ignorancia. — *João Mendes Sachetti Barboza*, Socio das Academias Real de Londres, e de Madrid, amigo particular e correspondente do antecedente, e um dos que mais se empenharam para a reforma das Sciencias, e com especialidade da Medicina, em Portugal, para o que escreveo grande copia de excellentes obras, as quaes abonam os seus bons estudos e vasta Litteratura. — *Antonio Nunes Ribeiro Sanches*, Doutor em Medicina pela Universidade de Salamanca, Conselheiro d'Estado da Côrte da Russia, Primeiro Medico da Imperatriz Catherina II. e dos seus exercitos, Socio da Academia Real das Sciencias de Lisboa, Correspondente da Academia Real de Paris, Socio Honorario da Academia Real de S. Petersburgo &c., foi por espaço de tres annos discipulo do grande Boerhaave, e por elle nomeado em primeiro logar entre os tres, que a Imperatriz de todas as Russias, Anna Ivanowna lhe mandou pedir extremasse para tres honrosos empregos, que ella queria dar-lhes nos seus dominios : Deste insigne Medico Portuguêz fala com o merecido elogio o célebre

Mr. de Buffon no vol. III. da sua Historia Natural : Constam as obras, que escreveo, de grande numero de volumes em varios assumptos, os quaes, por isso que lhe não eram extranhos, chegou a profundar, deixando delles differentes Tratados assim em Medicina, como em Fisica, em Historia, em Controversia, em Moral e em Razões de Estado : A Côrte de Lisboa, que conhecia com quanto affecto o Doutor Sanches amára sempre a sua Patria, o consultou ácerca do modo, com que nella floreceriam as Letras e as Sciencias, e das cautelas necessarias para a saude publica, ao que elle respondeo em dous Tratados em Lingua Portugueza (121.ª), n'um dos quaes expunha os meios mais adequados para conservar a saude dos póvos, fazendo que falem as Leis a lingua da bôa Fisica; e n'outro delineava o plano de uma Universidade Régia, onde todas as Sciencias modernas se ensinassem, e á qual queria se annexasse um Hospital, em que os alumnos, guiados por um Lente de Medicina experimental, fossem doutrinados &c. : Estes dous Escriptos do Doutor Sanches serviram de muito para a bôa Reforma, que se fêz da Universidade de Coimbra no anno de 1772, da qual acima demos larga noticia : Ajuntou o Doutor Sanches á vasta extensão dos seus conhecimentos uma disposição a mais prompta e efficaz para obras de beneficencia : Afim de conservar, e transmittir á posteridade a lembrança das suas raras virtudes, por longo tempo admiradas na

Côrte da Russia, foi que a grande Imperatriz Catherina II. ordenou, que as Armas do Doutor Sanches fossem decoradas com a legenda seguinte:

Non sibi, sed toti genitum se credere mundo;

lenda tão honorifica para a sua memoria (diz o sabio Vic-d'Azyr no remate do Elogio deste Portuguèz illustre, donde são extrahidas as noticias, que brevemente deixamos transcriptas), quanto adaptada para designar um homem, que se esquecia de si, para se empregar na felicidade alheia (a). — *Francisco Tavares*, Lente de Prima e Decano da Faculdade de Medicina na Universidade de Coimbra, Socio da Academia Real das Sciencias de Lisboa, Primeiro Medico de Sua Magestade Fidelissima, a Senhora D. Maria I. &c., autor de differentes Tratados sôbre assumptos da sua Profissão, os quaes são reconhecidos por obras de mérito e distincção ainda entre os extrangeiros, e até uma dellas (o seu *Opusculo sôbre a gôtta*) mereceo ser inserido por *Le Roi* no seu Tratado das molestias gottosas &c., depois de haver feito um extracto

(a) Vid. o citado Elogio, traduzido pelo nosso Poeta Francisco Manoel do Nascimento, o qual anda no vol. IX. da collecção das obras completas do mesmo Poeta, impressas em Paris em 8.° no anno de 1819, e no vol. XVII. da edição de Lisboa de 1840 em 16., onde se encontra igualmente uma noticia de todas as Litterarias Composições do Doutôr Sanches.

do mesmo Opusculo em um Jornal Francêz. — *Francisco Soares Franco*, Lente de Medicina na Universidade de Coimbra, Socio Effectivo da Academia Real das Sciencias de Lisboa e do Conservatorio Real da mesma cidade, Presidente do Conselho de Saude do Exercito, e Medico da Real Camara de Sua Magestade Fidelissima a Senhora D. Maria II.ª, foi um dos modernos cultores das Letras e das Sciencias, que muito honrou a Nação Portugueza, e cuja collecção de obras scientificas enriquecêo com as que publicou sôbre differentes assumptos, tanto Medicos, como Philosophicos, como Economico-politicos: Dellas as, de que temos conhecimento, são, o seu *Compendio de Anatomia*, que, por ter obtido o suffragio dos intelligentes, foi approvado para texto das lições desta Disciplina nas tres Escholas, de Medicina, da Universidade de Coimbra, e Medico-Cirurgicas de Lisboa e do Porto, nas quaes ainda presentemente serve de muito proveitoso compendio: a sua *Memoria sôbre a identidade do Sistema muscular na Economia animal*; impressa no Tomo V. Part. I. da Collecção da Academia Real das Sciencias de Lisboa em vol. de fol.: o seu *Diccionario de Agricultura* em cinco volumes de 8.º, resumo da extensa obra de Mr. o Abbade Rosier: e as suas *Memorias economico-politicas*, que tem por objecto indicar os meios de promover a População, a Agricultura, as Fabricas e o Commercio Portuguêz.

Entre o grande numero de benemeritos cultores da Poesia Portugueza, que conta este Periodo, merecem, em nosso entender, distincta commemoração os seguintes: *Fr. José de Santa Rita Durão*, Religioso da Ordem dos Augustinianos calçados, Doutor Theologo pela Universidade de Coimbra, e natural da Provincia de Minas-Geraes no actual Imperio do Brasil, espirito vasto e de grande fertilidade de imaginação, o qual no seu poema heroico, escripto em oitava rima, intitulado *Caramurú*, ou Narração do Descobrimento da Bahia, mostrou sublime ingenho, brilhante versificação, e grande nobreza e fidelidade de imagens: — *Pedro Antonio Corrêa Garção*, distincto membro da Arcadia de Lisboa, grande imitador de Horacio, e um dos primeiros Portuguezes, que começáram a escrever limpamente em Poesia, depois do corrompido gôsto, a que o Gongorismo tinha levado no Periodo antecedente, e ainda nos principios do actual, este ramo mimoso da Litteratura amena: — *Antonio Diniz da Cruz e Silva*, sabio Magistrado, que posto que nascido em Portugal, acabou os seus dias no Rio de Janeiro, Chanceller da sua Relação, como o antecendente, Membro da Arcadia de Lisboa e um dos seus fundadores: foi um dos poetas de maior estro da Nação Portugueza, como bem o dão a demonstrar as muitas obras poeticas, e em generos diversos, que compôz, e correm impressas, sôbre todas as suas grandiloquas e harmoniosas Odes Pinda-

ricas, nas quaes celebra os heroicos feitos dos mais célebres Capitães na India, e outros igualmente nobres assumptos. — *Domingos dos Reis Quita*, *João Xavier de Mattos*, *Paulino Cabral*, Abbade de Jacente, e *Nicolao Tolentino de Almeida* (122.ª), todos quatro Poetas de grande facilidade e harmonia; cada um delles porêm mais particularmente distincto em seu genero de Poesia, o primeiro no Idillio, o segundo na Egloga, o terceiro nos Sonetos, e o quarto nas Quintilhas, de que nos deixaram preciosas collecções impressas. — *Manoel Maria de Barboza du Bocage*, um dos mais promptos, ferteis, harmoniosos e sensatos improvisadores não só de Portugal, mas talvêz da Europa; dotado alem disto de um talento felicissimo para a Traducção em verso, como o attestam os seus Escriptos, e o apregoam ainda hoje com admiração todos quantos gozaram do prazer de o escutar em seus assombrosos raptos: *Antonio Ribeiro dos Santos*, Lente de Canones na Universidade de Coimbra, Deputado Conselheiro da Mesa da Consciencia e Ordens, Bibliothecario-mór da Real Livraria Publica de Lisboa, Socio da Academia Real das Sciencias da mesma cidade &c., foi um dos ingenhos Portuguezes, com quem as Musas repartiram mais amplamente os seus dons poeticos: os tres volumes de suas poesias, nos quaes se designa pela denominação de *Elpino Duriense*, contem um rico thesouro de poemas, compostos em differentes generos, os quaes, pondo de parte as

bellezas de estilo, que em todos elles sobresahem, respiram a maior polidêz, o mais delicado sentimento, e a moral mais pura : com verdade pode dizer-se, que ou seja no genero epistolar, no qual tomou para modelo ao nosso inclito *Ferreira*, ou seja nos Sonetos, em que de poucos foi igualado, e por ninguem até agora excedido; ou já nas Odes, onde se encontram todas as graças de *Anacreonte*, e toda a urbanidade de *Horacio*, vestidas no grave e magestoso traje Lusitano, o nosso moderno Poeta Antonio Ribeiro dos Santos nada deixa que desejar, ou ainda que invejar do melhor, que nos resta da antiguidade classica : Que nobre e honrado patriotismo não inspira a maior parte das suas poesias! Quão humana e sãa philosophia! Quão puros e sublimes sentimentos religiosos! A preciosa collecção dos seus poemas é, em o nosso modo de sentir, uma das obras mais proveitosas, que podem ser postas nas mãos da Mocidade, e aquella que o homem do gosto já formado lerá em todos os periodos da carreira de sua vida com maior prazer e interesse. — *Francisco Manoel do Nascimento*, poeticamente designado pela denominação de *Filinto Elysio*, assim dentro, como fóra da Patria, onde foi obrigado a passar uma grande parte e a derradeira da sua longa vida, alcançou por suas poesias lyricas o bem merecido nome de Horacio Portuguêz, enriquecendo a Litteratura e o idioma Luso, que ajudou a restaurar da irrupção de Gallicismos desnecessarios, com

grande numero de excellentes producções poeticas ou originaes ou traduzidas, de que fazem o devido apreço todos os bons conhecedores, e imparciaes avaliadores, tanto Portuguezes, como extrangeiros: — *José Agostinho de Macedo*, Pregador Regio, e homem de vasta erudição, foi um dos poetas mais abalizados e fecundos deste Periodo, como bem deixa ver o grande numero de suas composições poeticas, entre as quaes avultam os seus dous poemas épicos, o *Gama*, e o *Oriente*, os seus poemas philosophicos ou descriptivos, a *Meditação*, e o *Newton*, o seu poemêto *O Novo Argonauta*, e o seu poema burlesco-satirico, intitulado *Os Burros*: compôz tambem Tragedias, cuja principal tem por titulo *Bránca de Rossis*, poesias Anacreonticas, odes Heroicas &c.: Em uma palavra, poucos fôram os generos poeticos em que deixou de tentar fortuna: O seu modo de poetar é valente e melodioso, e os seus versos respiram grande facilidade: Grangeou-lhe porèm numerosos detractores, e com razão sobeja, o empenho, em que se envolvêo, de apresentar uma Epopêa, que désse de rosto, e fizesse escurecer os immortaes *Lusiadas*, cujo Poema se esforçou por menoscabar em differentes seus escriptos; por quanto nem o seu *Oriente*, e menos o seu *Gama*, podem entrar sequer de longe em parallelo com o do grande Camões: Todavia é innegavel, que, como poeta, e como prosista, cujas composições são tambem numerosissimas, e recheadas de muita erudição e sal,

merece este Padre Macedo ser contado entre os homens benemeritos da Litteratura Portugueza : Podendo igualmente asseverar-se com verdade, e livre de prevenções, que foi elle um dos mais cultos e eloquentes oradores sagrados do seu tempo. — O Brasil, alem do autor do *Caramurú*, por nós já mencionado, produzio neste mesmo Periodo uma copiosa mésse de bons poetas, quasi todos elles no genero lyrico : A collecção de poesias, intitulada *Parnaso Brasileiro*, ha poucos annos impressa no Rio de Janeiro, sómente nos seus quatro primeiros numeros, que formam o primeiro volume, apresenta composições poeticas de perto de trinta cultores das Musas, na maior parte dignas de louvor pela fertilidade de imaginação, e graças da versificação, que nellas apparecem : Entre os poetas acima indicados merecem especial commemoração os dous *Alvarengas* (*Manoel Ignacio*, e *Ignacio José*), *Claudio Manoel da Costa*, *José Basilio da Gama*, o célebre e desditoso *Thomé Joaquim Gonzaga*, autor da bem conhecida collecção de poesias lyricas, intituladas *Marilia de Dircêo*, e ultimamente os dous *Padres Caldas*, principalmente *Antonio Pereira de Souza Caldas*, cujo nome é credôr de viver perenne na memoria dos verdadeiros apreciadores da Poesia pela sua traducção de grande parte do Psalterio de David, pelas suas Poesias Sacras originaes, e não menos pelas suas Poesias Profanas, dado á luz tudo em Paris no anno de 1820 em dous volumes de 8.° por um so-

brinho do autor, com eruditas notas e observações, feitas pelo seu particular amigo, o mathematico e poeta Francisco de Borja Garção Stockler. ——— Illustraram finalmente o ramo da Poesia em Portugal neste Periodo, entre outras, duas Senhoras, ambas ellas das altas classes da Sociedade, a saber: a *Ex.ma Viscondessa de Balsemão, D. Catherina Michaela de Souza Cesar e Lencastre*; e a *Ex.ma Marqueza d'Alorna, Condessa d'Assumar e d'Oeynhausen, D. Leonôr d'Almeida Portugal Lorêna e Lencastre*: Foi o genero lyrico o que estas Sacerdotizas das Musas cultivaram com particular distincção e primôr; mas não existindo impressas, que saibâmos, as obras poeticas da primeira; e sendo mui poucas as, que tem chegado ao nosso conhecimento, dellas apenas podemos dar noticia em vaga generalidade: occorre-nos todavia o termos visto em a nossa mocidade uma collecção de Fábulas desta Senhora, dignas de muito louvavel estimação, assim como depois outras poesias miudas, todas respirando fecundidade de ingenho, e escriptas com pureza e amenidade de estilo. Pelo que respeita ás obras poeticas da Ex.ma Marqueza d'Alorna, visto que uma bôa parte destas já corre impressa, alem de grande numero de outras, e talvêz as mais importantes, que não tardarão em sahir á luz publica, podem, e devem ellas ter sido já apreciadas, como flores de recendente arôma, como composições de eximio valôr e mérito: Não foi porêm somente em poesias do genero

lyrico, que esta respeitavel Senhora nos deixou exemplares de subido ingenho e de limado gosto; adornada com o perfeito conhecimento dos mais opulentos idiomas da Europa culta, quaes o Castelhano, o Francêz, o Allemão, o Inglêz e o Italiano, e não menos amestrada no idioma Latino, enriquecêo a Lingua e a Litteratura Nacional com differentes traducções e imitações poeticas de obras da maior perfeição e interesse, escriptas em alguns dos mencionados idiomas: e começando pelas Latinas, merecem entre ellas a primazia, a sua versão, e paraphrase de todo o *Psalterio de David*, (a) a traducção do poema *O Roubo de Proserpina* de Claudiano, a da *Carta aos Pisôes* de Horacio, bem como grande numero de imitações das Odes deste poeta; as traducções do Inglêz do *Ensaio sôbre a Critica de Pope*, a do canto primeiro das *Estações* de Tompson; do Allemão a traducção dos seis primeiros Cantos do Poema *Oberon* de Wieland, a imitação do Canto primeiro das *Solidões* de Cronegk, alem de outras imitações de differentes poesias miudas de varios poetas da mesma nação; e ainda outras tambem imitadas dos idiomas Francêz e Italiano: Parto igualmente da fecunda Musa desta Poetisa illustre é o seu poema original, que intitu-

---

(a) Uma parte destes trabalhos poeticos da Ex.ma Marqueza sahio á luz com o titulo de *Paraphrase dos Psalmos em vulgar por Alcipe....* &c. Lisboa 1833. 1. vol. de 4.º

lou *Recreações Botanicas*, onde apparecem notaveis allusões = ou antes *raras analogias de varias plantas com as propriedades de seus perseguidores, e com a innocencia dos seus parentes processados* =, como se expressa a penna elegante, que escreveo a Noticia biographica desta Ex.ma Senhora, collocada á frente do volume primeiro das suas Obras Poeticas; sendo por isso que não consentio se imprimisse este Poema durante a sua vida : Devemos com tudo o conhecimento deste bello Poema á mui delicada urbanidade, com que esta Fidalga se dignou de nos considerar e distinguir, admittindo-nos algûas vezes á sua mui limitada sociedade no anno de 1829, antes da nossa emigração para o Brasil; mas o que sôbremaneira penhorou o nosso mais vivo agradecimento, foi o até confiar-nos o seu manuscripto por alguns dias em nossa casa; sendo por essa occasião que podémos admirar não só as muitas bellezas poeticas, que, para assim dizer, a cada passo nelle resplandecem; como tambem a vastidão de conhecimentos Botanicos, de que está recheado : segundo nossa lembrança, constava o Poema de quatro Cantos, cada um delles dedicado a uma das Ex.mas Filhas da nunca assás louvada Autora, como melhor o poderá mostrar a sua publicação, quando sahir á luz pela imprensa (123.a).

Portugal, que nos differentes Periodos da sua gloriosa Monarchia se fizera sempre respeitavel por seus atilados e profundos Politi-

cos, contou tambem no, de que vamos falando, quatro mui insignes e abalizados por seu grande saber, zêlo, prudencia e penetrante sagacidade, cujos nomes passâmos a pôr em memoria : Delles o primeiro *Alexandre de Gusmão*, teve por berço a villa de Santos na Provincia de S. Paulo, Imperio do Brasil, e contou por um dos seus illustres irmãos ao bem conhecido *Padre Bartholomeu Lourenço de Gusmão*, por nós já commemorado atrás entre os philosophos mais distinctos deste Periodo : Foi Doutor em Jurisprudencia Civil pelas Universidades de Paris, e de Coimbra, eximio poeta e humanista, grandemente versado na Sciencia da Historia, e mui entendido nas Disciplinas Fisico-Mathematicas : occupou o logar de Secretario do Conde da Ribeira, D. Luiz da Camara, quando este no anno de 1714 partio por Embaixador a el-Rei de França Luiz XIV; ultimamente Deputado do Concelho-Ultramarino, Secretario particular d'elRei D. João V. &c. : Por sua grande intelligencia dos interesses politicos dos Soberanos e dos Estados, judiciosa industria, com que levava á conclusão os negocios mais difficeis, e pol-a sciencia das Linguas mais polidas da Europa, mereceo ser nomeado Agente dos negocios da Corôa Portugueza nas Côrtes de Paris, e de Roma, alcançando por seu esmêro e fidelidade nestes empregos as estimações e os respeitos dos homens mais eruditos do seu tempo : No Periodico, intitulado *Investigador Portuguêz em Inglaterra*, en-

contram-se algûas de suas Cartas politicas, as quaes são uma bôa amostra das muitas, que existem manuscriptas, e talvêz infelizmente perdidas para o Publico; e do mesmo illustre Sabio foi dada proximamente á luz no anno de 1841, na cidade do Porto, uma collecção preciosa de varios Escriptos ineditos tanto politicos, como litterarios. — Foi o segundo *D. Luiz da Cunha*, do Conselho dos Monarchas D. Pedro II. e D. João V., e seu Embaixador ás Côrtes de Vienna, Haya e Paris, na ultima das quaes morreo no anno de 1749: Entre o grande numero de Escriptos da sua profunda e sabia composição apenas se encontram impressas algumas das suas Cartas a Alexandre de Gusmão, e o seu importantissimo *Testamento politico*, ou Carta por elle escripta a elRei D. José em tempo que sómente era ainda Principe do Brasil, as quaes obras publicaram, entre outras litterarias preciosidades, os benemeritos Redactores do *Investigador*; e dellas a ultimamente mencionada foi tambem impressa em Lisboa no anno de 1820. — Segue-se em terceiro logar *José da Cunha Brochado*, Secretario de Embaixada em Paris com o Marquêz de Cascaes, D. Luiz Alvares de Castro: depois Enviado em Londres e em Madrid: Formam as suas obras politicas uma collecção manuscripta de cinco volumes em folio, das quaes se encontram igualmente impressos alguns fragmentos no importante Periodico *Investigador*. — E' o ultimo dos quatro *Sebastião José de Carvalho e Mello*, Socio da

Academia Real de Historia Portugueza, bem como os tres antecedentes, Ministro-Enviado ás Côrtes de Londres e de Vienna d'Austria, Primeiro Conde de Oeiras, Primeiro Marquêz de Pombal, Ministro e Secretario d'Estado d'elRei D. José, seu Logar-Tenente, e Plenipotenciario com livre e geral faculdade para a Reformação da Universidade de Coimbra: A sua acertada administração em tão laboriosos tempos, e de tantas contradicções e calamidades publicas, como as que sobrevieram a Portugal durante o periodo do seu elevado poder, salvou a Nação dos mais horrorosos perigos, sustentou a Monarchia vacillante, e desterrou a ignorancia destes bellos paizes, expulsando os Jesuitas, fazendo reviver os nossos bons Estudos antigos, e creando outros de novo em harmonia com as luzes do Seculo assim na Universidade de Coimbra, como em outros lugares do Reino: A penna, manejada por este politico profundo e verdadeiro sabio, delineava traços de erudição e bom gosto, quando escrevia na *Deducção Chronologica e Analitica &c.*, e quando coòperava em mui grande parte para a redacção do *Compendio Historico da Universidade de Coimbra*, e para a formação dos nunca assás louvados *Novos Estatutos* da mesma Universidade (124.ª), obra esta na qual se acham estampados os proprios dictames da mais acrisolada Sabedoria (125.ª).

CONCLUSÃO.

A' vista destas, ainda assim mui tôscas e escuras noticias, que deixâmos succintamente postas em memoria no Papel, por nós intitulado *Primeiro Ensaio sôbre a Historia Litteraria de Portugal*, bem facil fica sendo já de conhecer a sem razão, e injustiça manifesta, com que a Nação Portugueza tem sido tratada por alguns escriptores de paizes extrangeiros, taxando-a de ignorante, e de atrazada em todos os ramos de conhecimentos uteis: Por quanto, do que fica tocado, se pode e deve com todo o fundamento concluir, que os Portuguezes foram em todos os tempos, e são ainda hoje em dia mui eminentes na cultura de todo o genero de Letras e Sciencias, as quaes se entre elles tiveram seus dias de languôr e de abatimento, foi, porque fatalissimas, e irresistiveis circunstancias empecêram, e quasi chegaram a aniquilar suas felizes disposições e aprimorado gosto litterario: mas que, apenas removidas aquellas, entrámos de nôvo a trilhar com gloria a estrada de todas as Sciencias, e Boas-Artes. E por consequencia que erraram a nosso respeito tão injustos, ou sequer mal informados extrangeiros, já pelo que toca ao ingenho,

apurado gosto e litteraria applicação; já pelo que pertence ao caracter e brio marcial Portuguèz, do qual, mal conceituados tambem por tão irreflectidos avaliadores (a), temos dado no correr do presente seculo as mais irrefragaveis e exuberantes provas, assim expulsando da nossa Patria valerosa e denodadamente a intrusão extrangeira, e concorrendo mui gloriosamente para a salvação da Europa; como quebrando depois o jugo de ferro, com que a tirannica intrusão domestica nos opprimira por espaço de cinco annos: Podendo com toda a propriedade applicar-se aos Portuguezes de todos os tempos, tanto antigos, como modernos, a aurea sentença escripta por Plinio o Môço na sua carta ao grande historiador Cornelio Tacito (b): « Em verdade eu reputo afortunados aquelles homens, a quem os deoses por sua alta munificencia concederam ou praticar acções dignas de serem escriptas, ou escrever obras dignas de serem lidas; e reputo afortunadissimos aos que reuniram em si ambos estes prestantes dotes » (126.ª).

FIM DO TEXTO.

(a) Vid., entre outros Escriptos, *La guerre de la Péninsule sous son véritable point de vue, ou Lettre à Mr. L'Abbé F.* *** &c.

(b) Lib. VI. Epist. 16.

ADVERTENCIA;

Se para sabios, ou sequer eruditos perscrutadores dos thesouros litterarios de Portugal, fosse escripto este livro, de muito menor numero de Notas, do que as seguintes, deixária elle por certo de carecér : como porém seja de presumir, que o Primeiro Ensaio para uma Historia Litteraria de Portugal *venha a correr não só por mãos de homens de profundo e variado saber, mas tambem pelas mãos de outros de instrucção menos vasta e profunda, assim nacionaes, como extrangeiros; entendéo por isso o seu autor devér fundamentar em Notas, e bem assim ampliar e esclarecer nellas muitas das differentes noticias, apenas ligeiramente indicadas no côrpo da Obra; sem com tudo isto ficar ainda certo de haver apresentado em plena luz muitos dos pontos historicos, na mesma Obra contidos.*

NOTAS.

A' PREFAÇÃO.

Nota (1.ª), Pag. 13.

Não cuide alguem, illudido com um Escripto, que se imprimio em Lisboa pelo meado do Seculo passado com o titulo de *Memorias para a Historia Litteraria de Portugal e seus Dominios, divididas em varias Cartas* por João Pedro do Valle, que naquelle Escripto se contêm uma noticia sistematica de toda a nossa Historia Litteraria, ou pelo menos de alguns dos seus mais ou menos importantes Periodos: Por quanto as *Memorias* de Valle, comprehendidas apenas em sete Cartas a um amigo, tem por objecto unico o mostrar, contra a pretenção dos Jesuitas, na primeira: Que, antes do ensino destes Padres, já havia muito boas Escholas de Latinidade em Portugal; e que por consequencia não fôram elles os restauradôres, mas antes os destruidôres da Lingua Latina em toda Hespanha. Na segunda mostra o principio e progresso da doutrina grammatical dos Jesuitas, com a noticia do juizo, que se fèz, e deve fazer da Arte do Padre Alvares, seus commentadores, e outros livros, que composeram para as suas aulas. Na terceira e na quarta faz ver os er-

ros da referida Grammatica e dos seus Commentadores. Na quinta mostra os erros da Latinidade, que os Jesuitas admittiram nas suas Obras, que correm impressas. Na sexta trata da sua Rhetorica: E na septima da sua Grammatica Grega. A' vista desta exposição bem se deixa ver, quão limitado é o plano d'aquellas *Memorias*; e por consequencia que ellas não roubam a este nosso *Ensaio* a gloria de ser o primeiro Escripto regular e methodico, no qual apparecem algumas idêas geraes, que abrangem a todo o vasto campo da Historia Litteraria da Nação Portugueza.

AO PERIODO I.

Nota (2.ª), Pag. 20.

Fr. Bernardo de Brito (Geograph. da Lusitania cap. 4.) diz: « Passado o rio Tejo começava a comarca dos Turdulos antigos, e se estendia té o Douro, como allem de Plinio (Liv. 4. cap. 20.), escreve Pomponio Mella: forão estes Turdulos origem, e principio de todos os mais Turdulos, que vivião em Andaluzia, e dos Turdetanos do Algarve, e todos os mais que tinhão este nome, por cujo respeito se lhe dèo o nome de Antigos. Era esta gente muito bem entendida, e tinha, como diz Strabo (Rerum Geograficar. Lib. 3.), leys, por onde se governava, escrittas em verso de tempos antiquissimos ». E Pomponio Mella, citado por Brito, diz: *Sinus intersunt*,

et est in proximo Salacia : in altera Ullysipo, et Tagi ostium amnis aurum, gêmasque generantis. Ab iis promontoriis ad illam partem, quæ recessit, ingens flexus aperitur : In coque sunt Turduli veteres, Turdulorumque oppida. Amnis autem Monda in medium ferè ultimi promontorii latus affluens, et radices ejus abluens Durius. — Acresce a estas autoridades a do curioso indagador de nossas antiguidades, L. André de Resende, que escreve o seguinte : *Cistaganos adpellavimus Olysipponenses, Scallabitanos, et reliquos usque ad Durium, qui Turduli olim veteres dicebantur.* (In Vincentium Levitam, et Martyrem locorum obscuriorum adnotationes, in librum posteriorem adnotatio 25.ª). — Vid. tambem Manoel Severim de Faria, *Noticias de Portugal*, Discurs. 5.º §. 2. &c.

Nota (3.ª), Pag. 20.

« Dans cette période on nommoit *grammaire* tout ce qui aujourd'hui est compris sous la dénomination d'érudition philologique; l'étude de la langue, ainsi que celle de la mythologie, et des antiquités » : Nota a este logar : « La Grammaire proprement dite étoit nommée Grammatistique ». (Vid. F. Schoel, Histoire Abrégée de la Littérature Grecque.... &c. Tom. 1.º Period. 5. depuis la destruction de Corinthe jusq'à Constantin-le-Grand). Vid. tambem Nota (25.ª) ao Periodo IV. deste *Ensaio*. — As palavras de Strabo, ci-

tadas neste logar do texto, são as seguintes : *Hi omnium Hispanorum doctissimi judicantur, utunturque grammatica, et antiquitatis monumenta habent conscripta, ac poemata, et metris inclusas leges a sex millibus (ut ajunt) annorum. Utuntur et reliqui Hispani grammatica non unius omnes generis* (Traducç. de Casaubono).

Nota (4.ª), Pag. 22.

A cidade *Osca*, onde, segundo Plutarcho, Sertorio instituio escholas para a mocidade Hespanhola, é provavelmente a cidade de *Huescar*, no reino de Granada. Verdade é, que a outra cidade das Hespanhas, tambem antigamente denominada *Osca*, e hoje *Huesca*, situada no reino de Aragão, attribue a maior parte dos escriptores a mesma gloria, que nós, fundados no testemunho de Fr. Bernardo de Brito, e de Marianna, attribuimos á *Osca* da Bética : e propendemos para esta opinião, por parecer-nos mais provavel, que Sertorio, para assento pacifico das novas escholas, por elle instituidas, preferiria à *Osca* Aragoneza outra cidade mais distante do theatro da guerra, e mais proxima de Evora sua residencia ordinaria durante a cessação das campanhas, qual, em relação á *Osca*, hoje *Huesca* no Aragão, era a outra *Osca*, hoje *Huescar* em Granada.

Nota (5.ª), Pag. 24.

Os dous logares, de S. Jeronimo, e de Plinio, citados no texto, são os seguintes: *Ad Titum Livium, lacteo eloquentiæ fonte manantem, de ultimis Hispaniæ, Galliarumque finibus quosdam venisse nobiles legimus, et quos ad contemplationem sui Roma non traxerat, unius hominis fama perduxit.* (Hyeronim. Paulino). *Nunquam ne legisti Gaditanum quendam, Titi Livii nomine, gloriaque commotum, ad visendum eum ab ultimo terrarum orbe venisse, statimque ut videret, abiisse?* (Plin. Lib. 2. Epist. 3.)

Nota (6.ª), Pag. 25.

A proposito da cultura das Letras na Lusitania durante a dominação Romana, não é digna de ser desprezada a reflexão do sabio Prelado, autor das *Memorias Historicas do Ministerio do Pulpito*, escrevendo (Parte 2.ª §. 4.) « ninguem reputará por imprudentes aos que affirmarem, que o trato dos nossos Maiores com os antigos Romanos lhes fêz apropriar a policia dos seus costumes, e a elegancia da dicção: que as escholas de Hespanha no tempo dos Cesares nos foram uteis ». (Vid. tambem Func. de Decrepitæ Senect. cap. 1. §. 7. pag. 9.)

Nota (7.ª), Pag. 26.

Marc. Valer. Martialis Epigrammata (*) in laudem Deciani Lusitani, Lib. 1.

Epigram. 8.

Quod magni Thrasæ, consummatique Catonis
Dogma sic sequeris, talis ut esse velis;
Pectore nec nudo strictos incurris in enses,
Quod fecisse velim te, Deciane, facis:
Nolo virum facili redimit qui sanguine vitam,
Hunc volo laudare qui sine morte potest.

Epigram. 33.

Si quis erit raros inter numerandus amicos,
Qualis prisca fides, famaque novit anus;
Si quis Cecropiæ madidus, Latiæque Minervæ
Artibus et vera simplicitate bonus;
Si quis erit recti custos, imitator honesti,
Et nihil arcano qui roget ore Deos;
Si quis erit magnæ subnixus robore mentis,
Dispeream, si non hic Decianus erit.

Nota (8.ª), Pag. 26.

Lilius de Poet. — Lilio Gregorio Giraldi é o verdadeiro nome deste autor (Vid. Diccionar. Histor.) ——— Para os leitores, a quem parecer extranho, que *Deciano* seja contado entre os sabios Lusitanos, sendo elle natural

---

(*) Martial. Epigram .... a Mathæo Radero de Societ. Jes. Ingolstadii ex Typographia Adami Sertorii M. DCII.

de Mérida, escrevemos esta Nota, a qual poderia ir ainda recheada de muito maior numero de autoridades. (ff) De Censibus L : *In Lysitania Pacenses et Emeritenses, juris Italici sunt.* ——— *Nam cum in treis juridicos conventus divisa esset Lusitania, Emeritensem, Pacensem, et Scallabitanum...* (L. A. Resendii Pro Colonia Pacensi ad Joannem Vasæum Epistola). ——— *In treis conventus Lusitaniam divisit Plinius, Emeritensem, Pacensem, et Scallabitanum. Duos nos habemus, et ultra Anam ex Betica oppida aliquot neque ignobilia. Lusitania una fuit provintia tribus distincta Conventibus. Divisa postea est propter magnitudinem. Et Conventus duo, hoc est Pacensis, et Scallabitanus nomen retinuerunt Lusitaniæ. Unus Emeritensis, amisso Lusitaniæ nomine, Vettoniæ nomen a gente sortitus est.... Heinc etiam Vettones jam separati a Lusitanis reperiuntur, tametsi et ipsi prius inter Lusitanos censerentur.... Quum itaque duas veteres Lusitaniæ partes possideamus, una excepta, quæ ex prius Lusitania facta Vettonia est,...* (Idem pro Sanctis Christi Martyribus Vincentio Olisiponensi Patrono, Vincentio, Sabina, et Christetide Eborensibus civibus, &c. ad Bartholomæum Kebedium &c.).

AO PERIODO II.

Nota (9.ª), Pag. 30.

A'cerca da aversão, que os Godos tinham ás Letras no tempo do seu primeiro estabelecimento sôbre as ruinas do Imperio Romano, diz Procopio as notaveis palavras seguintes (De Bel. Goth. Lib. 1. apud Grot. pag. 143). *Volebat.... Amalasuntha institui Athalaricum in modo, quo Romanorum primores solent: itaque et ludi magistrum ei dederat.... Non probabantur hæc Gothis.... expostulabant non recte puerum, neque ut regem deceret, educari: multum obesse a virtute litteras: et senili institutione dejici plerunque, et ad metum incurvari indolem. Qui magna ausurus, qui bello decora sit quæsiturus, debere liberum a magistrorum metu, armis tractandis erudiri. Nec Theuderico quidem placuisse ullos Gothorum pueros ad Ludum Litterarum mitti, quippe solitum dicere, fieri non posse, ut qui dedicissent flagra extimescere, ad comtemptum ensium, hastarumque assurgerent. Cogitandum ipsi Theudericum tanto terrarum domito in regni, nisi jus armorum spectetur, alieni possessione mortuum, qui litteras, ne auditu quidem attigisset. Quare tu quoque, (aiebat) regina, litteratos istos jube valere: Athalarico autem sodales da coævos, qui cum ipso ad maiorem ætatem pervenientes, auctores ipsi sint imperandi, ita ut mos est nobis Barbaris.* — Desta

passagem se vê, que a falta de instrucção destes Povos barbaros lhes fazia attribuir á sujeição das escholas a timidèz, que encontravam nos povos, que hiam conquistando, o que os tornava cada vêz mais aferrados á sua ignorancia; sendo que a primeira virtude entre elles era um valor levado ao gráo summo.

Nota (10.ª), Pag. 33.

« O muito, que foi considerada a Lusitania pelos Imperadores, (diz o A. das *Memorias Historicas do Ministerio do Pulpito*, Part. 2.ª §. 4.) he graça, e ainda justiça, que nos faz honra, e que bem manifesta a communicação e a intelligencia com as pessoas cultas do Imperio Romano. Assim o decidem as Inscripções, e Moedas, e o Direito do Lacio, e outras disposições importantes. Tudo isto obriga a entendermos, que foi bem disciplinada esta parte do Mundo ». (Vid. as Notas a esta passagem.)

Nota (11.ª), Pag. 34.

Ecce venit ad me religiosus Juvenis... Orosius, vigil ingenio, promptus eloquio, flagrans studio, utile vas in Domo Domini esse desiderans ad refellendas falsas, perniciosasque doctrinas, quæ animos Hispanorum multo infelicius, quam corpora barbaricus gladius, trucidarunt. (Santo Agostinho Epist. 166.) — Compôz Orosio *Historiarum ab exordio mundi*

libri septem, a qual obra escrevêo por conselho de Santo Agostinho, a quem conversou na sua viagem á Africa, emprehendida para o consultar sôbre a questão da origem da alma racional, por aquelles tempos muito controvertida na Hespanha : Mereceo-lhe esta obra os maiores elogios, intitulando-o o Papa Gelasio *Vir eruditissimus*; Genadio *eloquens historiarum cognitor* ou *conditor*, conforme a lição de S. Prospero; Cassiodoro (De Divin. Lection. Cap. 17.) *Christianorum temporum et paganorum collator*; Joan. Sarisbiens. (De Nug. Curial. Lib. 8. Cap. 18.) *magni discipulum Augustini propter religionem fidei nostræ veritati diligentius institisse*, &c., &c., &c. : Compôz tambem differentes obras theologicas de reconhecido merecimento.

NOTA (12.ª), PAG. 34.

Occasionem quippe cujusdam sanctissimi et studiosissimi Juvenis presbytori Orosii, qui ad nos ab ultima Hispania, id est, ab oceani littore solo Sanctarum Scripturarum ardore inflammatus advenit, amittere nolui.... (Santo Agostinho Epist. 169.)

NOTA (13.ª), PAG. 34.

Compôz Aprigio ou Apringio Pacense *Commentarium in Apocalypsim*, obra grandemente elogiada por Santo Isidoro, como consta das seguintes expressões : *Interpretatus est*

Apocalypsim D. Joannis Apostoli subtili sensu, atque illustri sermone, melius pene quàm veteres Ecclesiastici viri exposuisse videntur. (De Scriptor. Ecclesiast. Cap. 17.) — Compôz mais *Commentaria in Cantica Canticorum*, pelas quaes obras adquirio os maiores elogios dos doutos, dizendo delle Xisto Senense (in Bibiot.) *in sæcularibus disciplinis exacte doctus, eloquentia eximius, et Sanctarum Scripturarum sui sæculi peritissimus, et in explanatione divinorum voluminum nulli veterum Patrum secundus.* — Matamor. (De Academia Hispan.) *doctissimus litterarum monumentis.* Louvores similhantes a estes lhe dão muitos outros sabios das differentes nações da Europa.

Nota (14.ª), Pag. 34.

O *Chronicon* do Bispo de Girona D. João foi publicado por Henrique Canusio, e é uma breve Chronologia Historica desde o anno 567 até 589, a qual obra foi escripta, conforme Santo Isidoro, *historico, compositoque sermone*, palavras extrahidas do seu livro *Dos Escriptores Ecclesiasticos*, no qual engrandece a erudição e santidade deste Portuguêz illustre, natural de Santarem. (Vid. Antonio Pereira de Figueiredo, *Compendio das Epochas*, pag. 203.): e Fr. Bernardo de Brito (Monarch. Lusit. Part. 2.ª Liv. 6. cap. 17.) diz igualmente do citado *Chronicon*, « e goardando na ordem, e estylo de historia tudo aquillo que convêm a hum perfeito Chronista ».

Nota (15.ª), Pag. 34.

Pedro Alladio é frequentes vezes allegado por Fr. Bernardo de Brito nas suas obras historicas. — Da existencia dos Escriptos deste autor na Livraria do extincto Mosteiro de Alcobaça dão fé os dous Attestados, postos na frente da *Monarchia Lusitana* Part. I.ª, dos quaes o primeiro, passado em 10 de Setembro de 1595 pelo Licenceado Hyeronimo de Souto, Ouvidor da Comarca e Correição dos Coutos de Alcobaça, assistido do seu Escrivão, Ruy Dias Rebello, que o escreveo, diz assim : « Outro livro muito velho, e mal encadernado. . . , que contêm dous Tratados de *Pedro Alladio*, do modo de viver dos Portuguezes antigos, e começa *Antiquitus apud nationes*, e acaba *omnibus ad nihilum redactis :* Foi escripto no anno de mil duzentos 34. do Nascimento de Nosso Senhor Jesu Christo ». — O segundo Attestado, que é do Abbade Geral de Alcobaça, Fr. Francisco de Santa Clara, datado de 13 de Julho de 1596, diz pelo modo seguinte : « Hum livro mui antigo, e quasi desencadernado, e de letra Gothica mal clara, *escritto* no anno do Nascimento 1234, *feito* por *Pedro Alladio* ». ——— E' muito para ser notada a inadvertencia, com que o aliás douto e incançavel autor da *Bibliotheca Lusitana* lêo os dous Attestados, que acabamos de transcrever; pois, por não attender á differença, que o autor do segundo

Attestado faz entre as duas palavras *escritto* e *feito*, cahîo na mais grosseira contradicção, escrevendo a noticia, que nos dá de *Pedro Alladio* pela maneira seguinte : « Florecêo (diz elle) no tempo que os Godos dominavão Hespanha, escrevêo no anno de Christo 1234. dous Tratados, cujo argumento he o seguinte.... » : Esquecendo-se grosseiramente de que o governo dos Godos expirára nas Hespanhas com a invasão dos Mouros no anno de 714, e por consequencia quinhentos e vinte annos antes d'aquelle, em que o mesmo Barboza, autor da *Bibliotheca*, faz escrever a *Pedro Alladio* o livro, que lhe attribue, fazendo-o aliás coevo da dominação Goda nas Hespanhas ! !

Nota (16.ª), Pag. 34.

O *Idacio*, mencionado no texto, escrevêo uma *Chronica*, na qual continúa a de S. Jeronimo até o seu tempo : começa ella no primeiro anno de Theodosio o Magno, e acaba no undecimo do imperio de Leão; vindo por este modo a contêr oitenta e seis annos, desde o anno 381, até 467. Até o anno 437 é composta, ou extrahida de escriptos e memorias alheias; porêm desde aquelle tempo em diante escreve o que per si mesmo observou. Nota nesta *Chronica* os principaes acontecimentos do Imperio, os annos e as mudanças dos Imperadores, os nomes e os annos de Pontificado dos Bispos de Roma, e mais particular-

mente a Historia Ecclesiastica e Profana do seu paiz. E' escripta esta *Chronica* em estilo duro e barbaro, mas bastantemente intelligivel. Alem de varios fragmentos, que della haviam sido publicados por Canisio e Scaligero, foi impressa toda inteira pelo Padre Sirmond em 1619, seguindo para isso um manuscripto da bibliotheca dos Jesuitas do Collegio de Clermont: já antes tinha sido publicada em Roma, e foi inserida depois na Chronica de Scaligero. —— O Padre Sirmond encontrou no mesmo manuscripto uns Fastos Consulares mui exactos, que começão no anno 245 da fundação de Roma, isto é, no governo dos primeiros Consules, Bruto e Collatino, e acabam no segundo Consulado de Anthemio, ou no anno 468 da E. V. A similhança do estilo, e da chronologia fêz persuadir ao Padre Sirmond, que estes Fastos eram tambem composição de *Idacio*, opinião que foi refutada por Flores na sua *Hespanha Sagrada*, Tom. 4.º onde vem a primeira obra, e parte da segunda.

Nota (17.ª), Pag. 34.

O Breviario Bracarense, e Eborense na lenda de S. Fructuoso, Bispo de Braga a 6 de Abril, lhe chamam: *Virum suo tempore maximis comparandum, sive linguæ tam Græcæ, quam Latinæ elegantiam, sive Sanctarum Scripturarum eruditionem . . . spectare velimus.*

AO PERIODO III.

Nota (18.ª), Pag. 36.

E' hoje geralmente sabido, que os Mahometanos, não obstante o odio, que professavam ás Letras no primeiro estabelecimento da sua seita, não proseguiram por muito tempo constantes neste sistema de ignorancia : « O supposto incendio da bibliotheca de Alexandria (diz Mr. Simonde de Sismondi) por Amrou, general do Califa Omar, correspondeo ao anno 641, épocha da maior barbária dos Sarracenos; e este acontecimento, posto que duvidoso seja, attesta ao menos o que podia augurar-se do seu desprezo das Letras : um seculo havia decorrido apenas, desde a épocha, a que é attribuida esta bárbara execução, quando a familia dos Abassides, subindo ao thrôno dos Califas no anno de 750, fêz subir a elle ao mesmo tempo o amor mais declarado ás artes, ás sciencias, e á poesia.... O celebre Aaron Raschild, que reinou desde 786 até 809, assumio por titulo da sua maior gloria o de protectôr das Letras.... Porèm o seu maior protectôr, e o verdadeiro pai da Litteratura Arabe foi Al Mamonn (Mohammed-Aben-Amer), septimo Califa Abassida, e filho do antecedente.... Levantado apenas á Soberania (819—833), fêz de Bagdad a capital das Letras : os estudos, os livros, os sabios occupavam quasi exclusivamente a sua

attenção : os Litteratos eram os seus validos, os progressos da Litteratura a occupação dos seus Ministros; e bem podia dizer-se, que o thrôno dos Califas havia sido levantado pelas Musas.... Entre todas as provincias, sujeitas á dominação dos Arabes, foi a Hespanha o assento principal de todas as sciencias, nella foi que brilharam com maior luzimento, e onde fizeram progressos mais rapidos.... Em differentes cidades da Hespanha setenta bibliothecas estavam abertas para uso do publico, e isto justamente no tempo, em que todo o restante da Europa, sem livros, sem sciencia, sem cultura, se achava mergulhado na ignorancia mais vergonhosa &c. &c. » (De la Littérature du Midi de l'Europe cap. II.).

NOTA (19.ª), PAG. 39.

Vid. Nota (86) á Memoria IV. *Para a Historia da Legislação e Costumes de Portugal no governo dos Arabes nas Hespanhas* por Antonio Caetano do Amaral, a qual anda no Tom. 7.º edição de 4.º das Memorias de Litteratura da Academia Real das Sciencias de Lisboa. ——— Todavia o, que no texto deixámos escripto, deve entender-se dos Portuguezes, que viviam debaixo da dominação dos Arabes; por quanto dos existentes debaixo do governo dos successores dos Reis Vizigodos é constante que pela maior parte eram ignorantissimos, e delles escreve em a Nota (158) o autor da Memoria citada o seguinte:

« Huma prova disto (a pouca instrucção dos Seculares) na presente Epocha he que ordinariamente os Documentos quem se diz tellos escrito he hum Presbytero, e ás vezes Diácono : sinal de que os leigos regularmente nem escrever sabião, ou ao menos não sabião a Linguagem chamada Latina, em que taes Escripturas se costumavão escrever ». E mais adeante no texto da sobredita Memoria a pag. 211 §. 56 escreve o erudito autor o que se segue : « Os mesmos impedimentos, que havia para o Commercio e Artes (a necessidade de estar sempre com as armas na mão) o erão ainda mais para a Litteratura; e para esta não só tolhião os meios, mas tornavão os homens inhabeis para a receber. Apenas de pessoas da Familia Real nos consta que tivessem alguma; sendo os exercicios ordinarios, ainda dos môços mais distinctos, a caça, o manejo das armas, o ensino dos cavallos. A Litteratura, que houve nas provincias meridionaes, occupadas pelos Arabes, de que fallámos na I. Parte desta Memoria, não poude penetrar a este nosso terreno (fala das provincias ao Septemtrião de Portugal, unicas a que os Reis das Asturias estenderam suas conquistas, e de que tiveram menos incerta posse) : não ha delle hum só Escriptôr : os monumentos, que nos restão nas escripturas das doações, ou outros contractos, mesmo de Ecclesiasticos, bem attestão a sua barbaridade : querendo conservar o costume de as escrever em Latim, e perdendo cada vêz mais o conhecimento

deste, substituião a muitas palavras Latinas as do idioma patrio; e como este carecia de diversos casos nos nomes, escrevião os mesmos Latinos sem a terminação, que a construcção requeria; o mesmo praticavão nos tempos e pessoas dos verbos, formando assim uma algaravia cada vêz mais inintelligivel. — Até concorrêo para a ignorancia das primeiras letras a mudança dos caracteres, que na declinação desta Epoca se introduzio na Hespanha, substituindo-se ao caracter *gothico*, ou *toletano*, o chamado *franco*, por se usar geralmente em toda a França: se bem que dentro desta Epoca só se começão a ver entre nós monumentos de hum caracter mixto, a que por isso se chamava *semigothico*, e só depois do estabelecimento da Monarchia apparece o puro francêz ».

NOTA (20.ª), PAG. 39.

A'cerca de *Isidoro Pacense* diz Jorge Cardôzo (Agiolog. Lusit. 1.º de Fevereiro Com. *E.*) « No tempo dos Arabes sabemos que o foi (Bispo de Beja) Isidoro Pacense, a quem podemos chamar o Menor (a differença do Arcebispo de Sevilha): florecêo no reynado de D. Affonso Casto, e escrevêo uma Historia do seu tempo, não tão ellegante, como de crédito e authoridade ».

Nota (21.ª), Pag. 39.

Angelo Pacense succedêo no Bispado de Beja a Isidoro. Faz menção deste autor a *Monarchia Lusitana* (Part. 1.ª Liv. 2. cap. 6.) pelas seguintes palavras : « E Angelo Pacense na vida de S. Pedro Martyr e Arcebispo d'aquella cidade (Braga) a canonisa por herdeira do intimo odio, que sua mãy Carthago teve contra o Pôvo Romano ». ——— E no cap. 10. diz assim : « a qual antigualha (cuido eu) tiraria das vidas dos Santos, escrittas por nosso Portuguêz Angelo Pacense, que tratando a vida de Santa Eulalia. . . . ». ——— E no Liv. 4.º cap. 30. diz : « e se havemos de dar credito a este Author (*), (fala de Laymundo) que affirma durarem em seu tempo livros de mão, com a memoria do numero de gente, que havia Lusitania, e ao que tem Angelo Pacense na vida de S. Mancio Martyr e Discipulo de Jesu Christo, diremos que nesta descripção (a que mandou fazer o Imperador Augusto por todo o Imperio Romano) se acharão dentro em Portugal *cinco contos e sessenta e oito mil pessoas*, *cabeças de familias*, numero que pôem espanto a quem considera ser então a terra menos povoada, e morrerem cada hora nas guerras infinitos mi-

(*) Note-se a bôa fé de Fr. Bernardo de Brito, ácerca do testemunho de Laymundo, attenta a correcção critica, com que o cita.

lhares de pessoas ». ——— E Cardozo (Agiolog. Lusit. loc. citat.), falando da successão dos antigos Bispos de Beja, diz : « Succedeo-lhe (a Isidoro Pacense) Angelo Pacense, cujas obras se conservárão muito tempo na Livraria de Alcobaça, donde forão furtadas, e levadas ao Escurial com não pouca mágoa dos curiosos ».

Nota (22.ª), Pag. 39.

Longe de nós o entrar na questão, por tantas vezes debatida, ácerca da existencia de *Laymundo*, e tempo ao certo, em que vivêo, dado que existisse : Para inclinar-nos porêm á opinião da verdadeira existencia de Laymundo, ou pelo menos da Obra, que a um autor com esse nome era attribuida, confessâmos, que não deixam de fazer-nos algum pêzo as autoridades de Fr. Bernardo de Brito (Prologo da Monarchia Lusitana, e em differentes logares da mesma Monarchia); de Manoel de Faria e Souza (Epitom. Part. 4.ª cap. 18.); de Arraes (Dialog. 4. cap 11.); de João Soares de Brito (Theatr. Lusit. Litter.); e dos Autores dos dous attestados, que vem no principio da Parte primeira da *Monarchia Lusitana*, por não falarmos de outros. Verdade é, que as autoridades de todos estes Escriptores parece refundirem-se na de Fr. Bernardo de Brito, ou antes nas dos dous Attestados; por haverem sido elles os primeiros, que expressamente dizem terem descoberto o

manuscripto de Laymundo, e que o fizeram conhecido : Sejam pois muito embora os outros uns meros écos sem critica, que repitam sem exame o, que encontráram nas paginas da *Monarchia*; entretanto a maneira singella, com que Brito dá noticia do achado d'aquelle manuscripto, e até a modestia, com que o propõe, e delle se serve, como autoridade (*), faz-nos suppôr, que, se o mesmo Brito dêo voga a uma falsidade, foi com o mais puro espirito de bôa fé possivel : ouçâmol-o a elle mesmo no mencionado Prologo : « . . . . descobri huma nottavel antigualha, entre outras que minha diligencia, e trabalho tirárão das mãos do esquecimento. Que foy hum Livro antiquissimo, escritto de letra Gothica, em pergaminho grosso, e mal pullido, composto por hum Portuguêz chamado Laymundo Ortega : o instituto do qual hè descobrir antiguidades da Lusytania, e trazer com muita chanêza a verdade das cousas, que poude alcançar no tempo, em que vivia : referindo, entre as mais, os Reys antigos, que traz o Beroso vulgar, mas debaixo de nome, e condição *de cousa pouco certa*, dizendo, que os achou em huns pergaminhos, sem nome de Author, que vulgarmente andavão em mãos de gente curiosa, os quaes, *creio eu, que o Viterbense baptizou com o nome de Berôso*, que hoje temos. E ainda que seu grosseiro estilo o faça algum tanto bárba-

(*) Vid. Nota (21.ª).

ro, he comtudo tão uniforme com as Historias Romanas, que temos por muy authenticas, e tão amigo de inquirir a verdade de nossas cousas, que determinei seguillo em muitas dellas. . . » : E na *Monarchia Lusitana* (Part. 2.ª Liv. 6. cap. 7.) diz : Laymundo, *a quem allego poucas vezes nesta historia*; porque ordinariamente não faz mais, que trasladar a Santo Isidoro com pouco mais ou menos differença ». ——— Mas, porque aos, que seguem a opinião contraria, não faltarão tambem autoridades respeitaves, sôbre que se apôiem, seguiremos nesta materia o partido da moderação, com os dous sabios Socios da Academia Real da Historia Portugueza, a quem fôra incumbido pela mesma Academia o exame dos Autores apocryfos, e que se não atreveram a mettêr neste numero a *Laymundo* pelas razões, que apontam no §. 5. da Conta, que déram do seu exame (Historia da Academ. Real da Histor. Portug. pag. 347.), e são suas palavras as seguintes : « Temos muitos Authores de boa nota, que allegão outros, que se perdêrão, ou que alguns entendem que não existírão, como succede a Julião Lucas, allegado por Florião do Campo; Laymundo Ortega, Angello Pacense, Alladio, e outros por Fr. Bernardo de Brito; e como não vimos estes Livros, os não comprehendemos no Catalogo dos suppostos; e segundo o provavel, do que se tirou delles, ficarão os successos admittidos, ou reprovados ».

AO PERIODO IV.

Nota (23.ª), Pag. 41.

A ignorancia, que lavrava nas Hespanhas no tempo da occupação dos Arabes, abrangêo somente aos Christãos, que viviam nos territorios não dominados pelos Mouros, e não aos ultimos, como ficou atrás declarado em a Nota (19.ª); pois, conforme alli deixámos expendido, havia entre os Mahometanos Hespanhoes, durante este Periodo, muito bôa instrucção nas Artes e Sciencias: No ramo especial de Agricultura mostra bem claramente os progressos nella feitos pelos Arabes o nosso illustre Sabio José Corrêa da Serra no seu Escripto *Sur l'agriculture des Arabes en Espagne*, o qual anda nos *Archives Littéraires, ou Mélanges de Littérature, d'Histoire, et de Philosophie*, Tom. 2. — Dos seus progressos nas mais Sciencias, e Bellas-Artes dá sufficiente testemunho o já citado Mr. Simonde de Sismondi no Capitulo, donde extrahimos algumas passagens, que em a Nota (18.ª) ficam transcriptas, o qual merece ser lido todo: a cujo respeito pode ler-se igualmente o *Précis Historique sur les Maures d'Espagne*, escripto por Mr. J. P. Florian, Première Epoque; e, a não se desejar mais, a *Bibliotheca Arabico-Hispanæ Escurialensis do eruditissimo Casiri.*

Nota (24.ª), Pag. 42.

Em tempo algum, nem ainda nos mais bellos dias da nossa Litteratura, nunca a conversação e o suave trato das Musas, por mais aturados que fossem, esfriaram o valor marcial dos Portuguezes, ou lhes embotaram os fios de suas espadas. As nossas prodigiosas conquistas da Asia, e os porfiosos combates, que alli tivemos que sustentar contra nações bellicosas, são monumentos do valôr Portuguêz d'aquelles memoraveis tempos, que nas pennas de Castanhèda, de Barros, de Couto e d'outros levarão esta verdade té os ultimos Seculos: e advirta-se, que eram essas as brilhantes eras, em que mais florecia em Portugal todo o genero litterario.

Nota (25.ª), Pag. 44.

E' muito de presumir, que pela palavra *Grammatica*, que Fr. Francisco Brandão no logar citado no texto diz se ensinava nas Cathedraes do nosso Reino, se não deva entender sómente aquella Arte, que ensina a pronunciação das letras, a declinação dos nomes, a conjugação dos verbos, a construcção das partes da oração, a distincção das vogaes e consoantes, e a ordem de falar com propriedade, pureza e policia; por quanto bem sabido é dos Litteratos, que a palavra *Grammatica* tivera antigamente uma accepção mais

ampla, como se colhe, entre outros (*), do testemunho de Bluteau no seu grande Vocabulario, e palavra *Grammatico* pelas seguintes frases : « Antigamente se deu este titulo não só aos Professores da Grammatica, e versados na intelligencia das Linguas; mas geralmente a todos os Humanistas, Philosophos, Criticos, Rhetoricos, Historiadores, e até aos Jurisconsultos : tanto assim, que o famoso Jurisconsulto Thomaz de Aversa, Napolitano, do qual não temos senão obras de Direito, he cognominado *Grammatico*. Acho, que este titulo se conforma com o que costumão dar os Portuguezes aos, que chamão *Grandes Letrados*; porque *Grammatico* he palavra Grega, composta de *Gramma*, que quer dizer *Letra*; de sorte que *Grammatico*, segundo sua etymologia Grega, val tanto, como em Portuguêz *Letrado*. João Philippono, famoso Philosopho, que floreceo no tempo de Justiniano, ainda que scientissimo em outras materias (como consta da Bibliotheca de Phocio), foi chamado *Grammatico* : Lográrão este mesmo titulo João Tzetzes, e Saxon Historiador de Dinamarca. Escreve Gerardo Vossio, que, primeiro que se désse a este genero de homens doutos o titulo de *Grammatico*, se lhe dava o de *Polyhistor*, que val o mesmo que *Homem de muito saber, e de grandes noticias* ». ——— De tudo isto inferimos com algũa probabilidade, que a instrucção, que debaixo

(*) Vid. Nota (3.ª).

da palavra *Grammatica* se dava á Mocidade Portugueza nas Cathedraes do nosso Reino em o tempo, de que vamos tratando, era muito mais ampla, do que aquella, que a vulgar accepção parece hoje inculcar. — Seja isto entendido como simples conjectura, e não como uma asserção de firme certeza; e fique para os vastamente eruditos em taes materias a averiguação deste ponto com o vagar e miudeza, de que o julgarem merecedor.

NOTA (26.ª), PAG. 45.

Conservava-se a Historia da Conquista de Santarem, escripta por elRei D. Afonso Henriques, em ms. no archivo do extincto Mosteiro de Alcobaça, e se pode ler impressa em Fr. Antonio Brandão (Appendix da Part. 3.ª da *Monarchia Lusitana*, Escritura 20.).

NOTA (27.ª), PAG. 45.

Compôz João Camêllo *Summario das Familias, e primeiros Conquistadores deste Reyno*. Faz menção deste Autor Fr. Francisco Brandão (*Monarchia Lusitana* Part. 5.ª Liv. 17. cap. 5.), e outros.

NOTA (28.ª), PAG. 46.

D. Gastão de Fox escreveo em lingua Arabiga uma Obra dividida em sette partes, que constavam: *De Deus, e da immortali-*

dade da alma : Concordancia das profecias das Sibyllas com os Profetas : Da Bemaventurança eterna, Purgatorio, e Inferno. Mandou-a traduzir em Portuguêz elRei D. Diniz por D. Pedro Galvão, Arcebispo de Braga; e a vertêo depois em Latim o Cardeal D. Miguel da Silva.

NOTA (29.ª), PAG. 46.

D. Nicolao de Santa Maria (Chronica dos Conegos Regrantes, Liv. 9. cap. 9.). — « A Carta Regia da creação deste Officio (o de Chronista de Portugal dado por elRei D. Afonso Henriques aos Priores Claustraes do Mosteiro de Sãnta Cruz de Coimbra) andava em hum Livro de pergaminho, com sêllo de chumbo pendente de cordões brancos, firmada pela mesma mão do V. Rey, e diante da Real firma huma cruz de cinco pontos ·⁝· , e foi copiada, com outras memorias genealogicas da familia dos Alpoens, em huma certidão authentica de 7 de Março do anno 1514 pelo Tabellião Gonçalo Rodrigues, em virtude do mandado do Juiz de Fora de Coimbra Ruy Ravasco, e do requerimento de Pêro de Alpôem : Os quaes todos virão o dito Livro, (como se diz na mesma Certidão) que era a mesma Chronica original do Mestre D. Pedro Alfarde, na mão de Ruy Dias de Sá, sobrinho do Veador de Santa Cruz. Este a roubou ao Mosteiro, com damno irreparavel da Nobreza de todo o Reyno, que neste precioso Livro tinha os mais sólidos documentos das

suas respectivas e illustres ascendencias ». — « D. José de Christo, Cónego Regular de Santa Cruz, e bem versado nas antiguidades, copiou a Certidão nos seus manuscritos, em que chora hum roubo tão sacrilego (*). Todas estas circumstancias julguei, que devia referir, para mostrar a verdade da Carta Regia, e que he mais natural julgar errada a éra, que anda nas copias, do que falso hum documento tão circumstanciado. O erro da éra notou primeiro o Dr. D. Thomaz da Encarnação (**), não para o emendar a favor da verdade da Carta Regia, mas para regeitalla como apocrypha; porque sendo a éra MCLXXXIII., como anda nas copias, corresponde ao anno do Senhor 1145., nove annos antes de nascer o Senhor D. Sancho I., (***), com deliberação do qual, diz o V. Rey D. Afonso na sua Carta, que faz aquella doação das 6000. livras; recommendando ao mesmo Senhor D. Sancho o cuidado de fazer continuar a Chronica, encarregada ao Mestre D. Pedro Alfarde, e aos seus successores. Porêm eu julgo, que a éra referida hé erro das copias, e não do original, e que neste só podia lêr-se coberto o primeiro X̂ deste modo MCLX̂XXIII. E dando-se ao primeiro X̂ o

(*) M. S. *Verdades manifestadas*, Verdade 51. num. 37: D. Nicoláo Liv. 9. cap. 9.

(**) Histor. Ecclesiast. Lusit. Tom. 3.º Sæcul. XII. cap. 8. §. 12.

(***) Nascêo o Senhor D. Sancho I. em 1154, como consta das nossas Historias.

seu valor de 40., como sabem todos os versados na antiguidade, vem a ser a éra *Mil duzentos e treze*, que corresponde ao anno de Christo 1175, quando o Senhor D. Sancho contava já 21. annos de idade; que tantos vão de 1154, em que nascêo, idade capacissima para deliberar já com o V. Rey, seu pay, sôbre a doação, e determinação da Carta Regia, e para lhe recommendar a vigilancia sôbre a continuação da Chronica. Quem copiou a Carta, ignorando o valôr do X̌, pintou o ordinario X; e cortou á éra nada menos que 30. annos, retrotrahindo-a a tempo, em que o Senhor D. Sancho não era ainda nascido. O mesmo èrro commettêo o que transcrevêo o *Livro da Nôa* de Santa Cruz para a Academia Real de Lisboa, e por similhante ignorancia do valôr do X̂ coberto, copiando-o sem o accento, viciou nos mesmos 30. annos muitas éras, sem que por isso perigue a verdade da Historia ». (Epitome M. S. da Historia Litteraria dos Cónegos Regrantes de Portugal, Part. 1.ª)

Nota (30.ª), Pag. 47.

Compôz Santo Antonio, alem de muitos Sermões, cheios de grande erudição de Letras Sagradas, *Concordantiæ morales Sacræ Scripturæ, prædicatoribus ad virtutes commendandas, et vitia condemnanda utilissimæ*, obra da qual diz o seu editôr Wadingo (in Scriptor. Ordinis Minor. pag. 34.) *opus sane in-*

geniosum hominis versatissimi in Sacris Bibliis, quem proinde Gregorius IX. appellavit Arcam Testamenti. Foi o primeiro autor deste genero de composição, como dizem Buxtorfio (in Præfat. Concordant. Hebraicar.), e Jacob Le Long (in Bibliot. Sacra pag. 456, &c.). — Compôz mais *Interpretatio mystica in Sacram Scripturam.* Pelas quaes obras logrou reputação de tão grande erudito, como a lograva já de grandissimo Santo por suas virtudes heroicas.

NOTA (31.ª), PAG. 47.

Compôz o Pontifice João XXI. *Summulæ Logicales : Parva Logicalia : Tractatus logicales sex, cum elucidariis Magistrorum in bursa montis Coloniæ regentium : In Physiognomiam Aristotelis : Dialetica : In Logicam reparationes Petri Hispani* (*) : *Modernitates logicales Petri Hispani : Lectiones in primum librum Physicorum : De medenda podagra : De formatione hominis :* E muitas obras mais de Medicina &c., pelas quaes todas merecêo distinctos louvores dos Sabios Portuguezes e extrangeiros.

(*) O seu nome era *Pedro*, o qual trocou pelo de *João*, quando foi levantado á Dignidade Pontificia.

Nota (32.ª), Pag. 47.

O Mestre *Menegaldo* escreveo em Latim um Livro, intitulado *Historia Geral do Mundo*, conforme consta dos dous Attestados, de que já fizemos menção nestas Notas, e que podem lêr-se impressos á frente da *Monarchia Lusitana* Part. 1.ª A'cerca da existencia deste autor ha as mesmas duvidas, que a Critica tem suscitado, pelo que respeita a Laymundo Ortega, Angelo Pacense, e Pedro Aladio. (Vid. Nota (22.ª) in fine.

AO PERIODO V.

Nota (33.ª), Pag. 49.

Volentes, *ut ibidem* (fala da Universidade já depois de passada para Coimbra) *apud Religiosos Conventûs fratrum Prædicatorum*, *et Minorum in Sacra Pagina doceat*, *ut sit fides Catholica circumdata muro inexpugnabili bellatorum* (Carta ou Provisão, chamada vulgarmente *Estatuios*, dada por elRei D. Diniz a favor da Universidade de Coimbra. *Monarch. Lusit.* Part. 5.ª Appendix, Escritura 25.ª : e Leitão Ferreira, *Noticias Chronologicas da Universidade de Coimbra*, anno 1309. num. 206.).

Nota (34.ª), Pag. 55.

Eis as proprias palavras da Geographia de La Croix, que vão traduzidas no texto: « Les Portugais ont la gloire d'être le premier Peuple de l'Europe, qui ait perfectionné la Navigation, en y appliquant les connoissances astronomiques : le prince Henri de Portugal, fils du Roy Jean premier, fonda à Sagres, dans la province d'Algarve, un Observatoire où il fit élever, et instruire des jeunes gens dans la science de l'astronomie. Il soupçonna tout l'avantage que les navigateurs pouvoient retirer de la boussole, qui étoit déjà connue depuis trois siècles, mais dont on ne s'étoit point encore avisé de faire usage pour régler les longues routes sur mer ».

Nota (35.ª), Pag. 55.

« Ha tres especies de Carta de marear. Humas se descrevem por rumos, e distancias, sem se attender ás latitudes, nem longitudes da terra, estas só servem para navegar junto da Costa, ou em mares, em que por pouco tempo se perde de vista a terra. Outras, que se chamão commuas, ou planas, ou de gráos iguaes, tem os meridianos e parallelos equidistantes, fazem-se por derrotas, e alturas : deste modo são as Cartas Portuguezas ordinarias, de que o Infante D. Henrique foy inventôr. A terceira especie de Cartas. . . . » &c.

(Bluteau Vocabul. na palavra Marear.) —— Sôbre este mesmo assumpto diz o erudito Autor do Poema *O Novo Argonauta*, bem que não apresente os fundamentos da sua asserção : « Os primeiros successos dos pilotos do Infante D. Henrique satisfizerão tanto os Judeos José e Rodrigo, que primeiro no Mundo formárão o projecto, e concebêrão a idêa de construir Cartas maritimas.... As Cartas Geographicas já então estavão conhecidas, porêm erão nullas em a navegação ». (pag. 23 em Nota.) — Assim que em quanto se não mostrar com clareza, quem tenha sido o inventor das Cartas de Marear, fica existindo sempre uma conjectura muito proxima da verdade, de que esta invenção importantissima foi devida ao Infante D. Henrique, ou aos alumnos da sua Academia de Sagres; visto haver sido daqui que sahiram os primeiros Heroes, que, ao menos em tempos modernos, se abalançáram a largas navegações longe da vista das Costas, aos quaes por isso eram de indispensavel precisão taes Cartas, e não já áquelles, que navegavam sempre á vista da terra.

Nota (36.ª), Pag. 56.

Ao Lente de Prima de Theologia da Universidade, alem de outras obrigações, foi imposta pelo Infante D. Henrique a de dizer Missa, e fazer o sermão no dia da Annunciação a 25 de Março no Convento da Graça,

aonde determinou que fosse nesse dia encorporada toda a Universidade. E para que ninguem faltasse a esta obrigação, diz o Padre Purificação na sua Chronica dos Eremitas de Santo Agostinho (Part. 2.ª Liv. 7.º titul. 1.º §. 6.º folh. 218.) foi ordenado por um Estatuto especial, que os Lentes e Estudantes presentes, e futuros se obrigassem debaixo de juramento a se acharem naquella Procissão, sob pena de serem riscados do Livro da Matricula da dita Universidade, e desencorporados della. E por isso que o mencionado Estatuto foi feito em Lingua Latina, e dizia, que todos fossem obrigados a entrevir na Solemnidade sobredita *sub præstito juramento*, dando-se-lhes juramento de o fazerem assim, escreve o mesmo autor, que daqui vieram por Antonomasia a chamar-lhe *Préstito*, como se dicessem Solemnidade, a que eram obrigados assistir debaixo de juramento; porque isto querem dizer as palavras *Sub præstito juramento*. E que este foi o primeiro e unico *Préstito* ou Procissão da Universidade, em quanto esteve em Lisboa. (Vid. Noticias Chronolog. da Universid. de Coimbra anno 1460.)

NOTA (37.ª), PAG. 59.

Ergo laudabat Orationem, hocque admirabatur maxime, in ea ætate, in qua vix unum, vel alterum in Italia fuisse diceret, qui integram Latini Sermonis puritatem, plenumque ejus nitorem attingeret, eò quod

obrutus, et pene extinctus summa hominum barbarie, et incuria existeret : reperiri aliquem in his extremis Orbis partibus, qui tantam dicendi vim, tantum orationis ornatum, tantum verborum delectum, atque elegantiam adsequeretur. Quapropter Lusitanorum ingenia summe commendare cœpit. (Epistola de Gaspar Barreiros a Jorge Coelho, impressa á frente da Oração Latina do Bispo d'Evora D. Garcia de Menezes). N. B. Esta Oração Latina, e a Epistola de Barreiros encontrar-se-hão por Appendix no fim do nosso *Ensaio Historico*; assim por serem raras, como porque muito honram a Litteratura Portugueza na remota antiguidade, a que a sobredita Oração pertence.

Nota (38.ª), Pag. 61.

O busto agora vê do Heroe prestante,
Douto inventor do nautico instrumento,
Que, a carreira medindo ao Sol brilhante,
Do Polo ensina ao certo o apartamento:
(Rara invenção) ao nauta vacillante
Marca o rumo no liquido elemento,
Salva quasi do abysmo o lenho immerso;
Este prodigio em Portugal tem berço.

E o douto Antonio Ribeiro dos Santos na Canção, por elle dedicada á memoria do Infante D. Henrique, a qual incluio no Capitulo 3.º das suas *Memorias Historicas sôbre alguns Mathematicos Portuguezes*. . . . &c. impressas no Tom. VIII. das Memorias de Litteratura Portugueza da Academia Real das

Sciencias de Lisboa em vol. de 4.º, seguindo a mesma opinião, escreve:

Tu, ó Tercenebal, o viste hum dia
C'o sagaz instrumento, que inventára,
Desde a tôrre, que alçou aos Ceos visinhos,
Medir a Esfera, e os astros.
Da sabia mão nôvo Astrolabio, nôvo
Demonstrador nocturno á luz da Estrella,
Nôvo tridente, que subjuga os mares,
Recebe o Luso Nauta.

Nota (39.ª), Pag. 61.

O autor da Vida de *Martim Bohcim*, a qual anda impressa juntamente com a Viagem do Cavalleiro Pigafetta, traduzida por Carlos Amoretti (ediç. de Paris do anno IX.) attribue a invenção do Astrolabio aos mesmos, a quem nós tambem no texto a attribuimos, e para isso cita em testemunho a seguinte passagem de uma obra do Marquêz de Alegrete: *Ut minore cum errandi periculo ignotum mare navigari possit, Roderico, et Josepho, medicis suis, necnon Martino Bohemo, ea ætate peritissimis Mathematicis, injunxit Joannes II., ut adhibito inter se consilio excogitarent aliquid, quo nautæ cursum navium, licet in nostro, novoque pelago, tutius dirigerent, ut vel abstracti a notis sideribus, cognitisque litoribus, quam cœli, ac pelagi partem tenerent, aliquo modo cognoscerent: ii post indefessum studium, longamque meditationem, astrolabium, instrumentum, quod ante astronomiæ tantum inser-*

viebat, utiliori invento ad navigandi artem, maximo navigantium commodo transtulere; quod beneficium tota Europa Joanni debere, inficiari non potest. (Emanuel Tellesius Silvius, Marchio Alegretensis, De Rebus gestis Joannis II, Lusitanorum Regis, pag. 152.)

Nota (40.ª), Pag. 61.

Foi aos dous célebres Medicos e Mathematicos, Mestre Rodrigo, e Mestre Josepe Judeo, e juntamente a D. Diogo Ortiz, primeiro Bispo de Ceuta, depois do Algarve e ultimamente de Viseu, que elRei D. João II. confiou o exame do projecto de Christovão Colombo para a navegação da India pelo rumo do Poente. — Este mesmo Bispo, que lograva fama de grande Cosmographo, e que tomou por armas uma Estrèlla, é talvèz de quem fala Witfliet na sua obra, que tem por titulo *Descriptionis Ptolomaicæ augmentum*, pag. 3. debaixo do nome de *Doutor Calciadiglia*; bem que o mesmo autôr érre ácerca do governo do Monarcha Portuguêz, a quem attribue o facto, de que faz menção pelas palavras seguintes: *Alphonsum ejus nominis Quintum, Lusitaniæ regem adiit; sed nihil hic quoque perfici potuit, propter pertinaces contradictiones Doctoris Calciadigliæ, Episcopi Visencis, et Magistri Roderici, qui tum celebres Cosmographi apud Lusitanos habebantur.* (Vid. *Sôbre os justos motivos, que teve o Senhor D. João II. para rejeitar os projectos de*

navegação de Christovão Colombo, fundado nas reflexões d'aquelles sabios mathematicos, a Memoria de D. Antonio da Visitação Freire de Carvalho, irmão do autor deste *Ensaio Historico*, lida em uma Sessão da Academia Real das Sciencias de Lisboa, e impressa no *Investigador Portuguêz em Inglaterra*. Numero 30.)

NOTA (41.ª), PAG. 64.

ElRei D. Diniz compôz = *Cancioneiro de Nossa Senhora* = *Cancioneiro de varias obras* = *Dos Officios principaes da milicia, e d'outras cousas pertencentes a ella.* — Mandou traduzir em vulgar differêntes Livros; afim de que a sua lição fôsse universalmente proveitosa, pelo que se fêz credôr dos elogios de todos os homens bons e eruditos.

NOTA (42.ª), PAG. 64.

O Livro das Genealogias do Senhor D. Pedro Afonso, Conde de Barcellos, tem o seguinte titulo : *Da Linhagem dos homens, como vem de padre a filho desho começo do mundo, e do que cada hum viveo, e de que vida foy ; e começa em Adão, o primeiro homem, que Deos fêz, quando formou o Ceo e a terra.*

NOTA (43.ª), PAG. 66.

O Senhor D. Pedro, Duque de Coimbra, compôz : *Poesias varias*, impressas no Cancio-

neiro de Resende em o anno de 1516 : e do mesmo se encontram fielmente trasladadas no fim da Collecção de Documentos, com que se autorisam as *Memorias para a vida d'elRei D. João I.* por Soares da Silva, a qual Collecção fórma o Tomo 4.º das ditas Memorias. Compôz : *Poema em louvor da cidade de Lisboa*, o principio do qual anda em Brito (*Monarch. Lusitana*, Part. 1.ª Livro 2. cap. 15.) — Em prosa compôz : *Auto do Infante D. Pedro, e das sette partidas do mundo*, a qual obra foi varias vezes impressa, mas com tantos erros geographicos, e noticias apócryphas, que é indigna de ser attribuida a tão illustre autor. — Compôz tambem varias cartas judiciosas, duas das quaes, dirigidas a seu irmão elRei D. Duarte, andam como Documentos, e são o N.º 118, no Tomo I. das *Dissertações Chronologicas e Criticas sôbre a Historia e Jurisprudencia Ecclesiastica e Civil de Portugal* pelo Academico João Pedro Ribeiro. — Traduzio os *Officios* de Marco Tulio, Vegecio *de Re militari*, &c.

Nota (44.ª), Pag. 66.

Escrevêo o Infante D. Henrique, Duque de Viseu : *Noticia dos seus Descobrimentos*, a qual foi traduzida em Italiano : *Carta* escripta de Coimbra aos 22 de Setembro de 1428 a seu pai, o Senhor D. João I., em que lhe dêo conta de como se fèz o casamento do Infante D. Duarte, seu primo-genito:

anda trasladada nas *Memorias para a Vida do sobredito Monarcha* por Soares da Silva Tom. I. cap. 92. §. 540 : = *Conselho offerecido ao Senhor D. João I., quando partio para Tangere*, sôbre cuja jornada o consultou : *Conselho a seu irmão elRei D. Duarte sôbre a guerra da Africa.*

NOTA (45.ª), PAG. 66.

Simeão ou *Simão Seth*, que vivia em Constantinopla no XI. Seculo, traduzio da lingua Persica para a Grega uma *Historia fabulosa de Alexandre Magno*, a qual, ao que parece, foi o original ou modelo do primeiro romance de Cavallaria, que a Europa produzio, a saber, a *Historia e Vida de Carlos Magno, e de Roldão*, composta antes do XII. seculo, e attribuida a Turpin, Arcebispo de Rheims no tempo de Carlos Magno : Este romance foi depois o modelo da *Chronica do Rei Arthur, e dos Cavalleiros da Tavola redonda*, composta pelo anno 1138 por Godefroy de Monmouth; e o foi por ventura tambem da *Historia de Amadis de Gaula* do nosso Vasco de Lobeira. (Vid. Histoire Abrégée de la Littérature Grecque par F. Schœll, Tom. 1.º Périod. 6. na palavra *Simeon Seth*, Art. Médecine. ——— Pelo que respeita á incerteza da patria do autor do *Amadis de Gaula*, pode ver-se o que escreve Mr. Simonde de Sismondi cap. 7.º pag. 179 do Tom. 1. ediç. de 1837 em dous volumes de 8.º grosso, Bruxellas.

Nota (46.ª), Pag. 67.

Pascoal José de Mello na sua *Historia do Direito Lusitano*, e outros sâo de parecêr, que Joâo das Regras não ordenou o Código de Leis Portuguezas; mas que traduzio somente o Código de Justiniano, ajuntando-lhe algumas intelligencias das Glozas de Bartolo e Acurcio, que tinham mais utilidade no Fôro. — Escrevêo o Doutor João das Regras = *Summario dos Reis de Portugal : Pratica* nas Côrtes celebradas em Coimbra no anno de 1385, nas quaes foi feita a gloriosa Acclamação d'elRei D. João I. : Addiccionou o *Nobiliario* do Senhor D. Pedro Afonso, Conde de Barcellos.

Nota (47.ª), Pag. 68.

Compôz elRei D. Duarte, entre outras obras, as seguintes : *O Leal Conselheiro*, dedicada á Rainha, sua espôsa : *Do regimento de justiça, e officiues della : O Livro da Enssynança de bem cavalgar toda séla :* as quaes em todo, ou em parte andam no Tomo I. das *Provas da Historia Genealogica*, escripta por D. Antonio Caetano de Souza, N.º 41. — Da primeira e terceira destas Obras temos presentemente duas edições, feitas modernamente, uma dellas em Paris, e outra em Lisboa, ambas copiadas de um manuscripto

existente na Bibliotheca Real de Paris (*). Falam com grandissimos elogios deste Monarcha quasi todos os bons escriptores Portuguezes, e muitos Hespanhoes, e Francezes.

NOTA (48.ª), PAG. 68.

Escrevêo elRei D. Afonso V. = *Tratado da Milicia conforme o costume de batalhar dos antigos Portuguezes* : = *Discurso, em que se mostra que a Constellação, chamada Cão celleste, constava de vinte e nove estrellas, e a menor de duas* : = *Regimento para os Officiaes, e officios de guerra, e da Casa Real.* = *Carta*, escripta de sua propria mão a Gomes Eanes de Azurara, seu Chronista-mór, quando este assistia em Alcácer, com o Conde D. Duarte de Menezes, para escrever os feitos d'aquella Praça, a qual *Carta* acaba assim : « O meu vulto pintado o non tenho para volo agora lá poder enviar : mas o proprio prazerá a Deos que o vereis lá em algum tempo, com que vos lá mais deve prazer ».

(*) E' muito para ser notado, que na edição de Paris, não obstante o grande esmero, com que se diz haver sido feita, falta o Capitulo 55 do *Leal Conselheiro*, que se encontra na impressa em Lisboa, cujo titulo é o seguinte — *das virtudes e desposiçoões dellas per aa prudencya necessaryas ou perteecentes.* — Mas o que se faz sôbre maneira notavel é, que na edição de Paris continúa a numeração dos Capitulos, depois do nella omittido, sem interrupção numerica, como se nella tal omissão não houvera !!! Explique esta anomalia, quem podér.

— *Carta*, escripta da propria mão em 5 de Agosto a Diogo Lopes Lôbo, Senhor de Alvito, satisfazendo-o de alguns aggravos, que lhe fizera, &c.

NOTA (49.ª), PAG. 70.

O Academico D. Antonio da Visitação Freire de Carvalho, falecido irmão do autor deste *Ensaio Historico*, na Vida, que compôz de Fr. Bernardo de Brito, impressa no *Investigador Portuguêz em Inglaterra* N.os 35 e 36, e bem assim á frente da nova edição dos onze primeiros Livros da *Monarchia Lusitana*, mandada fazer pela Academia Real das Sciencias de Lisboa, tem por fabulosa a existencia da Obra, intitulada *Clima da Lusitania*, assim como do seu autor, que não quer fosse o celebre astronomo d'elRei D. Manoel, *Abrahão Zacuto*, de quem existe o Livro raro, que tem por titulo *Almanack perpetuum celestium motuum :* E' para elle tambem, se não fabulosa, pelo menos muito duvidosa a existencia de outro individuo do mesmo appellido, chamado *Diogo Rodrigues Zacuto*, que o autor da *Evora Gloriosa* quer fosse natural d'aquella cidade, e escrevesse umas *Taboas-astronomicas*, conservadas manuscriptas. O Academico Antonio Ribeiro dos Santos em uma Nota á sua *Memoria sôbre alguns Mathematicos Portuguezes e Estrangeiros, domiciliados em Portugal ou nas Conquistas*, impressa no Tom. 8.º das Memorias de Litteratura

Portugueza da Academia Real das Sciencias de Lisboa, em vol. de 4.º sustenta, contra a opinião do seu collega, a existencia dos tres Zacutos, e das obras, que a cada um delles é attribuida. Nós, deixando aos eruditos o pezarem os fundamentos das opiniões, relativas a este assumpto historico, assim de quem sustenta, como de quem nega a existencia dos dous *Zacutos* ou *Çacutos*, e das obras que se lhes attribuem, julgâmos bastante termos indicado no texto o que se encontra nos differentes autores ácerca de um ou mais escriptores mathematicos do appellido de *Zacuto*, quaesquer delles que fossem, ou somente um, os autores, ou autor das obras, que lhe andam attribuidas. Todavia o que asseverâmos por incontroverso é, que a obra intitulada *Almanack perpetuum celestium motuum* foi composição do mathematico Abrahão Zacuto, astronomo d'elRei D. Manoel, a qual foi pela primeira vêz impressa em Leiria no anno de 1496, de cuja obra possuimos um exemplar, que sahio á luz em Veneza em 1502.

Nota (50.ª), Pag. 71.

Gomes Eanes d'Azurara escreveo = *Chronica de D. Duarte de Menezes, Conde de Viana, e primeiro Capitão de Ceuta*, a qual foi credôra dos elogios de João de Barros (Decada 1.ª Liv. 2.º cap. 2.º), de Damião de Goes (Chronica do Principe D. João cap. 15.), e de outros sabios Portuguezes. Escreveo mais

= *Chronica d'elRei D. Duarte*, bem que a principal parte della seja da penna de Fernão Lopes : E outras obras de erudição Nacional, entre estas = a *Chronica do Descobrimento e Conquista de Guiné*, Obra importantissima, que, copiada de um manuscripto existente na Bibliotheca Real de Paris, foi impressa pela primeira vêz ha poucos annos na mesma cidade, como no texto deste *Ensaio Historico* ficou declarado.

NOTA (51.ª), PAG. 72.

D. Nicoláo de Santa Maria na sua Chronica dos Cónegos Regrantes (Liv. 9. cap. 9.) sem fundamento algum a este respeito, assim como a outros muitos, affirma, que o Officio de Chronista perseverou nos Priores Claustraes do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra até o anno 1490, em que lh'o tirou D. João Galvão, Prior Commendatario do mesmo Mosteiro, para o dar a Duarte Galvão, seu sobrinho, não sem resistencia dos mesmos Priores. Esta incorrecção de D. Nicoláo de Santa Maria foi já notada por D. Thomaz da Encarnação na sua Historia Eccles. Lusit. Tom. 3.º Sœc. 12. cap. 8.º §. 12.

NOTA (52.ª), PAG. 72.

D. João de Menezes da Silva, mais conhecido pela denominação de *Beato Amadèo*, compôz um Livro de Vaticinios ácerca do fu-

turo estado da Igreja, cujo titulo é = *Jesus Mariæ filius, Salvator hominum. Apocalypsis nova sensum habens apertum, ea, quæ in antiqua Apocalypsi erant intus, hîc ponuntur foris : Hoc est, quæ erant abscondita, sunt hîc aperta et manifestata.* Contra esta obra, em muitas partes interpolada com diversos erros, e da qual só uma copia existia pura no Collegio de S. Boaventura em Barcelona da letra de S. Pedro de Alcantara, compôz o Cardeal Belarmino cincoenta e sette Censuras. Escrevèo tambem *Constituições da Congregação dos Amadêos*, de que foi fundador : E differentes *Sonctos* de assumpto Sagrado.

AO PERIODO VI.

Nota (53.ª), Pag. 75.

As palavras do geographo *Guthrie*, que vão traduzidas no texto, são no original como se seguem : « The ancestors of the present Portuguese were certainly possessed of more true knowledge, with regard to astronomy, geografy, and navigation, than perhaps any other European nation, about the midle of the 16:th century, and for some time ofter ».

——— Em confirmação do que no texto se acha escripto, transcreveremos aqui algumas palavras, extrahidas da Obra do nosso insigne Mathematico, Pedro Nunes, intitulada = *Tratado em Defensão da Carta de marear : Co regimento da altura*, na sua Dedicatoria ao

Infante D. Luiz : « Não ha duvida (diz elle), que as navegaçoens deste Reyno de cem años a esta parte sam mayores : mais maravilhosas : de mais altas e mais discretas conjecturas, que as de nenhũa outra gente do mundo. Os Portugueses ousarão commetter o grande mar Oceano. Entrarão por elle sem nenhũ receo. Descobrirão novas ylhas : novas terras : novos mares : novos povos : e ho que mais he : novo Ceo, e novas Estrellas : E perderan-lhe tanto o medo : que nem ha grande quentura da torrada zona : nem ho descompassado frio da extrema parte do Sul : com que hos antigos scriptores nos ameaçavam lhes pode estorvar : que perdendo a estrella do norte : e tornando-a a cobrar : descobrindo, e passando o temeroso Cabo de Boa Esperança : ho mar de Ethiopia : de Arabia, de Persia : poderão chegar á India. Passarão o rio Ganges tão nomeado : ha grande Trapobana e as ylhas mais orientais. Tirarã-nos muitas ignorancias, e mostrarã-nos ser a terra mor que ho mar : e haver hi antipodas, que até os Santos duvidaram : e que nam ha regiam, que nem por quente nem por fria se deixe de abitar : e que em hum mesmo clima a igual distancia da equinocial ha homens brancos e pretos e de muy differentes calidades. E fizeram ho mar tam cham, que nem ha quem oje ouse dizer que achasse novamente algũa pequena ylha : alguns baxos : ou sequer algũ penedo, que per nossas navegações nam seja ja descoberto. Ora manifesto

he que estes descobrimentos de costas : ylhas : e terras firmes : nam se fezeram indo a acertar : mas partiam os nossos mareantes muy ensinados, e providos de instrumentos e regras de astrologia, e geometria : que sam as cousas de que os Cosmographos ham d'andar apercebidos segũdo diz Ptolomeo no primeiro livro de sua Geographia. Levavam cartas muy particularmente rumadas : e nam ja has de que os antigos usavam, que nam tinham mais figurados que doze ventos : e navegavam sem agulha &c. ».

Nota (54.ª), Pag. 75.

« La seconde de ces divisions est celle de *Nonnius*, qui a immortalisé son auteur en conservant son nom. La division des transversales s'appliquoit sur un instrument qui avoit un limbe : celle de *Nonnius* fut destinée aux instrumens qui étoient formés d'un cercle ou d'un quart de cercle plein, comme un astrolabe. — . . Quoique cette division eût presque entièrement changé de forme entre les mains de Vernier, son nom n'est presque pas connu ; c'est que le principe n'est point changé ; ce n'est qu'une invention perfectionnée, et le nom de *Nonnius* y est resté avec les traces de son génie ». (Bailly, Histoire de l'Astronomie Moderne en Europe, Liv. 9. §. 7. édit. de Paris de 1805 em dous vol. de 8.º) ——— Compôz o grande Pedro Nunes as seguintes obras mathematicas, de que podémos haver noticia :

Tratado da Sphera com a Theorica do Sol, e da Lua. (*) — *E ho primeiro livro da Geographia de Claudio Ptolomeo Alexandrino* : Tirados novamente do Latim em Lingoagem pelo Doctor Pero Nunes Cosmographo DelRey D. João ho terceiro deste nome nosso Senhor : E acrescentados de muitas annotações, e figuras per que mais facilmente se podem entender : Lisboa por Germão Galharde 1537 1. vol. fol. : = *Tratado que ho Doctor Pero Nunes fêz sobre certas duvidas da navegação*, dirigido a ElRey nosso Senhor : = *Tratado, que ho Doctor Pero Nunes Cosmographo DelRey nosso Senhor fêz em defensão da Carta de marear : C'o regimento da altura*, dirigido ao muito esclarecido e muito excellente Principe o Iffãte D. Luiz : = Esta mesma Obra vertida por elle em Latim com o seguinte titulo : *Petri Nonii Salaciensis de Arte atque ratione navigandi libri duo*, Coimbra por Antonio Mariz em 1546 fol. : em Basilêa por Henrique Pedro en 1566 : em Paris com annotações, e doze retratos de alguns Poetas e Philosophos illustres : e outra vêz em Coimbra por Antonio de Mariz em 1573, que a dedicou a elRei D. Sebastião. = *In Problema Mechanicum*

(*) O *Tratado da Sphera* é do Inglêz João de Halifax, conhecido pelo nome de *Sacrobosco* : e o da *Theórica do Sol, e da Lua* de João Purbachio. (Memoria de Antonio Ribeiro dos Santos para a Historia da Typographia Portugueza no Seculo XVI. Tom. 8.º das Memorias de Litteratura Portugueza da Academia Real das Sciencias de Lisboa em vol. de 4.º

Aristotelis de Motu navigii ex remis, Annotatio una. = *In Theoreticas Planetarum Georgii Purbachii, Annotationes aliquot per Petrum Nonium Salaciensem.* = *De erratis Orontii Finæi, Regii Mathematicarum Lutetiæ Professoris, &c. Petri Nonii Salaciensis liber unus :* Coimbra 1546 por Antonio de Mariz : e segunda vêz pelo mesmo em 1571. fol. = *Petri Nonii Salaciensis de Crepusculis liber unus. Item Allacem Arabis vetustissimi, de causis crepusculorum liber unus, a Gerardo Cremonensi jam olim Latinitate donatus, et per eundem Petrum Nonium denuo recognitus :* Lisboa por Luiz Rodrigues em 1542. 4.º : em Coimbra por Antonio Mariz em 1571. fol. : em Basilêa com figuras na officina de Henrique Pedro em 1568. fol. : e em 1592. fol. = *Annotationes in extrema verba capitis de Climatibus Joannis de Sacrobosco.* Veneza em 1562. 8.º, e em 1563. em Colonia em 1566. 8.º : em Paris 1572. 8.º : e em Antuerpia 1582. 12.º = *Libro de Algebra, Arithmetica, y Geometria*, compuestó por el Doctor Pedro Nunes, Comographo Mayor delRei de Portugal, y Cathedratico Jubilado en la Cathedra de Mathematicas en la Universidad de Coimbra : En Anvers em casa de Biuda, y Herederos de Juan Stelsio, 1567. 8.º; e em Basilêa 1592. fol. ——— Alem destas obras, que viram a luz publica, deixou Pedro Nunes em ms. as seguintes : = *Tratado da Geometria dos Triangulos Sphericos :* = *Tratado sobre o Astrolabio :* = *Tratado do Planisphe-*

rio Geometrico : = Tratado da Proporção ao Livro V. de Euclides : Tratado da maneira de delinear o Globo para uso da Arte de Navegar : = Roteiro do Brasil : = Os Livros da Architetura de Vitruvio, traduzidos e illustrados em linguagem. ——— Pelo que respeita ao grande numero de Sabios, tanto Nacionaes, como extrangeiros, que do nosso Pedro Nunes fazem honrosa memoria, Vid. Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa, Classe de Litteratura Tom. 7.º em 4.º

Nota (55.ª), Pag. 76.

Bem sabido é de todos os, que se applicam aos Estudos amenos, que a *Italia Liberata* de Trissino foi o primeiro Poema Epico no gosto Classico, que appareceo na Europa em o Renascimento das Letras, Poema cujo plano não deixa de ser soffrivelmente regular, porêm fraquissimo, quanto á poesia do estilo : De mais disto, as grandes bellezas de Homero de tal sorte haviam enchido a alma de Trissino, que este não tratou, que de seguir, por uma servil imitação, em tudo ao seu modelo ; mas a grande disparidade de poeticos talentos destes dous homens não permittio, que trilhassem ambos a mesma estrada com igual gloria : Donde resultou, que o defeito talvèz maior do Poeta Italiano devèsse a sua origem ao desvelo, que pôz em imitar cegamente o Poeta Grego, do qual (na opinião dos bons entendedores) tudo soube

aproveitar, menos o seu ingenho. — O nosso *Camões*, pelo contrario, consultando unicamente as forças do seu grande genio, e talento, abrio uma nova estrada para a Epopêa, filha da sua propria invenção; e bem que os seus *Lusiadas* não sejam um poema inteiramente despido de defeitos (e qual é a obra, que sáhe sem elles a publico?); comtudo o admiravel artificio de composição, que em todo elle se descobre; e a expressão de uma viva, fecunda, florida e forte imaginação, que constitue essencialmente o que se denomina poesia do estilo, grangeáram a este Poema a justa admiração, e o maravilhoso encanto, que se despertam em todo e qualquer, quando lê as suas mais bellas estancias.

Nota (56.ª), Pag. 76.

Quasi pelo mesmo tempo apparecêram na Europa, durante este Periodo, quatro Tragedias, fructos da renascente Litteratura, das quaes a Italia dêo a *Sophonisba* de Trissino; a França produzio a *Cleopatra*, e depois a *Dido* de Estevão Jodelle; e o nosso Portugal a *Castro*, primôr de ingenho e de sentimento do insigne Antonio Ferreirá: A confrontação porêm destas quatro Producções litterarias, feita por um justo apreciador, animado do espirito de bôa fé, dará necessariamente o seguinte resultado: Que na *Castro* apparecêo desde logo uma luz viva e mui distincta, quando as outras tres não mostraram mais,

do que uma sombra duvidosa entre a noite e o dia.

NOTA (57.ª), PAG. 77.

Na epocha de Gil Vicente não existiam em alguma outra Lingua das vivas da Europa obras dramaticas, acolhidas do publico, e em posse do theatro, que mostrassem ou mais invenção, ou mais vivêza natural, ou mais lustre de colorido, do que as suas. (Vid. Mr. Simonde de Sismondi, Littérature du Midi de l'Europe, chapit. 39.)

NOTA (58.ª), PAG. 77.

Bernardim, ou Bernardino Ribeiro, Môço Fidalgo da Côrte d'elRei D. Manoel, foi dotado de um genio naturalmente propenso para a Poesia Portugueza, na qual florecêo com tanta excellencia, que o grande Camões lhe chamava o seu *Ennio*. Compôz um Livro, que corre hoje com o titulo de *Menina e Môça*, ou *Saudades*, cheio de singulares imagens, e de admiraveis pensamentos e affectos. Manoel de Faria e Souza é de opinião, que Bernardim Ribeiro fôra o primeiro, que escreveo Eglogas em Hespanha. (Fonte de Aganipe, Part. 1.ª no Discurs. dos Sonet. &c. — Delle escreve o A. das *Memorias Historicas sobre o Ministerio do Pulpito* o seguinte : « Bernardim Ribeiro no meu juizo (docil a quem melhor entender) he hum dos sujeitos, que mais se distinguio na prenda de polir a nossa Lin-

goa no tempo d'elRei D. Manoel. A obra, que li para esta asseveração, he a *Menina e Môça*, que, por ter este titulo, se lhe difficultou a segunda impressão; mas deste embaraço a salvou neste Convento de Lisboa, passado seculo e meio, depois da primeira produção, o M. Fr. Francisco de Paiva, substituindo-lhe o titulo de *Saudades de Bernardim Ribeiro*. Elle tem doçura, clareza, escolha de termos, e se por ventura diz algumas expressões particulares, era a isso obrigado; pois, se dellas não usasse a seu tempo, não saberia dar-se a entender ». (Appendix á Parte 3.ª §. 22.)

Nota (59.ª), Pag. 78.

« Não digo, que todos os nossos Historiadores possuissem em grão sublime estas qualidades (as que constituem um perfeito Historiador); porêm elles erão pela maior parte exactos : ainda hoje são justamente reputados Mestres da lingoa, em que fallárão : erão methodicos, erão elegantes, erão bons pintores : erão emfim os melhores Historiadores, que eu acho naquelles tempos. O Barros, pelo menos, he hum bom Tito Livio; elle sabia observar as Leys, que se podião impôr a hum Historiador no fim do XVI. Seculo : o Barros dos Romanos era mais supersticioso, mais crédulo, e não era melhor Filosofo ». (Joaquim José de Miranda Rebello, Oração ao Marquêz de Pombal, em Nota.)

Nota (60.ª), Pag. 78.

Muitos são os elogios, que á penna do nosso historiador João de Barros tem sido tecidos pelos sabios extrangeiros : apontaremos aqui, para exemplo, os dous seguintes, a saber : o de Antonio Possevino na sua *Bibliotheca Selecta*, *Joannes de Barros Lusitanus in Asia ab se descripta, qui egregium se scriptorem hac nostra ætate præstitit &c.* E Afonso de Ulhôa na Dedicatoria da sua traducção Italiana das Décadas, dirigida ao Duque de Mantua : *E' una delle rare, e pretiose còse che in questo suggetto fin hoggidi sieno state vedute, &c.*

Nota (61.ª), Pag. 79.

Noticias Chronologicas da Universidade de Coimbra por Leitão Ferreira; An. 1503, num. 931. — Conforme deixamos apontado no texto a fol. 39, fundados no testemunho deste mesmo autor, já desde o anno de 1491 havia na Universidade de Lisboa uma Cadeira de Philosophia Moral : Para se conciliar pois o dito de Leitão Ferreira nos dous logares, em que attribue a differentes annos a instituição desta Cadeira; podemos suppôr, que a Cadeira de Philosophia Moral, creada pelo Infante D. Henrique no anno de 1431, havendo sido supprimida na decadencia da Universidade, governando o Senhor D. Afonso V., fôra creada

de nôvo pelo Senhor D. Manoel no anno de 1503. O mesmo pode dizer-se da Cadeira de Astronomia.

Nota (62.ª), Pag. 82.

Harmonia Rubricarum Juris Canonici : prima et secunda Pars : Tal é o titulo da Obra de Pedro Afonso de Vasconcellos, citada no texto, a qual foi impressa em Coimbra no anno de 1588, e em Madrid no de 1590, ambas em 4.º As formaes palavras desta obra de Vasconcellos, que no texto vão traduzidas em Portuguêz, são como se seguem : *Ut enim mihi relatum est ex testimonio multorum, qui se id a Petro Nonio, Cosmographo Regio, maximo Mathematicorum facile principe, et a viris doctis audisse affirmabant, æneas in libris scribendis formas, Joannis Cuthembergi inventum, Leiria nostra omnium in Hispania prima apud se habuit.* ——— A proposito da antiga Typographia desta mesma cidade diz o autor do *Essai statistique sur le Portugal*, impresso em Bordeaux no anno de 1810 : « Cette Ville est connue dans le monde littéraire par la beauté des éditions sorties de ses presses à la fin du 15. Siècle ».

Nota (63.ª), Pag. 83.

Em Coimbra e nas mãos do Lente de Direito Civil Antonio José Ferreira de Souza, depois Arcebispo de Lacedemonia e Vigario

Geral do Patriarchado, pessoa de distincto saber e de louvavel curiosidade sôbre assumptos de Litteratura Portugueza, vimos ha bastantes annos um exemplar do *Sacramental* de Clemente Sanches Verceal, traduzido em Portuguêz, e impresso no anno de 1488, sem se apontar nelle o logar da impressão. — Por ser este Livro um dos de maior antiguidade, impresso em Linguagem Portugueza, julgamos a proposito dar alguma noticia mais particular da obra, e da sua pouco vulgar primeira edição : Foi o Livro escripto primitivamente para uso dos Parochos no idioma Castelhano em o anno de 1421, conforme se declara no Prologo, por Clemente Sanches Verceal, Arcediago de Valdeiras na Igreja de Leão em Hespanha. A primeira edição Hespanhola deste mesmo Livro, de que ha noticia, é, conforme deixamos apontado no texto, de 1478. Da edição Portugueza, feita no XV. Seculo, por nós vista e examinada, não teve noticia Antonio Ribeiro dos Santos; pois é do anno de 1502, e das typographias de Braga, a primeira edição por elle mencionada na sua *Memoria sobre a Historia da Typographia Portugueza do Seculo XVI.* cap. 2.º pag. 98, impressa no Tom. VIII. das Memorias de Litteratura Portugueza da Academia Real das Sciencias de Lisboa em vol. de 4.º — A edição, que vimos em Coimbra, deste Livro dado á luz em Portuguêz no anno de 1488, é em fôlha, impresso em duas columnas, e em muito bom papel, com grandes margens, sem

numeração de paginas, nem reclâmos, em caracteres meio gothicos, meio redondos, e com Linguagem e Orthographia proprias do tempo : As letras iniciaes dos capitulos são feitas á mão com tinta ora vermelha, ora verde, ora rôxa. Faltava neste exemplar a primeira fôlha, que continha a maior parte do Prologo. O seu remate, que não deixa de ser curioso, é como se segue :

Et sic ẽ finis.
deo gratias.

Este livro asi ordenado
de doctrina tã perfecta
todo por sua via Recta
ds' bẽeto he acabado.
Quẽ deseja colocado
Na gloria eternal
E livre de todo o mal
Seja per elle ẽsinado.

Sume trinitati ac genitrice Marie
Virgini Xpĩ laus inefabilis « Libro
ita patrato clavib⁹ ĩtanis per jusũ
gudisalvi a magistro Johane Ovietẽ-
si Roderico ac Gũdisalvo hujus operis
compositorib⁹ » Anno dñi m.º quattu-
orcẽtessimo. lxxxviii « Mense aprilis
xviii. d ».

Fique aos eruditos o cuidado de averiguarem se esta edição é, ou não das Typographias Portuguezas.

Nota (64.ª), Pag. 91.

« Il en est (diz o historiador Robertson) des nations, comme des individus; les facultés de l'imagination ont déjà acquis de la vigueur avant que celles de l'esprit se soient exercées sur les matières abstraites et spéculatives. Les hommes sont poètes avant que d'être philosophes. Ils sentent vivement, et savent peindre avec force, lors même qu'ils n'ont fait encore que peu de progrès dans le raisonnement. Le siècle d'Homere, et d'Hésiode précéda de beaucoup celui de Thalès, et de Socrate ». (Introd. à l'Histoire de Charles V. pag. 101. édit. de 8.º)

Nota (65.ª), Pag. 93.

Unam excipio Philosophiam, (diz o nosso erudito Jurisconsulto Mello Freire) *quæ sero admodum sub Joanne V. in Lusitania invaluit: non enim aliam nisi Peripateticam Lusitani, una cum reliquis Europæ Nationibus, olim agnoscebant*. (Histor. Juris Civil. Lusitan. Liber Singularis, cap. 12. §. 113.)

Nota (66.ª), Pag. 105.

Houve modernamente quem pretendesse introduzir no publico a opinião, de que a *Lusitania Transformada* foi obra da penna do grande Camões, a qual tendo-lhe sido desen-

caminhada, ou roubada em Moçambique, fôra por um infame plagiato dada ao prelo pelo autor, a quem anda vulgarmente attribuida, como composição sua: Encontra-se propalada esta opinião nas obras do Litterato Francêz, Mr. Ferdinand Denis (*Scènes de la Nature sous les Tropiques, suivies de Camões et José Indio*, Paris 1824 em 8.º; e *Résumé de l'Histoire Littéraire de Portugal*, chap. 12. Paris 1826), fundado em uma simples conjectura do Senhor Timotheo Lecussan Verdier. Com tudo em uma Memoria manuscripta, que possuimos, obra de um muito erudito Litterato Portuguêz, ainda hoje vivo, se mostra por argumentos, mui bem deduzidos da lição attenta da *Lusitania Transformada*, a falsidade, ou pelo menos o arriscado de tal opinião; revindicando-se a gloria da composição desta obra para o seu verdadeiro autor, Fernão d'Alvares do Oriente.

Nota (67.ª), Pag. 108.

Eis as palavras da Oração Latina do Mestre Resende, que no texto vão traduzidas: *Henricus Cayadus Poeta veteribus conferendus, quem Erasmus, acerrimi vir judicii, alterque nostri sæculi in judicandis scriptoribus Aristarchus, ita laudat, ut ejus de Henrico nostro elogium, magnam illis gentibus invidiam faciat, quibus Lusitanum nomen gratiosum non est: Hic tamen idem vates egregius, antequam fatalem sibi Italiam adiisset, primò Musarum*

stipendia in hac Schola sub Rhombo Grammatico emeruit.

Nota (68.ª), Pag. 109.

A *Chorographia* do Cónego Gaspar Barreiros sahio impressa pela primeira vêz em Coimbra no anno de 1561 por diligencia de seu irmão Lôpo de Barros, tambem Cónego de Evora. Com ella fôram impressos juntamente outros Escriptos do mesmo autor, e são os Opusculos seguintes : *Censura sôbre huns fragmentos de M. Porcio Catum, de Originibus :* = *Censura sôbre huns Livros de Berôso, Sacerdote Caldêo :* = *Censura sôbre hum Livro de Manethon, Sacerdote do Egypto :* = *Censura sôbre hum Livro de Q. Fabio Pictor, Romano ; de aureo sæculo et origine Urbis Romæ :* = *Observação em Latim ácerca da Terra, que a Sagrada Escritura chama Ophir.* — Acompanha esta edição a excellente *Oração Latina*, feita pelo Bispo de Evora, D. Garcia de Menezes, ao Papa Xisto IV., a qual é precedida de uma *Epistola* tambem Latina do mesmo Barreiros a Jorge Coelho.

Nota (69.ª), Pag. 114.

Uma das melhores recommendações do Portuguêz illustre *Garcia de Órta*, e que dá a mostrar o seu grande merecimento scientifico, é o elogio, que em poucas palavras lhe tece o famoso Haller na sua *Biblioth. Botan.*

Tom. 1.º, onde, falando de Garcia de Orta, e alludindo aos seus trabalhos Botanicos, diz assim : *Primus glaciem fregit, et naturam vidit :* E o nosso Elpino Duriense em uma Epistola a Almeno expressa-se ao mesmo proposito pela seguinte maneira :

Eis hum nôvo Varão te pede a Lyra,
Horta preclaro, Physico sublime,
Espanto d'Asia, que primeiro poude,
Das Gangeticas Deosas inspirado,
Quebrar o gêlo, e ver a Natureza :
Que primeiro ensinou á rude Europa
Das especies, das plantas, dos arômas,
Que a Aurora cria no paiz do Ganges,
As virtudes beneficas, prestantes,
Não sabidas dos Gregos, e Romanos.
(Tom. 3.º das suas Poesias.)

Nota (70.ª), Pag. 117.

As palavras da obra do sabio Antonio Luiz, que tem por titulo *De occultis Proprietatibus*, e cuja traducção se lê no texto, são fielmente as seguintes : *Latissime autem hec attractrix facultas patet in seminibus, in plantis, in metallis, in animalibus : Et denique ausim affirmare attractricem quandam facultatem, per omnem naturam diffusam esse, quæ singula nexu indissolubili devinciat. Nec enim aliquam rem reperire quis facile possit, quæ non ad aliam quampiam : vel amicam familiaritatem habeat, vel naturæ communione non dissideat, ex qua convenientia, vel disconvenientia attractiones fieri docebimus. Per hanc virtutem mun-*

dus ipse connectitur, et mundi partes invisibilibus nodis : quamvis longissime distantes, ne diffluant, continentur. Hæc facit ut similia similibus conjungantur. Propter hanc universi non confunditur ordo, sed quid quid usq; rerum est (perinde ac dispositæ suo quæque sub duce acies) : suam stationem conservat, nec temere se aliis immiscet, sed sub cognata entium serie cohercetur.

Nota (71.ª), Pag. 117.

Voltaire não tinha certamente noticia do Livro do nosso Antonio Luiz, donde copiámos as palavras, que vão escriptas em a Nota antecedente, quando, falando da obra do Chanceller Bacon, que tem por titulo *Novum scientiarum organum*, diz, entre outras palavras, o seguinte : « Mais ce qui m'a le plus surpris, ç'a été de voir dans son Livre en termes exprès cette attraction nouvelle dont M. Newton passe pour l'inventeur » (Lettres Philosophiques, Douzième Lettre sur le Chancelier Bacon). ——— N. B. O Chanceller Bacon nasceo vinte annos depois da primeira impressão do Livro do nosso Antonio Luiz *De Occultis Proprictatibus*.

Nota (72.ª), Pag. 117.

O poeta Elpino Duriense na mesma Epistola já citada em a Nota (69.ª), em que celébra o *Botanico Garcia de Orta*, faz tambem

commemoração mui honrosa do sabio illustre *Antonio Luiz* nos seguintes versos :

Não menos pode vir illustre e grande
Aos varios sons da Cythara canora
O sabio Antonio, nôvo engenho excelso,
Que precedéo a Newton nos principios
Da famosa Attracção, alma dos Orbes :
Rico de erudição da Antiguidade
Argiva, e Lacial, do nobre peito
Quão profundo saber não volve ufano,
Quando os Problemas Physicos resolve,
E tanta luz no Orbe inteiro espalha !

Nota (73.ª), Pag. 118.

Bem sabido é dos eruditos, que o infeliz Pedro Ramos foi victima do fanatismo, denominado philosophico, recebendo violentamente a morte nos tumultos civís de Paris em o anno de 1572 ás mãos dos Discipulos de Carpentario, seu capital inimigo, os quaes lhe arrastáram indecorosamente o cadaver pelas ruas, até o lançarem no Sêna.

Nota (74.ª), Pag. 122.

As palavras formaes da Carta Latina do nosso Resende, escripta ao Jurisconsulto Hespanhol Bartholomeu de Frias e Albernoz, na qual lhe dá conta do acto de Conclusões publicas, sustentadas em Evora pela muito illustre Donzella Portugueza, *Publia Hortensia de Castro*, são as que vão seguir-se : *Nam, si nihil aliud hîc esset tibi quod spectare conli-*

buisset . . . . certe sexto a recessu tuo die, puella septemdecim annorum, Publia Hortensia a Castro, studiis Aristotelicis non vulgariter instructa, publice disputans, multis doctis viris, quæ proposuerat, convellentibus, cum summa dexteritate, nec minore lepore, argumentationum cavillationes eluderet, tantâ animum tuum perfodisset jucunditate, ut spectaculum pulchrius, tu te non vidisse, si adfuisses, utique faterere; et urbem, quæ eam habeat puellam, omitto formam intra modum venustam, dignam non negasses, ad quam sola ea gratia devenires. (Anda esta Carta impressa á frente da obra de L. André de Resende *De Antiquitatibus Lusitaniæ.*)

Nota (75.ª), Pag. 125.

Eis as proprias expressões da Epistola de Justo Lipsio ao Portuguêz Manoel Corrêa, cuja traducção Portugueza se acha lançada no texto : *Gentem illam vestram dico, id est, Lusitanos : jam olim armis, imo et Litteris inclitos, quas primus Sertorius intulit, et Græcis iis Latinisque (Plutarchus auctor) imbuit vestram juventutem. Crede mihi, Corrêa, semina ejus instituti etiam nunc fructificant : et ardet in animis vestris semel accensus honestior ille ignis. Audimus certe, non in alio Hispaniæ tractu magis veteres artes coli : et exempla ac scripta sunt, quæ ad nos quoque manant, et testantur.*

AO PERIODO VII.

Nota (76.ª), Pag. 126.

Para desengano da opinião errada, que, ácerca do estado dos nossos litterarios conhecimentos pelos fins do seculo passado, vogou entre muitos extrangeiros, recommendamos-lhes a lição do precioso Escripto do illustre Abbade Corrêa da Serra, que tem por titulo *De l'état des Sciences et des Lettres en Portugal à la fin du dix-huitième Siècle*, o qual anda no Tom. I. *Des Archives Littéraires de l'Europe, ou Mélanges de Littérature, d'Histoire et de Philosophie*, e que se acha tambem unido, como Appendix ao Vol. II. do *Essai Statistique sur le Royaume de Portugal*, por A. Balbi. — N. B. Do mencionado Escripto damos a traducção no fim deste nosso *Ensaio Historico.*

Nota (77.ª), Pag. 128.

Entre as victimas do patriotismo Portuguêz, desenvolvido a favor dos direitos ao Thrôno do Senhor D. Antonio, Prior do Crato, podem ser aqui mencionados os tres Lentes da Universidade de Coimbra, *Pedro de Alpoem*, natural da mesma cidade, Lente do Codigo, e Collegial de S. Pedro, o qual foi mandado degollar : *Fr. Luiz de Sôttomayor*, da Ordem dos Pregadores, Lente de Escri-

ptura : e *Fr. Agostinho da Trindade*, dos Eremitas de Santo Agostinho, Lente da Cadeira de Escôtto, que ambos fôram privados das suas Cadeiras; posto que Fr. Luiz fosse restituido depois ao seu antigo Emprego. (Vid. Memorias ms. da Universidade de Coimbra por Figueirôa.)

NOTA (78.ª), PAG. 123.

« Mandou (Filippe II.) declarar por rebeldes, e traidores, com privação de vida e fazenda a todos os que com opinião mais que provavel tratarão da defensão de sua patria, sem lhe terem jurado a elle, nem prometido fidelidade : e por este principio dêo garrote secreto a immensos Religiosos, que mandou lançar no mar com pedras aos pescoços ». (Arte de furtar, cap. 16. = Razões da Senhora D. Catharina contra Filippe §. 9.)

NOTA (79.ª), PAG. 130.

As palavras de C. Tacito, que no texto vão traduzidas, são no original como se seguem : *Naturâ infirmitatis humanæ, tardiora sunt remedia, quàm mala; et ut corpora lente augescunt, cito extinguuntur, sic ingenia studiaque oppresseris facilius, quàm revocaveris : Subit quippe etiam ipsius inertiæ dulcedo; et invisa primò desidia, postremo amatur.* (Jul. Agricolæ Vita in Præfat.)

Nota (80.ª), Pag. 131.

Ninguem nos leve a mal, que pintemos com tão desagradaveis côres uma Sociedade de Homens, que a Religião acolheo no seu seio, distinguio com milhares de privilegios, e de quem confiou muito importantes e delicadas emprêzas; mas que, tendo abusado do seu louvavel Instituto, merecêo ser extincta *in perpetuum* pelo Papa Clemente XIV. pela Bulla *Dominus Noster* no anno de 1773 : Sociedade porèm, que o anno decimo-quarto do seculo actual vio restabelecida de novo na Capital do Orbe Catholico por uma Bulla do Papa, que a esse tempo occupava o Solio Pontificio!!! — E' innegavel, que a primitiva instituição desta Religiosa Sociedade foi uma lembrança feliz para o inapreciavel bem da pureza da Fé Catholica; pois nella se procurou muito especialmente oppôr uma impenetravel barreira aos heterodoxos principios das Reformas da Allemanha, e da Suissa, segundo se explica Damianus, um dos Historiadores da mesma Sociedade na sua *Synopsis Historiæ Soc. Jes. primo Sæculo* (Lib. 1. Dissert. 6. pag. 18.), impressa no anno de 1640, pelas seguintes palavras : *Luthero illo, Germaniæ probro, Epicuri porco, Europæ exitio, Orbis infelici portento, Dei atque hominum odio .... æterno consilio Deus opposuit Ignatium :* (E oxalá que os Membros da Sociedade de Jesus se tivessem limitado a bem preen-

cher este tão santo fim do seu Instituto.) — Todavia conhecemos, e conhece comnosco toda Europa illustrada e imparcial, que um fim tão santo não foi o alvo, a que os Jesuitas poseram a mira quasi logo desde o principio da sua instituição : Ser-nos-ia facil transcrever aqui um grande numero de testemunhos, com que autorizassemos sem a menor réplica esta nossa muito verdadeira asserção : Contentar-nos-hemos com apontar dous somente, os quaes valem por mil, por sahirem dos orgãos respeitabilissimos, que os dictaram ; e seja o primeiro extrahido do Decreto da Sorbôna inteira, e lavrado no 1.º de Dezembro de 1554, (note-se, que apenas haviam decorrido *dôze*, ou *quatorze annos* ao mais, depois da instituição desta Sociedade) o qual Decreto acaba pelas muito energicas palavras seguintes : *Hæc Societas videtur . . . . magis ad destructionem, quam ad ædificationem :* E sirvam de segundo testemunho as palavras, quasi profeticas, do proprio S. Francisco de Borja, terceiro Geral da Companhia, dictadas pela afflicção extrema, que n'alma sentia, nascida de ver a relaxação já escandalosa de seus subditos, as quaes palavras se lêm na Collecção das Cartas Circulares dos Geraes da Companhia de Jesus, impressa na lingua Latina em Ipres no anno de 1611, onde o Santo, depois de haver muito deplorado o estado actual da Companhia, remata assim : *Veniet tempus, quo se Societas multis quidem occupatam litteris, sed sine ullo virtutis studio inluebitur, in qua tunc vigebit*

ambitio, et se se efferet solutis habenis superbia, nec a quo contineatur, et supprimatur habebit .... Atque utinam jam non hoc totum experientia ipsa sæpius testata docuisset. Prouvera aos Ceos, (seja-nos licito tambem aqui exclamar) que uma tal profecia se não tivesse tanto á risca realisado! — Alem de que, tudo quanto por nós vai ponderado neste Escripto, relativamente aos estragos, causados pela Sociedade Jesuitica ao Litterario de Portugal, são factos incontestaveis, extrahidos de puras e sinceras fontes, que a qualquer é facil ir consultar.

Nota (81.ª), Pag. 134.

Uma das muitas usurpações de fazenda, feitas pelos Jesuitas a differentes Corporações, ou a pessoas particulares deste Reino, foi a dos dous Collegios, de *S. Miguel*, e de *Todos os Santos*, que o Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra tinha mandado edificar á sua custa no logar, onde esteve depois o Tribunal, hoje felizmente extincto, do Santo Officio da Inquizição; para nelles se continuar o proveitoso ensino, que os Cónegos Regrantes desde tempos immemoriaes exerciam dentro do seu proprio Mosteiro, e que o seu Reformadôr *Fr. Braz de Barros*, *ou de Braga*, da Ordem de S. Jeronimo, lhes não consentio dentro do dito Mosteiro. Encontrámos em resumo a historia desta usurpação em um Epitome manuscripto da Historia Litteraria dos Cóne-

gos Regrantes de Portugal (Parte 1.ª), a qual é pela maneira seguinte : « Menos consideraveis forão os estragos, que elles (Jesuitas) fizerão na fazenda do Mosteiro de Santa Cruz, usurpando-lhe para sempre aquelles dous Collegios, frustrando o justo desempenho da Palavra Real do Senhor D. João III., que prometêra solemnemente restituillos a seu dono (*), depois de concluido o magnifico Collegio dos mesmos Jesuitas. Porêm aquelles edificios de Santa Cruz, huma vêz cativos do seu poder, fôrão vendidos aos Inquizidores de Coimbra com o mesmo direito, com que os possuião. Elles abusarão finalmente da Real Authoridade da Snr.ª D. Catherina, para impôr hum perpetuo silencio neste negocio aos Cónegos Regrantes, que reclamavão em juizo pelo que era seu por todos os direitos » (**).

Nota (82.ª), Pag. 134.

As Artes e Humanidades, logo depois da transferencia da Universidade de Lisboa para

---

(*) Na Carta Regia de 9 de Setembro de 1547, quando os pedio para os Mestres Seculares. — Outra Carta de 14 de Setembro de 1556, quando os pedio para os Jesuitas, promettendo satisfazer todas as despezas, que o Mosteiro fizera na fundação dos mesmos Collegios. (D. Nicoláo de Santa Maria, Chronica dos Conegos Regrantes, Liv. 10. cap. 5. e 6.)

(**) Consta de varias Cartas Regias da Senhora D. Catherina, que se guardavão no Cartorio de Santa Cruz. — (Onde parará hoje este Cartorio???)

Coimbra em 1537, ficaram izentas da jurisdicção do Reitor da mesma Universidade; porque ambas ellas se liam em Santa Cruz nos Collegios, que alli havia fundado o Reformador dos Cónegos Regrantes, Fr. Braz de Braga ou de Barros. Depois por Alvará d'elRei D. João III., passado em 1540, os Collegios, onde se liam as Artes e Humanidades, fôram mandados incorporar na Universidade, ficando assim os Lentes, como os Estudantes sujeitos ao Reitor, e ao Conservador da mesma Universidade. Esta determinação foi confirmada depois por Carta d'elRei D. João III., passada em Evora aos 22 de Outubro de 1544. — Quando em 1547 o mesmo Senhor mandou passar o ensino das Artes para os dous Collegios, de *Todos os Santos*, e de *S. Miguel*, que Fr. Braz de Braga ou de Barros tinha mandado edificar nas casas, que serviram depois de Tribunal da Inquizição, dêo a este novo Collegio seu Regimento, para ser governado, o qual Regimento o izentava totalmente da jurisdicção do Reitor da Universidade, ficando em tudo debaixo do governo do Reitor, ou Principal do mesmo Collegio, André de Gouvêa, que de Paris tinha vindo com seus irmãos, Marçal, e Antonio de Gouvêa. Esta izenção porèm foi muito diminuida por Provisão, passada em 8 de Novembro de 1549, por quanto nesta mandava elRei, que o Reitor da Universidade visitasse o Collegio das Artes todos os mezes, fazendo que nêlle se observasse o nôvo Regula-

mento, que então lhe dêo. — No governo do terceiro Principal deste Collegio, Payo Rodrigues de Villarinho, passou o mesmo Rei outra provisão, pela qual revogava uns capitulos do antecedente Regimento, em que se mandava, que o Reitor da Universidade visitasse o dito Collegio, a qual Provisão com tudo se não acha registada em Livro algum do Cartorio da Universidade. (Vid Memorias ms. do Reitor Figueirôa.)

Nota (83.ª), Pag. 134.

Alvará d'elRei D. João III., em que se manda, que os Lentes do Collegio das Artes gozem dos Privilegios da Universidade, como Lentes della : = « Eu elRei faço saber a quantos este meu Alvará virem, que eu hei por bem, e me praz, que os Lentes do Collegio das Artes da cidade de Coimbra, que ora sam, e ao diante forem, gozem, e usem daqui em diante de todos os Privilegios, Liberdades, Preeminencias, graças e franquezas, que tem, e de que gozão, e usão os Lentes das Escholas Maiores da Universidade da dita Cidade, assi e da maneira que de todo gozarião, e usarião, se fossem Lentes das ditas Escholas. E mando a todas minhas Justiças, Officiaes e pessoas, a que este Alvará, ou treslado delle em publica fórma fôr mostrado, e o conhecimento delle pertencer, que assi o cumpram, e guardem, e façam inteiramente cumprir e guardar, sem duvida, nem

embargo algum, que a elle seja posto; porque assi o hei por bem. E este Alvará me praz que valha, e tenha fôrça e vigor, como se fôsse Carta, feita em meu nome, por mim assignada, e passada por minha Chancellaria, sem embargo da Ordenaçam do segundo Livro, titulo vinte, que diz, que as cousas, cujo effeito ouver de durar mais de hum anno, passem por Cartas, e passando por Alvarás, nam valham: e valerá outrosi, postoque nam seja passado pela Chancellaria, sem embargo da Ordenaçam, que dispoem, que os mesmos Alvarás, que nam forem passados pela Chancellaria, se nam guardem. Jorge da Costa o fêz em Lisboa a dezeseis de Fevereiro de mil e quinhentos e cincoenta e trez. Manoel da Costa o fêz escrever ». (Cartorio da Secretaria d'Estado dos Negocios do Reino, Livr. 1.º do Registo geral das Provisões e Ordens Regias, a fol. 153. V.º). — N. B. Este mesmo Alvará anda tambem impresso, e de um exemplar destes é que foi fielmente copiado para a presente Nota.

Nota (84.ª), Pag. 134.

Em tempo d'elRei D. João III. não se pagavam os Ordenados dos Professores, que liam no Collegio das Artes, das rendas da Universidade, mas da sua Real Fazenda, assim em quanto nelle estiveram os Francezes, como depois que foi entregue aos Padres da

Companhia : Governando porèm a Senhora D. Catharina, como tutôra de seu Neto elRei D. Sebastião, por duas Cartas d'elRei, assignadas pela Rainha com data do 1.º de Fevereiro de 1568 se manda, que a Universidade pague em cada um anno aos Padres da Companhia na fôlha dos Lentes e Officiaes *um cônto e duzentos mil reis*, que pelo andar do tempo subio a *um cônto e quatrocentos e noventa mil reis*, os quaes eram applicados para satisfazer a todas as obrigações do Collegio das Artes. Não sem grande repugnancia se sujeitou a Universidade a esta despeza; e contra uma tal determinação fêz ella differentes representações, que a prepotencia Jesuitica tornou sempre de nenhum effeito. (Vid. Memorias ms. de Figueirôa no governo do Reitor D. Manoel de Menezes.)

Nota (85.ª), Pag. 137.

Palavras formaes da Historia da Universidade de Paris por Mr. Crevier, que vão traduzidas no texto : *Non modò Parisiensis, sed et insignes pleræque per universam Galliam Academiæ, veluti noxio malignoque sidere aliquo afflatæ, intabescere cœperunt.*

Nota (86.ª), Pag. 138.

Alludindo á barbaridade, escandalosa aos olhos da Razão e da Religião, de mandar Filippe II. lançar ao mar com pedras aos pes-

coços mais de dous mil virtuosos e doutos Portuguezes, escrevia as seguintes expressões o nosso illustre Joaquim José de Miranda Rebello : « Amada Patria minha, que pezado lethargo te faz insensivel?... Quando para os outros principiavão a nascer os Grandes Genios, os malvados, que te tyranizavão, fizerão devorar pelas ondas os tristes, mas ainda assim veneraveis restos, que existião do teu bom seculo ». (Oração ao Marquèz de Pombal, Sebastião José de Carvalho, enriquecida de eruditissimas Notas, e impressa no anno de 1773 : a pag. 94 &c.) Vid. Nota (78.ª) do presente *Ensaio*.

Nota (87.ª), Pag. 139.

« Os autores delles (escrupulos, com que apparecêram desfigurados e mutilados *Os Lusiadas* em differentes logares) serião simples particulares, que se atrevessem a manchar com descaramento a gloria do Poeta, e a contrariar a opinião publica ; ou antes *um corpo de homens, que dictava as leis em Portugal em materia de Litteratura com o maior orgulho e despotismo?... »*. — « .... mas estes grandes homens (os Litteratos Portuguezes dos fins do Seculo XVI.) não pertencião propriamente áquella idade, mas sim á precedente; e o feliz reinado d'elRei D. Manoel, que os fèz nascer, aindaque extenso, foi de mui curta duração, para delle se poderem es-

perar fructos perduraveis. No que se lhe seguio, e mais ainda no dos Reis D. Sebastião, e de D. Henrique, a litteratura corrêo a mesma sorte dos negocios publicos, tudo retrocedêo, tudo veio a aniquilar-se. As mesmas Obras, que fazião as delicias do grande Monarcha, descobridor das Indias, fôrão não só mutiladas e riscadas (*), mas algumas supprimidas, e condemnadas a engrossar os volumes dos Indices expurgatorios do Reino; de tal sorte que ainda devemos dar graças áquelles, por cuja direcção corrião estes negocios, por não terem posto em Camões um similhante labéo ». — « Se porêm nos desastrosos reinados daquelles dous ultimos Monarchas Portuguezes, e principalmente no do Cardeal Rei, a litteratura nacional encontrou tão grandes obstaculos aos seus progressos; devemos confessar em abôno do bom gôsto, que ainda se não tinha extinguido de todo na Nação; que as edições de Camões, posteriores ás duas primeiras, forão sempre mal recebidas pelo publico, apesar do crédito e autoridade das pessoas, que lhas apresentavão » : E acrescenta logo o illustre Academico, alludindo á suppressão, feita pelos Jesuitas das Oitavas 19 e 20 do Canto V., nas edições dos *Lusiadas*, por elles elaboradas, as palavras seguintes : « Acaso o monopolio, que os Jesuitas pretendião fazer da Litteratura, estender-se-hia tam-

(*) Assim aconteceo á *Compilaçam de todas as Obras de Gil Vicente*, impressas em 1586 em 4.º

bem á descripção dos fenomenos da Natureza? ». (*)

Nota (88.ª), Pag. 143.

« Les Jésuites se sont trouvés placés .... sous l'inspiration d'une politique clairvoyante, qui leur montra, dès le principe, que le pouvoir s'affermirait et s'étendrait dans leurs mains dans le même degré, où leur esprit s'éclairerait : ils virent que, pour être maîtres dans le monde, il fallait commencer par être maîtres dans Israel : ils se mirent donc à l'étude, ils ont prodigieusement travaillé dans tous les genres. Ont-ils excellé dans aucun? hormis les livres de piété, que nuls n'ont fait aussi bien, qu'eux, *ont ils fait faire des pas à la science, soit pour le fond, soit pour la forme?* Ils se sont exercés dans la poésie latine, comme dans celle de toutes autres langues : qu'en reste-t-il? Ils ont beaucoup travaillé pour l'Histoire : que sont leurs Daniel, leurs père d'Orleans, leurs Griffet, et cent autres, auprès des de Thou, des Rollin, des Robertson, des Hume, des Guichardin? En Philosophie,

---

(*) Vid. Exame critico sobre as primeiras cinco edições dos *Lusiadas* por Sebastião Francisco Mendo Trigoso, escrevendo ácerca das alterações feitas pelos Jesuitas nas duas edições dos mesmos *Lusiadas* dos annos de 1584, e de 1591, particularmente nas Oitavas 19, e 20 do Canto V., por elles supprimidas : Tom. VIII. das Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa em Vol. de fol. Part. 1.ª

en Théologie, en Morale, soit générale, soit théologique, ils ont subi plus de reproches, qu'ils n'ont recueilli de gloire. Ils peuvent revendiquer les Petaut, les Sirmond, les Kirker, et beaucoup d'autres encore; mais les travaux de ceux-ci ne surpassent pas, n'égalent pas même ceux des Natalis Alexander, des Mabillon. Les Jésuites n'ont pas égalé les grands travaux des savans bénédictins, ni ceux de M. M. de Sainte-Marthe et l'abbé Fleury. Parmi les laïcs, combien ont, dans tous les genres, fait plus et mieux que les jésuites! Pour bien apprécier un mérite, il faut que sa disparition laisse un vide : S'est-on aperçu que, dans les sciences ou dans les lettres les jésuites aient laissé des places inoccupées? Quand ils finirent, le sceptre de la littérature était-il dans leurs mains, ou dans celles des hommes du monde? Sur les neuf Muses, quelle est celle que leur trépas ait mise en deuil? C'est donc satisfaire à la justice que de dire, que si les jésuites ont formé un corps très-studieux, très-éclairé; cependant ils n'ont rien produit d'éminent ni de monumentaire; ils n'ont pas tracé de ces sillons lumineux et profonds, sur lesquels les hommes attachent de loin et longtemps leurs regards : En définition, ils ont plus contribué par l'abondance du tribut, qu'ils y ont apporté, à remplir et à gonfler les bibliothèques, qu'à les décorer, et à les enrichir réellement ». (Du Jésuitisme Ancien et Moderne, par M. De Pradt, Chapit. XVIII. Du bien et du mal faits par les Jésuites! *Scien-*

ces et littérature chez les Jésuites. — Deuxième édition.... Paris 1826.)

NOTA (89.ª), PAG. 145.

As palavras do escriptor Villers, traduzidas no texto, são no original as seguintes: « C'est à la rivalité des uns contre les autres, et à l'activité qu'elle imprima aux esprits, que nous devons une foule de bons ouvrages, qui parurent pendant le dix-septième siècle, ouvrages où notre langue, et la prose française en particulier, prit une richesse, une fléxibilité, une perfection qu'elle était loin d'avoir auparavant ». (Essai sur l'esprit et l'influence de la Réformation de Luther: Seconde Partie, Seconde Section = *Sur le progrès des Lumières.*)

NOTA (90.ª), PAG. 147.

O Autor da *Bibliotheca Lusitana* diz, que ao Portuguêz Fernando Mendes, Lente de Prima de Medicina em Montpellier, é que se deve o invento do remedio contra as febres intermittentes, conhecido pelo nome de *Agua de Inglaterra*, por haver sido composto, quando assistio n'aquelle Reino.

NOTA (91.ª), PAG. 150.

Foi creada a *Cadeira de Controversias* da Faculdade de Theologia na Universidade de Coimbra por Provisão d'elRei D. Afonso VI.

de 28 de Janeiro de 1661, e por morte do seu primeiro Lente se mandou extinguir por Provisão de 5 de Novembro de 1670. Foi restaurada depois por elRei D. João V., que fêz della mercê a Fr. Nicoláo Valesio, Hibernio, Religioso Graciano, por Provisão de 12 de Janeiro de 1714. (Memorias ms. da Universidade pelo Reitor Figueirôa.)

Nota (92.ª), Pag. 151.

Assim é que se expréssa em Latim o benemerito Paschoal José de Mello no logar traduzido no texto : *Denique quò magis auctores nostri, sive Theorici sint, sive Practici, a sæculo XVI., et ab Emmanuelis, Joannis III., et Sebastiani Regis tempore recedunt, ad nosque propius accedunt, eò minore in pretio habendi sunt.*

Nota (93.ª), Pag. 153.

Das expressões de Manoel de Faria e Souza, copiadas no texto, e que dizem respeito a Fr. Bernardo de Brito, colhêmos, quão antiga é já entre nós a mania, hoje tão vulgar em Portugal, de ter em pouco, e até de desacreditar o bom em Litteratura, que possuimos da nossa propria lavra; para ir dar aprêço, e fazer as mais altas estimações de tudo, quanto nos vem dos extrangeiros, muitas vezes somente porque é alheio, e não nosso.

NOTA (94.ª), PAG. 153.

O primeiro, de que temos noticia, que tocou a rebate contra a pouca exacção historica, e falta de bôa critica de Fr. Bernardo de Brito, particularmente nas Partes Primeira e Segunda da *Monarchia Lusitana*, foi Diogo de Payva de Andrada, filho de Francisco de Andrada, Chronista-mór destes Reinos, e autor da Chronica d'elRei D. João III., o qual esperando succeder a seu pai naquelle honorifico emprego; porque nelle lhe fôra preferido Fr. Bernardo de Brito, foi tal o desprazer, que concebêo, que não poude menos que desafogal-o, escrevendo contra a *Monarchia Lusitana* o seu Livro, intitulado *Exame de Antiguidades*, o qual imprimio em 1616, um anno antes do falecimento do seu antagonista, e nove depois da impressão da Segunda Parte da *Monarchia Lusitana*. Que estimulado por aquella preferencia foi que pegou na penna contra as memorias, que andam na *Monarchia*, bem o indica elle mesmo, quando lhe occorre, que disso poderá ser arguido; segundo se colhe das palavras do seu Prólogo ao *Exame*, as quaes são as seguintes : « Bem vejo que poderá ser isto atribuido a algũa particular tenção, ou respeito, especialmente daquelles que sabem que não comecey esta ocupação, senão depois de fallecido meu pay, que Deos haja, Chronista-mór que foy deste reyno, quando da parte do Autor da Monarchia

ouve rezoens que me obrigavão a qualquer satisfação desta calidade ». ——— A critica extremamente ácre, desenvolvida pelo Payva no seu *Exame de Antiguidades* contra a *Monarchia Lusitana* foi confutada depois (se bem, ou mal, digão-no os Eruditos) pelo douto Fr. Bernardino da Silva, Monge Cisterciense, sobrinho de Brito, na sua primeira e segunda parte da *Defensão da Monarchia Lusitana*. ——— A'cerca das qualidades de Fr. Bernardo de Brito, como Historiador, podem ler-se igualmente, entre outros Escriptos, a *Memoria sôbre os Códices manuscritos, e Cartorio do Real Mosteiro de Alcobaça* por Fr. Joaquim de Santo Agostinho, a qual anda na Collecção das Memorias de Litteratura Portugueza da Academia Real das Sciencias de Lisboa, Tomo V. em vol. de 4.º : Bem assim a *Vida* do mesmo Brito, escripta por D. Antonio da Visitação Freire de Carvalho, irmão do autor do presente *Ensaio*, e impressa no *Investigador Portuguêz em Inglaterra*, e á frente dos primeiros onze Livros da *Monarchia Lusitana*, mandados reimprimir pela sobredita Academia Real das Sciencias no anno de 1806 : No Tomo VII. das Memorias da mesma Real Academia em folio a *Memoria sôbre algũas particularidades, com que se pode acrescentar, e corrigir o que até o presente se tem publicado sôbre a vida e escritos do Chronista-mór Fr. Bernardo de Brito*, por Fr. Fortunato de S. Boaventura : Ultimamente no Tom. XII. Part. 1.ª das Memorias em fol. da tantas ve-

zes citada Real Academia a *Memoria sôbre os Erros Historicos-Chronologicos de Fr. Bernardo de Brito na Chronica de Cister*, *correctos em* 1834, por Antonio d'Almeida, &c., &c.

NOTA (95.ª), PAG. 155.

Antes de Francisco de Brito Freire escrevêr a obra, por elle intitulada *Nova Lusitania*, *historia da guerra do Brasil*, havia entrado na empreza de compor uma *Historia do mesmo Brasil, ou da Provincia de Santa Cruz*, Pedro de Magalhães Gandavo, a qual foi impressa pela primeira vêz no anno de 1576, e reimpressa pela Academia Real das Sciencias de Lisboa no Tomo 4.º da Collecção de noticias para a Historia e Geographia das Nações Ultramarinas.

NOTA (96.ª), PAG. 161.

Tamanha era em Portugal no correr deste Periodo a ignorancia das nossas melhores producções litterarias, que, segundo as expressões de um erudito moderno, « no fim do seculo XVII. os nossos mesmos Escritores tinhão sido esquecidos a ponto, que as obras de Pedro Nunes erão até ignoradas dos que mais se prezâvão de conhecimentos Cosmographicos; pois que o Padre Carvalho se persuadia ser elle o primeiro Portuguêz, que se occupava destes importantes assumptos ». (Vid. no Investigador Portuguêz em Inglaterra N.º 31.

Memoria, em que se mostrão as vantagens do Estudo da Geographia Nautica &c. por D. Antonio da Visitação Freire de Carvalho, irmão do autor do presente *Ensaio Historico.*

AO PERIODO VIII.

Nota (97.ª), Pag. 176.

Da Academia dos *Anonimos* faz expressa menção o Cavalheiro Oliveira nas suas *Memorias Histor. Polit. e Litter. de Portugal,* Tom. 2.º cap. 12. pag. 273.... &c.

Nota (98.ª), Pag. 177.

Lusitani mercaturæ faciendæ potissimum intenti pauca olim in Litterarum Studiis præstiterunt.... Imperante tamen Joanne V., institutæ sunt Academiæ Litterariæ, hisque effectum est, ut nunc majore fervore Musarum castra sequantur, eorum licet conatus parum adhuc genio sæculi respondeant. (Jugler, Bibliot. Histor. Litter. de Jena, 1754. cap. 5. §. 7., citado na Prefação deste *Ensaio Historico* a pag. 9. Nota (2).)

Nota (99.ª), Pag. 178.

As Academias particulares são talvêz mais proveitosas para os progressos da verdadeira Sabedoria, do que as Academias publicas, as quaes, em vêz de aperfeiçoarem, frequentes

vezes estorvam, ou retardam o progresso das Sciencias, como faz ver com evidencia o célebre Brissot na sua obra, intitulada *De La Vérité*, Medit. 5.ª — Todavia não queremos dizer, que aquellas nossas Academias particulares, que no texto mencionamos a pag. 175 e 176, eram modelos de perfeição litteraria, dignos de serem imitados no estado actual dos Humanos conhecimentos: basta, que attendâmos ao tempo, em que foram instituidas, e ao descahimento do saber e do bom gôsto, em que então se achava Portugal, para facilmente nos convencermos, de que os assumptos, que em taes Academias se tratavam, e discutiam, e o methodo e a linguagem, que nessas discussões se empregavam, era de necessidade participassem muito sensivelmente da litteraria degeneração, em que existiamos. Isto não obstante, quem poderá negar, que taes associações, muito embora rudes, foram já muito proveitosos ensaios para o que depois se havia de fazer melhor em dias mais desassombrados, e de maior illustração, e critica e bom gosto?

Nota (100.ª), Pag. 181.

« Não foi decadencia, foi sublimidade (diz o Cavalheiro d'Oliveira na obra atrás citada) a que succedêo naquella extincção a este Nobillissimo Corpo (a Academia dos Anonimos de Lisboa); pois que concorrêo a formar outro, (a Academia Real de Historia

Portugueza) que não só he nobillissimo sem comparação, mas sem comparação o mais apurado, e o mais douto de quantas Universidades Academicas se admirão na Europa, o que havemos de provar pela producção de huma quantidade de obras, que já vimos, e pela maior parte de outras obras, que impacientemente esperàmos ». (Memorias Histor. Polit. e Litter. de Portugal, Tom. 2.º cap. 12. pag. 375.)

NOTA (101.ª), PAG. 184.

Falando do famoso *Descartes*, eis como se exprime o Autor do Livro *de L'Esprit* : « Ce fut six cents ans après l'établissement des universités qu'il en sortit enfin un homme extraordinaire, que son siècle persécuta, et mit ensuite au rang des demi-dieux, pour avoir enseigné aux hommes à n'admettre pour vrais que les principes dont ils auroient des idées claires. . . . ». (Helvétius, De L'Esprit, Discours 2. chapit. 21.)

NOTA (102.ª), PAG. 187.

Não cuide alguem deixàmos de reconhecer, que a Sociedade dos Jesuitas contára em seu seio bastantes individuos de muita, bôa e variada instrucção : sabemos até, que em Portugal houve alguns benemeritos; mas como o plano do seu synedrio era a propagação da ignorancia, toda a instrucção, que

das suas escholas sahia, ou que os seus escriptos apresentavam, (pelo menos entre nós) era acanhada, defeituosa, pouco segura, e muitas vezes perniciosissima.

Nota (103.ª), Pag. 191.

O mesmo péssimo conceito, de que falâmos no texto, devia a Ordem dos Jesuitas ao Governo Portuguêz no anno de 1815, quando chegou ao seu conhecimento, que ella tornava a ser chamada á vida por uma Bulla do Papa Pio VII., então assentado na Cadeira de S. Pedro, como claramente se patentêa do Officio seguinte, impresso no Investigador Portuguèz em Inglaterra N.º 15. —— *Officio dirigido ao Ministro Portuguêz em Roma ácerca dos Jesuitas.* — « Sua Alteza o Principe Regente, meu Amo, tendo em consideração as intenções de Pio VII., como se publicárão na sua Bulla, *Sollicitudo omnium*, datada de sete de Agosto do anno proximo passado, pela qual Sua Santidade julgou conveniente reviver a *Companhia de Jesus*, que fôra extincta, derogando por isso, em tanto quanto pertence á Autoridade da Igreja, a outra Bulla, *Dominus ac Redemptor noster* de Clemente XIV. de gloriosa memoria: Sua Alteza Real se admira desta determinação de Sua Santidade, não tendo esta Côrte sido informada disto anteriormente de maneira alguma, indaque tivesse a maior razão de queixa dos crimes dos *Jesuitas*, contra quem Portugal

procedêo da maneira mais energica pela Ordenação de tres de Setembro de mil setecentos e cincoenta e nove. Sendo as intenções positivas de Sua Alteza Real mantêr com o maior rigôr as disposições da dita Ordenação, qualquer que seja a determinação das outras Côrtes, ainda mesmo daquellas, que se associárão á extinção da dita *Companhia*. Meu Augusto Amo me Ordena, que communique esta Resolução a V.ª S.ª, afim de que V.ª S.ª apresente immediatamente uma Nota declaratoria dos principios invariaveis, que Sua Alteza Real intenta mantêr, e conforme os quaes Ordena a V.ª S.ª, que não admitta negociação alguma sôbre esta materia, nem verbal, nem por escripto. Sendo esta Resolução de Sua Alteza Real fundada em razões as mais sólidas e proprias, ella se não pode considerar como affectando de sorte alguma os invariaveis sentimentos de sua veneração e amor filial para com a Sagrada Pessoa de Sua Santidade, o que V.ª S.ª deverá especialmente expressar. Palacio do Rio de Janeiro 1 de Abril de 1815. Marquêz de Aguiar. Senhor José Manoel Pinto. » ——— N. B. Estava reservado para o intruso governo de D. Miguel o proceder em contrario desta sabia Resolução de seu Augusto Pai, o Senhor D. João VI., admittindo novamente em Portugal os façanhosos Jesuitas!!!

NOTA (104.ª), PAG. 196.

Para mais extensa informação ácerca da *Arcadia de Lisboa* veja-se a *Memoria sôbre o estabelecimento da Arcadia de Lisboa, e sôbre a sua influencia na restauração da nossa Litteratura*, por Francisco Manoel Trigoso d'Aragão Morato, impressa na Collecção das Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa em fol. Tom. VI. Part. 1.ª a pag. 57.

NOTA (105.ª), PAG. 198.

« Era necessario, que nós fossemos bárbaros, para que elles (fala dos Jesuitas) podessem ser tyrannos : era necessario, que nós fossemos infelices, para que elles se podessem inchar livremente; e para taes homens ser necessario, era o mesmo que ser licito : practicava-se, fosse, ou não prejudicial a outrem. Eis aqui a moral dos nossos Mestres ». (Joaquim José de Miranda Rebello, Oração ao Marquèz de Pombal, pag. 115.)

NOTA (106.ª), PAG. 199.

« Na verdade (diz o citado Miranda Rebello na mesma Oração) eu me assômbro de ver n'aquelle seculo (o decimo sexto) huma tão pouco numerosa Nação, que encerrava em si tantos e tão bons conductores, e que sabia deixar-se tão regularmente conduzir. De hu-

ma parte eu não posso fugir ao prazer de lançar os olhos sôbre huma multidão de homens solidamente eruditos, e quasi verdadeiramente sabios, que a Alta Providencia, e as bem traçadas medidas dos nossos Principes fizerão juntar em menos de hum seculo. Quem deixa de conhecer, que são estes huns bem escolhidos materiaes para se erigir hum immortal Padrão á nossa gloria? As Artes agradaveis, as grandes Sciencias não hé certo que chegárão entre nós ao mais subido ponto, a que davão lugar os conhecimentos do tempo?... Finalmente a Nação era culta; em menos de hum seculo produzio tal numero de Varões respeitaveis, que bastarião a fazer gloriosos Paizes mais dilatados; se a Antiguidade os visse, lhes elevaria Templos, e os reputaria Semi-deoses.... Eu julgo que, para ver quanto era bem meditado o nosso systema, devo lançar os olhos sôbre os effeitos d'elle: para calcular as nossas forças, devo consultar os factos; quero dizer, para conhecer o que podiamos, devo ver o que faziamos; examinando o que obravamos, se poderá conhecer como pensavamos.... » &c. a pag. 48, 56, e 61. (Não nos pouparemos a transcrever passagens desta muito bem pensada, e elegantissima Oração, que tanta honra dá á Litteratura Portugueza, mormente havendo-se feito a mesma Oração mui rara, e por isso quasi inteiramente desconhecida).

Nota (107.ª), Pag. 201.

« De tudo quanto pode haver de abjecto, de vão, e de inintelligivel na Arte de enredar os espiritos, que por tantos seculos usurpou o nome de Filosofia : de tudo quanto pode ser ou impracticavel, ou extravagante na Moral; de mais abstracto, de mais subtil, de mais inutil, e de mais alheio do entendimento humano, que pode encerrar a mais chimerica Metafysica : de todas as subtilezas emfim, que o atrevido abuso pode fingir, derivadas das Eternas Verdades, que se incluem nos Sagrados Escriptos, os nossos inchados Mestres construírão huma enorme e pezada massa de agudas inutilidades, e lhe imposerão o veneravel nome de Theologia ». (Miranda Rebello, Oração, pag. 127 em Nota.)

Nota (108.ª), Pag. 203.

« Como entre nós se cultivava o Direito : como desprezavamos todas as noções geraes, que indispensavelmente lhe devião preceder : como o separavamos, e fingiamos independente de todas as outras Sciencias : como o rodeavamos, e suffocavamos com montões de erros, e subtilezas inuteis. . . . Como ignoravamos o Direito Primitivo, e o Direito Patrio : como substituiamos a estes o Direito confuso, irregular, e em parte injusto de huma Nação, que nem podia, nem devia ser legisladora de

Portuguezes : como conheciamos, e tratavamos o Fôro ». (Citado Miranda Rebello, a pag. 133 em Nota.)

Nota (109.ª), Pag. 204.

« A Sciencia Divina era entre nós a sciencia mais profanada; até a Sciencia de Deos era prostituida aos vis interesses de taes homens. Os altos objectos desta nada podião nunca perder da sua sublimidade; mas entre as fezes, pelo dizer assim, de todos os conhecimentos humanos se escolhião as, que, ao menos apparentemente, podião fazer inutil, ou extravagante a mais respeitavel de todas as Faculdades. O seu fim não era defender, e propagar a Religião; era sim fazer da ignorancia hum preceito de Religião ». (Citado Miranda Rebello, pag. 127, e tambem em Nota ao mesmo logar.)

Nota (110.ª), Pag. 205.

« A necessaria Faculdade, que tanto conduz para a nossa felicidade, ou dilatando a vida, ou restabelecendo a saude : aquella, para a qual precedem tantos conhecimentos, quantos estavão cultivando os que d'entre os outros povos querião receber justamente os incensos devidos aos bons Medicos, restringia-se entre os nossos a observar simplesmente os dictames dos reputados Mestres daquella Sciencia, que precedêrão tantos seculos ao conheci-

mento da verdadeira Fysica, e ao justo methodo de observar os corpos. Desprezado o conhecimento dos nossos, não anatomisando os vegetaes, não observando a natureza dos simplices, não empregando os conhecidos effeitos destes a reparar, quanto hé possivel, as ruinas e as desordens do Machinismo humano; a nossa gente reputava de menos pezo as verdades, que se colhem da Anatomia, da Chimica, da Botanica, e da Fysica em geral, do que a applicação de huma sciencia esteril, e inculta, que, fundada em termos escuros, em enigmas inuteis, tendo por base as subtilezas da Filosofia Peripatetica, em lugar de observar a Natureza, se occupa toda em subtilizar os Textos de Hippócrates, de Galêno, de Avicena, e ainda de Aristoteles; ou, o que he peor que tudo, em restringir-se a seguir servilmente os subtis e supersticiosos Commentadores destes antigos, a quem talvêz se fazia impio e inutil sacrificio das nossas vidas; e que, pela maior parte, se deixavão guiar das falsas luzes da Astrologia, essa Astrologia Judiciaria, chimerico emprego dos espiritos crédulos ». (O mesmo Miranda Rebello, pag. 128 até 130.)

Nota (111.ª), Pag. 206.

Os nomes dos nove respeitaveis Membros da *Junta de Providencia Litteraria*, creada para trabalhar na Reformação da Universidade de Coimbra por Carta Regia de 23 de

Dezembro de 1770, são, como se lèm na mencionada Carta Regia, por sua ordem os seguintes : *Inspectores* — O Cardial da Cunha, do Cõselho d'Estado — e o Marquèz de Pombal, do mesmo Conselho : *Conselheiros* — O Bispo de Beja, Presidente da Real Mesa Censoria, e do Conselho d'Estado — Os Doutores, José Ricalde Pereira de Castro, e José de Seabra da Silva, Dezembargadores do Paço, e do Conselho d'Estado. — O Doutor Francisco Antonio Márques Giraldes, do mesmo Conselho, e Deputado da Mesa da Consciencia e Ordens. — O Doutor Francisco de Lemos de Faria, Reitor da Universidade de Coimbra. — O Doutor Manoel Pereira da Silva, Dezembargador dos Aggravos da Casa da Supplicação. — O Doutor João Pereira Ramos de Azevedo, Dezembargador da mesma Casa.

Nota (112.ª), Pag. 208.

Para a nova Incorporação do Real Collegio das Artes á Universidade de Coimbra existe uma Provisão do Marquèz de Pombal, como Plenipotenciario e Lugar-Tenente d'elRey na Fundação da Universidade de Coimbra em data de 16 de Outubro de 1772. Coimbra, cujo titulo é o seguinte : *Provisam de Incorporação no Dominio da Universidade do Real Collegio das Humanidades, antes usurpado pelos denominados Jesuitas, e agora restituido para educação da Mocidade nobre, e civil das*

Provincias da Beira, Tras dos Montes, Minho, e Partido do Porto. Registada no Livro 1.º do Registo das Ordens Regias a folh. 31. — Na Imprensa da Universidade.

Nota (113.ª), Pag. 210.

Em testemunho dos mui distinctos méritos, e relevantes serviços, prestados ao Litterario de Portugal pelo Prelado illustre, e nunca assás dignamente louvado, o Ex.mo e R.mo D. Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho, ao qual nos prenderam em sua vida os muito sagrados vinculos de gratidão, vinculos que a morte não poude, nem poderá jamais desatar, passâmos a transcrever neste logar as expressões cheias de verdade do nosso sabio compatriota, José Corrêa da Serra, extrahidas do seu excellente Escripto, *Sôbre o Estado das Sciencias, e das Letras em Portugal no fim do Seculo XVIII.* (Première Partie), o qual anda no Tomo I. dos *Archives Littéraires de l' Europe, ou Mélanges de Littérature, d' Histoire, et de Philosophie par une Société de Gens de Lettres*, e são as ditas expressões como se seguem : « Ce n'était pas tout d'avoir créé un nouvel ordre de choses; (fala da Reforma da Universidade) il fallait le surveiller, et le faire prospérer. Le soin en fut confié à l'Evêque de Zenopolis, (era o Titulo, com que este digno Prelado foi nomeado Coadjutor do Bispado de Coimbra, antes de passar a governal-o de propriedade) créature du Roi, et du

Ministre, qui lui connaissaient du savoir, un caractère ferme, et de l'élévation dans les sentimens. L'ardeur avec laquelle les nouvelles études furent suivies, justifia leur choix.... »
E na segunda Parte do mesmo Escripto acrescenta : « Le second (fala ainda do mesmo Prelado illustre) au lieu de laisser entamer le nouveau mode d'éducation publique, à l'établissement duquel il avait eu tant de part, a demandé et obtenu du Souverain de nouveaux Statuts, qui renchérissent sur ceux de Joseph I. De nouvelles chaires ont été fondées, notamment pour l'agriculture, pour l'hydraulique, pour la minéralogie, pour l'astronomie pratique. Quatre places d'astronomes observateurs ont été créées à l'Observatoire de Coimbre, pour la perfection duquel on n'a rien épargné. Ces mesures, et une foule d'autres, que les bornes resserrées de cet aperçu m'empêchent de détailler, ont fixé le sort du Portugal, par rapport aux Sciences, dans le siècle, qui vient de commencer ». (Encontra-se este mesmo Escripto do sabio Corrêa da Serra, como Appendix, junto ao *Essai Statistique sur le Royaume de Portugal, et d'Algarve*, Par Adrien Balbi, dous Tomos de 8.º Paris anno de 1822; e é elle tambem um dos Supplementos, que vão por Appendix a este nosso *Ensaio Historico.*)

Nota (114.ª), Pag. 214.

A'cerca da utilidade, ou inutilidade das Corporações Religiosas em Portugal, e das vantagens, que poderiam ser derivadas destes Estabelecimentos em ordem ao Bem Publico, podem ler-se as reflexões, que se encontram amplamente expendidas no Escripto, impresso em Lisboa no anno de 1814 com o seguinte titulo : *Os Frades julgados no Tribunal da Razão.* — Visto acharem-se hoje extinctas em Portugal todas as Ordens Religiosas do Sexo masculino, o Folheto apontado nesta Nota, pode apenas servir de Documento historico da sua existencia preterita, e de indicar os proveitos, que dellas teria podido tirar um Governo illustrado.

Nota (115.ª), Pag. 223.

As palavras de Clenardo, citadas no texto, são as seguintes : *Omitto reliqua, quo properemus Conimbricam, ubi Rex novam tum moliebatur Academiam. Hic opus est multis laudibus, quando se se ipsa in dies magis ac magis commendat. Erant vacationes, et cæteris professionibus feriæ, nec judicium ferre possum, nisi de Auditorio Græco, quod me novo miraculo reddidit attonitum. Vincentius Fabricius enarrabat Homerum, non ut Græca verteret Latine, sed quasi ageret in ipsis Athenis, id quod nusquam hactenus videram; et*

nihilo segnius Discipuli Præceptorem imitabantur, ferme in totum usi, et ipsi sermone Græcanico.

NOTA (116.ª), PAG. 227.

Por evitar exclusões sempre odiosas entre Sabios Escriptores vivos, mormente sendo tantos os benemeritos, que poderiam ser postos em memoria, de nenhum delles fazemos menção neste Periodo, apenas limitando-nos á noticia de alguns d'entre os já falecidos, em o nosso entender, mais abalizados. Agrada-nos por extremo a sentença e proceder de Quintiliano a este proposito, já transcripta em outro Escripto nosso, quando diz : *Sed parco nominibus viventium; veniet eorum laudi suum tempus; ad posteros enim virtus durabit, non perveniet invidia.* (Instit. Orator. Lib. 3. cap. 1.)

NOTA (117.ª), PAG. 229.

Fizemos commemoração no texto do Nome tres vezes illustre do Dezembargador *Manoel Fernandes Thomaz*, com quem nos ligáram enlaces de verdadeira amizade, não só por ser elle merecedôr de perenne recordação como Jurisconsulto distincto; mas sôbre tudo pela perpetuidade gloriosa, que á sua memoria se deve pelo nunca assás recompensado serviço, que fêz á Patria, em restituir-lhe os fóros da usurpada liberdade civil e politica : Por quanto é fóra de duvida, que ao seu zêlo eminentemente patriotico, aos seus planos ma-

duramente pensados, e á sua rara intrepidêz, é que foi particularissimamente devida a Grande Obra, que apparecêo á luz na sempre invicta Cidade do Pôrto em o famoso Dia 24 de Agosto do anno de 1820, Dia digno de ser marcado nos Fastos Portuguezes com o mais alvejante jaspe. Depois de mui penosas fadigas, todas ellas empregadas no serviço da Patria, assim nos conselhos da Junta Provisional do Governo do Reino, de que foi um dos mais illustres Membros; como no laborioso emprego de Secretario d'Estado nas Repartições do Interior, e da Fazenda, antes da abertura das restauradas Côrtes em Janeiro de 1821; como finalmente no exercicio de Deputado dessas memorandas Côrtes Constituintes: opprimido de trabalhos, de desgostos, e talvêz de ingratidões, que de certo lhe abreviáram a vida, credôra de mais longa duração, deixou a Patria, e os seus verdadeiros amigos em pezado luto, legando apenas á sua familia um nôme honrado e sem mancha, mas nenhumas riquezas; pois morreo pobre!!! *imitabilis ulli?* E a Nação Portugueza, a quem tanto illustrou, e servio, de todo esquecida logo, e muito mais já hoje em dia, de um cidadão tão benemerito, com uma ingratidão, que não pode cabalmente ser expressada por palavras, nem sequer uma lapida lhe tem mandado lavrar sôbre a sua sepultura! Sepultura que muito embora se saiba fôra mandada abrir na Igreja de Santa Catharina desta Capital, mas cujo local é já no presente ignorado por desleixo

dos seus contemporaneos. Debalde os tem solicitado para este acto de publica gratidão o autor do presente *Ensaio Historico*, na Biographia abreviada, que lhe tecêo, a qual anda junta ao Retrato tambem a instancias suas copiado na Collecção de Retratos e Biographias das Personagens illustres de Portugal, feita por Mr. Le Grand!!!

NOTA (118.ª), PAG. 234.

Ninguem deve estranhar-nos o entrar tão miudamente no elogio de *D. Antonio da Visitação Freire de Carvalho*; pois os estreitos vinculos de fraternidade, que a elle nos prendêram, devem ser bastantes para justificar este piqueno desafôgo de uma alma ainda penetrada dos vivissimos toques da saudade. —— Um dos melhores Sonetos talvêz, feliz inspiração da Musa do célebre Bocage, foi aquelle, que o Poeta nos dirigio no anno de 1805 em resposta a uma Epistola poetica, que lhe escrevemos, na qual davamos incidentemente alguns versos á saudosa memoria d'aquelle Irmão, que pouco havia tinhamos perdido: Ambas estas poesias corrêram então impressas, e o Soneto é tal qual passâmos a reproduzil-o:

SONETO.

De Ontânio choras, e de Ontânio cantas,
Teu dôce e claro Irmão, meu dôce Amigo,
Aquelle de quem pouzão no jazigo
Tantos ais, tanta dôr, saudades tantas.

Cantando enlevas, e chorando encantas,
E acorda, e vive n'alma o tempo antigo,
Quando a Quintilio no calado abrigo
Carpia o Vate, cuja voz levantas.

As Artes, as Sciencias enlutadas,
As delicias de Ontânio, e seus amores,
Depois que o vírão mudo, estão caladas.

Ah! com elle eternizem-se os Cantores:
Altos Genios vos dêm, Cinzas sagradas,
Versos, gemidos, lágrimas, e flores.

Nota (119.ª), Pag. 239.

Eis aqui como ácerca do merecimento philosophico do nosso *Luiz Antonio Verney* se expressa o sabio Degerando na sua Obra, que tem pòr titulo *Histoire comparée des Systèmes de Philosophie relativement aux Principes des Connaissances humaines*, Tom. I. ediç. de Paris, anno de 1804, cap. 11. pag. 403 : « Un écrivain aussi courageux dans ses tentatives, que sage dans ses maximes, a fait cependant, dans le siècle dernier, d'admirables efforts pour faire luire sur l'Espagne, et le Portugal le flambeau qui éclaire le reste de l'Europe. Je veux parler de l'archidiacre d'Evora Louis Antoine Verney. Il publia en 1746 sous le nom emprunté du *Capucin Barbadino* un ouvrage sur *la véritable manière d'étudier &c.*; et au commencement de 1761 sous celui de *Teixeira Gamboa*, un *essai sur les moyens de restaurer les Sciences, et les lettres en Portu-*

gal (*). On a de lui, sous son véritable nom, une *Logique*, une *métaphysique*, et une *introduction à la philosophie et a la théologie*, traitées avec une méthode infiniment sage, et qui ont obtenu quelques succès en Espagne, où elles ont été traduites par le docteur Joseph Maymo y Ribés ». (Vid. todo este Capitulo até o fim).

NOTA (120.ª), PAG. 241.

O editor das Obras de *Bento de Moura*, impressas em Coimbra no anno de 1821, em um volume de 8.º a pag. XIX. das suas *Noticias Preliminares* cita por equivocação o *Motim Litterario* do Padre José Agostinho de Macedo como uma das obras, em que se fala de Bento de Moura : Dizemos *equivocadamente*; por quanto na dita obra, pelo menos até o fim do Soliloquio 94, ultimo de cuja impressão temos noticia, nem uma só vêz se faz menção deste Portuguêz illustre; porêm sim no Poemêto *O Novo Argonauta*, e talvêz em mais algum outro Escripto seu, que não tem chegado ao nosso conhecimento.

NOTA (121.ª), PAG. 248.

Os dous Tratados do famoso Portuguêz *Antonio Nunes Ribeiro Sanches*, a que esta Nota se refere, e que fôram as Obras de

(*) Cet ouvrage a été traduit en français, et publié en 17... à Lisbonne et à Paris.

maior extensão por elle publicadas, sahiram á luz com os titulos seguintes : I. *Tratado da conservação da saude dos Povos &c.*, com um appendix de considerações sôbre os terremotos, e noticia dos mais notaveis, de que faz menção a Historia, e dos ultimos que se sentiram na Europa desde o 1.º de Novembro de 1755. II. *Methodo para aprender a estudar a Medicina*, illustrado com os apontamentos para se estabelecer uma Universidade Real, na qual deviam aprender-se as Sciencias humanas, de que necessita o Estado civil e politico, em 8.º anno de 1763. ——— As considerações sôbre os terremotos foram vertidas do Portuguêz em Italiano por Marcello Sanches, irmão do autor : Nellas observa o *Doutor Sanches*, que o clima de Lisboa ficou mais sádio, depois do tremôr de terra de 1755. (Nota ao Elogio do Dr. Antonio Nunes Ribeiro Sanches, composto em Francêz por M. Vicq-D'Azyr, vertido em Portuguêz por Filinto Elysio, e impresso no Tom. IX. das suas Obras completas, Paris anno de 1819 em vol. de 8.º, e no Tom. XVII. da nova edição feita em Lisboa no anno de 1840 em 16.º

Nota (122.ª), Pag. 252.

O nosso insigne Poeta, e consummado Litterato Antonio Ribeiro dos Santos, falando do grande preço, que é devido ás Quintilhas do bem conhecido Nicoláo Tolentino d'Almeida, expressa-se pela maneira seguinte :

. . . . . se ajuntar quizeres
Obra da nossa idade, a mor, que temos,
Ajunta-lhe as Quintilhas saborosas
Do claro Tolentino:
Primôres cortezãos, ricos fallares,
Plautinas graças, joviaes donaires,
Flores de toda a vária côr lançárão
Em seu regaço as Musas.

(Poesias de Elpino Duriense, Tom. II. pag. 226. Ode a Lereno, Convite para leitura de peças joviaes.) ——— Compare-se com este juizo, feito sôbre Nicoláo Tolentino por um atilado Critico, simultaneamente distincto Poeta, e Portuguêz, o juizo ácerca das obras do mesmo Tolentino, apresentado por Mr. Simonde de Sismondi na sua *Littérature du Midi de l'Europe* (Tom. II. cap. 40. pag. 682. da ediç. de 1837. Bruxellas): Para o Critico Francêz quasi nada de bom se encontra nas Poesias de Tolentino! Mas sôbre um tal pleito quem será juiz mais competente; o Critico extrangeiro, que talvêz mal entenda a Lingua Portugueza, ou um respeitavel Critico Nacional, um Antonio Ribeiro dos Santos? De mais, qual é o Portuguêz de bom saber e gosto, que não dê o mais subido apreço ás poesias deste Sá de Miranda moderno?

NOTA (123.ª), PAG. 258.

Devemos a esta illustre Poetiza, alem da honra, com que nos distinguio, e que ficou mencionada no texto, os grandes, posto que

não merecidos elogios, que nos prodigalizou na sua Epistola (*), escripta em resposta a outra, que lhe dirigimos nas vesperas da nossa emigração para o Brasil : ambas ellas correm hoje impressas no Tomo II. das suas Obras Poeticas a pag. 75, e 76.

NOTA (124.ª), PAG. 261.

Bento José de Souza Farinha no seu *Summario da Bibliotheca Lusitana*, mal informado, attribue exclusivamente ao Marquêz de Pombal Sebastião José de Carvalho e Mello a primorosa obra dos *Novos Estatutos da Universidade de Coimbra*, feitos na sua Reformação durante o Ministerio do dito Marquêz: é todavia indubitavel, que outros foram os seus Autores; bem que não possa negar-se, que áquelle grande Ministro pertence uma parte não piquena de tão glorioso trabalho. Dos ramos de Sciencias Naturaes, e de Mathematica, soubemos de boa parte, que fôra autor o Mathematico illustre José Monteiro da Rocha.

NOTA (125.ª), PAG. 261.

Uma digna expressão dos relevantes méritos, e importantes serviços, feitos á Patria

---

(*) A cujo proposito vem com mui apropriada applicação o dito de Plinio o Môço (Lib. VI. Epist. 21.): *Circa me tantum benignitate nimiâ modum excessit, nisi quod tamen poetis mentiri licet.*

pelo grande Marquêz de Pombal, Sebastião José de Carvalho e Mello, é a Inscripção sepulcral, que foi feita para ser gravada no seu tumulo; mas que até o dia de hoje não tem chegado a effeito por uma d'aquellas negligencias, desgraçadamente vulgarissimas em Portugal. E' a dita Inscripção a seguinte:

REEDIFICADA LISBOA,
ESTABELECIDAS AS MANUFACTURAS,
RESTAURADAS AS LETRAS,
CONFIRMADAS AS LEIS,
REFREADOS OS VICIOS,
PREMIADA A VIRTUDE,
DESMASCARADA A HYPOCRIZIA,
REPRIMIDO O FANATISMO,
REGULADO O REGIO ERARIO,
RESPEITADA A AUTORIDADE SOBERANA,
CHEIO DE GLORIA,
CARREGADO DE LOIROS,
OPPRIMIDO PELA CALUMNIA,
LOUVADO PELAS NAÇÕES EXTRANGEIRAS,
SATYRIZADO PELA SUA,
COMO RICHELIEU SUBLIME NOS PROJECTOS,
IGUAL A SULLY NA VIDA E NA MORTE,
GRANDE NA PROSPERIDADE,
SUBLIME NA DESGRAÇA,
DEIXANDO UMA AMPLISSIMA MATERIA
PARA O LOUVOR E ESPANTO DOS SECULOS FUTUROS,
COMO PHILOSOPHO, COMO HEROE, COMO CHRISTÃO,
PASSOU A' ETERNIDADE
EM O ANNO 82 DA SUA VIDA,
E NO 27.º DO SEU MINISTERIO,
NO DIA 5 DE MAIO DE 1782.
SEJA-LHE A TERRA LEVE.

Nota (126.ª), Pag. 263.

As expressões originaes da Epistola de Plinio, que vão traduzidas no texto, e que servem de remate ao *Primeiro Ensaio sôbre a Historia Litteraria de Portugal, desde a sua mais remota origem até o presente tempo*, são como se seguem : *equidem beatos puto quibus Deorum munere datum est, aut facere scribenda, aut scribere legenda; beatissimos verò, quibus utrumque.*

FIM DAS NOTAS.

APPENDIX I.

GARSIAS MENESIUS EBORENSIS PRÆSUL, quum Lusitaniæ regis inclyti legatus et regiæ classis adversus Turcas Hydrŭtem in Apulia præsidio tenentes, præfectus ad Urbem accederet, In templo divi Pauli publicè exceptus, apud Xistum iiij. Ponti. Max., et apud sacrum Cardinalitium senatum, hujuscemodi Orationem habuit.

Conimbricæ
Apud Joanĕm Alvarum Typographum Regium.
M.D.LXI.

N. B.

No Catalogo de diversas Obras, que acompanhão a edição da Chorographia de Gaspar Barreiros, *feita em Coimbra no anno de* 1561, *o qual Catalogo se lê no reverso da folha do titulo da dita Chorographia, vem em ultimo logar a seguinte Oração, annunciada pelas palavras, que fielmente passâmos a transcrever.*

» Hũa Oraçam que fez dom Garcia de Meneses bispo d'Evora, ao Papa Sixto quarto em Roma na igreja de sanct. Paulo extra muros, onde foi pubricamente recebido, indo por capitam de hũa armada que elrei dom Affonso ò quinto de Portugal mandou em socorro da cidade de Ottranto que os Turcos tinham tomada no regno de Napoles ».

GASPAR VARRERIUS GEORGIO COELIO

S. P. D.

Quum Romæ agerem, inter aliquos quibus cum mihi amicitiæ consuetudo intercesserat, duo fuere clarissimi viri Jacobus Sadoletus, et Petrus Bembus Cardinales. Quorum ego dulcissimam et utilissimam familiaritatem, cum ob plurima et varia virtutum ornamenta, tum verò ob multiplex disciplinarum optimarumque genus artium, et summam politiorum literarum facultatem, quibus magnopere præstarent, sancte colendam existimaveram. In quam ut me insinuarem, idoneam et percommodam occasionem mihi obtulit gratulatio, quam nomine illustrissimi principis nostri Henrici Portugaliæ Iffantis, cum primum in sacrum purpuratorum patrum collegium fuit cooptatus, amplissimis verbis habui, apud Paulum iij. Pontif. Max., et cunctos S. R. E. Cardinales. Verum Bembi necessitudine familiari, qua nihil mihi vel optatius, vel opportunius, vel honorificentius poterat accidere, octo menses frui licuit non amplius. Nam mors importuna hominem amplissimum, et multis nominibus commendatum, nec a me alienum sustulit, quippe quem non obscuris significationibus, erga me optime animatum intelexeram. Cum altero qui superstes remanserat, vixi conjunctissime dum Romæ fui, nullo officiorum prætermisso genere, quo non fuerim ab illo et mirifice ornatus, et

maxime affectus. Igitur cum sæpe et multum cum eo essem, accidit, ut dum in sua bibliotheca ubi tunc eramus, scrutaretur varios chartarum fasces; et quandam quæreret orationem ad te mittendam, ut postmodum misit, (in qua pacem Carolo V. Romanorum Imperatori, et Francisco Gallorum Regi, totique Christianæ Reipublicæ gratulabatur, quam olim ii duo reges ad Niceam urbem, novis inter se initis fœderibus firmarant) incideret in aliam orationem, quam lxxx. circiter ab hinc annos, habuerat Garsias Menesius præsul Eborensis apud Xistum iiij. Pont. Max. eodem anno Romæ excusam opere chalcographico : Tum ille, heus tu, inquit, Gaspar, num hanc contigit aliquando videre venustam, sane orationem cujusdam vestri Lusitani hominis, certe gravis et diserti et eruditi? Quam cum daret in manum, narro tibi plane gestivi largiter et effuse, doctissime Coeli, cum se se mihi offerret ultro, quod jandiu multa ope expetiveram. Nam videre interdum licuit, ex Latino in Lusitanum sermonem male conversam, ut tum conjectura consequi poteram. Verum quid referret si bene? regem namque videre volebam, non mortuos, ut de Alexandro apud Ægiptum rege, olim Cæsar Octavius. Quæ est enim alicujus gentis lingua (Græcam vix excipio) quæ cum Latina jure conferri possit? Sed quoniam nonnullæ in ea elucebant oratoriæ virtutes, et quædam optimi ingenii, et judicii simulacra conspiciebantur, propterea

Latinæ legendæ studio jandiu flagraveram, Itaque cum omnem desiderii mei rationem viro amplissimo patefacerem, eandem mihi et perlibenter dono dedit. Cumque hominis fortunam, et vitæ ejus conditionem a me quæreret, veterem illi atque illustrem Menesiorum familiam, ex qua ipse, multique alii viri clarissimi, qui in bellicis laudibus excelluere, orti fuerant, totam explicavi. Quantusque idem Garsias fuerit et in eadem militari disciplina, et literarum facultate, dictaque et facta nonnulla ejusdem commemoravi : Quæ prædictus Cardinalis cupido et gaudenti animo accepit, et quorum cognitionem magni duxisse testatus est. Dolebat tamen tanti viri fatum, quod maximis animis, et splendidissimis ingeniis esse commune dicebat, in quibus sæpenumero reperirentur ingentes honoris, imperii, et gloriæ cupiditates, quæ plures viros multis rebus præcellentes perdere solitæ essent. Ergo laudabat orationem, hocque admirabatur maxime, in ea ætate, in qua vix unum vel alterum in Italia fuisse diceret, qui integram Latini sermonis puritatem, plenumque ejus nitorem attingeret, eò quod obrutus et pene extinctus, summa hominum barbarie et incuria existeret, reperiri aliquem in his extremis orbis partibus, qui tantam dicendi vim, tantum orationis ornatum, tantum verborum delectum, atque elegantiam adsequeretur. Quapropter Lusitanorum ingenia summe commendare cæpit. In quibus tu primum, Coeli doctissime, occurristi; dixit enim legisse se

nonnulla ingenii tui monumenta, quæ literis mandaveras in utraque et oratoria, et poetica facultate, præclara illa quidem et quæ acumen ingenii, summum judicium, optimam verborum electionem, gravem et splendidam dictionis formam, denique eruditionis et doctrinæ cæterarum que rerum præstantiam præ se ferrent. Sed venio ad episcopi nostri orationem, quam ipse eo consilio in Hispaniam attuli, ut quæ suppressa tandiu in tenebris latuerat, mea opera et diligentia, et sub tuo nomine in lucem aliquando prodiret, in communem studiosorum utilitatem, et ut intelligerent nostri homines, si ad eximiam et illustrem naturam, qua egregie præditi sunt, adjungere maiores industriæ conatus et labores et jam vellent, facile eos summam laudem, summumque gradum, in quovis literarum genere consecuturos; quando illa tempestate rudi omnino Latini sermonis, inventus sit qui, in Latina eloquentia, tantos tanque laudabiles progressus fecerit. Quibus temporibus apud nostrates, ut liquido inter omnes constat, non modo quisquam non esset, qui vel mediocriter Latinas calleret literas, verum si nobilium aliquis forte disceret, eum, alii non secus insigni macula notandum censerent, ac si is totam familiæ suæ nobilitatem, omnemque militarem laudem dedecorasset. Cumque aliqui probro datum esset aliquando hoc ipsum, scilicet quod Latine sciret, respondisse sapienter ferunt, literas telorum aciem non retundere; adèo literarum nomen illa ætate exe-

crabile et odiosum erat. Qua certe opinione, tam penitus insita, et tam confirmata in hominum illius miseri seculi mentibus, nihil vel absurdius, vel ineptius, vel magis stultum esse potuisset. Quapropter merito et jure laudatus est Garsias noster a Sadoleto doctissimo Cardinale. Nam quæ species, quæ dignitas, quæ orationis splendor et ornatus? quam concinna verborum collocatio, et quam propriorum conformatio? Quam uberes et acutæ sententiæ? Quantus usus, et quanta rei militaris disciplina? Quam perfecta maritimarum, et terrestrium regionum scientia, et quam completa historiarum cæterarumque rerum cognitio apparet? In qua tu oratione, Coeli, deprehendes nervos, sucum et sanguinem, non jejunam et exilem vel ineptam quandam eloquentiam, multa inanium verborum congerie fidentem, tanquam innumeris et garrulis perstrepentem vocibus non rebus, uti nonnullis usu venire videmus, qui cum ingenii et inventionis inopia premantur, miseram chartarum aream, plurimis verborum velut palearum et culmorum manipulis, non autem læta frumenti ubertate inferciunt. Quantus insurgit adversus Christianorum regum illius ætatis imbellem socordiam et negligentiam? Quantum invehitur in depravatos et corruptos antistitum mores? Quo animo, bone Deus, erigit et inflammat ipsum Pontificem, et sacrum Cardinalium senatum, ad bellum contra Turcas suscipiendum? Quo ardore mentis, etiam reges et cæteros Christianos principes, ad id quoque bellum eisdem

barbaris inferendum sollicitat? Jam ipsa actio qualis et quanta fuerit, satis declarant pauca illa, sed plena ingenti admiratione verba, Pomponii Læti, cum præsens Garsiæ non modo loquentem linguam audiret, sed vultus etiam illos admirabiles, atque fulgurantes oculos loquentes, totam denique vehementem illam hominis, et plenam spiritus actionem intueretur, Pater Sancte, inquit, *quis est iste barbarus qui tam diserte loquitur?* Audivé ego sæpe ab Eduardo Menesio Eborensi, fortissimo atque ornatissimo viro, longa jam senectute confecto, et ipsius Garsiæ nepote, qui puer admodum præsens interfuit cum declamaret avunculus, Garsiam late tunc nominis sui fama, non modo urbem Romam, sed totam pene Italiam complevisse. Quòd verò nonnulli tria verba, *Zelum*, *Catholicon*, et *Substantiam*, tanquam nec propria nec usitata, velut a scena exibilant, et explodunt: Prima illa duo Græca sunt, nec propterea reprehendenda arbitror; nam Latini Græcis vocabulis uti plerumque consuevere, quibus maxime utebantur diserti et sapientes viri; altero videlicet cum exprimere vellent vim piæ cujusdam animi affectionis erga cultum et fidem religionis Christianæ, uti Garsias noster fecit, unde *Zelotypia*, quo etiam vocabulo ipse usus est Cicero: Altero cum unicam et veram in toto terrarum orbe religionem significarent: Tertium verò tametsi apud eumdem Ciceronem, et illius sæculi auctores minime reperiatur, est tamen a Plinio, et a

Fabio etiam in eo sensu usurpatum, quo Eborensis præsul illud usurpavit. Sed fac verbum ipsum *Substantiam*, vel negligenter, vel imperite, ut quidam volunt, fuisse positum; nonne in ipsa urbe Roma, ubi et nata et nata Latina eloquentia est, dissertissimi viri in hoc genere sæpius peccaverunt? Nam T. Pomponius Atticus Ciceronem, omnis eloquentiæ parentem, reprehendit, quod præpositionem *in* oppido adjunxit: Et Cicero ipsi Attico, cui ex eloquentia nomen fuit, per epistolam significat vehementer sibi displicere illud *inhibere*, quod Atticus probaverat; quoniam ex quarum nautarum significatione, deprehendit ipsum verbum totum esse nauticum, et vehementiorem motum remigationis, navem convertentis ad puppim significare. Atque in alia ad eundem epistola, seipsum incusat quòd *Piræea* non *Piræeum*, dixerit. Idem que totam hanc clausulam Antonii damnavit: *Nulla contumelia est, quam facit dignus*; tum *facere contumeliam*, tum nomen *dignus* illo sensu positum. Tironem quoque libertum suum reprehendit, quod dixerit: *valetudini fideliter inserviendo*; propterea quod adverbium illud *fideliter*, alienum locum occupaverat. Nonne ii homines Romani erant, et tamen in ejusdem sermonis usu, quem cum ipso nutricis lacte suxerant lapsi sunt? Quid ergo mirum futurum fuisset, hominis Lusitani in aliena lingua erratum? quam ea tempestate, et ea orbis terrarum parte didicerat, quibus ejusdem linguæ nitor (ut modo significavi) et incultus

et extinctus omnino esset? Verum hæc puerilia sunt, quoniam totum opus considerandum est, veluti si quis præclaram urbem, amœno quodam situ atque salubri positam, et loci natura satis munitam videat, tum muris etiam, et arce atque templis, theatris, thermis, arcubus, circis, obeliscis, pulchris atque magnificis et longis columnarum ordinibus distinctam, cæteraque ædificiorum descriptione, et aliorum id genus ornamentorum apparatu, præfulgentem conspiciat, et tantam pulcherrimæ urbis amplitudinem et majestatem vituperet, eò quòd in ea perpaucæ quædam privatæ domus sint, quæ præ humili et modica structura, aliarum speciem, et celsitudinem non exæquent, nonne is vel communi judicio carere censebitur? Ita profectò eveniet iis, qui propter duo verba, quæ ad aliorum elegantiam et venustatem non accedunt, eloquentiam præstantis cujusdam oratoris damnandam arbitrentur. Hæc iccirco visum fuit admonere, non propter illos qui judicare de præstantibus ingeniis aliquid valent, sed propter vituperatores quosdam, qui putant ingentem se laudem tunc consecutos fuisse, cum inter ineruditos de aliorum scriptis judicium faciunt, et velut censoria nota temere condemnant. Cæterum quòd operam dedimus, ut elucubratio amplissimi et doctissimi viri, non dilitesceret tandiù, et sub tuo nomine in lucem exiret, opinor et doctis et bonis omnibus gratum et operæ prætium fecisse. Vale. iiij. Kalend. Maii. M.D.LIII. Eboræ.

GARSIAS MENESIUS EBORENSIS PRÆSUL, quum Lusitaniæ regis inclyti legatus, et regiæ classis adversus Turcas Hydruntem in Apulia præsidio tenentes, præjectus ad Urbem accederet, in templo divi Pauli publice exceptus, apud Xistum iiij. Pont. Max. et apud sacrum Cardinalium senatum, hujuscemodi orationem habuit.

Si ita ab immortali Deo constitutum erat, P. Beatissime, ut ego, tametsi inter ejus ministros ascriptus, effugere tamen maiorum meorum fata, et peculiare quoddam, atque hæreditarium familiæ nostræ bellum, non potuerim : gaudeo mirum in modum me in id tempus, in eamque ætatem incidisse, in qua labores et pericula mea, Beatitudini tuæ, et huic Sanctæ Apostolicæ Sedi, alicui esse usui possint. Ita ut si aliâs maïorum obedientia, et patriæ ac parentum charitas, honesta et necessaria invito mihi arma induerit, nunc Beatitudinis tuæ jussus, et Christianæ fidei zelus, pientissima et voluntaria induat. Eòque alacrius clarissimo regi, et inclyto principi meo jubentibus, et sarcinam hujus expeditionis meis humeris imponentibus, operam et industriam meam detuli. Non profectò quòd aut valetudo tunc mea, aut substantia utraque exhausta Hispaniensi bello, animos mihi ad tantam rem capessendam, atque exsequendam facere potuerint. Sed quia obsequendi Beatitudini tuæ desiderium, et cupido exponendæ vitæ, pro salute et decore hujus Sanctæ

Sedis, plus apud me, ad subeundum hoc onus, quam difficultas aut necessitas ulla ad declinandum valuit. Et ut liquidiùs Beatitudo tua intelligat, non mentem modo meam, quam rebus deinceps non verbis contestari vellem, sed animum ipsum (quod majus est) regis illustrissimi et singulari virtute præditi, simul et fortissimi principis ejus nati, erga Christi Jesu sanctissimam fidem, erga hanc sedem, erga Beatitudinem tuam, repetam, quàm brevissime potero, rem omnem, quo gesta est ordine.

Narratio. Alphonsus igitur rex Lusitanorum, qui reliquos hujus ætatis principes (pace quod omnium dixerim) semper incredibili quodam ardore ampliandæ catholicæ fidei, et singulari erga immortalem Deum pietate, superavit, quum primum Rodum obsessam ab immanissimis barbaris audisset, quia causa communis universis regibus, et Rebuspublicis Christianis videbatur, illico volutare animo cæpit, quo pacto ipse, cum expedita classe, ferre opem obsessis posset. Nec eam rem secretam habuit, sed confestim accito principe filio dulcissimo, omnium consiliorum ejus, et periculorum socio, et jussis ad se venire ex fidelissimis proceribus, qui paucorum dierum itinere aberant, consilium capit, non utique si quod faceret ex usu foret, sed quo pacto ex ultimis orbis oris, rem tantam efficeret. Decernit itaque, facturum se omnino, si per conditionem temporum liceat, et dum hunc

ad Beatitudinem tuam nuntium, rem omnem exploratum in celeri lembo transmittit, ipse classem, commeatum, arma, et viros interim parat. Quod ita esse quanquam omnibus liqueat, nemo tamen est qui me norit melius, quia ut consilii illius particeps fueram, ita et ex præcipuis comitibus ac sociis tam longinquæ militiæ unus futurus eram, sed temporis et belli immutata species, consilium quoque regis pientissimi immutavit. Nam sub id tempus quo nuntius ipse Romam appulit, jam beluæ illæ immanes, soluta Rhodia obsidione, Hydruntem in Apulia expugnatum, præsidio tutebantur. Ad quem obsidendum, et recuperandum, quum Beatitudo tua animum, ut decuit, intendisset, per eundem illum nuntium, qui exploraturus Rhodiorum obsedionem huc venerat, et per literas hortatus regem ipsum es, ut in hujus belli auxilium, viginti naves (quas caravellas vulgus vocat) viris et armis extructas, huc ad te transmitteret. Quo nuntio accepto, quanquam pleræque ex maritimis Lusitaniæ urbibus, et Ulissipo in primis pestilentia laboraret, quò res difficilior erat, eò animo diligentiaque maiori, rex optimus classem instruxit, ut nihil factu, cogitatuve dignum, in ea comparanda prætermiserit. Accessit et industria eximii principis, et uterque non mercenariorum militum, sed virorum genere, educatione, et virtute insignium, classem ipsam refersit. Quorum egregia opera, et ipsi terra, marique plerunque sunt usi, et Beatitudinem

tuam, ubi opus fuerit, usuram spero. Habes igitur munus, Pater beatissime, quod petisti, si non magnitudine, saltem et delectu, et terrarum longinquitate, et regio animo pretiosum.

Propositio. Sed mihi multa volventi, et multa sæpius de communi totius Christianæ Reipublicæ statu cogitanti, et solicito, non ab re visum est, pauca in præsentia de Turcarum gravi et calamitoso bello dicere. Quod eò audacius disseram, quò paratior ad quodvis subeundum in eo periculum accedo. Nam frequenti usurpatum proverbio a maioribus nostris audivi, neminem de prælio cui non sit affuturus, sententiam dicere debere. Neque id injuria; qui enim secus faciat, eum, tanquam Phormionem de bello in otio disputantem, ab Annibale irrideri par est.

Confirmatio. Quod igitur ad bellum hoc attinet, scio plerosque ante me, hoc in loco optime, et composite casum Constantinopolitani imperii, totque et tâtorum non dicam oppidorum et urbium, sed regnorum et provintiarum excidium, et eversionem sæpius deplorasse, et ante omnium oculos diserte et liquide funestissimi hujus belli damna et opprobria Christianæ fidei posuisse. Prædicasse sacrosanctas Christi Jesu, divorumque omnium aras et augustissima templa, miserabili Christianorum nece polluta, et in vilissima jumentorum stabula redacta. Sanctissimos an-

tistites, et sacerdotes omni tormentorum genere, quæ excogitare crudelissimorum barbarorum furor potuit laceratos. Tot matres familias, tot viduas, tot virgines, insaciabili spurcissimorum hominum libidini prostitutas. Tot infantulos in complexu miserarum matrum sceleratissimis pugionibus transfixos. Omnia denique turpia, nefaria, horrenda, quæ meminisse animus teterrimarum belluarum potest, in dedecus Catholicæ fidei, in ignominiam Christiani nominis, in detrimentum sanctissimæ Dei veri Ecclesiæ, a tyranno superbissimo et immanissimo, et ab ejus militibus perpetrata : Omnia hæc tam abunde, et tam eloquenter, scio a plerisque deplorata, ut ego me hoc onere levatum arbitrer; simul et quia existimo eos, qui tam imminenti in fortunas, et in cervices suas periculo non movebantur, frustra commemoratione alienarum miseriarum excitari. Quinimo longe jam vereor, non multorum animos, recordatio tot tantarumque cladium, potius ab spe victoriæ avertat, quàm misericordia aut indignatio accendat. Ob eamque rem operæ esse pretium puto, potius recensere quonam modo feræ hæ immanes vinci, et ab hominum memoria deleri possint, quàm ea commemorare, quæ ipsæ, furore stimulante, tum socordia, et imbecillitate nostrorum ducum, tum inertia et desidia populorum, contra Christianam plebem gesserint. Quæ jam eò pervenisse video, ut fortissimi populi, exemplo vilissimarum gentium timore perculsi, absque ulla ra-

tione hæsitent, et paveant. Quasi Turcis in Thracia, in Achaia, in Peloponneso, in Epiro, in Illyrico, sua virtus, et non illorum paucitas et ignavia, victoriam dederit, aut aliud penitus inter utrosque, quam numerus interfuerit? Nam ornatus, arma, equi, jaculandi et equitandi genus, omnia utrisque paria fuere, et in pari imbecillitate, cui erat dubium quin multitudo superaret? In qua re argui magis illorum temporum Pontifices, Cæsares, regesque, et Respublicas Christianas licet, qui perituris non opitulati sunt, quàm illorum infermitatem accusari, qui numero impares, et parum inter se concordes, ab hoste uno magno et potenti subacti exterminatique fuere. Sed fuerit hoc fatale totius Græciæ excidium, et id æterna majestas occulto providentiæ suæ consilio, non sine mysterio magno permiserit, patiemur ne etiam has truculentas bestias in Romanum nomen, et in Italiam caput terrarum orbis transcendere? Quanquam ego, ita me Deus amet, non moleste fero eos in Apuliam pervenisse, quin potius nulla ratione maiorem de eorum eversione spem concipio, quàm quod eò vesaniæ pervenerint, ut Latino nomini manus inferre ausi sint. Nam sic Italica, et Christiana omnia simul arma moveri jure sperandum est, quum incendium tam periculosi belli, in foribus pene, atque in ipso vestibulo omnium jam versetur. Quibus notis, ut spero, facile erit videre Turcas Christianorum negligentia, ex paucis permultos, ex ignavis industrios,

ex socordibus fortes, superioribus temporibus factos esse. Dum illis nemo pene occurrit, qui aut robore, aut armorum usu, aut disciplina rei militaris valuerit. Et, si quis fuit, is ab aliis destitutus, ferre eorum multitudinem non potuit. Vereor tamen, nequis me putet Turcarum res elevando, hoc bellum minoris facere, quàm aut ipsum ex se sit, aut usus postulet. Non ita est, quin illud omnium, quæ unquam contra Christi Jesu fidem, contra Romanam Ecclesiam orta sunt, teterrimum, periculosissimum et calamitosissimum puto. Sed simul existimo ad conficiendum facillimum, modò Beatitudo tua cum præstantissimis qui adsunt antistitibus, et universo clero, animum ad illud continuè applicet, et omnes alias supervacaneas curas, præter hanc unam, abjiciat, uti in præsentia facit. Quod eò magis te, beatissime pater, anniti decet, quia dissimulandum non est, quod obscurari non potest, cunctis sane gentibus et nationibus, pro innata illis cum ordine nostro simultate, in animum inductum, et persuasum esse, omnes has calamitates Christiano populo, Sacerdotum inprimis errore contingere. In me ipsum sæpius id expertus loquor, facile suorum quique malefactorum culpam in nos transferunt, et leviorem esse putant, dum vitam mores que calumniantur nostros. Ob eamque rem impensius invigilandum est, ne populus, ullam in nobis calumniæ materiem superesse, præsentiscat. Si otio, si delitiis, si desidiæ locus unquam apud nos fuit, agendo, tempe-

rando, laborando in præsentia studeamus, uti orbis terrarum nostro exemplo permotus, nullum damnum, nullum discrimen, nullum periculum, in capessendo, et prosequendo hoc bello extimescat. Nihil enim efficatius operibus ipsis ad persuadendum est, et nihil quod æque genus humanum, ac virtus et religio moveat. Si igitur cupimus Imperatores, Reges, et Respublicas, in hac fidei causa thesauros suos elargiri, nos inprimis nostram, et Ecclesiæ substantiam erogemus : si eos insudare cupimus, nos inprimis insudemus : si pericula adire, et nos etiam vel juvando, vel hortando, vel consulendo periclitemur; et inter hæc omnia, divinarum rerum sanctissimæ ceremoniæ, et fidei cultus non tepescat. Quibus rebus facile erit principes et populos, non ad defensionem modo, sed ad propagationem Christianæ religionis permovere. Exemplo tibi Urbanus Secundus erit, qui quadringentis circiter ante annis, huic naviculæ præfuit, et Petri sedem, in qua tu non sine divino numine positus es, tenuit. Is enim concilio principum apud Clarummontem in Gallia habito, trecenta hominum millia, ad recuperandam Asiam, tandiu antea a veri Dei cultu ad Machometicam sectam traductam, et ab infidelibus occupatam, armavit. Et eò ventum est, ut post multas et maximas de Turcis ipsis, et de reliquis superstitiosis gentibus victorias, tot urbibus, tot regnis, tot provintiis, et tandem urbe Hierosolyma, morte et sepulchro redemptoris celeberrima, potiti sint. Non defuere

tunc proceres, duces, et omnifariam viri, qui fidei causam susciperent, qui pecuniam, qui exercitus, qui vitam ipsam Servatori nostro devoverent. Quum tamen neque potentiores tunc, neque meliores aut reges, aut principes, aut populi forent, neque minore suspicione et metu, regna atque imperia sua tutarentur, quippe quod nec discordia, nec bellum id temporis deerat, imò nec et plerisque, et Pontifici ipsi inprimis, multis patrimonium Petri occupantibus, abunde supererat. Omnia tamen vincit unius Pontificis industria et animus. Quòd si illa quieta regna et nationes, nullo lacessitas bello, movere tam facile ad arma capienda, pro dignitate et amplitudine fidei potuit; quid te facturum, Pater beatissime, speras, cùm tot habeas jam reges et populos, non bello tantum, sed damnis et ignominiis a Turcis provocatos? Quos haud difficiliter plerique alii, tum illorum, tum religionis gratia imitabuntur, si ad eos excitandos Beatitudo tua toto pectore et viribus, cum præstantissimis his patribus animum intenderit. Nam, ut omittam singularem eruditionem et sapientiam tuam, ut religionem et integritatem taceam, omnibus gentibus perspectissimam, quæ omnia cùm maxime ad permovendos Christianorum animos efficacia sint, tanta in te uno reperientur, quanta in reliquis nostrorum temporum Summis Pontificibus vix fuere, horum venerabilissimorum patrum virtus et gravitas, quorum alii splendore sanguinis, alii litteratura, alii sanctimo-

nia, omnes auctoritate, industria, et rerum usu plurimum apud principes et Respublicas pollent, magno adjumento huic rei erit. Quinimò videre jam videor, si hæc provintia, uti decet, a Beatitudine tua, et ab omni Ecclesiastico cœtu capiatur, principes ipsos certatim ad defensionem fidei, ad propugnationem almæ omnium parentis Ecclesiæ, se se ultro oblaturos, et in infinitum pene numerum militum nomen in Christi militiam daturum. Ad tantam verò rem, non litteris, non sigillis plumbeis opus est, quibus jam populorum aures occalluere, sed voce et conspectu tuo, Pater beatissime, et præsentia optimorum patrum, qui non provincias exhauriant, non legationes ut ditiores fiant exoptent; sed novo commento, novo consilio, novam et inusitatam rem aggrediantur : Cognoscat orbis periclitari fidem Christi Jesu, intelligat sponsam ejus dilectissimam in maximo esse discrimine. Videat vos nec auri, nec gemmarum, nec pretiosæ supellectilis avidos, sed omnibus his et vita ipsa, maioris fidem et Ecclesiam Dei facere. Quod si ita fiet, pro certo habeat Beatitudo tua, non modo Turcarum bellum levi momento repressum, sed exiguo quoque temporis intervallo, Græcum nomen et quidquid insularum in Ægeo mari est, a nostris recuperatum iri. Nam ut eos quorum maxime interest missos faciam, qui et multi et opulenti, et strenui sunt, his enim nullum beneficium majus hoc excogitari potest : Cæteros profectò re ipsa tam pia, tam sancta permo-

veri, dubium apud me non est; partim enim virtus ipsa, et amor Christianæ religionis accendet, partim verecundia obstricti, negare opem et auxilium nequaquam poterunt, ut reliquos taceam, quos tamen omnes virtute et religione pollere, et meminisse se Christi Jesu pretioso sanguine redemptos esse non ambigo: Alfonsum Lusitanorum regem, ac principem ejus natum, duo tibi contra ethnicos firmissima propugnacula offero, ita ad omnium infidelium bella paratos, ita in eis exercitos et expertos, ut inter Cbristianos omnes nemo jandiu repertus sit, qui eos non dico vincat, aut æquet, sed vix imitetur. Alii ab infidelibus lacessiti, dum se suaque tutantur, haberi tamen honesti et strenui volunt, plurimi ne ferre quidem barbarorum arma possunt. Hi verò longe ab omnium infidelium injuria positi et quieti, novum bellum, novum regnum, novos et inusitatos triumphos, de barbaris quotidie gerunt, nanciscuntur, exercent. Omitto brevitatis gratia commemorare, quæ eorum maiores contra Mauritanos gesserint, quo pacto eos tot jam annos Lusitaniæ totius possessioni hærentes, vi et virtute pepulerint. Quonammodo post recuperatum regnum in Africam trajecerint, et expugnata Septa, urbe omnium Africanarum clarissima et maxima, Gaditanum fretum occupaverint, non hæc dicam, quanquàm plena meritorum, plena gloriæ sint, quia progenitorum ornamenta, nec virtutem, nec honestatem, mea quidem sententia minoribus præbent, quinimo

sæpe etiam plerisque dedecori et ignominiæ fuere. Sed ad ea animus properat, quæ Alfonsus ipse rex clarissimus sua industria, sua manu gesserit. Primum Alcassar oppidum munitissimum, situm in medio freto, magna classe adortus, paucorum dierum oppugnatione cepit. Postea verò cum expedito equitatu iterum in Mauritaniam trajiciens, quanvis Tingi, urbem antiquissimam, et natura atque operibus munitissimam, quam ex insidiis tentaverat, capere nequiret, tamen excursiones plerasque in barbarorum agros longe lateque fecit, multosque mortales ferro igneque absumpsit, vastatisque agris, et populatis eorum finibus, in Lusitaniam est regressus. Tertiò verò in Africam, quadringentarum circiter navium, maxima et pulcherrima classe trajiciens, Arzilam urbem magnam et opulentam in ora Oceani Atlantici sitam, in coronam obsessam, tormentisque quassatam, vi cepit, comite et socio illustrissimo principe, qui inibi post tam claram victoriam, militaribus sacramentis a patre obstrictus, vir evasit animo et corpore invictus, prudentiaque insuper et rei militaris peritia, super ætatem superque humanam fidem insignis. Sed ea urbe expugnata, pavore perculsi Mauri, cum ferre obsidionem Tingitanam desperarent, relictis mœnibus sese cum Mauritaniæ regno (Algarbium accolæ vocant) eximio regi dediderunt. Non dicam in præsentia, quot et quam claras victorias de truculentis barbaris duces nostrorum exercituum, septuaginta pene continuis annis

consecuti sunt, quoties exigua manu maximos populos profligaverunt, quoties non Maurusiorum modò proceres, sed reges ipsos justa acie vicerint; non quòd hæc æterna memoria digna non sint, sed ne ipse per insolentiam videar familiam meam extollere velle. Nam primus omnium Comes Petrus mihi patermus avus Septam, Eduardus pater Alcassar, Henricus frater Arzilam cum imperio tenuit. Ex quibus avus post longum senium naturæ concessit, pater et frater uti Deo placitum est, post multas et claras de illis gentibus victorias, viriliter pro fide pugnando oppetiere. Quas tamen, ut dixi, commemorare in animo non est; malo enim tot et tanta Lusitaniæ merita silentio præterire, quàm, dum aliena repeto, modestiæ et pudoris oblivisci mei. Ad ipsum igitur clarissimum regem redeo, de quo quanvis multa et maxima dicantur, plura semper et maiora supererunt. Hic est ille Africæ domitor, qui si ablatis urbibus et oppidis in freto et in ipso mare Atlantico sitis, tam potentes illos Africæ reges non coercuisset, longe maior procul dubio clades, illinc a Mauris illata per Gaditanum fretum in Hispanias ingrueret, quàm a Turcis in Græcia per Bosphorum Thracium, atque Hellespontum Christianus populus passus est. Mauri enim, Numidæ, Getulique, et quid quid gentium intra Atlantem et oram nostri maris continetur, et numero plures sunt, et infestioribus, si dici potest, animis Christi fidem insectantur, et regem Granatæ, sui nominis

et Sectæ, in Bætica tam expertum bello, regnumque illius tam munitum natura ipsa, tot maritimis urbibus circumseptum habet, ut si liberum illis mare et apertum foret, ut antea Africæ portus, gravior haud dubie illa pestis nostris temporibus, quàm olim Hispaniæ fuerat, extitisset. Quare jure dici, beatissime Pater, potest, labore et sanguine regum Lusitaniæ Christi fidem inibi haberi et coli. Nunc igitur regem hunc, principem, hanc omnem familiam, quanque tam gravi hoc Africano bello continue implicitam, Beatitudo tua inter cæteros Christianos principes, ad hoc munus contra Turcas humani generis hostes capessendum, promptissimam paratissimamque semper habebit. Quis erit igitur tam mentis et animi expers, qui si hujuscemodi reges, principes, ac populos, conspirare adversus Turcarum magnum magis, quàm stabile imperium, videat, non speret illud haud magno temporis spatio, funditus everti posse?

Confutatio. Ego enim neminem esse puto tam perditum, tam sui oblitum, qui si rem geri suo ordine videat, tam justæ, tam necessariæ, tam religiosæ huic expeditioni desit : imo verò qui nunc in hac Hydruntis oppugnatione auxilia non præstant, eos si bellum hoc totum contra immanes barbaros terra marique geratur, et concipiatur Christianorum animis Turcarum imperii ultima eversio, inter præcipuos propugnatores futuros existimo. Et ita fiet, ut multo plures potentioresque reges

ac Respublicas, Beatitudo tua ad recuperandam Græciam armare possit, quàm nunc ad arcendum Apulia hostem habeat, dum ad expeditionem illam maior gloriæ et imperii cupiditas, animos omnium invitabit : ab hac verò invidia et simultas aliquorum mentes avertit. Quod verò ad vim belli attinet, timendum profectò non est, Christum Jesum athletis suis solitas vires negaturum, quinimo firmissime sperandum, pro fide sua pugnantes, felicioribus etiam auspiciis prosecuturum. Sed sit communis utrisque mars, et ea modò subeunda conditio, quam fortuna dederit, quid per Deum immortalem speras fore, Pater beatissime, cum levem et concursatorem hostem, media acie cataphractorum cohortes excipiant? Quid si enim ad robur Italicum agilis ad feriendum hostem Hispanus eques adjiciatur? qui disjectos persecutus barbaros, stragem in effusos edat, omnia pavore et cruore compleat? Quid si Britanni, Germani, Pannonii equites peditesque, loco pedem movere nescii, cum turba futilium sagittariorum concurrant? Quid tandem si Gallica tormenta muris admoveantur? Si aggeres, vineas, et cuniculos Gallica in obsessos sedulitas agat? Vis mari geratur res, quid putas negotii tot quadriremibus, tot rostratis navibus, cum lemborum, celocium, et exiguarum biremium multitudine fore? Vis fusas et disjectas, aut variis locis repertas persequi? hic tibi inprimis usus Lusitanarum navium erit; nec enim earum meminisse pigeat, cùm roboris plus multò Turcarum triremibus

habeant, et quovis vento agilitate et celeritate eas longissime anteveniant. Accedit ad hæc omnia, rei militaris incredibilis pene nostrorum peritia, et continuus bellorum usus, qua sola re sæpe exiguæ copiæ maximos exercitus fuderunt, et mediocriter fortes ferocissimas gentes exterminaverunt. Dies me deficiet, si commemorare voluero, quoties egregii imperatores, exigua manu, innumeram barbarorum multitudinem fugaverint, quoties parati et in ordines digesti exercitus, infinitos populos exiguo labore debellaverint. Hoc tantum dixisse sit satis, quod re ipsa, et usu militari compertum est, inconditam et levium armatorum turbam, qualis Turcarum maxima pars est, non solum multitudine firmiorem non esse, sed etiam numero ipso debiliorem, et fragiliorem fieri; dum primi vim hostium armatorum ferre nequeunt, et medii, atque postremi, non secùs a suis fugientibus, quàm ab hostibus ipsis tergo illorum instantibus, fundantur.

Conclusio. Quæ cum ita sint, Pater beatissime, noli præcor hanc tantam occasionem, tibi rei bene gerendæ in præsentia oblatam, prætermittere. Nam cum cætera omnia felicem hujus belli eventum portendant, tum mors ipsa crudelissimi tyranni, et filiorum discordia hoc tempore oblata, tanquam signum aliquod ad capienda arma cœlitùs nobis ab immortali Deo datum, existimari debet. Sequamur igitur optimum ducem Christum Je-

sum, qui sponsam suam unicam, tot jam annorum spatio, spurciciis vilissimorum carnificum fœdatam, in libertatem pristinam restituere, se velle ominatur : et qui ex omni clero eloquentia et auctoritate valuerint, ii ad commovendos principum, populorumque animos a Santitate tua mittantur. Qui religione et sanctimonia præstant, continuis sacrificiis et orationibus vacent. Qui thesauros et pretiosam supellectilem possident, liberaliter erogent. Qui usu rerum et bello experti fuerint, labori se se, et periculis objiciant. Et qui gladium ex doctrina Servatoris non habuerint, vendita illum tunica emant. Quæ si a nostri ordinis, et professionis hominibus, Cæsares, reges, et populi sedulò fieri et ex ordine viderint; jam non Hydruntem modò expugnatum, quod propediem futurum spero, sed Græciam totam recuperatum, et Asiam etiam ipsam, e manu truculentorum barbarorum brevi vendicatum iri, non dubito. Tu verò, Pater beatissime, si tua id cura et sapientia fiet, vosque præstantissimi patres, hujus quoque muneris participes, tantum nominis, tantum decoris, tantum gloriæ, et quandiu vixeritis, et vita hac functi consequemini : Ut pro corruptilibus æterni, pro mortuis vivi, et tandem, ut uno perstringam verbo, pro hominibus dii, meritò semper apud omnes gentes, et apud superos ipsos habeamini.

Habita hæc est Oratio pridie Kalend. Septembris, salutis anno M.CCCC.Lxxxj. Pontificatus verò Xisti iiij. anno Xj. et eodem Romæ impressa.

Laus Deo.

APPENDIX II.

MEMORIA,

OU

VISTA RAPIDA SOBRE O ESTADO das Sciencias, e das Bellas-Letras em Portugal durante a ultima metade do Seculo passado (o 18.º), escrita no idioma Francez pelo Abbade Correa da Serra, e impressa no Volume I. do Periodico publicado em Paris no anno de 1804, debaixo do titulo *Archivos Litterarios da Europa*, ou *Miscellanea de Litteratura, de Historia, e de Filosofia*, por uma Sociedade de Amigos das Boas Letras:

Vertida em Portuguez

Pelo Autor

Do Primeiro Ensaio sôbre Historia Litteraria de Portugal, &c. &c. &c.

MEMORIA.

Admirava-se d'Alembert de que em uma grande Capital, e no anno de 1750, se tivesse imprimido um Escripto com o seguinte titulo *Systema aristotelicum de formis substantialibus et accidentibus absolutis* (*a*) : Ah! monumentos mais vergonhosos ainda attestam a densidade das trevas, que envolviam o Reino de Portugal nessa mesma epocha.

Todavida esta Nação nem sempre tinha jazido em tão deploravel estado : No tempo do renascimento das Letras no Occidente, os Portuguezes haviam começado a trilhar com ardor, e com fructo a nova estrada, que se lhes franqueava; e durante a primeira metade do Seculo deximo-sexto elles tinham brilhado por seu saber, e gosto ao lado das Nações mais illustradas. Verdade é foi de curta duração este seu luzimento; pois o mesmo Seculo, que o vio nascer, o vio tambem acabar. As Letras forão arguidas em presença del-Rei D. João III. de culpadas na revolução religiosa, que agitava por esses tempos a Europa. Este Principe teve a desgraça de confiar-se em um partido hypocrita, o qual debaixo do pretexto de fazer ás novidades a opposição necessaria para conservação da tranquillidade e da bôa moral, e para sustentaculo

(*a*) Vid. Mélanges, §. IV. pag. 376.

da ordem publica, se apossou da educação dos Portuguezes : Nunca este partido errou na execução de seus planos; porque as suas acções eram como filhas de uma especie de instincto. Elle conduzio passo a passo este Povo para um estado de ignorancia, e de servidão, de que a Historia offerece poucos exemplos : Principes, e Vassallos, todos se lhe submettèram, e nem houve nunca autoridade alguma, que sem ser apoiada pelas armas chegasse a ser em um paiz tão absoluta, como ella foi em Portugal. O escritor, que quizesse dar exercicio á sua penna sobre esta parte notavel da Historia, não teria grande difficuldade em ajuntar materiaes para escrevel-a; por serem elles por desgraça sobejamente numerosos, posto que em geral pouco conhecidos áquem dos Pyreneos (*a*) : Este quadro, depois de concluido, seria para as outras Nações, o que são para os navegadores as Cartas, que apontam os baixos, e os rochedos submarinos; ainda as mais illustradas poderiam extrahir delle uteis lições.

Por mais de dois seculos durou um tal estado de aviltamento; El-Rei D. Jozé I. pai da actual Rainha, veio finalmente dissipar este nevoeiro malfazejo, e restituir aos Portuguezes as sciencias, e o bom gosto. Os catastrophes fisicos, e moraes, que affligiram o seu reinado, e illustráram o seu caracter, de-

(*a*) O Illustre Autor escrevia isto em França. (Nota do Trad.)

ram á sua marcha um passo algum tanto vagaroso, nunca porèm o suspendèram. No espaço de dez annos, a saber, desde 1760 até 1770, este Monarcha fez os maiores serviços ás Letras, e á educação : Por quanto, 1.º Ellè reformou as Escholas primarias, e tudo quanto diz relação á Litteratura Clássica : 2.º Fundou um Collegio (*a*) para educação da Nobreza, ordenado segundo os melhores principios, e do qual esta Monarchia tem já colhido fructos preciosos : 3.º Junto do palacio da sua residencia mandou plantar um magnifico Jardim Botanico, o primeiro que foi conhecido em Portugal; e neste mesmo logar deo principio a um Gabinete de Historia Natural, sciencia até esse tempo ignorada dos seus subditos : 4.º Estabeleceo uma Imprensa Regia, com uma fundição de caracteres, a qual libertou as Imprensas Portuguesas da necessidade de comprarem seus typos aos Inglezes; resultando d'aqui o começarem a sahir á luz edições dos antigos escritores Portuguezes, feitas com esmêro, e elegancia : 5.º Finalmente, por meio de um leve imposto sobre o vinho, agoa ardente, e licores espirituosos das Colonias, imposto denominado *Subsidio-Litterario*, habilitou-se para no Reino, e nas Colonias estabelecer escholas gratuitas, nas quaes se ensinasse a ler e escrever, assim como as Linguas Grega, e Latina, Rhetorica, e Philosophia : Estas escholas, mũi conve-

(*a*) Presentemente extincto. (Nota do Trad.)

nientemente distribuidas, eram regidas por mais de oitocentos Professores, acima de metade dos quaes, conforme a boa razão o pedia, eram empregados no ensino das Primeiras-Letras.

Estes dez annos, de que estamos falando, foram os da rotura entre Portugal e a Côrte de Roma: della se aproveitou elRei para promover a instrucção do seu pôvo sobre outro ramo não menos delicado, que importante: era extrema a submissão céga dos Portuguezes ás mais exageradas máximas transmontanas. Este Monarcha tão sabio quanto religioso, não quiz pôr em susto, e perturbação as consciencias dos seus subditos, como teriam pretendido os cabeças da seita filosofica (*a*); foi somente seu intento o esclarecel-os: Tratou de dar á Igreja de Portugal a fruição de todos os direitos rigorosamente orthodoxos, conservados á Igreja de França pela sciencia, e pelo valor do seu Clero, e conhecidos debaixo da denominação de *Liberdades Gallicanas*. Será talvez cousa difficil hoje em dia o formar justo e devido conceito dos obstaculos, que offerecia uma tal empreza, a qual atacava de frente prejuizos respeitados, e desde longo tempo inculcados aos Portuguezes como essenciaes ao Catholicismo. Foi preciso pôr o Clérо em acção, e dirigir-lhe os movimentos sem compromettimento do Governo: Elle encontrou na Congregação dos Padres do Oratorio um

(*a*) Seculo de Luiz XV., e outros.

homem talhado de proposito para dar este arriscado impulso, chamava-se Antonio Pereira de Figueiredo, theologo profundo, laborioso, tenaz, e ousado : começou este por presidir a umas Théses, que deram muito em que falar : escreveo depois Obras, que fôram lidas com avidez; e serviram-lhe de apoio, como alliados, e coôperadores todos os Regulares distinctos por sua instrucção, ou pelo desejo de figurar. O estudo das antiguidades ecclesiasticas, e do verdadeiro Direito Canonico, desconhecido até esse tempo entre os Portuguezes, passou a ser um estudo da moda; e ainda que no anno de 1770 o Governo fizesse a paz com Roma; ainda que esta Côrte empregasse todas as astucias, de que costuma servir-se em iguaes circunstancias, tornou-se impossivel o fazer voltar os Portuguezes á sua servidão antiga.

O poder dos Regulares tinha chegado nesta épocha ao seu maior auge : a sabedoria do Governo não os quiz de maneira alguma irritar, pelo contrario servio-se delles como de instrumentos da reforma. Reduziam-se os seus estudos á escória dos principios da Filosofia Peripatetica, e da Théologia Escholastica : ao estudo da Historia Ecclesiastica tinham substituido o das suas Legendas, e ao dos Santos Padres o dos Casuistas. Esta educação era a mais accommodada para formar fanaticos, e sycophantas; e tal foi sem duvida o fim, que se propozeram os seus maioraes, quando a estabelecèram. O Governo, sem empregar

acto algum ostensivo de autoridade, mas só pelos meios simplices da persuasão, da influencia individual, e da emulação, conduzio-os a que fizessem per si mesmos a reforma dos seus estudos. No anno de 1770 quasi não havia uma só Ordem Religiosa em Portugal, que não tivesse adoptado os novos estudos: algumas dellas tinham já dado provas dos seus progressos, e até chegado a mostrar aquelle zelo, que os novos convertidos em todo o genero de cousas costumam manifestar. A Collecção destes Planos de estudos, que o Governo foi mandando publicar pela imprensa, á proporção que hiam sendo adoptados por cada uma das Ordens, é um monumento grandemente honroso para este Reinado; e tem dado occasião a dizer-se em honra tambem dos Frades Portuguezes, que as chimeras que então foram espancadas das suas escholas, não tornáram nellas a apparecer.

Era um crime, de que a Inquisição tomava conhecimento neste paiz, o ler, ou guardar Livros prohibidos; e que livro havia que o não fosse! Que grande numero de reflexões não offerece um só volver d'olhos sobre os denominados *Indices expurgatorios!* A' impressão de livros novos oppunha os maiores obstaculos a necessidade de obtêr tres differentes licenças, precedidas de outras tantas differentes censuras, a saber a licença do Dezembargo do Paço, a do Ordinario, e a do Santo-Officio: as datas das licenças de Livros impressos em Lisboa deixam ver, que dois,

e tres annos algumas vezes erão volvidos, primeiro que os seus Autores alcançassem permissão para imprimir a mais pequena Obra. A introducção de Livros estrangeiros soffria ainda maiores obstaculos : logo que os livros chegavam a Portugal, lançava mão d'elles um Commissario do Santo-Officio; e os livros não eram entregues a seus dônos senão depois de haverem passado por um rigoroso exame. E' preciso confessar que todas estas precauções eram necessarias, para que se conservasse em Portugal intacta a influencia de certas pessoas. (*a*)

No anno de 1769 ElRei pôz um termo a todos estes abusos da autoridade, creando um Regio Tribunal de Censura, ao qual commetteo exclusivamente todos os poderes sobre a materia de Livros : eram mui sensatas as formalidades adoptadas por este Tribunal : d'elle eram membros natos um Inquisidor, e um Bispo, os outros eram ou Magistrados, ou Ecclesiasticos, todos nomeados pelo Rei; e um Prelado tão distincto por suas luzes, como pela humanidade do seu caracter, foi por muito tempo o Presidente deste Tribunal. (*b*) Os arbitrarios estorvos da tirannia, e do interesse desapparecêram, e foram substituidos por aquelle justo gráo de policia, que ne-

---

(*a*) Os Jesuitas e seus fautores. (Nota do Trad.)

(*b*) D. Fr. Manoel do Cenaculo Villas-Boas, primeiramente Bispo de Beja, e depois Arcebispo d'Evora. (Nota do Trad.)

nhum Estado pode desprezar impunemente.

Porêm todos os melhoramentos, de que acabâmos de falar, posto que já de si importantes, não eram ainda senão o prelúdio da grande operação, que pôz o remate aos beneficios deste Soberano pelo que respeita á instrucção publica. Um leitor Francez reputará talvez cousa mui extraordinaria o gráo de importancia, que aqui se attribue á regeneração da Universidade de Coimbra, a qual se effeituou no anno de 1772; porêm o nome *Universidade*, tão eclipsado em Paris nestes ultimos tempos pelo esplendor das Sociedades de sabios desta Capital, tem em Portugal valor muito differente: Esta Eschola de ensino publico das Sciencias é a unica da Monarchia: o Magistrado, o Advogado, o Bispo, o grande Dignatario da Igreja, o Medico precisam de haver nella recebido a sua educação; e uma cousa ha, que talvez fará sorrir a Nação militar por excellencia, a saber, que os Gráos em Mathematica conferidos por esta Universidade, servem, por Lei, de meios de promoção no exercito, e de preferencia entre camaradas.

Coimbra é uma cidade de Provincia, cuja população não excede a seis mil almas: mil jovens pouco mais ou menos, tanto do Reino, como das Colonias, ouvem ali as lições de uns cincoenta Professores, cujas funcções são suppridas por grande numero de Substitutos, e Oppositores. E' bem natural que nesta sociedade, bem como acontece nas guarnições

de Praças, se contráia um espirito de corporação : formam-se aqui os primeiros enlaces da mocidade, bem assim os seus primeiros principios; e juntamente com elles se recebem as primeiras ideas da profissão a que cada qual se dedica; e estes enlaces, estes principios, estas ideas tem grande influencia por todo o decurso da vida. Os Monarchas concedendo a esta Corporação o monopolio das recompensas litterarias, por elles amplamente liberalizadas, augmentáram ainda desse modo a sua influencia sobre a sorte da Nação : Ella, para assim dizer, está costumada a não reconhecer Sciencia em Portugal, senão aquella que dimana das escholas de Coimbra : Newton, ou Descartes, se fossem Portuguezes, e não pertencessem a esta Corporação, não gozariam de maior reputação litteraria neste paiz, do que em um Concilio da Igreja obteria um simples leigo, por mais profundo que fosse o seu saber Theologico.

Esta Eschola tão preponderante, e tão ricamente dotada, havia sido transferida de Lisboa para Coimbra por elRei D. João III. : para ella tinham sido chamados Sabios estrangeiros; mas os embaidôres, que se haviam astuciosamente apoderado da consciencia deste Principe, os fizeram despedir, como suspeitos : bem sabiam elles, que era este o ponto a que lhes convinha dirigir os grandes golpes para escravizar a Nação; e por desgraça tudo lhes succedeo á medida dos seus desejos. O logar, que devia ser o fóco das luzes, conver-

teo-se debaixo da sua influencia em origem de trevas. Eu poderia produzir aqui provas decisivas da minha asserção; mas prefiro deixal-as no esquecimento, e falar, quando fôr tempo, dos Sabios que habitam hoje em Coimbra, e que lavam com seu saber, e gosto, todas as manchas dos seus predecessores.

No anno de 1772 fôram mandadas fechar as aulas desta Universidade: e no anno seguinte o Marquêz de Pombal, digno Ministro d'elRei D. Jozé I., se passou a Coimbra, como Representante immediato do Rei, que para esse fim o revestio de um poder Supremo. Elle apparecêo com extraordinaria pompa, rodeado de cortejo militar, e de todo o esplendor do Thrôno: e o fim, a que tudo isto se encaminhava, era a fazer impressão nos sentidos do pôvo, dando-lhe assim a conhecer a grande importancia, que o Governo alligava á nova ordem de cousas. O Ministro declarou abolidos todos os antigos Estatutos desta Universidade, e supprimidas as suas aulas: deo-lhe depois Estatutos novos, creou novas Cadeiras, mettêo na posse d'ellas novos Professores, prescreveo o que se devia ensinar, e o methodo do seu ensino. Esta mudança de doutrina, e de homens foi completa. As Sciencias Fisicas, a Mathematicas occupáram então um logar distincto: Para as ensinar, tinham-se mandado vir com grandes despezas Sabios estrangeiros. Apparecêram subitamente levantados, como por encanto, um Observatorio-Astronomico, um Laboratorio-

Chimico, um Jardim-Botanico, um Museo de Historia-Natural, todos ricamente sortidos de instrumentos, e d'outros objectos, em uma Cidade, na qual alguns mezes antes eram ignoradas estas Sciencias, e desconhecidos os seus estabelecimentos. (*a*) A Theologia, o Direito, a Medicina, as Bellas-Letras forão igualmente estabelecidas debaixo de um plano verdadeiramente Europêo.

Por esta occasião o Rei augmentou muito as riquezas, a autoridade, e os privilegios da Universidade. Eu bem sei que, segundo as ideas hoje geralmente seguidas na Europa, deveria augmentar-se antes o numero, do que o poder de taes estabelecimentos; mas quem quer, que tiver conhecimento do Reino de Portugal, não poderá deixar de approvar o plano, que se adoptou: Esta grande influencia da unica Corporação, encarregada do ensino publico da Nação, é de incalculavel vantagem, todas as vezes que essa Corporação se acha alumiada com as luzes do bom saber: Em tal caso ella é o Genio tutelar do Paiz, e o unico que pode salval-o da barbária, que grande numero de vozes, e maior ainda de interesses se esforçam por chamar outra vez para ali. *Esto perpetua*, tal deve ser o modo

---

(*a*) Estes Estabelecimentos tem soffrido algumas alternativas, mas elles prospêram a despeito dos obstaculos de varias especies: *Monteiro da Rocha* no Observatorio, e *Brotero* no Jardim Botanico tem feito ver o que pode esperar-se de verdadeiros sabios, zelosos pelo progresso das suas Sciencias. (Nota do Autor.)

de sentir de todo o bom Portuguez para com a regenerada Universidade de Coimbra; e em logar de pretender diminuir a influencia, de que ella goza, deve antes desejar *que esta Corporação seja chamada a residir na Capital, onde as luzes dos seus Membros poderáõ a todos os instantes ser uteis ao Soberano, e aos seus Ministros, e em mais do que n'uma occasião concorrer para a salvação do Estado.*

Não era porém bastante o haver creado uma nova ordem de cousas, era precizo vigiar sobre ella, e fazel-a prosperar. Deste cuidado foi incumbido o Bispo de Zenopolis (*a*), creatura d'elRei, e do Ministro, que nelle conheciam sciencia, firmeza de caracter, e elevados sentimentos. O calor, com que os novos estudos foram cultivados, justificou a sua escolha; mas elles não podéram gozar do fructo de seus trabalhos. Este Monarcha, cuja memoria deve ser guardada com respeito por todo o bom Portuguez, findou a sua carreira no principio do anno de 1777; e o seu fiel, e digno Ministro foi mandado passar o resto de seus dias longe da Capital, exposto ás perseguições, e ás trapaças, de que elle fez pouco caso: o seu entendimento era dotado de tamanha penetração, que fôra um impossivel o não havêl-as previsto.

(*a*) D. Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho, Reitor da Universidade no tempo da Reforma, tinha sido por esse mesmo tempo nomeado Coadjutor e futuro Successor ao Bispado de Coimbra, com o Titulo de Bispo de Zenopolis. (Nota do Trad.)

Ninguem deveria com razão esperar um grande numero de autores da primeira ordem, ou de Obras originaes de um reinado qual aquelle, cuja historia litteraria deixâmos rapidamente esboçada : Administrações taes retêam, cultivam, semêam, mas são as gerações futuras as que vem a recolher os fructos. Sem embargo disto, já em Portugal se trabalha em mais de um genero de compozições; e algumas Obras tem apparecido, que merecem uma menção honrosa.

As Linguas antigas, e as Linguas extrangeiras fôram alli cultivadas com fervor : publicáram-se muitas Grammaticas, e Diccionarios, para ensinar aos Portuguezes o Grego, o Hebreo, o Francez, o Inglez, o Italiano, &c. : Entre o grande numero destas Obras merecem particular distincção o Diccionario Latino do Professor Fonseca (*a*), e o Diccionario Inglez de Vieira (*b*); fructos um e outro de profundos conhecimentos nestas duas Linguas.

Os Autores Portuguezes do Seculo XVI., aquelles particularmente, que escrevêram durante a curta prosperidade litteraria, de que esta Nação então gozou, tinham feito uso de uma Linguagem menos caracterizada por sua força, do que por suas graças : esta Linguagem havia degenerado, á similhança das

---

(*a*) Pedro José da Fonseca, Professor de Rhetorica em Lisboa.

(*b*) Antonio Vieira, Transtagano.

plantas que se marasmam por falta de luz. Os Litteratos Portuguezes do reinado, de que vamos falando, os fizeram resuscitar, e os estudáram. Estes livros pela maior parte tinham-se feito extremamente raros; os poucos, que appareciam, erão carissimos; e andava-se em cata das suas copias, como no tempo do renascimento das Letras se procuravam os manuscritos dos Classicos antigos. Novas edições destas Obras viram a luz publica, e a necessidade de as enriquecer com as noticias dos seus Autores, ou com annotações, produzio muitos pedaços curiosos ácerca da Historia Litteraria da Nação: offerecem disto um bello exemplo a Vida, e o Exame critico das Obras de *Pereira*, um dos mais estimados destes Autores, escritos pelo Professor *Fonseca*. (*a*)

A Poesia Portugueza, desde a infeliz invasão dos Castelhanos no tempo de Filippe II. tinha soffrido uma degeneração progressi-

---

(*a*) O Autor refere-se aqui provavelmente a um Escripto sobre a Vida e Obras do *Padre Antonio Pereira de Figueiredo*, sabio escriptor do Seculo passado, e não do Seculo XVI., como parece inculcar, o qual Escripto não sahio, como elle tambem diz, da penna do Professor *Fonseca*. — Por esta occasião advertiremos aos Leitores, que nem sempre a exacção historica, e talvêz critica, presidio á redacção da presente Memoria do alias benemerito Abbade Corrêa da Serra, o que não deve causar admiração a quem souber, que fôra por elle composta em grande parte de reminiscencias, muitas vezes pouco seguras, sobre tudo existindo elle havia muito tempo fora da Patria. (Nota do Trad.)

va; e os compatriotas de Camões, posto que o admirassem, pareciam haver perdido a faculdade de o imitarem: as agudezas, e o estilo empolado tinham posto em esquecimento a Natureza, e o verdadeiro Bello. Foi na epocha, de que falâmos, que a leitura dos Classicos antigos, e dos modelos Francezes, Inglezes, Italianos, veio purificar o gosto. Já nos fins deste Reinado a Poesia era cultivada com felicidade, e elegancia até por Senhoras da primeira qualidade, que nella se fizeram distinctas: porêm entre o grande numero de poetas estimaveis, cujas Composições se lêm com gosto, Garção (*a*) merece uma distincção particular: caracterizam a sua poesia a harmonia, e escolha das expressões sempre precisas, e apropriadas ao assumpto de que trata: Todavia elle não nos deixou Obra alguma de longa execução, pela qual podessemos formar conceito da capacidade do seu ingenho. Apparecêram igualmente ensaios sobre os generos Trágico, e Cómico, alguns dos quaes não carecem de bellezas individuaes, que dão a conhecer talento nos seus Autores; mas seria uma crueldade da minha parte o confrontalas muito de perto com as poesias Dramáticas de Racine, e de Moliére.

A Eloquencia no principio deste Reinado achava-se em um estado mais deploravel ainda, do que a Poesia: os equivocos, as agudezas, os mais miseraveis trocadilhos de pa-

(*a*) Pedro Antonio Correa Garção.

lavras eram frequentes vezes empregados até na Cadeira do Evangelho. No fim do Reinado já se escrevia em prosa com discernimento, e bom senso; nenhuma porêm destas Obras merece occupar um logar distincto no mui curto Summario, que vamos traçando.

Poucos fôram os Escritores, que manejáram a penna da Historia: Francisco Jozé Freire compôz a do famoso Infante D. Henrique, autor dos grandes descobrimentos maritimos.

Sobre as Sciencias Fisicas fôram poucas tambem as Obras originaes, que sahíram a publico: eu mencionarei apenas uma Collecção de plantas novas, a maior parte dellas do Brasil; e uma Memoria sobre a *Dracæna*, genero que nesse tempo era novo, feitas pelo Professor Vandelli (*a*).

O Doutor Sanches (*b*) publicou um excellente Tratado sobre a conservação da saude do povo; e o Doutor Sachetti Barboza (*c*) Observações de Medicina practica applicaveis ao paiz.

O gosto da pura Latinidade fez grandes progressos, como o deixa ver a *Vida de Gregorio VII.*, a *Historia do Terremoto de Lisboa*, e a *Statua vocalis*, ou collecção de inscripções sobre os acontecimentos deste Reinado, feita no gosto das inscripções mandadas

---

(*a*) Alexandre Antonio Vandelli.
(*b*) Antonio Nunes Ribeiro Sanches.
(*c*) João Mendes Sachetti Barboza.

gravar por Augusto sobre o monumento de Ancyra : Estas tres Obras são de Antonio Pereira de Figueiredo.

As disputas com a Côrte de Roma, e as altercações ácerca dos Jesuitas deram origem a grande numero de Obras, e algumas d'ellas muito estimaveis.

Fizeram-se muitas traducções das outras Linguas; porque havia muita precisão de pedir emprestado.

Em Jurisprudencia não appareceo Obra alguma notavel; porèm elRei pode ser considerado como um Autor muito insigne em materias de Legislação : o grande numero de suas sabias Leis, que fizeram mudar a face do paiz, forma uma Collecção de muito maior valor, do que os mais bellos Tratados, escritos pelos Jurisconsultos.

Isto não obstante ninguem se persuada de que fosse muito limitado o numero de livros impressos n'aquelle tempo em Portugal : O espaço, que se correo, foi immenso, e os Portuguezes quasi chegáram a nivelar-se com os Povos dos outros Paizes cultos; posto que publicassem poucas Obras destinadas a sahir dos limites do Reino : Trabalháram incessantemente á força de vélas, e de manobra para alcançar o combói, que haviam perdido de vista; e já não é pequena prova de velocidade, e de diligencia o terem podido alcancal-o.

O Reinado de D. Jozé I., tão favoravel ás Letras, e ás Sciencias, não tinha sido de

tamanha duração, que podesse aniquilar a facção protectora da ignorancia : ella confiou obter grandes vantagens com a subida ao Thrôno da Rainha actual; mas, consideradas bem as cousas, as suas esperanças ficáram mallogradas. Com quanto este partido se tenha coberto muitas vezes com a máscara da Religião, para atacar os estabelecimentos litterarios, ou para perseguir os homens de letras; estes ataques, e perseguições foram passageiros, e o mal foi mais de uma vez nobremente reparado; porque a Rainha D. Maria I.ª era por caracter affavel, e humana. Os grandes estabelecimentos de seu Pai fôram respeitados, e Ella mesma fundou outros de novo igualmente uteis.

O mais notavel destes estabelecimentos é a Academia Real das Sciencias : mas Portugal deve com particularidade a sua fundação ao zêlo, e ás luzes de D. João de Bragança, Duque de Lafões, Tio da Rainha. Este Senhor voltou para Portugal no anno de 1779, depois de vinte e dois annos de ausencia : Durante este longo intervallo de tempo tinha viajado por toda a Europa, sem exceptuar a Laponia, e a Turquia, tendo visitado igualmente o Egypto. Apenas chegou a Lisboa, cuidou logo em tomar conhecimento com as pessoas, que n'aquella Cidade mais se distinguiam por suas luzes, ás quaes propôz a formação de uma Sociedade permanente, que tivesse por fim o progresso das Sciencias, e o aperfeiçoamento do gosto em Portugal. Onze

mezes apenas se tinham volvido depois da sua tornada para a patria, quando esta Sociedade foi estabelecida, e os seus estatutos approvados pela Rainha, que a tomou debaixo da sua protecção : O mesmo Duque de Lafões foi declarado seu Presidente perpetuo.

Tres são as Classes, de que é composta esta Sociedade, das quaes uma occupa-se das Mathematicas puras, e mistas; outra das Sciencias Fisicas; e a terceira da Lingua, da Litteratura, e da Historia Portugueza. Cada uma das Classes é composta de oito Membros chamados *effectivos*, e de doze chamados *livres* : A faculdade de eleger, e de tomar resoluções, reside nos Membros effectivos : Um pequeno numero de Socios *honorarios*, e *estrangeiros*, com cem *correspondentes* completam a organização desta Sociedade, a qual se tratou de proporcionar antes aos meios do paiz, do que ás suas precisões.

No mez de Janeiro de 1780 reunio-se a Academia pela primeira vez nas Salas, que a Rainha lhe havia concedido em o Real Palacio das Necessidades. O primeiro volume das suas Memorias, que consta da escôlha das que foram lidas na Sociedade até ao anno de 1788, contêm pedaços que não desfeiariam as mais celebres Collecções academicas : Podem entre ellas ser citadas as Memorias d'Algebra de Monteiro da Rocha (*a*), de Stockler (*b*),

---

(*a*) José Monteiro da Rocha.
(*b*) Francisco de Borja Garção Stockler.

e de Maia (*a*); muitas observações astronomicas feitas por Villas-Boas (*b*), Ciera (*c*), Horta (*d*), Velho (*e*), Cerati (*f*), Barbosa (*g*) em Portugal, em Hespanha, e no Brasil: longas series de experiencias magnéticas, para as quaes o Professor Dalla-Bella (*h*) se servio de um bello iman, mandado de presente a El-Rei de Portugal D. João V. pelo Imperador da China (*i*): Os Academicos Loureiro (*k*), e Vandelli subministráram a este Volume Memorias sobre differentes objectos da Historia-Natural de Portugal, e da Asia; ácerca do Vulcão extincto da Serra d'Estrella, &c. &c.: O Professor Soares (*l*) observações de Hygrometria vegetal, o Academico Velho observações sobre os raios: Nelle bem assim se encontram observações meteorologicas, feitas com todo o cuidado por este mesmo Sabio em Portugal, e pelo Academico Horta no Brasil, as primeiras que se fizeram publicas nestes dous paizes: Em fim mui profundos exames sobre

---

(*a*) Manoel Joaquim Coelho Vasconcellos da Costa Maia.

(*b*) Custodio Gomes de Villas-Boas.

(*c*) Francisco Antonio Ciera.

(*d*) Bento Sanches d'Horta.

(*e*) D. Joaquim da Assumpção Velho.

(*f*) D. Jacinto Cerati.

(*g*) Francisco de Oliveira Barboza.

(*h*) João Antonio Dalla-Bella.

(*i*) Este iman sustenta um peso de 176 libras (cinco arrobas e meia).

(*k*) João de Loureiro.

(*l*) Antonio Soares Barboza.

os Poetas Bucolicos Portuguezes, e sobre o estado de Portugal antes de passar a ser Provincia Romana pelos Academicos Foyos (*a*), e Amaral (*b*).

Se D'Alembert tivesse podido ler este Volume, veria nelle que as *formas substanciaes*, e os *accidentes absolutos* haviam já desapparecido de Portugal; porêm D'Alembert não poude ser testemunha desta prova da conversão dos Portuguezes para as Sciencias: O que serve de remate á primeira Collecção de Memorias da Academia de Lisboa é o proprio Elogio deste grande Geometra, escrito com vehemencia pelo Academico Stockler; por ser elle o primeiro Socio estrangeiro, que esta Academia perdêo.

Neste mesmo espaço de tempo, decorrido desde o anno de 1780 até 1788, a Academia tinha mandado publicar Instrucções circunstanciadas (*c*) sobre o modo de preparar, e de transportar os productos naturaes: Esta Obra foi espalhada com profusão pelas Colonias; a fim de ensinar aos seus habitantes a conhecer, e a preparar aquellas de suas producções, que eram desejadas na Europa. A Academia mandou publicar igualmente dois excellentes Tra-

---

(*a*) Joaquim de Foyos.

(*b*) Antonio Caetano do Amaral.

(*c*) *Breves Instrucções aos Correspondentes da Academia, sobre as remessas dos productos naturaes, para formar um Museu Nacional*, folheto em 8.º: Eis o titulo deste opusculo nos Catalogos da Academia.

(Nota do Trad.)

tados, um sobre a Cultura das Oliveiras, outro sobre o modo de aperfeiçoar a manufactura do azeite, objectos da primeira importancia em Portugal : Estes dois Tratados originaes, fructo de muitas observações, e experiencias, merecem ser traduzidos para outras Linguas.

No anno de 1788 a Academia tomou a peito uma nova empreza : o tempo volvido depois da sua fundação tinha-lhe feito conhecer as forças, as propensões, e o gráo de actividade dos homens, que se applicavam aos differentes generos de estudo; e por isso que á força de tentativas havia chegado a certificar-se de quaes eram os meios mais adequados para despertar a emulação de cada um dos seus Membros, ella se aproveitou deste conhecimento para dilatar a esphera dos trabalhos em proporção dos meios, de que podia dispôr. A Litteratura, a Historia do paiz attrahiam as vistas, e occupavam os espiritos do maior numero de Litteratos : a Academia se servio de tão boas disposições, para fazer os maiores esforços sobre estes dois objectos.

Entre as Historias dos Povos Europeos, a dos Portuguezes é talvez uma das que se acham menos adiantadas; não por haver falta de escritos sobre este assumpto, mas porque todos elles são méros écos uns dos outros; e porque, particularmente no Seculo XVII. um certo espirito de bazofia parecia haver-se apoderado dos Historiadores de toda a Peninsula Hispanica. No XVI. Seculo os dois Italianos

Annio de Viterbo, e Inghirami tinham introduzido, alem desta, outra enfermidade historica, a qual consiste em inventar fabulas, em vez de verificar factos : ella infestou as Hespanhas, onde foram seus propagadores Higuera, Urrecta, &c. &c., e por elles se communicou aos Historiadores Portuguezes, alguns dos quaes tem requintado talvez sobre seus predecessores.

Todavia fazia-se preciso conhecer a Historia do Paiz; porque um tal conhecimento, apenas curioso para as outras Nações, é de absoluta necessidade para aquella, cujas leis, e usos só por elle podem ser explicados. Desde o anno de 1788 até o de 1795 a Academia de Lisboa mandou visitar os archivos das Cathedraes, dos Mosteiros, e das Camaras das Provincias pelos Academicos Ribeiro (*a*), Santo Agostinho França (*b*), e Padre Santa Roza (*c*), diplomaticos de reconhecida aptidão : foi immensa a collecção de selectos documentos por elles recolhidos. O Academico Salter (*d*) colligio com muito trabalho, e apuro tudo quanto dizia respeito ás antigas Côrtes : Outros Membros da Academia visitáram os archivos, e as bibliothecas de Lisboa : o Academico Gordo (*e*) foi enviado á Hespanha, para fazer outro tanto ás de Madrid. Estava-

(*a*) João Pedro Ribeiro.
(*b*) Fr. Joaquim de Santo Agostinho França Galvão.
(*c*) Fr. Joaquim de Santa Roza de Viterbo.
(*d*) João Antonio Salter de Mendoça.
(*e*) Joaquim Jozé Ferreira Gordo.

se preparando no anno de 1796 uma classificação destes immensos materiaes, a qual não tardando a sahir a lume havia de ser a fonte da verdadeira Historia de Portugal..... Ninguem me pergunte as razões, que fizeram mallograr esta empreza.

Mas se o Publico ficou privado desta grande collecção diplomatica, fructo de tantas viagens, esmêros, e laboriosas pesquizas, recebeo com tudo algumas pequenas amostras dos trabalhos ordenados pela Academia, e que já se achavam publicados na epocha de que estamos falando : Taes são os *Documentos Arabicos da Historia Portugueza*, *copiados dos Originaes da Torre do Tombo*, e impressos nas Linguas Arabia, e Portugueza pelo Padre Souza (*a*); e os *Vestigios da Lingua Arabica em Portugal* pelo mesmo Autor : as *Observações sobre as principaes causas da decadencia dos Portuguezes na Asia*, manuscrito do celebre Historiador Couto, o Portuguez mais instruido nos negocios d'aquelle paiz, no qual esteve empregado quasi toda sua vida, publicado pelo Academico Amaral : a *Vida* inedita *do Infante D. Duarte*, escrita pelo seu mestre Resende (*b*), e publicada pelo Secretario da Academia : em fim a *Collecção* em tres volumes in folio *das Chronicas*, *e Documentos ineditos dos quatro Reinados de D. João I.*, *D. Duarte*, *D. Afonso V.*, *e D.*

(*a*) Fr. João de Souza.
(*b*) L. André de Resende.

João II., publicada pelo mesmo Academico.

A Academia propunha-se tambem a publicar outras interessantes Memorias, que por occasião destas pesquizas haviam sido descobertas : E pelo que respeita áquellas Memorias, que o bom gosto desapprovava, mas que todavia continham importantes informações, tencionava a mesma Academia dar d'ellas uma noticia, tomando por modelo aquella, a que a Academia das Inscripções, e das Bellas-Letras de Paris deo principio, relativa aos manuscritos da Bibliotheca Nacional.

Mas de todas estas Obras, em que se estava trabalhando, e que se achavam promptas para verem a luz publica, nenhuma deve causar tanta pena, como a Collecção já principiada das Memorias sobre a Historia das Nações-Barbaras sujeitas ao dominio Portuguez ou suas visinhas. Ninguem ignora que o Brasil na sua immensa extensão encerra um grande numero de Povos selvagens : mas o que nem todos sabem, é que os Portuguezes são tambem, de todas as Nações Europeas, os que tem maior numero de possessões sobre as costas occidental, e oriental da Africa, e os que tem penetrado mais para o interior deste continente desconhecido : Na Asia conservam ainda mui bellos restos desse imperio exclusivo, que por espaço de seculo e meio exercêram sobre as suas costas. Que grande numero de Povos, dignos de serem conhecidos, e chegados a differentes gráos de civilisação, se não achavam comprehendidos neste vasto quadro,

e que por isso mesmo a Academia havia julgado digno objecto das suas averiguações! Ella tinha em todos os Governadores, Administradores, e Missionarios Portuguezes destes remotos paizes outros tantos collaboradores, mais ou menos zelosos, porèm capazes todos de dar uteis informações; porque ella lhes tinha subministrado uma longa serie de perguntas, que podiam servir-lhes de guia em suas averiguações. O primeiro volume desta importante Collecção achava-se já na imprensa no anno de 1795 : elle continha uma Memoria circunstanciada ácerca da Religião dos Povos da India, acompanhada de estampas, e escrita pelos Jesuitas de Gôa para uso dos que se destinavam á conversão d'aquelles Povos, a qual fôra enviada á Academia pelo Coronel Menezes, seu Correspondente em Gôa : Este Escrito tão curioso devia ser acompanhado de uma Obra em Latim sobre a Historia da Cochinchina, composta por um missionario Jesuita, que havia morado por longo tempo no paiz : e de outra Memoria sôbre uma Nação selvagem, e guerreira, confinante do Brasil, e dos Guaranîs. Uma Collecção destas bem ordenada de que grande interesse não teria sido para os Sabios da Europa!

Ao passo que a Academia cuidava em lavrar ao longe estas novas minas, fazia uso ao mesmo tempo de uma sam critica para desbastar os materiaes de genero differente, que tinha entre mãos, e trabalhava em os ajuntar debaixo de interessantes pontos de vista : seis

volumes em quarto de Memorias sobre a Historia, Lingua, e Poesia Portugueza, publicados no curto espaço de oito annos, podem dar idea da actividade, e das luzes desta Classe da Academia de Lisboa. Os estreitos limites do meu rapido exame não me permittem o entrar em uma exposição miûda destes trabalhos; ha todavia entre elles um ramo, que me não é licito passar em silencio: é o da Jurisprudencia Nacional.

Havia dous seculos que os Portuguezes viviam sujeitos a um Código compilado por ordem do usurpador Filippe II., Código que a Casa de Bragança, quando tornou a subir ao Throno de seus antepassados, tinha sanccionado, com o fim de evitar os abalos, que a nullidade do Titulo do Legislador haveria occasionado, a não ser esta medida dictada pela prudencia. Filippe II. teve sem duvida em vista os seus proprios interesses, quando mudou, ou desfigurou as Leis de um Código mais antigo, cujo Titulo, e divisões elle conservou cuidadosamente.

Nos tempos de trévas, que se seguiram, os Portuguezes esqueceram-se de que tinham sido governados por outras Leis; e em vez de irem buscar-lhes a origem, uma nuvem de fabulas as rodeou, e a sua interpretação foi tal, qual a que se devia esperar do espirito do tempo. Figuremo-nos o estado do Direito Romano nas mãos dos discipulos de Baldo, de Bártholo, e de Accursio, e formaremos uma idéa exacta da Jurisprudencia Portugueza até ao

meado do Seculo XVIII., e ainda alguns tempos depois. A Academia de Lisboa dêo uma grande attenção a objecto de tamanha importancia. Por sua ordem fôram publicadas quatro Obras interessantes sobre este assumpto, compostas por tres de seus Membros : o Academico Mello (*a*) é o Autor da *Historia do Dircito Portuguez*, e das *Instituições* deste mesmo Direito, primeiras que apparecêrão em Portugal : a Exposição das *Fontes proximas do Código Filippino* é Obra do Academico Gordo : e a *Synopsis Chronologica de Subsidios ainda os mais raros, para a Historia, e Estudo critico da Legislação Portugueza* em dous volumes de quarto é composição do Academico Figueiredo (*b*) : Um grande numero de Memorias, que aclaram differentes pontos do Direito Portuguez, acham-se comprehendidas na Collecção, de que acabâmos de falar. O Principal Castro, (*c*) nome charo ás Letras, e á Virtude, que era a esse tempo Reitor da Universidade de Coimbra, fez publicar no anno de 1793, o Código das Leis de D. Affonso V., composto havia tres seculos e meio : ha quarenta annos a esta parte era até ignorada a existencia desta Collecção juridica, a mais antiga que teve o Reino de Portugal : o seu texto foi extrahido das fontes mais authenticas, taes como a Torre do Tom-

---

(*a*) Pascoal Jozé de Mello Freire dos Reys.
(*b*) Jozé Anastasio de Figueiredo.
(*c*) D. Francisco Rafael de Castro.

bo, e os archivos de algumas Cidades, e Conventos. Esta Obra, impressa com os maiores desvelos debaixo das vistas dos Sabios de Coimbra, acabou de pôr os Portuguezes em estado de examinarem o espirito das suas Leis nas unicas Fontes, donde ellas podem dimanar, a saber, nas idèas, e nos costumes dos tempos, em que foram publicadas.

Eis o que a Academia fez a bem da Historia. O que ella teve tambem a coragem de intentar, e o que em parte executou a bem da perfeição da Lingua, não deixa de patentear menos o seu fervor : Não existia a esse tempo mais do que um unico Diccionario Classico da Lingua Portugueza, composto no principio do Seculo passado por um Theatino Francez residente em Lisboa : Este Religioso, chamado D. Rafael Bluteau, tinha adquirido um conhecimento da Lingua Portugueza extremamente pasmoso em um estrangeiro, e talvez superior ao que tinham então os nacionaes, havidos por sabios : Mas se é cousa muito honrosa para um estrangeiro o ter composto esta Obra, muito mais vergonhoso teria sido para os Portuguezes dos nossos dias o contentarem-se com ella; tanto este Diccionario pécca contra o bom gosto, e tão defeituosa é a sua execução! Uma Commissão Academica, ajudada de Collaboradores por ella escolhidos, e presidida pelo infatigavel Professor Fonseca, empregou tamanho zelo, e actividade na formação de um novo Diccionario, digno de figurar com honra apar das outras

Nações illustradas, que o primeiro volume in folio foi apresentado ao publico no anno de 1793 : Nelle se descobrem a cada pagina provas da actividade, da paciencia, e do bom gosto dos seus Autores. Bem longe de se limitarem á significação geral de cada uma das palavras, elles se applicáram a verificar as modificações ainda as mais fugitivas, dadas pelos Escritores a esta significação primitiva, ou seja na disposição das frases, ou seja na associação de uma palavra principal com outras palavras : os Criticos mais escrupulosos não tem podido queixar-se senão da superabundancia dos exemplos; porêm este defeito, se é que o é, abóna um Diccionario de isento de todos os mais defeitos.

As Memorias contidas nos seis Volumes, que tenho citado, dão bem a conhecer que um dos objectos, a que a Academia tambem se propunha, era examinar a fundo os caracteres, as bellezas, e os defeitos da Lingua Portugueza : eu remetto para aquellas Memorias os curiosos destas materias ; e apenas farei ainda menção aqui de outras duas Obras, que devem occupar um logar distincto na Litteratura d'aquelle paiz.

Quando se andava em busca dos monumentos historicos, entre os Manuscritos do Convento da Graça foi encontrado o autógrapho das Poesias de Andrade Caminha (*a*): este Poeta, contemporaneo de Camões, havia

(*a*) Pedro d'Andrade Caminha.

sempre gozado de grande reputação, posto que o Publico não conhecesse senão alguns pequenos fragmentos das suas Obras, e a muitos respeitos esta reputação era por elle bem merecida. A Academia se apressou a enriquecer a Litteratura nacional com a publicação destas Poesias, cujo gosto era castigado, e a linguagem mui pura.

Porêm o maior de todos os esforços, que tem sido feitos nesta épocha para se entrar a fundo no conhecimento da Lingua, foi a Obra do Academico Ribeiro dos Santos (*a*): Esta Historia philosophica da Lingua Portugueza analizava por meio de documentos historicos cada um dos materiaes, que haviam entrado na sua composição, e as circunstancias que tinham influido sobre a sua forma actual: Os Romanos, os Povos do Norte, os A'rabes tinham successivamente modificado a Lingua por elles encontrada no paiz; e esta Lingua era na sua origem Céltica: o Academico Ribeiro dá a cada um o que lhe pertence, e faz profundas observações sôbre os resultados desta Composição, quero dizer, sôbre a Lingua actual, a qual não é um dialecto da Castelhana, como muitos Autores extrangeiros tem pretendido; pois que as mais antigas Poesias Hespanholas, por exemplo as de *Macias*, anteriores á Monarchia Portugueza, foram escritas em Portuguez. Este Sabio, nascido para brilhar sobre um theatro mais am-

(*a*) Antonio Ribeiro dos Santos.

plo, é de todos os homens o menos accelerado em fazer publicos os seus trabalhos: elle communicou á Academia todas as particularidades da Obra, de que estamos falando, mas não a tinha publicado até o anno de 1795, nem ainda até hoje tem sahido á luz.

As outras Classes desta Academia não permanecêram em ocio: uma prova do que digo é o segundo volume das Memorias Scientificas, que já se imprimio, e as mais Obras por ella publicadas (*a*); estas Classes porêm fizeram ainda mais do que isto, dando nova actividade aos estudos, que eram da sua jurisdicção, e dependencia. A Classe das Mathematicas tomou para si a tarefa de aperfeiçoar a Navegação: e a das Sciencias-Fisicas influio sobre os progressos da Agricultura, e da Medicina nacional, assim como da Statistica.

Quando El-Rei D. Jozé I. subio ao Throno, a sciencia da Navegação achava-se reduzida em Portugal a um simples empyrismo: os compatriotas de Gama, e de Magalhães limitavam-se á navegação costeira, ás viagens então periodicas de Portugal para as Colonias, e destas para Portugal; e nessas longas viagens uma practica cega constituia toda a scien-

---

(*a*) Taes são a *Flora Cochinchinensis* do Academico Loureiro, tão justamente estimada de todos os Botanicos; o trabalho do Academico Vandelli sobre o *Veridarium de Gaysley*; a *analise das aguas mineraes das Caldas por* Guilherme Withering, Socio estrangeiro, que se achava a esse tempo em Lisboa.

cia dos pilotos : El-Rei D. Jozé I. tinha-se occupado do restabelecimento da Marinha militar, attrahindo ao seu serviço mareantes estrangeiros; porêm a Marinha mercante havia permanecido no mesmo estado de aviltamento : foi só no anno de 1779, e já no governo da Rainha actual, que se fundou uma eschola para os homens do mar, na qual seis Professores ensinam as Sciencias necessarias para a Navegação a todos os que a ella se dedicam, e nenhuma pessoa pode ser admittida para piloto, ou capitão, sem haver passado por exames de grande rigor : receou-se porêm que estes maritimos, uma vez approvados, desprezassem o aperfeiçoar-se na sua Arte, ou fosse por falta de emulação, ou já por não terem conhecimento dos continuos progressos de uma Arte tão necessaria para todas as Nações, cujas riquezas lhes vem principalmente das Colonias : Por isso a Academia se encarregou de compôr Ephemerides nauticas, calculadas para o Meridiano de Lisboa, nas quaes se fôram todos os annos inserindo os methodos novos, tendentes ao aperfeiçoamento da Arte : Estabelecêram-se dous premios annuaes para os pilotos, que apresentassem os dous melhores diarios, nos quaes tivessem feito uso dos calculos, e methodos, que nas Ephemerides se lhes ensinavam. Tem havido sempre grande numero de concurrentes a estes premios; os progressos dos pilotos tem sido palpaveis; e todos os annos as Ephemerides tem tido grande extracção : Os seus redactores

foram os Academicos Villas-Boas, Stockler, e Dantas (*a*).

Não havia ainda em Portugal uma Sociedade, cujo objecto unico fôsse a Medicina: a Academia, que contava entre o numero de seus Membros muitos Medicos distinctos, julgou a proposito alentar as observações médicas, que tivessem mais particular applicação ao paiz; pois é evidente que o clima, a diéta, e os habitos dos Povos devem produzir modificações nas enfermidades, e no methodo do seu tratamento: Ella propôz todos os annos um premio de Medicina nacional; e fez publicar as Obras compostas pelos seus Membros sôbre a educação fisica mais conveniente aos meninos Portuguezes, e sobre o racionavel uso das agoas mineraes, que eram talvez applicadas mui indiscretamente: os Academicos Franco (*b*), e Almeida (*c*) tratáram em concurrencia o primeiro destes dous assumptos; e o Academico Tavares (*d*), primeiro Medico da Real Camara, escreveo sobre o segundo.

A Agricultura, bem como as outras Artes, havia sido resuscitada pelos desvelos d'el-Rei D. Jozé I.: E' fóra de duvida que ella tinha feito progressos; mas pode dizer-se, que se a cultura era maior, nem por isso estava melhorada: as Leis favoraveis, que tinham

---

(*a*) Jozé Maria Dantas Pereira.
(*b*) Francisco de Mello Franco.
(*c*) Francisco Jozé de Almeida.
(*d*) Francisco Tavares.

feito rotear muitos terrenos, não podiam corrigir as velhas practicas, nem ensinar methodos novos : Na Sociedade, de que estamos falando, havia luzes, e patriotismo bastantes para se occuparem deste importante objecto; assim como havia conhecimento dos recursos do paiz, que se achavam inteiramente desprezados. Estabeleceram-se premios annuaes de Agricultura theorica, e practica; propozeram-se outros para a Statistica das Comarcas do Reino, e das Colonias : No espaço de oito annos a Academia publicou quatro volumes em quarto de Memorias Economicas para o adiantamento da Agricultura, das Artes, e da Industria em Portugal, e nos seus Dominios do ultra-mar : A obra porêm mais notavel neste genero, que sahio desta Sociedade, é o *Ensaio Economico sobre o Commercio de Portugal, e das suas Colonias* pelo Academico Azeredo (*a*), Bispo de Pernambuco, Socio livre da Academia : este Prelado, que tinha sido inquisidor, antes de ser Bispo, trata no seu Escrito esta materia com um conhecimento de causa, e com uma profundidade tal, que fará espanto a quemquer que reflectir sobre o estado do seu Autor, e sobre a natureza das occupações, de que devia ter sido antecedentemente encarregado.

Ao passo que a Academia se mostrava util pelos seus trabalhos, a Universidade de Coimbra adquiria novos direitos á estima publica

(*a*) D. Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho.

por seu honrado apego ás instituições, e aos principios d'elRei D. Jozé I. Não dissimularei, que por espaço de bastantes annos estas instituições, e estes principios se viram em perigo de ser destruidos, ou pelo menos de ser paralizados : cabalas surdas, intrigas frequentes trabalháram por deteriorar a instrucção publica, e por solapar a ordem estabelecida para a fazer prosperar : Estas intrigas foram algumas vezes apoiadas pelo Poder seduzido, porêm as mais das vezes o foram pela influencia corrompida. Para Portugal foi uma felicidade singular o ter nesta épocha a Instrucção nacional á sua frente dous Prelados consecutivos, dotados de um amor ás Letras, e de uma coragem superior aos perigos; e é grande honra para o Clero Portuguez o havel-os produzido, e para mim summamente gostoso o dar a estes dous Prelados á face da Europa os louvores, que elles mui justamente merecem, e que me não são dictados nem pelo interesse, nem pela intimidade. Estes defensores das Sciencias, cuja memoria não deve acabar, são D. Francisco Rafael de Castro, Principal da Igreja Patriarchal de Lisboa; e D. Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho, primeiramente Bispo Titular de Zenopolis, e actualmente Bispo de Coimbra, aquelle mesmo a quem elRei D. Jozé I. havia confiado o cuidado desta Universidade na epocha da sua regeneração. O primeiro, dotado de uma animosa tenacidade, bem longe de ceder á borrasca, fez antes florecer as Sciencias, e até

chegou a obter do Soberano, que a mocidade Ecclesiastica fosse obrigada a estudar um Curso regular de Mathematica, de Fisica, e de Historia-Natural, e a fazer exames destas Sciencias, antes de ser admittida á recepção dos Gráos nos outros Cursos analogos ao seu estado : (*a*) por tal meio preparou elle dias brilhantes ao Clero Portuguez, e grande somma de repouso ás gerações futuras. O segundo, em vez de deixar abrir a mais pequena brécha no methodo novo de instrucção publica, para o estabelecimento da qual havia tão vigilantemente concorrido, pelo contrario pedio, e alcançou do Soberano novos Estatutos, superiores aos d'elRei D. Jozé I. : por elles novas Cadeiras foram estabelecidas, especialmente para a Agricultura, para a Hydraulica, para a Mineralogia, para a Astronomia practica : quatro logares de Astronomos observadores foram creados para o Observatorio de Coimbra, não se poupando cousa alguma para o fazer chegar ao maior auge de perfeição. Estas providencias, e outras muitas, que os estreitos limites de um Summario não permittem particularizar, estabelecêram por um modo fixo a sortè de Portugal, relativamente ás Sciencias, no Seculo ha pouco começado.

A Marinha militar, bem como o Exercito, não tinham tido nunca escholas regulares em Portugal; este defeito porêm foi reparado

---

(*a*) Esta sábia providencia durou desgraçadamente mui poucos annos. (Nota do Trad.)

no Reinado actual : No anno de 1782 a Rainha fundou uma eschola para os Aspirantes da Marinha, na qual lhes são ensinadas as Mathematicas puras, a Astronomia, o Desenho, a Architectura naval, &c. : No anno de 1798 o Principe Regente lhe accrescentou um Observatorio regular, debaixo da inspecção de um Vice-Almirante, no qual um Astronomo, e quatro Ajudantes fazem observações, e ensinam aos Alumnos a practica desta Sciencia : No anno de 1790 foi estabelecida uma eschola de Fortificação, e de Sciencias militares para o Exercito, cujos felizes effeitos começam já a experimentar-se : No anno de 1798 o Principe Regente creou uma Sociedade Geographica, Maritima, e Militar, composta de Officiaes de Marinha, e de Ingenharia, dos Geometras, e Astronomos mais conhecidos do Reino : ella é presidida successivamente pelos differentes Ministros d'Estado, e tem por objecto conhecer militarmente a Geographia do paiz, e nauticamente as Costas de Portugal, e das suas colonias : está encarregada igualmente dos projectos de canaes para a irrigação do paiz, e para a sua navegação interna. Posto que esta Sociedade tenha sido assidua nos seus trabalhos, não é de esperar que d'ella sáia a publico grande numero de Escritos; por quanto a maior parte dos objectos da sua competencia devem por sua mesma natureza ficar guardados nas Secretarias do Ministerio (*a*).

(*a*) Esta Sociedade acabou poucos annos depois da

Talvéz se admire, quem me ouvir dizer que no Brasil não ha minas; todavia é isto uma verdade de facto : A prodigiosa quantidade de ouro, subministrada até agora por este ultimo paiz, tem sido toda extrahida por meio de lavagens nos álveos abandonados pelos rios, e regatos; e os vieiros deste metal acham-se ainda intactos. A Rainha mandou no anno de 1790 á Allemanha, ao Norte, á Inglaterra, e á França tres jovens Naturalistas de grandes esperanças, para se instruirem nos conhecimentos relativos ás minas : todos elles se tem feito distinctos, e os nomes de Camara (*a*), d'Andrada (*b*), de Fragozo (*c*) não são desconhecidos aos Mineralogistas : na sua volta para Portugal introduziram nelle esta Sciencia, alli anteriormente desconhecida.

A' vista deste curto esboço da Historia Litteraria de Portugal, fica sendo manifesto que as Sciencias exactas, e as averiguações historicas são, entre todos os ramos do Saber humano, as que mais tem florecido em Portugal nestes ultimos tempos. A Poesia, e a Eloquencia permanecêram no mesmo estado, em que elRei D. Jozé I. as tinha deixado, livres, é verdade, do máo gosto dos tempos anteriores, mas sem se haverem illustrado por algum es-

---

sua instituição. Acha-se hoje instaurada com a denominação de *Associação Maritima e Colonial.*

(Nota do Trad.)

(*a*) Manoel Ferreira da Camara.

(*b*) Jozé Bonifacio d'Andrada e Silva.

(*c*) Joaquim Pedro Fragozo de Siqueira.

forço superior de ingenho : Com tudo esta epocha produzio alguns Escritores estimaveis, e Composições poeticas, que se lêm com gosto; e até houve quem se propozesse a naturalizar em Portugal as bellezas estrangeiras : o *Poema dos Jardins* de Mr. Delille foi elegantemente passado para versos Portuguezes por Bocage (*a*), um dos melhores Poetas de Lisboa; assim como o *Jardim Botanico* de Darwin o foi tambem por Nolasco (*b*).

A exacção historica exige que eu divida em duas partes as acções deste Reinado : a Rainha, cuja beneficencia, e doçura de caracter fez por longo tempo a ventura dos Portuguezes, ha doze annos a esta parte apenas sobrevive a si mesma. Durante esse periodo o Principe Regente, seu filho, tem governado esta Monarchia no meio de circunstancias por extremo melindrosas : A despeito da guerra, e das borrascas politicas, com que a bocêta de Pândora, aberta sobre a Europa, ameaçava a propria existencia de grande numero de Potencias, elle manifestou sempre um desejo constante de favorecer a instrucção do seu Pôvo, chegando ao ponto de honrar com a sua presença as Sociedades litterarias : Todavia eu me absterei de traçar uma linha divisoria entre o que elle tem obrado, e o que havia já sido feito pela Rainha. Se as poucas palavras, que acabo de escrever, podessem

---

(*a*) Manoel Maria de Barboza du Bocage.
(*b*) Vicente Pedro Nolasco.

algum dia chegar diante dos seus olhos, sem duvida elle se offenderia da mais pequena differença, que eu fizesse entre a sua Pessoa, e a de sua Mãi : Formado para aspirar a muitos generos de gloria, este Principe tem sabido mostrar, que nenhuma o tocava de mais perto, como a que lhe resulta de um respeito, e amor filial illimitados : é por isso que elle deixará nas paginas da Historia um exemplo tocante desta virtude tão rara junto dos Thronos; posto que ella seja o primeiro de todos os deveres na ordem da Natureza, assim como é o primeiro dos preceitos da Religião.

F I M.

INDICE.

Pag.

PREFAÇÃO 3

PERIODO I. *A começar desde os primeiros vestigios de Litteratura na Lusitania até a invasão dos Godos nas Hespanhas pelos principios do Seculo V. da E. C.* 17

PERIODO II. *Desde os principios do Seculo V. da E. C. até o anno 714, ou desde a invasão dos Godos até á dos Sarracenos na Hespanha* 30

PERIODO III. *Desde o anno 714 até o de 1139, ou desde a invasão dos Arabes na Hespanha, até á gloriosa fundação da Monarchia Portugueza* 35

PERIODO IV. *Desde o anno de 1139, até o de 1290, ou desde a gloriosa Acclamação d'Ourique, até á fundação da Universidade Portugueza* 40

PERIODO V. *Desde o anno de 1290 até o de 1495, ou desde a fundação da Universidade Portugueza até o começo do Reinado do Senhor D. Manoel* . . . 48

PERIODO VI. *Desde o anno de 1495, até o de 1580, ou desde o começo do Reinado do Senhor D. Manoel, até o principio da usurpação Castelhana* 73

PERIODO VII. *Desde o anno de 1580, até o de 1720, ou desde a intrusão do go-*

verno Hespanhol, até á fundação da Academia Real de Historia Portugueza . 125
PERIODO VIII. *Desde o anno de 1720 até o presente, ou desde a fundação da Academia Real de Historia Portugueza até os nossos dias* 173
ADVERTENCIA 264
NÓTAS 265
APPENDIX I. 373
APPENDIX II. 401

ERRATAS.

Pag.	*Linh.*	*Erratas.*	
39	19	Ortaga	
67	33	edição . .	
84	18	confirm	conforme
88	30	Ecclesié	Ecclesie
90	6	(a);	(a),
119	19	das graças;	das graças,
ib.	30	amaveis	amavei:
153	25	siglos antes, . .	
287	28	Arabico-Hispan.	
314	23	compuestó . . .	
319	19	a fol. 39	.
381	5	et nata et nata . . .	et nata et alta

PQ
9011
F7

Freire de Carvalho, Francisco
Primeiro ensaio sobre
historia litteraria de
Portugal

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 10 05 02 16 003 2